

Joaquina Soares

**OS HIPOGEUS
PRÉ-HISTÓRICOS
DA QUINTA DO ANJO
(PALMELA)**

E AS ECONOMIAS DO SIMBÓLICO

**Museu de Arqueologia e Etnografia
do Distrito de Setúbal/Assembleia
Distrital de Setúbal**





M. Joaquina C. Soares, arqueóloga, fundadora, com Carlos Tavares da Silva, do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), do qual é directora desde 1974, iniciou a sua actividade profissional, no domínio da Arqueologia, em 1972, no Gabinete da Área de Sines. Dirigiu e co-dirigiu mais de quarenta escavações arqueológicas e é autora de cerca de uma centena de estudos da especialidade. Tem dado prioridade ao trabalho arqueológico de campo e de salvamento, preferindo, contudo, a Arqueologia de Projecto. A presente publicação inicia, precisamente, um programa editorial de quatro volumes dedicados ao projecto de investigação arqueológica ARA, centrado no povoamento da Pré-Arrábida durante a Pré-história recente e a Proto-história e financiado pelo IPA, MAEDS, Câmara Municipal do Barreiro, Câmara Municipal de Palmela e Parque Natural da Arrábida.

A actividade científica, centrada na Pré-história recente do Sul de Portugal, e as responsabilidades profissionais que a ligam ao MAEDS não a têm impedido de desenvolver relevante participação cívica, quer através do associativismo cultural, quer através de cargos autárquicos.

Joaquina Soares

**OS HIPOGEUS PRÉ-HISTÓRICOS
DA QUINTA DO ANJO (PALMELA)
E AS ECONOMIAS DO SIMBÓLICO**

Patrocínios:

**Câmara Municipal de Palmela
Fundação Calouste Gulbenkian
Concal - Construção Civil Lda.**

**Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Assembleia Distrital de Setúbal**

FICHA TÉCNICA

Título

Os Hipogeus da Quinta do Anjo (Palmela)
e as Economias do Simbólico

Edição:

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
Av. Luisa Todi, 162, 2900-451 Setúbal

Projecto editorial ARA

Patrocínios:

Câmara Municipal de Palmela
Fundação Calouste Gulbenkian
Concal - Construção Civil Lda.

©Autora:

Joaquina Soares

Fotografia:

José Pedro Calheiros, Eduardo Costa, Eduardo Gameiro, Acácio Malhador, Ricardo Pais,
José Pessoa, J. Soares e Carlos Tavares da Silva

Desenhos:

Jorge Costa

Design gráfico:

Ana Paula Covas

Impressão e acabamento:

Gráfica Santiago, Lda. - Santiago do Cacém

ISBN: 972-9253-22-6

Depósito legal nº 191345/03

Tiragem: 1000 exemplares

Setúbal, 2003

Capa: Hemicilindro canelado, em calcário. Quinta do Anjo, hipogeu 1. Artefacto votivo, calcolítico, característico da Estremadura. Foto de José Pessoa, gentilmente cedida pelo Arquivo Nacional de Fotografia.

Contracapa: Núcleos prismáticos em cristal de rocha, da necrópole da Quinta do Anjo. Fotos de Eduardo Gameiro.

Congratula-se a Assembleia Distrital de Setúbal com o facto de poder contribuir para colocar em circulação uma obra de grande referência de uma autora, Dra. Joaquina Soares, que tem uma notável carreira no estudo e divulgação do património arqueológico do nosso Distrito.

Expresso-lhe pois as maiores felicitações pelo trabalho desenvolvido e por esta obra que vem enriquecer o nosso património cultural.

O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal

Localizados na vizinhança do núcleo urbano de Quinta do Anjo, os sepulcros neolíticos/calcolíticos de Quinta do Anjo, conhecidos internacionalmente e classificados como Monumento Nacional, constituem um património único da região.

A sua inserção na paisagem do Parque Natural da Arrábida e a sua importância histórico-arqueológica têm motivado, por parte da Câmara Municipal, uma atenção particular para com este monumento, no sentido de garantir a sua salvaguarda e dignificação.

A elaboração de um programa global de intervenção tendente à valorização do sítio está em curso por parte da autarquia, no quadro de um protocolo, estabelecido em 2001, entre a Câmara Municipal e o Instituto Português do Património Arquitectónico.

Neste contexto, a autarquia adquiriu recentemente os terrenos onde está implantada a jazida, de modo a viabilizar, numa primeira fase, um arranjo paisagístico, e futuramente vir a instalar no local um centro de interpretação da jazida, de modo a garantir a fruição pública da mesma, com especial atenção na vertente didáctica.

Para se atingirem os citados objectivos, é fundamental a actualização dos estudos sobre esta necrópole, razão pela qual muito nos apraz apoiar a edição que agora é dada a público, da autoria da Dr^a Joaquina Soares, arqueóloga com um trabalho notável de investigação arqueológica na região onde nos situamos.

O prosseguimento dos estudos nesta área garantirá a preservação deste sítio arqueológico monumental, e contribuirá também para alicerçar a relação do mesmo com a requalificação urbana do núcleo histórico de Quinta do Anjo.

A Presidente da Câmara Municipal de Palmela

Ana Teresa Vicente

As Grutas artificiais do Casal do Pardo, na Quinta do Anjo, são um dos mais representativos complexos funerários das antigas sociedades camponesas das Penínsulas de Lisboa e Setúbal. Nesta última região, onde se não conhecem nem antas nem *tholoi*, mas apenas deposições funerárias em grutas naturais, este conjunto de hipogeus é, sem dúvida, até ao momento, o mais impressionante monumento.

Joaquina Soares, uma investigadora com créditos indiscutíveis nos domínios do estudo de povoados neolíticos, mas também de monumentos megalíticos, retoma aqui o percurso que António Inácio Marques da Costa iniciou, e que, posteriormente, foi objecto da monografia editada pelos Serviços Geológicos de Portugal em 1961.

Poderia tê-lo feito avançando pela recuperação do conjunto artefactual, ainda hoje insuficientemente descrito, e focando nele a sua atenção. Mas entendeu usar as grutas artificiais como um pretexto para uma leitura sobre o que chamou «as economias do simbólico». Fê-lo deliberadamente e, escolhendo essa via, não recusou campos onde a excelência do seu trabalho é reconhecida, apenas foca preferencialmente o discurso num campo mal explorado entre nós e só superficialmente aproximado.

Com o rigor e método que sempre foram os seus, avança determinadamente para o núcleo da questão, em função do qual se articulou o discurso: as grutas artificiais do Casal do Pardo são «um complexo simbólico próprio, gerador de poder». O que no futuro próximo nos conduzirá certamente a longos e estimulantes debates...

Acredite-se ou não na(s) tese(s) da autora, a precisão da leitura, a qualidade da escrita e o empenhamento crítico tornam este livro num texto de grande importância, a rasgar o debate num campo até agora praticamente deserto de ideias ou povoado por devaneios pós-românticos que não sobreviverão aos contextos em que foram gerados.

Victor S. Gonçalves

(Professor Catedrático de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

A close-up photograph of a rock surface, likely a geological specimen. The rock has a light tan to yellowish-brown color with a rough, textured appearance. A prominent vertical crack runs down the left side of the image. The rock surface is covered with numerous small, dark, irregular inclusions and spots, possibly representing mineral grains or fossil remains. The lighting is bright, highlighting the texture and color variations of the rock.

*A Octávio da Veiga Ferreira, Georges Zbyszewski e Vera Leisner
que trouxeram para a Modernidade a Escola de Arqueologia,
pioneira, dos Serviços Geológicos de Portugal.*

Índice

Palavras prévias	11
Avant-propos	14
Introductory remarks	17
Agradecimentos	20
1. Introdução	21
2. A necrópole da Quinta do Anjo	33
Localização, arquitectura e orientação	34
Ritual funerário e antropologia física	43
Descrição das sepulturas e inventário sumário do espólio	49
Hipogeu 1	49
Arquitectura	49
Espólio	50
Discussão	52
Hipogeu 2	53
Arquitectura	53
Espólio	53
Discussão	55
Hipogeu 3	56
Arquitectura	56
Espólio	56
Discussão	58
Hipogeu 4	60
Arquitectura	60
Espólio	60
Discussão	62
Artefactos provenientes da necrópole sem indicação de sepultura	63
Conjunto A	64
Espólio	65
Conjunto B	66
Espólio	67

3. Medir o tempo, palmilhar o espaço	69
O tempo da fundação	74
Utilização durante o Calcolítico	87
Calcolítico inicial	87
Calcolítico pleno	93
O final do Calcolítico e o Bronze antigo	101
Objectos sem idade para uma história sem rupturas	139
4. Necrópole, povoados e cultura material para contar uma história verosímil	141
Da fundação. Revolução dos produtos secundários e desenvolvimento socioeconómico	142
Tumulações do Neolítico final	142
Organização social	145
Padrões de povoamento	152
Actividade económica	154
Calcolítico: guerra generalizada como estratégia de resistência à estratificação social?	157
Paradigma tradicional e novas abordagens	157
Produções simbólicas calcolíticas e comunitarismo	158
Crescimento demográfico e desinvestimento nos espaços sepulcrais	164
Primeiras fortificações	166
Consolidação da economia agro-pecuária	182
Conjuntos faunísticos da Estremadura: Rotura e Zambujal	183
Metalurgia e desenvolvimento das forças produtivas	188
Colapso do modo de produção calcolítico. Intensificação das trocas. O amanhecer dos guerreiros	191
5. Economias do simbólico e complexidade social	197
Os objectos	198
Sistemas simbólicos	204
6. Conclusão	209
Para um modelo do processo de calcolitização da Estremadura	210
Bibliografia	219
Ilustrações	229

Palavras prévias

A presente publicação pretende ser uma síntese da numerosa informação que foi sendo acumulada, desde o século passado, sobre os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo, e também uma reflexão sobre o enquadramento desta necrópole no contexto arqueológico da Arrábida, mormente no que respeita à sua relação com os sítios de *habitat* coevos que temos vindo a estudar. A revisão agora realizada enquadra-se no projecto de investigação arqueológica “Povoamento e Arqueologia da Paisagem durante a Pré-história recente e a Proto-história no sector oriental da Arrábida”, da responsabilidade da autora e aprovado pelo IPA em 1998.

Foi também nossa intenção, evitando embora uma abordagem ecléctica, deixar em aberto várias hipóteses de leitura e interpretação dos dados, dando preferência a um discurso interrogativo e facultando aos leitores os documentos em que nos baseámos.

Com o imenso interesse que um “clássico” sempre desperta, na sua incessante abertura à reinterpretação e na sua resistência à descodificação por qualquer hermenêutica, procedemos à revisão da necrópole da Quinta do Anjo. É possível surpreender aí o processo de mudança que conduziu à emergência das formações sociais complexas. Construído na fase de apogeu das sociedades neolíticas, quando a Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado (RPS) provocava nítida aceleração no ritmo de crescimento de todos os indicadores de desenvolvimento económico e social (produtividade, volume de produção, crescimento demográfico, sociabilidade), este cemitério manteve-se em utilização durante cerca de um milénio, até ao colapso das formações sociais de tipo igualitário. O entendimento da morte ou a ideia de eternidade concebidos por numerosas gerações, aglutinadas e por vezes confundidas no registo arqueológico, puderam exprimir-se naquele micro-espaco. Subitamente, a necrópole foi abandonada, como um relógio quebrado que se alheia da marcha do tempo.

Para tentar compreender e explicar o processo de mudança subjacente à vida desta necrópole pré-histórica, tornou-se imperioso visitar os lugares dos vivos, prioritariamente os povoados da

Pré-Arrábida. Todavia, não nos inibimos de aumentar o raio das deambulações, quer geográficas quer temporais, sempre que tal nos pareceu útil ao propósito de leituras de tempo longo, direccionadas para a apreensão dos aspectos estruturais da evolução cultural.

Isolámos, de entre a multitude de factores explicativos dos processos de mudança, três conjuntos, muito embora fortemente inter-relacionados, com peso desigual, por ordem decrescente de potência explicativa:

– *Intensificação da produção*, associada a inovações tecnológicas e económicas, com dois picos no período em análise, um no Neolítico final (RPS), responsável pelo desencadear do processo de calcolitização, e outro no Calcolítico pleno, contemporâneo do desenvolvimento da metalurgia do cobre, inovação tecnológica que viria a contribuir para o colapso do respectivo modo de produção.

– *Interação*. Esta, embora desenvolvida em moldes de reciprocidade e de igualdade em todo o período analisado, apresenta-se na primeira parte do nosso relato dominada por relações intergrupais hostis (guerra, fortificações), enquanto no final do Calcolítico, pelo contrário, se manifesta de forma marcadamente positiva através de redes de trocas supralocais que terão estimulado a produção e criado um ambiente social propício à emulação e competição entre elites, no quadro da emergência de sociedades hierarquizadas e da crescente autonomização da esfera do poder político.

– *Economias do simbólico*. A substituição das sociedades igualitárias por sociedades hierarquizadas, no caminho para a estratificação social que ocorrerá no final da Idade do Bronze, fará apelo a um número crescente de produções simbólicas. Estas desempenharam um papel activo enquanto meio de competição por estatuto e poder no quadro intragrupal e no contexto da crescente complexidade da estrutura social.

Decididamente, recusamos o modelo difusionista da mudança cultural, assente em analogias formais estabelecidas entre elementos da cultura material, quase sempre descontextualizados, modelo concebido à margem dos processos de transformação internos às sociedades humanas. Esta perspectiva tem tido entre nós uma longa vigência, apesar da sua fraca capacidade operativa e do seu ineficiente desempenho nas provas de confronto com o objecto arqueológico.

O texto é ilustrado por abundante documentação gráfica e pelo registo fotográfico do espólio, realizado para o efeito por Eduardo Gameiro. A estrutura do trabalho foi construída em torno de três grupos de questões:

– *O quê?* Esta primeira parte é assumidamente arqueográfica e nela se apresenta a informação disponível sobre a necrópole, seguindo de perto o inventário realizado por Vera Leisner e colaboradores (capítulos 1 e 2).

– *Quando e onde?* O tempo e espaço da necrópole são analisados em diferentes escalas (capítulo 3).

– *Como?* Mais especulativos, os últimos capítulos defrontam-se com a problemática da explicação (capítulos 4, 5 e 6).

Ainda na primeira parte do trabalho, no capítulo 1, procedemos a uma breve revisão da história da investigação dos hipogeus da Quinta do Anjo, iniciada no último quartel do século XIX. Uma referência muito especial é devida aos autores cujas obras nos proporcionaram demorado convívio: António Inácio Marques da Costa, o primeiro grande arqueólogo que prospectou, escavou e publicou numerosos sítios da Península de Setúbal, entre os quais a necrópole da Quinta do Anjo; à equipa constituída por Vera Leisner, Georges Zbyszewski e Octávio da Veiga Ferreira que realizou o estudo monográfico da necrópole com o rigor que a comunidade científica, unanimemente, lhe reconhece. Sem este trabalho basilar não se poderia ter escrito o presente texto.

Finalmente, uma nota à margem para uma preocupação decididamente não marginal, que nos assaltou muitas vezes no decurso da preparação desta publicação: debruçados sobre a reconstituição de formas de encenação da morte e de “ressurreição” que nos precederam em vários milhares de anos, não podemos deixar de pensar no estigma que recai sobre a velhice no mundo contemporâneo. Aos velhos exilados na redoma da terceira idade, uma periferia sombria da sociedade actual, é, com efeito, recusada a contribuição da sua enorme experiência, das suas capacidades de negociação familiar e social, ao invés do que terá sucedido na Pré-história recente, em particular a partir da emergência do Megalitismo. As sociedades de então, de carácter segmentário, estruturadas em torno dos antepassados, depositariam, segundo o modelo que defendemos, uma boa parte das funções de liderança

nas mãos dos anciãos¹. Como diria o poeta, “*Os anciãos morriam em plena juventude e os avós eram apenas meninos disfarçados*” (Sepúlveda, 2000, *As rosas de Atacama*, p. 34).

As fracturas que atravessam as sociedades de hoje, em particular as de género e as de carácter etário tendem a ser progressivamente aceites, sem discussão, como “naturais”, impedindo-nos de atingir uma dimensão maior da condição humana que, por vezes, inesperadamente, se nos oferece à observação a partir de uma janela aberta sobre o Passado.

“[...] *archaeology must embrace a commitment to the present through a consideration of the present’s past. Archaeology should be conceived as acting as a catalyst in the transformation of the present [...]*” (Shanks e Tilley, 1987, p. 208).

Avant-propos

Cet ouvrage se veut être une synthèse de l’abondante information accumulée, depuis le siècle passé, sur les hypogées préhistoriques de Quinta do Anjo, mais aussi une réflexion sur la nécropole, associée au contexte archéologique d’Arrábida où nous avons effectué des fouilles de quelques-uns de ces habitats – cet-te révision fait partie du projet de recherche “Peuplement et archéologie du paysage de la Serra da Arrábida orientale pendant la préhistoire récente et la protohistoire”, dirigé par l’auteur et approuvé par l’Institut Portugais d’Archéologie, en 1998.

Notre intention était aussi, tout en évitant de nous éparpiller, d’ouvrir diverses hypothèses de lecture et d’interprétation des données, préférant poser des questions et faciliter l’accès aux documents sur lesquels repose notre réflexion.

Ce fut avec un immense plaisir que nous avons procédé à la révision d’un site aussi important que la nécropole de Quinta do Anjo, car il a été possible d’y analyser le processus de changement conduisant à l’apparition de formations sociales complexes. Construite pendant la phase d’apogée des sociétés néolithiques, quand la Révolution des Produits Secondaires de l’Élevage du

1. Os resultados dos estudos de antropologia física parecem mostrar uma discriminação positiva de adultos e velhos no acesso aos monumentos funerários de que estamos a tratar. Ver neste volume p. 45-50.

Bétail (RPS) provoque une nette accélération du rythme de croissance de tous les indicateurs de développement économico-social (productivité, volume de production, croissance démographique, sociabilité), cette nécropole a été utilisée pendant environ un millénaire, jusqu'au collapsus des formes sociales de type égalitaire. La conception de la mort et l'idée d'éternité rêvée par de nombreuses générations ont cohabité dans ce micro-espace. Puis, la nécropole a été soudainement abandonnée.

Pour essayer de comprendre le processus de changement sous-jacent à l'existence de cette nécropole préhistorique, il faut connaître l'habitat des vivants, surtout celui de la région de la Pré-Arrábida. Toutefois, nous n'avons pas hésité à développer les objets de notre curiosité, dans l'espace et dans le temps, chaque fois que cela nous a paru utile.

Parmi les nombreux facteurs expliquant les processus de changement, nous en avons choisi trois, de poids inégal, dans l'ordre décroissant suivant:

– *L'intensification de la production*, associée à des innovations technologiques et économiques, avec deux pics dans la période concernée, l'un au Néolithique final (RPS), responsable de l'émergence du processus de chalcolithisation, l'autre en plein Chalcolithique (métallurgie du cuivre) qui aurait contribué au collapsus du mode de production chalcolithique.

– *L'interaction* qui, dans le Chalcolithique initial et moyen, se présente de forme négative (guerre, fortifications), alors qu'à la fin du Chalcolithique, au contraire, elle se manifeste de façon positive à travers des réseaux d'échanges supra-locaux qui vont stimuler la production et créer un milieu social propice à l'émulation et à la compétition entre les élites, au moment où se développent les sociétés hiérarchisées et s'accroît l'autonomie de la sphère du pouvoir politique.

– *Les économies du symbolique*. La substitution des sociétés égalitaires par des sociétés hiérarchisées, pour aboutir à la stratification sociale à la fin de l'âge du Bronze, fera appel au rôle croissant de productions symboliques. Celles-ci ont eu un rôle actif dans la compétition pour le statut social et le pouvoir à l'intérieur du groupe, dans le contexte d'une structure sociale plus complexe.

Nous récusons fermement le modèle explicatif diffusionniste conçu à la marge des processus culturels internes aux sociétés humaines. Cette perspective a été longtemps en vigueur chez nous malgré sa faible capacité opératoire et son inefficacité dans la

confrontation avec l'objet archéologique.

Le texte est accompagné par une abondante illustration graphique et de photographies du mobilier réalisées par Eduardo Gameiro.

L'étude s'articule sur trois groupes de questions:

– *Quoi?* À partir du matériel archéologique de la nécropole, en suivant de près l'inventaire réalisé par Vera Leisner, G. Zbyszewski et O. da Veiga Ferreira (chapitres 1 et 2).

– *Quand et où?* Chapitre 3.

– *Comment?* Dans les derniers chapitres, plus spéculatifs.

Mais auparavant (chapitre 1), nous donnons un bref résumé de l'histoire de la recherche sur les hypogées de Quinta do Anjo, commencée dans le dernier quart du XIX^e siècle. Nous rendons hommage à tous ceux qui ont écrit sur ce site préhistorique, tout particulièrement à António Inácio Marques da Costa qui prospecta, fouilla et publia de nombreux sites de la péninsule de Setúbal et, parmi eux, la nécropole de Quinta do Anjo où il a encore récupéré, dans les antichambres et corridors des monuments, une information cruciale pour la compréhension du site alors que les fouilles antérieures ont fait disparaître une grande partie du contexte mobilier recueilli; à l'équipe constituée par Vera Leisner, Georges Zbyszewski et Octávio da Veiga Ferreira, qui réalisa l'étude monographique de la nécropole avec la rigueur que la communauté scientifique lui reconnaît.

Enfin, une note en marge pour une préoccupation, non marginale quant à elle, qui nous a souvent assaillie en préparant cette publication: en reconstituant les mises en scène de la mort et de la «résurrection» qui nous ont précédées depuis plusieurs milliers d'années, nous ne pouvons pas nous empêcher de penser aux stigmates qui pèsent sur le vieillissement du monde contemporain. Les vieillards sont confinés dans la catégorie du troisième âge, sombre marginalité de la société actuelle qui, de ce fait, refuse de profiter de leur énorme expérience, de leur capacité d'intégration familiale et sociale, au contraire de ce qui se passait dans la Préhistoire récente. La société d'alors, segmentaire et structurée autour des ancêtres, aurait déposé, selon le modèle que nous défendons, une bonne part des fonctions dirigeantes entre les mains des Anciens.

Les fractures qui caractérisent les sociétés d'aujourd'hui, en particulier celles qui concernent le genre et l'âge, tendent à être

progressivement acceptées sans discussion, comme des «choses naturelles», nous empêchant d'atteindre une plus grande dimension de la condition humaine que l'étude du passé laisse parfois apercevoir.

“[...] *archaeology must embrace a commitment to the present through a consideration of the present's past. Archaeology should be conceived as acting as a catalyst in the transformation of the present [...]*”(Shanks e Tilley, 1987, p. 208).

Introductory remarks

This publication represents a synthesis of information accumulated during the last century on the prehistoric rock-cut tombs of Quinta do Anjo. It also presents reflections on this cemetery in the archaeological context of Arrábida, where fieldwork progresses in some of its settlements. The present text is placed within the project of archaeological research ‘Settlement and landscape archaeology during the later Prehistory and the Iron age of the Eastern area of Arrábida’, under the responsibility of the author and approved by the IPA in 1998.

It was our intention, in avoiding yet an eclectic approach, to leave open different hypotheses related to the reading and interpretation of data; so we try to develop an interrogative discourse, giving our readers access to the documents behind the presentation of our work.

It was with great interest that we proceeded to re-examine a site of such importance as the Quinta do Anjo prehistoric cemetery. There, it is possible to follow the process of change, which drives the emergence of complex social formations. It was constructed at the apogee of Neolithic society, when the Secondary Products Revolution (SPR) provoked acceleration in the rate of growth of all of the indicators of social and economic development (productivity, volume of production, population density, and social interaction). This cemetery was used for about one millennium, until the collapse of egalitarian social formations. The different understandings of death or the idea of eternity as conceived by numerous generations could be expressed in this micro-space. Suddenly, the cemetery was abandoned, like a broken clock.

In order to understand and explain the process of change we

also take a view over the settlements of Pre-Arrábida. Despite the scale of analysis has been local, we will, however, not limit our sphere of inquiry, either geographical or temporal, always being guided by what appears to be useful in order to read the long-term trajectories, grasping the structural aspects of cultural evolution.

We chose, amongst a multitude of explanatory factors concerning processes of change, three core variables, having unequal explanatory power:

- *The intensification of production*, associated with technological and economic innovation. These had two peaks in the period of analysis, one at the end of the Neolithic (SPR), the other being in the middle Chalcolithic, related with the development of copper metallurgy.

- *Interaction* (in the sense of peer polity interaction). The first part of our account shows a hostile form of interaction (warfare and fortifications). However, at the end of the Chalcolithic, on the contrary, it manifested itself positively, through supra-local networks of exchange, which stimulated production and created an environment, which was propitious for imitation, emulation and competition amongst social elites. This occurred in the context of the emergence of hierarchical societies and the increasing autonomy of the sphere of political power.

- *Economies of signs*. The substitution of egalitarian society by hierarchical society, on the path towards the social stratification, which occurred at the end of the Bronze Age, brought forth a growing number of types of non-utilitarian goods that had essentially a symbolic function. These performed an active role in the realm of competition for status and power within groups and in the context of growing complexity of the social structure.

We reject decisively the diffusionist model of cultural change orientated towards the description and comparison of elements of material culture, almost always out of context, a model that is conceived at the margins of the internal processes of change of human society. This perspective has had a long validity between us in spite of its weak operational capacity and its inefficient performance in tests where it was confronted with the archaeological record.

The text is illustrated with substantial graphical documentation and through the photographic register of the artefacts drawn up by Eduardo Gameiro. The structure of this book has developed around three main questions:

– The first part (chapters 1 and 2) aims to answer the question: *what?* This is based upon archeographic information on the necropolis, following closely the inventory compiled by Vera Leisner and her collaborators;

– Chapter 3, based upon the questions: *when and where?*

– Perhaps more speculative, the final chapters confront the problem of explanation: *how?*

Already in the first part of the work, in chapter 1, we undertake a brief review of the search history of the artificial-caves of Quinta do Anjo, initiated in the last quarter of the 19th century. An important reference must be done to António Inácio Marques da Costa, the first great archaeologist who prospected, excavated and published numerous sites in the Peninsula of Setúbal, amongst them the cemetery of Quinta do Anjo, and to the team consisted of Vera Leisner, Georges Zbyszewski and Octávio da Viegas Ferreira, who completed the monograph on the necropolis with a degree of rigour that is recognised by the scientific community. Without this fundamental study the present text could not have been written.

Finally, a note in the margin, concerning a preoccupation, which is decisively nonmarginal, something that confronted us many times in writing this text, concerned with reconstitution of forms of staging of death and of rebirth, that preceded us for several thousands years ago. In fact, we were unable to desist from thinking of the stigma associated with old age in the contemporary world. The elderly are exiled in a cocoon of the third age in a shadowy periphery of contemporary society, where their potential contribution, based upon enormous experience and their capacity for social and family negotiation, is rejected. This is contrary to what happened and succeeded in the later Prehistory. A society with a segmented character was structured by its forefathers and deposited, in the view of our model, a substantial part of the functions of leadership in the hands of the venerable old men¹. As a poet wrote: *'the venerable old men died in their full youth and the grandparents were scarcely disguised children'* (Sepúlveda, 2000,

1. The results of studies of physical anthropology reveal a positive discrimination of adults and old people in terms of access to the funerary monuments dealt with here. See this volume p. 45-50.

As rosas de Atacama, p. 34).

The lines of fracture crossing today's societies, particularly those relating to gender and age, tend increasingly to be accepted without discussion as "natural". This is a view, which prevents us from reaching and understanding another dimension and a higher level of the human condition, but which at times, unexpectedly, is observable through a window over the past.

"[...] archaeology must embrace a commitment to the present through a consideration of the present's past. Archaeology should be conceived as acting as a catalyst in the transformation of the present [...]"(Shanks e Tilley, 1987, p. 208).

Agradecimentos

Agradecemos a colaboração empenhada de Eduardo Gameiro, que passou numerosas horas no Museu do Instituto Geológico e Mineiro e no Museu Nacional de Arqueologia, fotografando, sistematicamente, o espólio da necrópole. Agradecemos aos directores daquelas instituições, respectivamente Miguel Magalhães Ramalho e Francisco Alves, que, não só autorizaram a fotografia dos materiais, como criaram as melhores condições para a execução desse trabalho. O nosso reconhecimento vai igualmente para Carlos Tavares da Silva que leu atenta e criticamente o original, para Françoise Mayet e Chris Jensen-Butler pelas traduções de partes do texto para francês e inglês, respectivamente. Não podemos ainda deixar de exprimir aqui o nosso reconhecimento a António Monge Soares, que calibrou as datações absolutas apresentadas, a Michael Hoskin, que nos acompanhou na determinação da orientação dos hipogeus, a Jorge Costa que executou alguns dos desenhos dos artefactos da necrópole e a Paula Covas pela sua dedicação e paciência no tratamento de texto e imagens.

1. Introdução

*A pouco e pouco foram deixando o mar das catástrofes comuns e
entraram no mar dos mortos.*

(Gabriel García Marquez, 1961, *O Mar do Tempo Perdido*)

*Não sei como vieste,
mas deve haver um caminho
para regressar da morte.*

(Eugénio de Andrade, 1994, *Antologia Breve*)



Fig. 1 - Hipogeu 1. Entrada da câmara funerária, vista do exterior. Foto de J. Soares, 2001.

Os hipogeus da Quinta do Anjo foram escavados, pela primeira vez com registo científico, por António Mendes, colector de Geologia, sob a orientação de Carlos Ribeiro, em 1876 e, provavelmente, em 1878, ano da Exposição Antropológica de Paris, na qual Carlos Ribeiro apresentou uma colecção de artefactos desta jazida (Costa, 1907, p. 323). Este investigador viria a falecer antes de concretizar o seu projecto de publicação dos resultados das escavações efectuadas na necrópole da Quinta do Anjo, anunciado no vol. II dos “*Estudos prehistoricos de Portugal*”. Os apontamentos de António Mendes, anotados por Carlos Ribeiro, foram por diversas vezes compulsados e deles publicada informação.

Émile Cartailhac visitou o sítio em 1883 e, em 1886, publica alguns dos resultados das escavações de António Mendes, bem como observações próprias, no livro “*Les âges préhistoriques de l’Espagne et du Portugal*”. As cerâmicas campaniformes merecem-lhe particular atenção e compara-as às dos *tumulos neolíticos* de França, Irlanda, Sicília.

No relatório de escavações de António Mendes ficou registada a descrição pormenorizada da arquitectura das sepulturas, das condições de jazida e do principal espólio encontrado. Houve uma clara preocupação em recuperar a estratigrafia. Esta abordagem permitiu a António Mendes detectar, entre outros aspectos, intervenções anteriores nas sepulturas 1 e 2. Com efeito, existem no Museu Nacional de Arqueologia materiais provenientes da necrópole da Quinta do Anjo oferecidos pelo Duque de Palmela, que poderão ter resultado de trabalhos anteriores aos de A. Mendes. Com base em uma etiqueta encontrada no Museu Nacional de Arqueologia, Leisner e colaboradores colocam a hipótese das primeiras escavações terem sido realizadas por Nery Delgado e Pereira da Costa (Leisner *et al.*, 1961, p. 22). Esta intervenção poderia, pois, remontar a 1866, altura em que foi realizado o primeiro levantamento geológico da região (Ribeiro, 1866) e em que a descoberta da jazida poderá ter ocorrido. A subsequente incompatibilização entre Carlos Ribeiro e F. Pereira da Costa explicaria a constituição

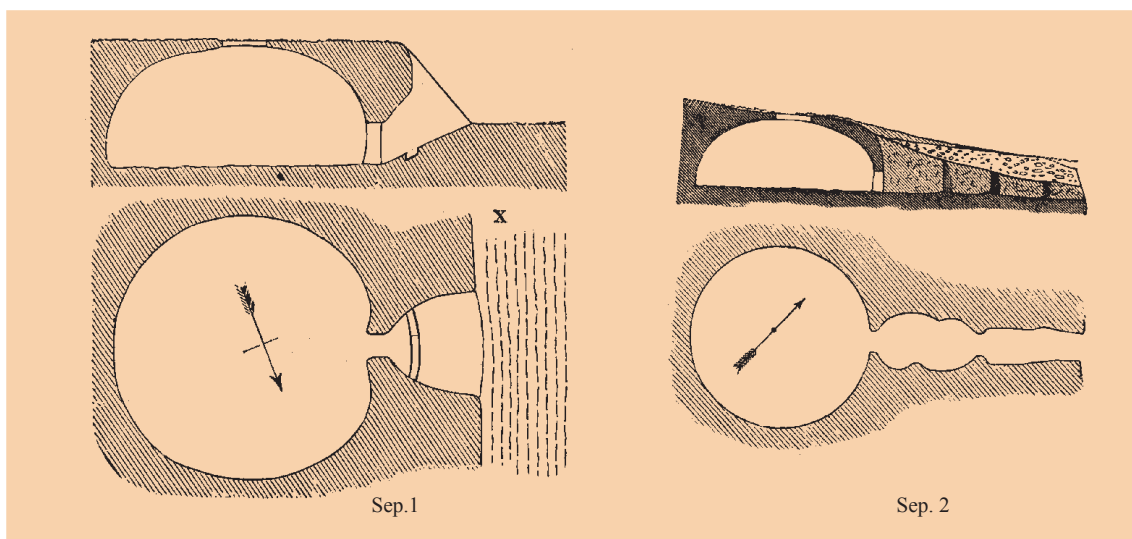


Fig. 2 - Plantas e cortes das sepulturas 1 e 2 da necrópole da Quinta do Anjo, seg. E. Cartailhac, 1886. Note-se que parte do vestibulo e corredor do hipogeu 1 não estavam ainda completamente escavados. O corte da sepultura 2 apresenta base horizontal, o que não corresponde à realidade, pois o corredor desce para a câmara funerária em ligeira rampa.

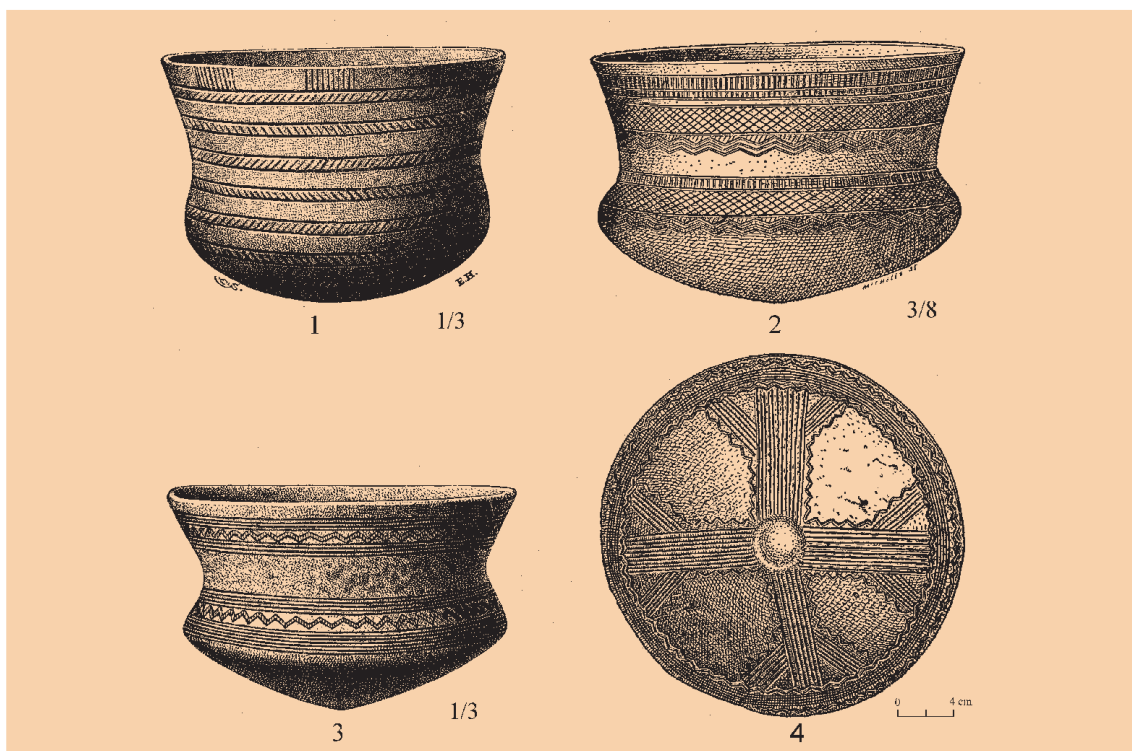


Fig. 3 - Vaso (1), caçoilas campaniformes (2, 3) e taça tipo Palmela (4). Seg. E. Cartailhac, 1886. O vértice que remata os fundos das caçoilas é notoriamente exagerado. O pormenor da decoração e a qualidade do desenho são admiráveis.

de uma colecção exterior à Comissão Geológica de Portugal (Carreira e Cardoso, 1996).

De acordo com o relatório de A. Mendes, as sepulturas 3 e 4, parcialmente destruídas pela exploração de uma pedreira, não mostravam indícios de violação no que delas se conservava. A divisão em sectores do piso da sepultura 3 por cordão em alto relevo e o nicho lateral da câmara da sepultura 4 foram motivos de particular atenção, tendo o escavador separado o espólio proveniente desses diferentes espaços. Pelo relato que nos deixou sobre os hipogeus 3 e 4, podemos concluir que não foram encontradas inumações primárias, comportando-se os referidos monumentos, pelo menos na sua derradeira fase de utilização, como ossários. Diz António Mendes, a propósito da sepultura 4: “*Cheguei a ver três crânios com bem pouca espessura de terra de uns aos outros, quasi juntos; dei sempre por falta de ossos pequenos, d’aqueles que os esqueletos tem em maior quantidade como costellas e vertebbras*”. Também em relação ao hipogeu 3, aquele autor se refere a “montes” de ossos, sem conexão anatómica.

Os sepulcros são então considerados do final do Neolítico, da transição para a Idade dos Metais.

José Leite de Vasconcelos, em 1897, na obra “*Religiões da Lusitânia*”, publica parcialmente os citados apontamentos manuscritos, os quais só viriam a ser completamente editados em 1906, no “*Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*”, por iniciativa de P. Belchior da Cruz.

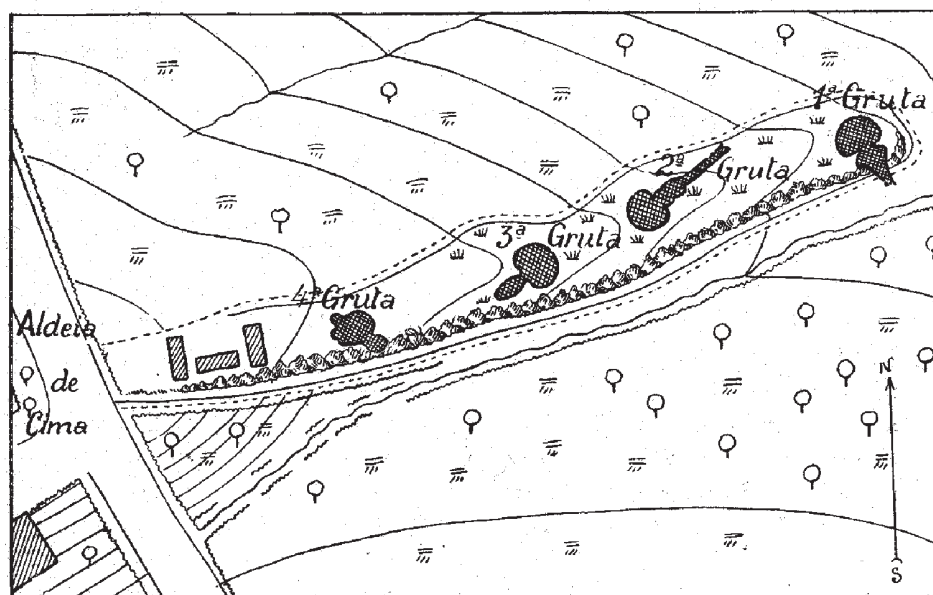
J. L. de Vasconcelos divulga a informação disponível sobre o sítio, aceita a atribuição cronológica proposta por A. Mendes e contesta a ideia de Cartailhac relativamente ao carácter accidental das clarabóias das câmaras dos monumentos 1 e 2. Não acrescenta nenhuma contribuição de carácter empírico, mas procede à discussão do processo de mudança cultural e coloca interrogações que ainda mantêm alguma actualidade. Partindo embora de uma posição essencialmente nomotética, não deixa de sublinhar a diversidade introduzida pelos localismos: “[...] *o que não quer dizer que, apesar da comunidade geral da civilização, esta não revista ás vezes em diferentes localidades feições especiaes.*” (Vasconcelos, 1897, p. 236). J. L. de Vasconcelos interroga-se, como nós ainda, sobre o significado da ocorrência de práticas funerárias em grutas naturais e em sepulcros artificiais coevos e geograficamente próximos: “*Como poderíamos nós estabelecer com nitidez a diversidade das concepções que, por exemplo, produziria na imaginação do*

homem neolithico o enterrar um morto num subterraneo natural, profundo, irregular, pouco conhecido lá por dentro, e portanto já de si mysterioso, ou enterrá-lo numa crypta feita com cuidado pela mão de artifices, e onde a natureza não punha outros mysterios senão os da morte propriamente dita?” (Vasconcelos, 1897, p. 237).

Estácio da Veiga referiu-se também à necrópole da Quinta do Anjo, tendo-a considerado “[...] *uma importante estação da mais antiga phase da idade do cobre.*” (Veiga, 1891, IV, p. 149).

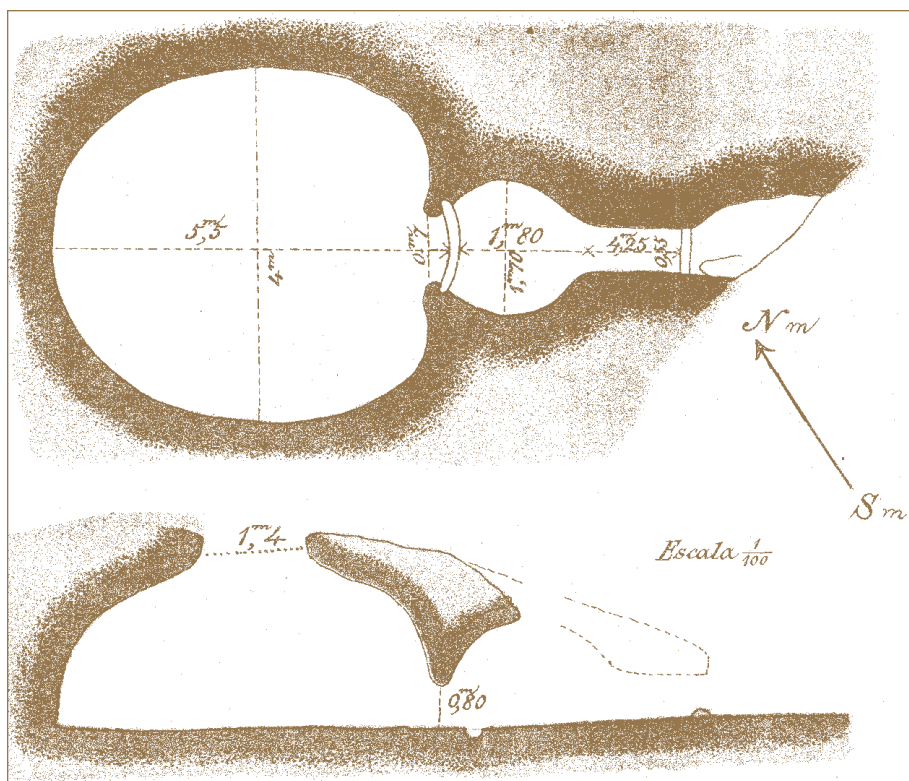
A. I. Marques da Costa retoma as escavações na necrópole da Quinta do Anjo em 1906, ao concluir, a partir da análise das plantas e cortes levantados por António Mendes e Cartailhac, que as antecâmaras e corredores dos monumentos não haviam sido completamente escavados. Obtém, assim, plantas e cortes completos. Os resultados foram publicados nos anos de 1907 e 1908, em *O Archeologo Português*, vols. XII e XIII. A contribuição deste autor é de grande relevância não só para o conhecimento do cemitério pré-histórico propriamente dito, mas também pela perspectiva de Arqueologia regional que pôs em prática, nomeadamente ao estabelecer um quadro de relações entre aquela necrópole e os povoados coetâneos da Rotura e de Chibanes (Figs. 37, 130, 131,

Fig. 4 - Planta esquemática da necrópole da Quinta do Anjo, seg. A. I. Marques da Costa, 1907.



ESCALA $\frac{1}{1:000}$

Fig. 5 - Planta e corte do hipogeu 1, seg. A. I. Marques da Costa, 1907.



134 e 135). Com efeito, a ideia de recuperação do povoamento pré-histórico da Península da Arrábida encontra-se subjacente à maior parte do trabalho desenvolvido por A. I. Marques da Costa.

Em 1921, Nils Åberg, no seu livro *“La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique”*, apresenta, com grande destaque, a necrópole da Quinta do Anjo, mostrando dominar a bibliografia sobre o sítio. Porém, atribui mais crédito à informação fornecida por Cartailhac, a quem, aliás, dedica a obra, reproduzindo as plantas e perfis dos monumentos 1 e 2 publicados por este, do que aos levantamentos de A. I. Marques da Costa, sem dúvida muito mais rigorosos e exaustivos, pois abrangeram todos os monumentos e foram efectuados após a sua escavação integral. A necrópole da Quinta do Anjo foi muito valorizada na publicação de Nils Åberg, comportando-se como um sítio paradigmático da “cultura peninsular” dos alvares da Idade dos Metais:

“Donc, la culture des tombes de Palmella nous montre l’aube de la connaissance des métaux sur la Péninsule Ibérique. Cette observation revêt une haute importance vis-à-vis de la datation

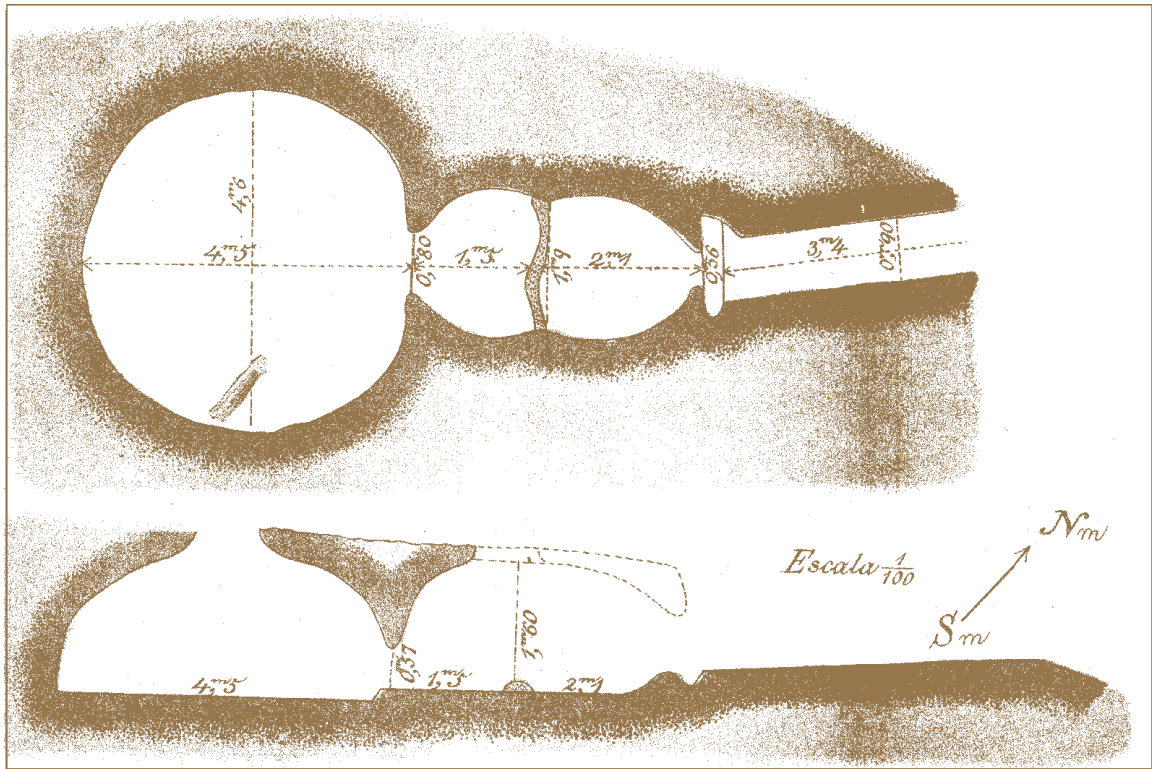


Fig. 6 - Planta e corte do hipogeu 2, seg. A. I. Marques da Costa, 1907.

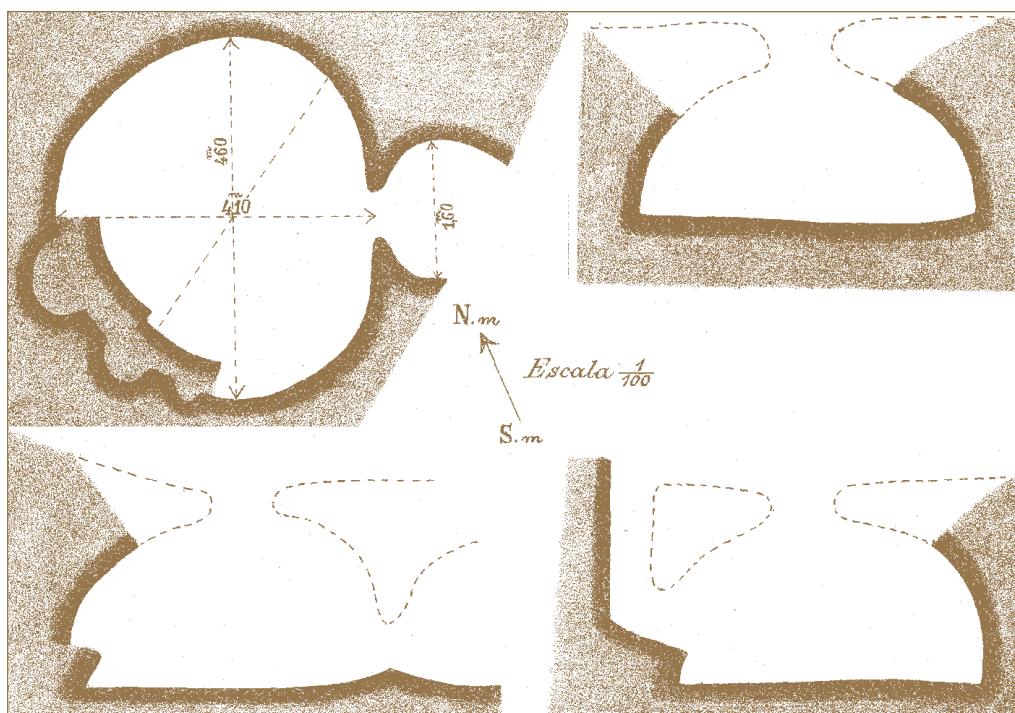
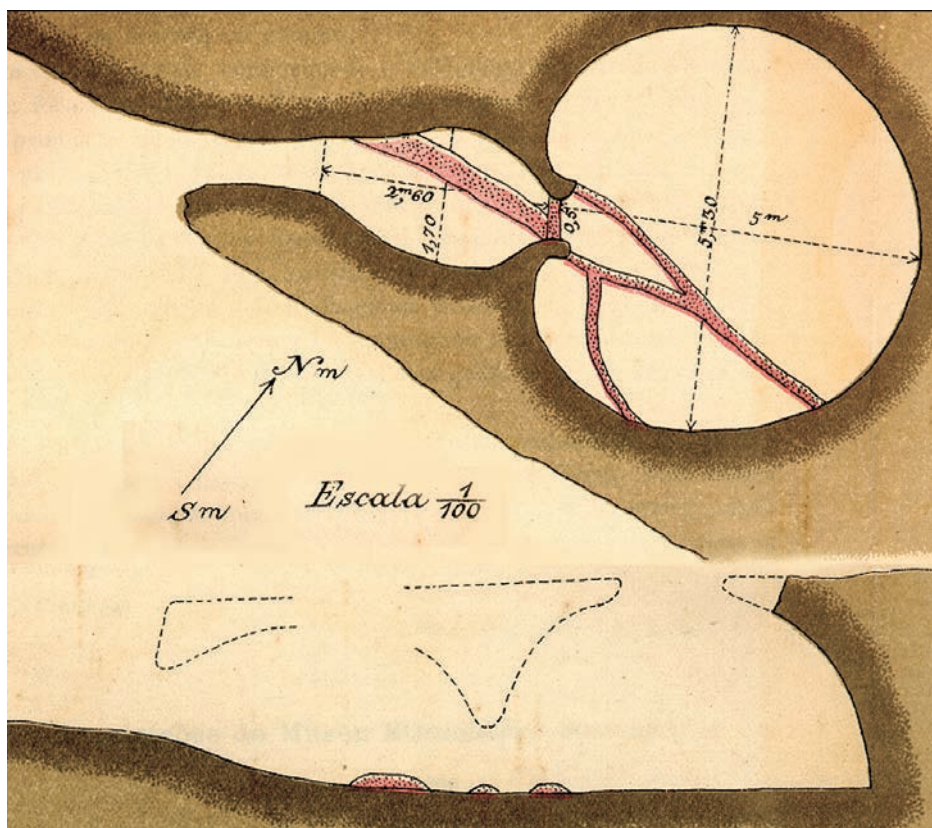
du commencement de l'âge du cuivre dans les différentes parties de l'Europe" (Åberg, 1921, p. 117).

Com evidentes preocupações de periodização, este autor procura estabelecer, por um lado, a evolução cultural do Eneolítico na Península Ibérica e, por outro, relações cronológicas entre as realidades ibérica e escandinava, segundo uma lógica nitidamente difusionista:

"La culture de Palmella représente une phase relativement courte qui précède immédiatement la période des cistes à dalles, laquelle serait par conséquent synchronique des plus anciennes cistes ou des tombes à galerie les plus récentes de la Scandinavie" (Åberg, 1921, p. 118). O texto que temos vindo a referir termina com a seguinte frase: *"S'il en est ainsi on en doit conclure que la culture ibérique [énéolithique] a étendu son influence non seulement sur l'Europe centrale et l'Europe occidentale, mais encore sur la Suède et la Finlande et bien avant dans l'intérieur de la Russie"* (Åberg, 1921, p. 204).

Em 1961, toda a informação então disponível sobre as esca-

Figs. 7 e 8 - Em cima, planta e corte do hipogeu 3; em baixo, planta e cortes do hipogeu 4. Seg. A. I. Marques da Costa, 1907.



vações e o estudo dos materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia e nos Serviços Geológicos de Portugal foi reunida em publicação monográfica (Leisner *et al.*, 1961), de acordo com metodologias modernas de investigação arqueológica; a esta fonte, voltaremos, para análise mais detalhada, no próximo capítulo.

Em 1965, Vera Leisner publica, de forma exhaustiva, em *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*, o catálogo dos materiais arqueológicos da necrópole da Quinta do Anjo, ilustrado por desenhos rigorosos. Ficou, assim, criado o melhor e mais completo registo sobre o sítio.

Em 1977, surgiu um novo artigo, da autoria de M. A. Horta Pereira e Thomas Bubner, sobre materiais inéditos dos hipogeus da Quinta do Anjo arquivados no Museu Nacional de Arqueologia, na Colecção Manuel Heleno. Do conjunto de artefactos publicados merecem especial referência três placas de xisto gravadas e uma taça campaniforme pontilhada, tipo Palmela, com representações de cervídeos.

No mesmo ano, a Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida, de colaboração com o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, editou sobre este sítio arqueológico uma brochura de larga difusão, da autoria de Carlos Tavares da Silva, no âmbito de projecto de recuperação da jazida da autoria do Arqtº Castro Lobo.

Em 1979, foi publicado, na revista *Ethnos*, por Thomas Bubner, um estudo sobre material osteológico humano exumado nos hipogeus da Quinta do Anjo e depositado no Museu Nacional de Arqueologia e no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal (actualmente, Instituto Geológico e Mineiro).

Assinale-se que, durante o séc. XIX, os hipogeus da Quinta do Anjo eram conhecidos por "*grutas de Palmela*". Marques da Costa utilizou a designação "*grutas da Quinta do Anjo*", que não viria a ser seguida por Nils Åberg, nem por Vera Leisner e colaboradores. Recentemente, Carlos Tavares da Silva (1977) e, mais tarde, o mesmo autor com a signatária (1986) adoptaram a designação "*grutas artificiais da Quinta do Anjo*".

Paralelamente ao interesse da comunidade científica, desenvolveu-se, junto de um público mais alargado, o reconhecimento do valor patrimonial da necrópole, que seria classificada como Monumento Nacional em 1934 (Decreto nº 23740 de 5/4/34). Sem procurarmos ser exhaustivos no que concerne às potencialidades patrimoniais do sítio e à problemática do seu usufruto pelas popu-

lações, refiram-se, como exemplos dessa apropriação social, uma excursão de três dias organizada pela Associação dos Arqueólogos Portugueses a Tróia e às “*cavernas artificiaes de Palmella*”, no ano de 1889 (*O Districto*, nº 256 de 24/4/1889), e o programa de animação cultural concretizado, sob a forma de *workshop* de Arqueologia experimental, durante as férias escolares de 1994 e 1995, pelo Clube de Montanhismo de Setúbal, com os apoios do Instituto da Juventude, Câmara Municipal de Palmela, Junta de Freguesia da Quinta do Anjo, Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e Parque Natural da Arrábida.

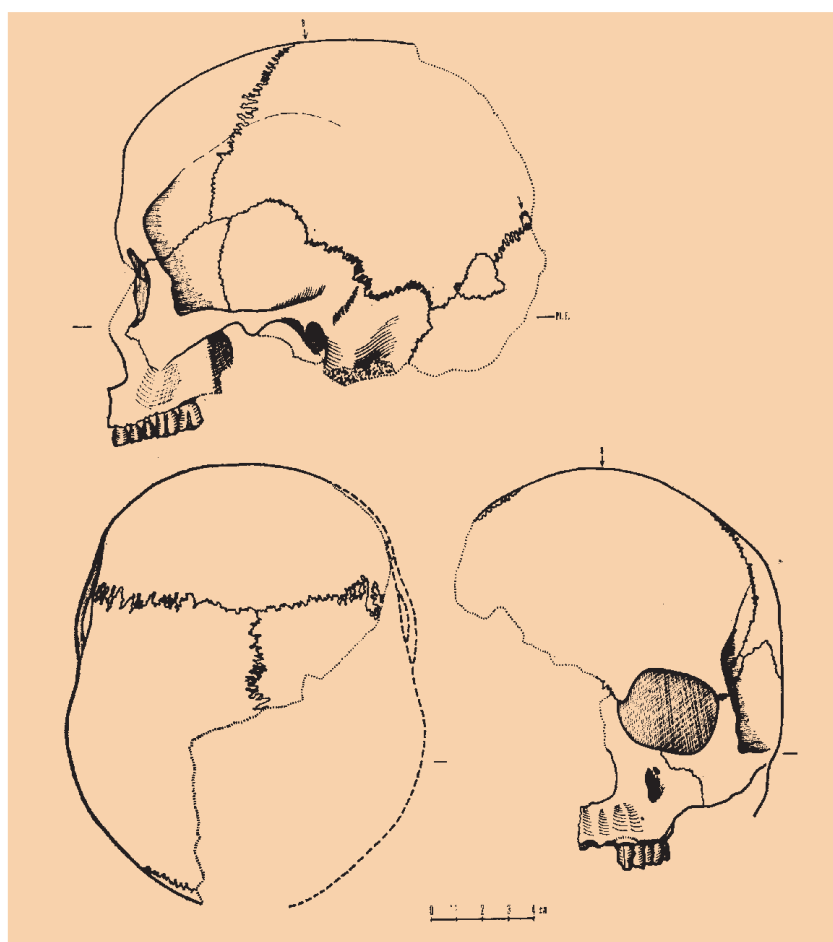


Fig. 9 - Crânio exumado em um dos hipogeus da Quinta do Anjo, seg. T. Bubner, 1979. Este crânio, de acordo com o autor citado, terá pertencido a uma mulher que faleceu entre o vigésimo e o vigésimo quinto ano. Tenha-se presente que a esperança média de vida, à nascença, estimada para a população que depositou os seus mortos na necrópole da Quinta do Anjo, seria de 26,2 anos.



Fig. 10 - Ensaio de reconstituição de cerimónia fúnebre, ocorrido durante o *workshop* de Arqueologia experimental, organizado pelo Clube de Montanhismo de Setúbal, em 1995. Hipogeu 3. Foto de José Pedro Calheiros.



Fig. 11 - Maquilhagem de um dos participantes. Foto de José Pedro Calheiros, 1995.



Figs. 12, 13 e 14 - Aspectos da reconstituição de cerimónia fúnebre, tendo como cenário o hipogeu 2. Fotos de José Pedro Calheiros, 1995.



A necrópole da Quinta do Anjo

[...] such place is created via abstract systems of discursive knowledge, and on a continual basis. This itself involves chronic reflection on the rules and resources of the [...] environment.

(Scott Lash e John Urry, 1999, *Economies of signs and space*, p. 56)



Fig. 15 - Vista aérea da necrópole da Quinta do Anjo. Foto de Eduardo Costa, 1998.

Localização, arquitectura e orientação

A necrópole da Quinta do Anjo pertence ao distrito de Setúbal e ao concelho de Palmela; localiza-se na extremidade SE da povoação do mesmo nome (Figs. 16 e 17), na imediata proximidade da exploração agro-pecuária do Casal do Pardo. Integra-se no sopé da vertente norte dos primeiros relevos da Arrábida (Pré-Arrábida), em área de elevada fertilidade agrícola (Fig. 135), onde ainda hoje se pratica agricultura, nas encostas e zonas baixas, em associação com pomar (campos intercalares), vinha e criação de gado ovino (Fig. 19).

A necrópole é constituída por quatro hipogeus escavados em afloramento calcário do Miocénico, de topo aplanado (cota de 104,2m) (Figs. 15-17 e 20-28). As sepulturas dispõem-se em ali-

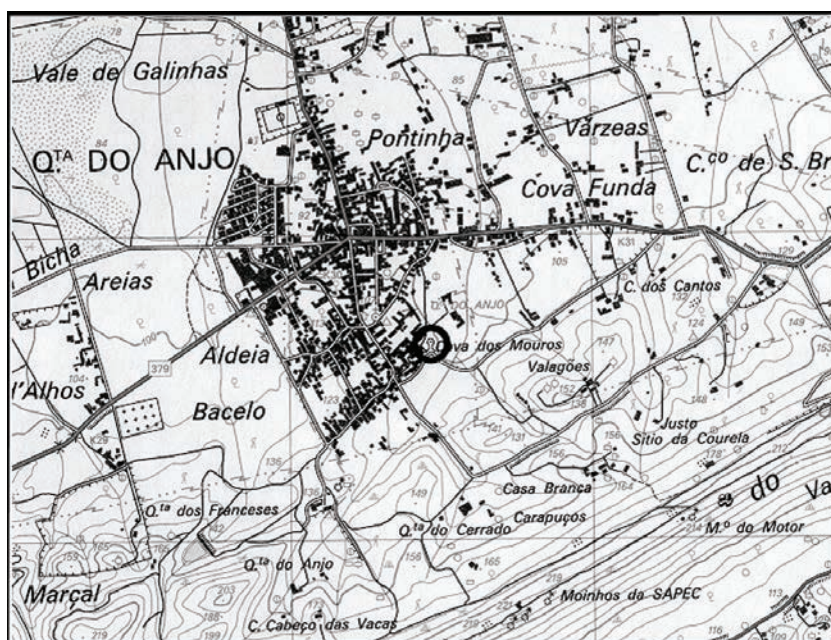


Fig. 16 - Localização dos hipogeus da Quinta do Anjo. CMP, esc. 1/25000.

nhamento de direcção aproximadamente ENE-WSW, mantendo entre si a distância média de *ca* 13m (Fig. 4). As suas coordenadas geográficas variam entre: 38° 33' 51" N/8° 56' 17" W e 38° 33' 52" N/8° 56' 20" W.

A necrópole acumulou um registo arqueológico correspondente à emergência, formação, apogeu e colapso do modo de produção do Calcolítico estremenho. Entre a sua fundação, no Neolítico final, durante a segunda metade do IV milénio cal BC, e o definitivo abandono, no final do III/alvores do II milénio cal BC (última fase do Horizonte Campaniforme), a necrópole ter-se-á mantido em utilização, sem aparentes soluções de continuidade.



Fig. 17 - Localização da necrópole da Quinta do Anjo (mancha de cor) em levantamento aerofotogramétrico, na esc. 1/5000.

Este facto revela bem o enorme poder simbólico detido por esse espaço. Procurámos, sem o conseguir, surpreender algum desfasamento cronológico entre as sepulturas, a partir da análise do espólio de filiação neolítica nelas presente; todos os túmulos forneceram artefactos atribuíveis a esse período, bem como ao Calcolítico, desde a fase inicial até ao Horizonte Campaniforme. A comparação dos mobiliários funerários das diferentes sepulturas é fortemente prejudicada pela existência de duas grandes colecções de artefactos depositadas no Museu do Instituto Geológico e Mineiro e no Museu Nacional de Arqueologia, em relação às quais se desconhecem as sepulturas de origem.

Os quatro hipogeus que integram a necrópole possuem idêntica tipologia: câmara funerária de planta subcircular, cujo diâmetro máximo varia entre 4,60 e 5,50m, com abóbada dotada de clarabóia central, que seria fechada por laje; antecâmara de planta oval; corredor estreito, descendo ligeiramente, em rampa, no sentido da entrada da câmara. Entre o tecto da câmara e o topo do corredor existe apreciável desnível, à semelhança do que se observa nos grandes dólmens alto-alentejanos do Neolítico final.

A sepultura 4 encontra-se parcialmente destruída, não tendo sido possível recuperar toda a sua arquitectura. No que respeita à execução, este último túmulo mostra um acabamento (regularização da rocha) de qualidade inferior à dos restantes, e um nicho lateral sobrelevado cerca de 0,50m em relação ao piso da câmara.

A sepultura 3, também parcialmente afectada por exploração de pedra, apresenta, ao nível do piso da câmara funerária e da antecâmara, uma segmentação do espaço, com paralelos em câmaras funerárias de outros monumentos da Pré-história recente, como o monumento algarvio de Marcela (Veiga, 1886, vol. I, est. XII), a

Quadro I - Orientação da entrada dos corredores das sepulturas da necrópole da Quinta do Anjo.

Necrópole da Qta. do Anjo	Orientação magnética (Out./96)	Altitude angular da linha do horizonte	Época de construção
Hipogeu 1	102°	5°	Início de Março ou início de Outubro
Hipogeu 2	29°	0°	-
Hipogeu 3	201°	6,5°	-
Hipogeu 4	SSE	6,5°	-

Anta Grande do Zambujeiro (Évora), onde ainda observámos a câmara funerária dividida em sectores, através de alinhamentos radiais de pequenos esteios de xisto, e a sepultura 1 dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz) (Valera *et al.*, 2000, p. 90).

A segregação espacial observada nos hipogeus 3 e 4 possui, como referimos, paralelos em outras sepulturas do Neolítico final e do Calcolítico do sul de Portugal; pode ser entendida como um dos indícios da diferenciação social em curso no interior de sociedades ainda basicamente igualitárias. O melhor exemplo do que afirmámos, para o Calcolítico do sul de Portugal, foi observado no nicho lateral da câmara do *tholos* 3 da necrópole de Alcalar. Nesse nicho, claramente diferenciado do restante espaço sepulcral, foi inumado um indivíduo adulto, muito provavelmente do sexo masculino, acompanhado por sete lâminas de sílex não retocadas, de grandes dimensões, possuindo a maior cerca de 38cm de comprimento, e por um conjunto, igualmente notável, de dezassete artefactos em cobre, quinze completos (machados planos, punhais, serras) e dois fragmentos de machados planos (Veiga, 1889, vol. III, ests. VIII e IX).

A semelhança arquitectónica entre as diversas sepulturas da Quinta do Anjo não encontra correspondência na orientação (Quadro I). Esta apresenta-se muito diversificada. Se eliminarmos o acaso ou o determinismo geológico sugerido por alguns autores para monumentos escavados na rocha, poderemos supor que um conjunto de interdições mágico-religiosas, e não apenas um único factor, poderão explicar a diversificada orientação dos hipogeus. Se o nascer do sol pode ter sido a grande referência para os construtores das sepulturas megalíticas alentejanas contemporâneas daqueles, outras referências alternativas terão de ser invocadas para explicar os desvios flagrantes à referida orientação. Por exemplo: o movimento de outros astros, nomeadamente a lua; aspectos notáveis da paisagem, como uma montanha em domínio de planuras; a localização do povoado ou uma outra marca territorialmente importante. No caso vertente, a orientação da sepultura 1 poderia ter sido determinada pelo nascer do sol e, se tal aconteceu, ela foi construída no final do Inverno/alvores da Primavera ou no início do Outono, em período de menor actividade agrícola – depois das sementeiras ou após as colheitas (Fig. 18) –, como parece ter sido prática comum na construção dos monumentos megalíticos do Neolítico final, partindo do princípio de que a grande referência para onde esses monumentos viraram a sua pedra de cabeceira foi

o sol nascente. A Anta Grande do Zambujeiro, por exemplo, possui a entrada do corredor virada para o nascer do sol nos equinócios (108,5°). As orientações a NNE e a SSW, respectivamente das sepulturas 2 e 3 da Quinta do Anjo, constituem um enigma. No seu conjunto, as sepulturas da Quinta do Anjo abrem para uma extensa frente cujos limites variam entre os 29° e os 201° (Nmg., Outubro de 1996). Esta extraordinária amplitude não possui paralelos em necrópoles megalíticas ou em outros cemitérios escavados na rocha. Recorde-se que em Reguengos de Monsaraz a orientação dos monumentos megalíticos de corredor varia entre os 80° e os 160°; na região de Évora essa variabilidade é um pouco menor (65° e 135°) e, na necrópole de Alapraia, a orientação dos seus quatro hipogeus apresenta como limites os valores de 103,5° e 157,5° (Gonçalves, 1995). A orientação que mais se assemelha à do hipogeu 2 da necrópole da Quinta do Anjo, chegada ao nosso conhecimento por informação de Michael Hoskin, foi observada no *tholos* nº 11 de Alcalar, com corredor virado a NE (55°) e uma declinação de +30,5°, próxima da lunar, facto que levanta sérios problemas às explicações relacionadas com o movimento anual aparente do sol. A hipótese explicativa para a orientação destas sepulturas que se nos apresenta mais sugestiva e profícua é a que recorre à localização do(s) povoado(s) e/ou do(s) território(s) do(s) grupo(s) construtor(es). Na necrópole da Quinta do Anjo, as orientações das aberturas dos hipogeus abrangem um extenso domínio territorial onde cabem os povoados do Neolítico final do sector oriental da Arrábida, até agora identificados: Serra dos Gaiteiros (?), Moinho da Fonte do Sol e Alto de S. Francisco.

Fig. 18 - Calendário agrícola das culturas cerealíferas e leguminosas. Adaptado de Mata *et al.*, 1997. Observe-se que os períodos de menor actividade agrícola correspondem ao final do Verão e final do Inverno. O primeiro destes períodos seria o mais favorável para a construção de monumentos funerários, se levarmos em consideração as condições climáticas que, durante a Pré-história recente, não seriam substancialmente distintas das actuais.

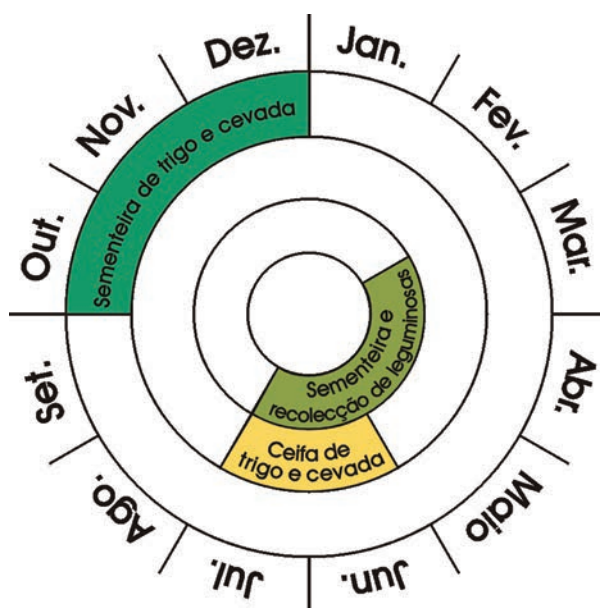




Fig. 19 - Paisagem envolvente da necrópole; quadrante sul. Em último plano, a linha de relevos da Pré-Arrábida, onde se localizaram diversos povoados da Pré-história recente. Foto de J. Soares, 2000.



Fig. 20 - Afloramento de calcarenito onde foram escavados os hipogeus da Quinta do Anjo, visto de sul. Foto de J. Soares, 2000.



Fig. 21 - Hipogeu 1. Clarabóia e entrada da câmara funerária. Foto de J. Soares, 1997.



Fig. 22 - Hipogeu 1. Passagem entre a câmara funerária e a antecâmara. Foto de J. Soares, 1997.



Fig. 23 - Hipogeu 1. Entrada da câmara funerária, a partir da antecâmara. Foto de J. Soares, 2001.



24



25

Figs. 24-26 - Hipogeu 2. Estrutura de acesso à câmara funerária: corredor (24); passagem do corredor para a antecâmara (25) e clarabóia da câmara funerária (26). Fotos de J. Soares, 1997/01.

26





Fig. 27 - Hipogeu 3. A destruição desta sepultura ficou a dever-se à exploração de uma pedreira, durante o séc. XIX, em data anterior à descoberta da necrópole. Foto de J. Soares, 1997.



Fig. 28 - Hipogeu 4. Apenas se conserva parte da câmara funerária; tal como na sepultura anterior a destruição ficou a dever-se à laboração de uma antiga pedreira. Foto de J. Soares, 1997.

Ritual funerário e antropologia física

No que concerne ao ritual funerário, torna-se necessário recorrer a informação complementar recolhida em outras necrópoles de hipogeus estrementhas. Assim, podemos supor que, à semelhança do observado no hipogeu 2 da necrópole de S. Pedro do Estoril, durante o Neolítico final, os mortos seriam depositados em posição contraída, encostados à parede da câmara funerária e acompanhados por instrumentos de trabalho (indústria lítica em sílex, instrumentos em pedra polida)²; ídolos-placa, em xisto; alfinetes em osso de cabeça postiça; contas de colar.

No Calcolítico inicial e pleno, adquire grande relevância um variado e abundante espólio votivo de calcário e osso. Durante o Horizonte Campaniforme, em conjuntura de marcada ostentação individual, o morto seria preparado com os seus melhores adereços, os quais comportavam botões em osso e marfim com perfuração em V e objectos de ouro. Tenha-se presente o achado, no hipogeu 1 de S. Pedro do Estoril, de uma fila de botões que terá servido “*para fechar ou ornar um vestido, talvez uma túnica*” (Leisner *et al.*, 1964, p. 56 e 74). O inumado era acompanhado por instrumentos relacionados com as “nobres” actividades da guerra e/ou da caça (armas de cobre: pontas de seta tipo Palmela; braçal de arqueiro) e por oferendas servidas em valiosas taças campaniformes. O depósito funerário efectuar-se-ia agora, provavelmente, não junto das paredes da sepultura, como em épocas anteriores, mas na parte central da câmara como é sugerido pelo resultado das escavações no hipogeu 1 de S. Pedro do Estoril (Leisner *et al.*, 1964, p. 56 e 74). Este último comportamento funerário viria também a ser confirmado em duas sepulturas individuais, em fossa, que reutilizaram a área central da câmara do dólmen da Pedra Branca, em Melides (Ferreira *et al.*, 1975). As referidas fossas sepulcrais foram abertas em uma camada de abandono que se formou sobre o estrato de tumulações do Neolítico final. Partindo do princípio de que durante a escavação não ocorreu mistura de espólios dos dois horizontes, a reutilização campaniforme abrangeu não apenas o espaço, mas

2. O hipogeu 2 da necrópole de São Pedro do Estoril, muito precocemente inutilizado devido ao desabamento da abóbada da câmara, integrava um contexto de excepcional importância, uma vez que representa exclusivamente a fase inicial de funcionamento deste tipo de sepultura. Os inumados naquele túmulo foram acompanhados somente (no que respeita a material não perecível) por instrumentos em pedra polida (machados, enxós e goivas), um furador em osso e uma lâmina de sílex.

incorporou também materiais provenientes da fase da fundação do monumento (placas de xisto gravadas).

Um outro ritual funerário, relacionado com o fogo, talvez com fins práticos de higienização, tem sido defendido a partir da presença de carvões em espaços sepulcrais pré-históricos, nomeadamente em sepulturas megalíticas e grutas naturais. No caso da necrópole da Quinta do Anjo, apenas é possível considerar a hipótese da prática desses rituais de fogo no hipogeu 4, a única sepultura onde foi registado o aparecimento de abundante carvão vegetal (manuscrito de António Mendes, em Vasconcelos, 1897, p. 233). No mesmo túmulo, encontrou-se uma estrutura de tipo altar, também ela provavelmente associada a rituais de fogo. Esta estrutura possui escassos paralelos entre nós. No monumento megalítico da Palhota, identificámos um altar ou mesa (1 x 0,50m), junto à entrada da câmara, com marcas de acção do fogo; registou-se, igualmente, a presença de pequenos carvões no enchimento da câmara (Soares e Tavares da Silva, 1976-77a). No *tholos* de Pai Mogo existia também, junto da entrada da câmara, uma estrutura de tipo altar (1,5 x 0,50m) (Gallay *et al.*, 1973, p. 20).

No que respeita aos rituais de ocre, tão comuns no Neolítico, possuímos apenas um fragmento daquela matéria-prima, recolhido no hipogeu 3, durante as escavações de Marques da Costa (Costa, 1907, p. 336). Nos hipogeus 1 e 2 surgiram pequenos vasos em calcário, que têm sido classificados como almofarizes, possivelmente destinados ao esmagamento de ocre usado nos rituais funerários.

O valor simbólico detido pela necrópole e a prolongada utilização da mesma terão certamente imposto normas de acesso restritivas e procedimentos específicos na gestão dos restos mortais, com a eventual constituição de depósitos secundários (ossários) internos e/ou externos aos monumentos. O estado de fragmentação dos ossos referido pelos escavadores da necrópole da Quinta do Anjo, mesmo tendo em consideração perturbações pós-de-posicionais, aponta no sentido da existência de depósitos secundários. Este ritual funerário foi observado na Lapa do Bugio (Cardoso, 1992a), onde se identificaram, a par de pequenos ossários dispersos pela gruta e de um outro delimitado por recinto, pavimentado e encostado à parede da cavidade, diversas sepulturas primárias. O intenso dinamismo desta gruta funerária encontra-se também expresso em um depósito de terceira ordem, cons-

tituído somente por artefactos, dissociados de espólio osteológico e dispostos de forma a preservar a sua integridade física: os instrumentos em pedra polida na base e a cerâmica no topo do conjunto. Parece evidente que as restrições que rodeavam os restos mortais eram extensivas, em moldes que desconhecemos, ao mobiliário funerário. A separação entre espólio osteológico e cultural deverá igualmente ter precedido a trasladação, durante a Idade do Bronze, de restos humanos calcolíticos para a Lapa da Furada (Sesimbra). Este ossário (Cardoso e Cunha, 1995) permite recriar um cenário para a necrópole da Quinta do Anjo no qual esta disporia, além de áreas de ossário internas à necrópole, de ossário(s) espacialmente dissociado(s), a fim de reabilitar espaço para tumulações primárias, na necrópole ancestral.

O estudo de antropologia física disponível (Bubner, 1979a) incidiu sobre uma amostra bastante limitada em termos quantitativos e destituída de controlo cronológico fino. Apesar dos constrangimentos impostos pelo material estudado, foi possível confirmar a utilização colectiva dos hipogeus por distintos grupos etários (crianças, jovens, adultos e velhos), muito embora com uma nítida preferência por adultos/velhos, de ambos os sexos.

A determinação do número de enterramentos é, porém, bastante problemática. Do hipogeu 4, provieram 403 dentes incisivos a que correspondem pelo menos 51 indivíduos. Este número poderá estar muito aquém da realidade, se atendermos ao mobiliário funerário recuperado e ao número de enterramentos registado em sepulturas coevas, como o dólmen de corredor de Pedra Branca (Montum – Melides) que albergou pelo menos 65 inumações; a sepultura de Samarra (Sintra) que forneceu restos osteológicos pertencentes a um número mínimo de 130 indivíduos (França e Ferreira, 1958); o hipogeu 1 da necrópole de S. Pedro do Estoril que terá recebido uma centena de mortos (Leisner *et al.*, 1964, p. 25); o hipogeu 2 da mesma necrópole que, embora utilizado apenas no Neolítico final devido ao desabamento da abóbada, terá recebido um número mínimo de 53 indivíduos (Silva, 1997); a sepultura 2 da necrópole de S. Paulo (Almada), com vestígios de cerca de 180 indivíduos (Barros, 1998, p. 22); o hipogeu de Monte Canelas (Portimão), com um número mínimo de 147 inumados, no nível inferior (Silva, 1997). Assim, podemos facilmente admitir que cada um dos hipogeus da Quinta do Anjo poderá ter recebido cerca de uma centena de depósitos funerários.

A estimativa da idade à morte foi calculada para 46 indivíduos e a esperança média de vida, à nascença, avaliada em 26,2 anos (Quadro IV).

De um modo geral, a comparação entre os resultados obtidos para a população sepultada na necrópole da Quinta do Anjo e os fornecidos pelo espólio osteológico do Calcolítico pleno da Lapa da Furada (Cardoso e Cunha, 1995), em Sesimbra, mostra-nos que estamos perante variações de uma mesma estrutura demográfica (Quadro II). A elevada frequência relativa de adultos e senis, fortemente ampliada na necrópole da Quinta do Anjo, é um facto aparentemente anómalo, quando se admite que a mortalidade infantil, sobretudo no primeiro ano de vida, deveria ser muito elevada. Para explicar esta “anomalia” podem ser invocadas deficiências na recolha, atribuíveis a antigas metodologias de escavação e/ou a

Quadro II - Estrutura etária agregada das populações sepultadas nos hipogeus da Quinta do Anjo e na Lapa da Furada. A primeira necrópole mostra-se mais selectiva. Em ambas, os dados apontam para uma supremacia de adultos e velhos.

Grupos etários	Qta. do Anjo	Lapa da Furada
Crianças	5 (10,9%)	45 (36,0%)
Adultos	37 (80,4%)	73 (58,4%)
Senis	4 (8,7%)	7 (5,6%)
Total	46 (100%)	125 (100%)

Quadro III- Classes etárias da população sepultada na Lapa da Furada (Seg. Cardoso e Cunha, 1995).

Idade	Homens	Mulheres	Indeter.	Total
0-6 anos			5	5 (4%)
6-12 anos			40	40 (32%)
12-18 anos			14	14 (11,2%)
18-28 anos	20 (16%)	23 (18,4%)		43 (34,4%)
28-38 anos	10 (8%)	6 (4,8%)		16 (12,8%)
38-48 anos	2 (1,6%)	4 (3,2%)		6 (4,8%)
≥48 anos		1 (0,8%)		1 (0,8%)
Total	32 (25,6%)	34 (27,2%)	59 (47,2%)	125 (100%)

um processo de conservação diferencial que favoreceria os ossos mais robustos. No entanto, estas razões não nos parecem suficientes para explicar, só por si, a sobre representação de adultos e senis tendo em atenção as cuidadas observações dos escavadores e as boas condições de conservação da matéria orgânica proporcionadas pelo substrato calcário da jazida. Parece-nos necessário recorrer a restrições de carácter cultural, limitantes do acesso à necrópole, que pela sua importância seria destinada, prioritariamente, a adultos e velhos³.

A distribuição dos restos humanos da Lapa da Furada por classes etárias bastante desagregadas (Quadro III e Fig. 29) (Cardoso e Cunha, 1995, p. 39-41) confirma a sub-representação das crianças muito novas e deixa perceber que a classe de máxima mortalidade é a dos 18-28 anos, resultado que mais uma vez pode ter sido condicionado pelo ritual funerário. A observação da es-

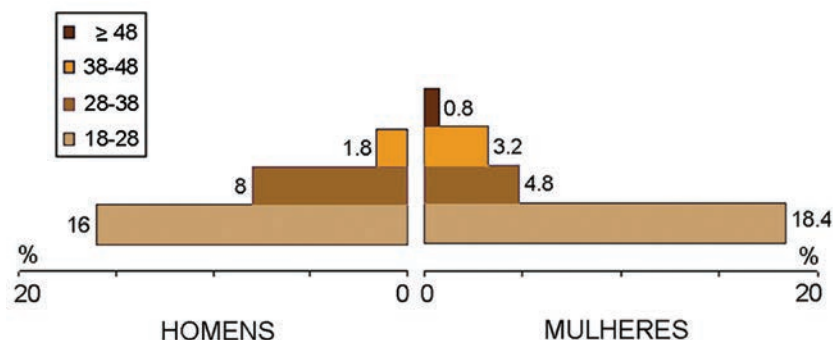


Fig. 29 - Lapa da Furada. Frequência relativa dos adultos e senis, por género, com base nos dados do Quadro III.

trutura etária por sexos, apenas reconhecível a partir da classe dos 18-28 anos, mostra-nos que, nesse intervalo, as mulheres são mais vulneráveis que os homens, talvez devido ao factor morte por parto, partindo do princípio que ambos os sexos possuíam idêntico direito de acesso à necrópole. Os indivíduos do sexo feminino reduzem a sua frequência relativa face aos do sexo masculino na classe etária imediatamente superior e ultrapassam-nos em longevidade.

A população inumada na necrópole da Quinta do Anjo (Quadro IV) possuía a estatura média de 1,64m e 1,57m, respectiva-

3. A elevada representação de adultos nos hipogeus da Quinta do Anjo encontra-se igualmente patente nas necrópoles de Carenque (hipogeu 3), apenas com 24% de não-adultos, de São Pedro do Estoril (hipogeu 2), com 23% de não-adultos, no hipogeu do Cabeço da Arruda I, onde os não-adultos detinham somente 26%. Cf. Silva, 1999.

mente para os sexos masculino e feminino, e pertencia ao tipo humano “mediterrânico grácil” tal como os grupos que utilizaram os hipogeus de Alapraia e de S. Pedro do Estoril e a Lapa do Bugio. Este tipo físico predomina ainda hoje na população do Centro e Sul de Portugal (Bubner, 1979a).

A informação disponível sobre a paleobiologia da população da necrópole da Quinta do Anjo é complementada, em aspectos importantes, pela obtida para a necrópole da Lapa do Bugio e ossário da Lapa da Furada. Na Lapa do Bugio (Isidoro, 1964) foram reconhecidos restos de 20 adultos e de 8 crianças e na Lapa da Furada (Sesimbra), restos de 130 indivíduos, dos quais 32 pertencem ao sexo masculino, 34, ao feminino, e 64 são de género indeterminado. De registar o equilíbrio desta amostra no que concerne ao género. Nas três jazidas consideradas no Quadro IV, a estatura média dos homens oscilava entre 1,64m e 1,69m, e a das mulheres, entre 1,56m e 1,61m. Verifica-se que o dimorfismo sexual é particularmente acentuado na Lapa da Furada; razões alimentares têm sido mobilizadas para explicar aquela diferenciação.

No que se refere a patologias, salienta-se a cárie dentária, presente nas três amostras, mas considerada pouco frequente na Lapa do Bugio, ao invés do observado na Lapa da Furada. As superfícies trituradoras de muitos dentes revelam acentuado desgaste, facto que indica alimentação com componentes de grande dureza. Teríamos, assim, por hipótese, um regime alimentar em que abundavam os cereais, alguns dos quais mal cozidos.

Quadro IV - Aspectos morfológicos, patológicos e demográficos de amostras provenientes de três contextos funerários da Pré-história recente da Península de Setúbal.

Jazidas	Estatura média Masc./Fem.	Patologias	Esperança média de vida à nascença
Hipogeus da Quinta do Anjo	1,64m / 1,57m	Cárie dentária (Cd)	26,2 anos
Lapa do Bugio	1,69m / 1,61m	Cd + osteoartrites + 1 caso de hiperbraquicefalia	—
Lapa da Furada	1,69m / 1,56m	Cd + 1 caso de enanismo harmónico com quisto multilocular num fémur *	20-30 anos

* - Anão com cerca de 1,30 m de altura. A lesão do calcâneo esquerdo provocava a incapacidade desse membro.

Descrição das sepulturas e inventário sumário do espólio

Hipogeu 1

Arquitectura

O hipogeu 1 possui o comprimento total de 9,75m. A câmara, subcircular, tem 5,50m de diâmetro, segundo o eixo longitudinal, e 4,70m, segundo o eixo transversal; possui 2,30m de altura, desde a base (regularizada e horizontal) até ao topo da abóbada, onde se abre uma clarabóia com 1,40m de diâmetro. A entrada da câmara, em forma de ferradura, tem 0,80m de altura e 0,70m de largura máxima. Abre para uma antecâmara piriforme, com a largura máxima de 1,70m e a altura de 1,40m, parecendo ter sido também abobadada. A antecâmara sofre acentuado estreitamento, assumindo o aspecto de curto corredor, com 0,60m de largura; este sobe em rampa, muito suave, para o exterior. A entrada da câmara seria fechada por placa encaixada em sulco transversal, escavado na base da antecâmara, e em entalhes laterais. O limite entre a antecâmara e o corredor propriamente dito encontra-se indicado no piso, através de cordão esculpido na rocha. O caminho actual instalou-se sobre parte do corredor, como já acontecera no séc. XIX.

Quando em Abril de 1876 o hipogeu foi escavado por António Mendes, este reconheceu evidências de violações. A escavação viria a ser concluída por A. I. Marques da Costa que interveio na estrutura de acesso à câmara funerária, sob a terra batida do caminho público. Sobre o pavimento da antecâmara, este arqueólogo recolheu um conjunto de artefactos claramente pré-campaniformes: dois núcleos de quartzo hialino; lâminas de sílex; um triângulo; sete pontas de seta em sílex; duas enxós de anfibolito (sem vestígios de uso); uma enxó votiva em calcário; um ídolo-hemicilindro canelado; um ídolo-hemicilindro liso; um fragmento de ídolo-cilindro.

Orientação da entrada do monumento (eixo longitudinal), segundo Leisner *et al.* (1961): E 30° S. As medições que efectua-

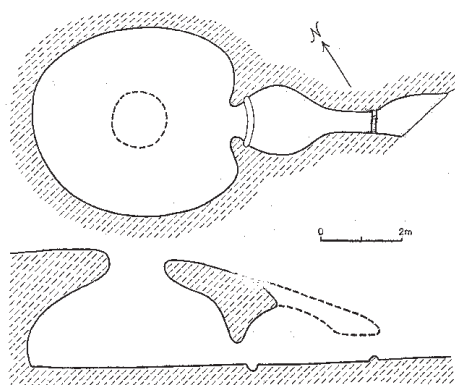


Fig. 30 - Planta e corte do hipogeu 1. Seg. Leisner *et al.* (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.

mos em Outubro de 96 forneceram 102° (orientação magnética). Se a sepultura foi virada intencionalmente para o nascer do sol, o seu plano terá sido implantado no terreno nos inícios de Março ou de Outubro.

Espólio⁴

Indústria lítica:

Pedra lascada – 10 núcleos de quartzo hialino; lasca não retocada, em sílex; 3 lâminas retocadas, em sílex; 5 fragmentos de lâminas não retocadas, em sílex; 2 lamelas não retocadas, em sílex; 3 geométricos em quartzo leitoso (1 exemplar parece-nos duvidoso: Leisner, 1965, tafel 95, nº 23); 3 pontas de seta de base triangular, em sílex; 3 pontas de seta de base côncava, em sílex; ponta de seta de base rectilínea, em sílex.

Instrumentos em pedra polida – 2 machados de secção transversal circular; machado de secção transversal rectangular; 2 pe-quenos machados, provavelmente votivos; 2 pequenas enxós; fragmento de grande enxó.

Cerâmica:

Recipientes não decorados – taça em calote de esfera de fundo aplanado; 3 taças hemisféricas; vaso bicónico de fundo aplanado; esférico de colo estrangulado.

Cerâmica canelada – copo com decoração “em espinha”, organizada verticalmente (Fig. 60), e fragmento de forma indeterminada com várias caneluras paralelas entre si.

Cerâmica campaniforme – fragmentos de 3 vasos e caçoilas campaniformes com decoração pontilhada (Fig. 84) e incisa; 3 grandes taças com decoração pontilhada e incisa, apresentando uma delas bordo de lábio decorado; 5 pequenas taças, com decoração

4. O inventário que apresentamos resultou da informação fornecida pelos relatórios de António Mendes e Marques da Costa *in* Leisner *et al.*, 1961, confrontada com o inventário publicado por V. Leisner em 1965 e ampliado pelas contribuições de M. A. H. Pereira e T. Bubner, em 1977.

incisa e pontilhada, das quais 4 apresentam bordo simples (Fig.103); 2 fragmentos de forma indeterminada. Total: 13 exemplares.

Artefactos metálicos:

6 peças em cobre: 4 pontas tipo Palmela referidas no relatório de António Mendes; punção e fragmentos de outro recuperados nas escavações de A. I. Marques da Costa; 3 pequenos tubos obtidos por enrolamento de finas folhas de ouro rectangulares (Fig. 117). No inventário de Leisner e colaboradores (1961) são referidos apenas dois desses tubos de ouro; é provável que o terceiro exemplar tenha desaparecido. A. I. Marques da Costa desenhou a peça e deixou as suas medidas, aliás muito semelhantes às dos restantes exemplares: 21 x 17 x 0,17mm (Costa, 1907, p. 329, est. 6); pequena espiral de ouro (Fig. 117).

Adornos:

Elementos de colar – 83 contas em mineral de cor verde, calcário e xisto; conta em anfíbolito; 4 conchas de *Cypraea* perfuradas; *Cerithium* perfurado; conchas de *Dentalium* (referidas sem indicação de número).

Botões – 3 botões manufacturados sobre concha; botão em osso, sub-rectangular, antropomórfico, com perfurações em V; 2 botões em marfim, de forma idêntica à do anterior; 5 botões circulares, em marfim, osso e otólitos, com perfuração em V; 2 botões de osso em forma de tartaruga com perfuração em V; 2 botões circulares sobre otólitos (Fig. 112).

Artefactos de carácter mágico-religioso:

Calcário – 3 ídolos-cilindro lisos; ídolo-hemicilindro com covinha na face aplanada (Fig. 69); ídolo-hemicilindro decorado por caneluras (Fig. 68); 2 pequenos vasos a que é atribuível a função de almofariz (Figs. 74 e 75); pequena placa trapezoidal, lisa; fragmento de enxó votiva (Fig. 70).

Xisto – ídolo-placa liso, com furo de suspensão, e fragmento de um outro, com decoração geométrica.

Ossos – fragmento de "recipiente" cilíndrico, com bordo em forma de gola e "fundo postiço" (Fig. 77, nº 3); fragmento de placa decorada por banda de caneluras oblíquas e paralelas entre si (Fig. 113).

Cerâmica – Objecto em terracota em forma de cogumelo (Fig. 120).

Outros:

Duas pontas em osso (furadores ou punhais?), sendo uma delas manufacturada sobre tíbia de *Ovis* (Figs. 46 e 47); tubo longo de osso; fragmento de braçal de arqueiro em grés (Fig. 116, nº 2); ossos humanos; conchas de moluscos marinhos: *Pecten*, *Cerastoderma edulis*, *Venerupis decussata*; fragmentos de ossos e de dentes de cabra, cavalo, cão, porco e tubarão. A antiguidade desta fauna referida por A. I. Marques da Costa merece-nos muitas reservas. A. Mendes, mais preocupado com o controlo estratigráfico, encontrou, igualmente, muitos restos faunísticos em uma camada de formação recente, superficial, no topo do enchimento do hipogeu.

Discussão

O mobiliário deste hipogeu mostra uma boa representação de artefactos atribuíveis ao Neolítico final (geométricos, machados de pedra polida de secção transversal circular ou subcircular, pontas de seta de base triangular/pedunculada, placas de xisto gravadas). No relatório respeitante à campanha de escavações de António Mendes, é afirmado que a sepultura já teria sido objecto de intervenções anteriores. Assim, uma parte do abundante espólio neolítico atribuído à necrópole, mas sem indicação de sepultura, poderia ter sido proveniente deste monumento. Os materiais característicos do Calcolítico estão bem representados, em particular os artefactos mágico-religiosos de natureza calcária. A utilização desta sepultura prolongou-se até à última fase do Horizonte Campaniforme, havendo a salientar a presença de cerâmica campaniforme incisa, um braçal de arqueiro, notável conjunto de botões em osso e marfim com perfuração em V e ainda objectos de cobre e ouro.

Hipogeu 2

Arquitectura

O hipogeu 2, muito semelhante ao 1, é o melhor conservado de todo o conjunto. Possui o comprimento total de 11,50m. A câmara funerária, de planta circular, tem 4,50m de diâmetro longitudinal, 4,60m de diâmetro transversal e 2m de altura. No centro da abóbada abre-se uma clarabóia com 0,90m de diâmetro.

A entrada da câmara funerária possui 0,70m de altura e 0,64m de largura e abre-se para uma estrutura de acesso escavada em rampa, subindo para o exterior, e diferenciada em antecâmara e corredor. A antecâmara é de planta oval, com estrangulamento central marcado por relevo em cordão ao nível do piso; apresenta 3,60m de comprimento e cobertura em abóbada, muito destruída, com 1,60m de altura no sector próximo da câmara; a antecâmara liga-se ao corredor através de um estrangulamento com 0,40m de largura mínima, dotado de sistema de encerramento formado por dois entalhes laterais destinados a receber a "porta". O corredor possui *ca.* 4m de comprimento e 0,80/0,90m de largura.

Orientação da entrada do monumento (eixo longitudinal), segundo Leisner *et al.* (1961): E 40° N. Orientação da entrada do corredor medida em Outubro de 1996: 29° (orientação magnética).

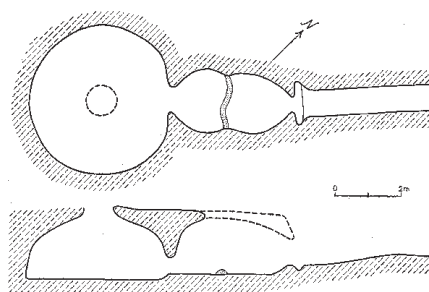


Fig. 31 - Planta e corte do hipogeu 2. Seg. Leisner *et al.* (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.

Espólio

Indústria lítica:

Pedra lascada – 4 lâminas não retocadas, em sílex; 4 lâminas retocadas, em sílex; geométrico trapezoidal, em sílex.

Instrumentos em pedra polida – machado de secção transversal circular; machado de secção transversal rectangular; 3 enxós; 2 goivas; peça ovóide (percutor) em quartzito, com sulco perimetral (Fig. 57).

Cerâmica:

Recipientes não decorados – entre diversos fragmentos, destaque para uma taça baixa de bordo espessado.

Cerâmica campaniforme – 2 fragmentos sem bordo; taça com decoração incisa (lábio decorado) (Fig. 99); fragmento de caçoila com decoração pontilhada (Fig. 32). Total: 4 exemplares.

Artefactos metálicos:

Peça em cobre, espatuliforme (Figs. 33 e 114), de pedúnculo longo e lâmina oval, referida no relatório de escavação de António Mendes. Este objecto encontra paralelos em um outro exemplar proveniente do vizinho povoado de Chibanes. Tal semelhança deve ser valorizada, face à raridade deste tipo de artefacto. Além dos dois exemplares encontrados em contextos da Arrábida, são conhecidas mais três peças espatuliformes, com pedúnculo alongado, nos povoados estremenhos de Fórnea, S. Mamede e Zambujal (Spindler, 1981, fig. 43).

Adornos:

Elementos de colar – 30 contas de colar: em mineral de cor verde (16 exs.); em xisto (13 exs.) e em calcário (1 ex.).

Artefactos de carácter mágico-religioso:

Calcário – pequeno almofariz possivelmente destinado a esmagar materiais usados nos ritos funerários, como o ocre vermelho (Figs. 74 e 75); ídolo-cilindro.

Xisto – Metade de uma placa de xisto, gravada com motivos

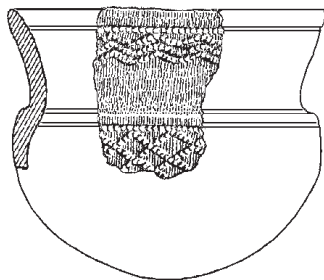


Fig. 32 - Caçoila campaniforme pontilhada, característica do Grupo Internacional da Estremadura. Hipogeu 2. Seg. Leisner *et al.*, 1961. Esc. 1/2.

em zig-zag e fragmento de outra placa de xisto, com decoração geométrica.

Ossos – 2 “recipientes” de corpo cilíndrico (fragmentos) (Fig. 77, nºs. 5 e 6).

Outros:

Ossos humanos, conchas de moluscos (referidas nos relatórios de escavação, mas não identificadas nas colecções); pequenos seixos rolados com 1cm a 1,5cm de diâmetro.

Discussão

Quando das escavações arqueológicas realizadas entre 1876 e 1878, esta sepultura já havia sido objecto de intervenções. Leisner e colaboradores, a partir do cruzamento das diversas fontes de informação compulsadas, afirmam ser provável que a maior parte dos objectos existentes no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, provenientes da necrópole da Quinta do Anjo, sem indicação de sepultura, tenha pertencido a este hipogeu. Com efeito, o inventário dos achados arqueológicos disponível é consideravelmente menos numeroso que os das restantes sepulturas, para qualquer uma das grandes fases de utilização da necrópole, facto que parece não estar de acordo com a excelente execução do hipogeu.

Um provável percutor, ovóide e finamente bojardado, com sulco perimetral por onde poderia passar uma correia de couro ou um entrançado de fibras vegetais destinado à preensão da peça, merece particular destaque pela sua raridade. O único paralelo de que dispomos para esta peça, na Península de Setúbal, pertence à fase de ocupação do Calcolítico inicial do povoado do Pedrão (Soares e Tavares da Silva, 1975, p. 151, est. XII). Maria José Almagro Gorbea (1973) considerou a peça do hipogeu 2 da Quinta do Anjo como um dos mais antigos ídolos ovóides. Recentemente, J. Cardoso (1996) publicou 3 exemplares semelhantes provenientes de Leceia, atribuindo-lhes a classificação de pesos de rede. Independentemente da função que este tipo de objecto possa ter desempenhado, desejamos sublinhar a similitude formal entre os exemplares da Quinta do Anjo e do Pedrão, a qual é valorizada pela proximidade entre estes sítios arqueológicos (cerca de 3km).

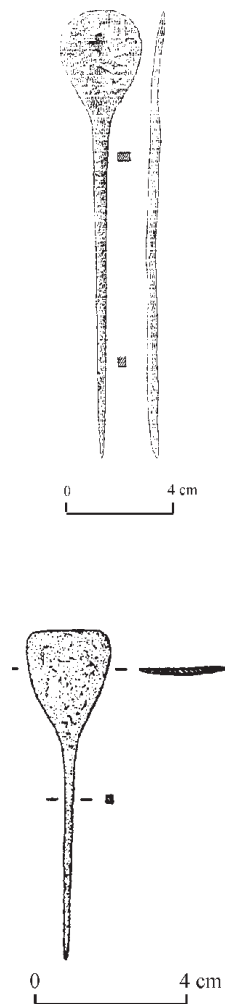


Fig. 33 - Peças em cobre, de pedúnculo alongado, do hipogeu 2 da necrópole da Quinta do Anjo (em cima) e do vizinho povoado de Chibanês (em baixo). Desenhos de Jorge Costa e de Carreira, 1995/96.

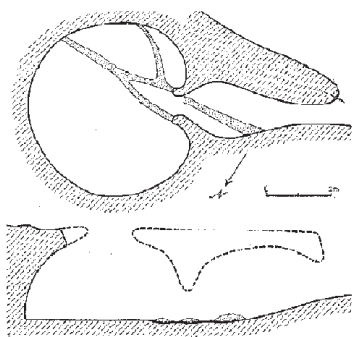


Fig. 34 - Planta e corte do hipogeu 3.
Seg. Leisner *et al.* (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.

Hipogeu 3

Arquitectura

De tipologia semelhante à das sepulturas anteriores, o hipogeu 3 apresenta um comprimento total de cerca de 10m. A câmara possui 5m de diâmetro longitudinal, 5,30m de diâmetro transversal e conserva uma altura de 2,20m, mas é possível que atingisse os 2,50m (a parte sul do sepulcro foi bastante afectada

por antiga exploração de pedra); a entrada da câmara funerária tem 0,55m de largura; das paredes da estrutura de acesso pouco se conserva. Esta é constituída por antecâmara muito semelhante à do monumento 1, com cerca de 3m de comprimento e 1,70m de largura máxima. Nos pavimentos da câmara e antecâmara podem observar-se relevos em cordão que Leisner e colaboradores consideraram terem sido acrescentados (argamassa de pó calcário); interpretação de que discordamos. Note-se que essas linhas divisórias atravessam a câmara e a antecâmara indiferenciadamente como se se tratasse de um espaço unitário, o que pressuporia o precoce alargamento das funções funerárias da câmara à estrutura de acesso. A diferenciação do espaço intra-sepulcral, em análise, pode ser lida como reflexo de alguma desigualdade social e/ou da necessidade de gerir um túmulo sobrelotado, onde coexistiriam, por hipótese, sepulturas primárias e ossário. As escavações conduzidas por A. Mendes registaram as divisórias no pavimento e isolaram um desses contextos: as pontas de seta, em sílex, “*mais aperfeiçoadas*” e as contas de colar “*mais variadas*” surgiram em uma das “*divisões do chão da furna*”, levando o escavador a atribuir esse espaço à sepultura de um chefe (relatório de A. Mendes, em Vasconcelos, 1897, p. 232).

Orientação da entrada do monumento (eixo longitudinal), segundo Leisner *et al.* (1961): S 40° W. Orientação (magnética) estimada em Outubro de 1996: 201°.

Espólio

Indústria lítica:

Pedra lascada – 6 núcleos em quartzo hialino; 2 lamelas em

quartzo hialino; 7 lâminas não retocadas, em sílex; 2 lamelas não retocadas, em sílex; 2 geométricos triangulares, em quartzo hialino e sílex; 44 geométricos trapezoidais, em sílex; 7 pontas de seta de base triangular/pedunculada; 4 pontas de seta de base rectilínea; 18 pontas de seta de base côncava. Das 29 pontas de seta recolhidas, 27 são em sílex e 2 em xisto jaspóide.

Instrumentos em pedra polida – 6 machados de secção transversal circular; 2 machados de secção transversal rectangular; 7 enxós.

Cerâmica:

Recipientes não decorados – duas taças de bordo ligeiramente saliente devido a sulco perimetral.

Cerâmica campaniforme – 2 vasos campaniformes, um com decoração pontilhada (Fig. 80) e outro com decoração incisa (Fig. 93); 3 caçoilas, sendo 2 linear-pontilhadas (Figs. 81 e 82) e 1 incisa (Fig. 95); 9 taças de bordo espessado e com decoração sobre o lábio, estando presentes quer as técnicas do linear-pontilhado (Fig. 88) e pontilhado (um exemplar, decorado pelas técnicas do pontilhado e linear-pontilhado, merece destaque, pois associa à decoração geométrica, uma banda horizontal de cervídeos – Fig. 90), quer a da incisão; pequena taça de bordo simples, com decoração incisa (Fig. 102). Total: 15 exemplares.

Artefactos metálicos:

Agulha e outro objecto não determinado, em cobre; 2 pequenas placas em ouro, uma das quais com perfurações.

Adornos:

Elementos de colar – 175 contas de colar, quase todas em minerais de cor verde, importando salientar um exemplar subcilíndrico decorado por cinco caneluras horizontais e paralelas (Fig. 55); grande conta ovóide em mineral verde; grande conta bicônica em azeviche (Fig. 54); pendente triangular em mineral de cor verde (Fig. 119); dente canino de lobo, perfurado (Fig. 55); fragmento de defesa de javali; grande conta ovóide de marfim, com extremidades sublinhadas por moldura (Fig. 35).

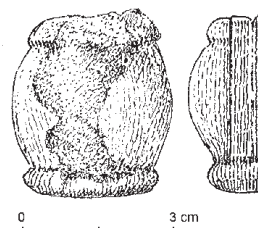


Fig. 35 - Conta de colar em marfim, de corpo ovóide e bordos sublinhados por canelura. Hipogeu 3. Seg. Leisner *et al.*, 1961.

Alfinetes – cabeça de alfinete decorada por caneluras; alfinete de cabeça postiça, lisa.

Botões – botão sub-rectangular, antropomórfico, em osso, com perfuração central; 3 botões circulares, em osso e otólitos, com perfuração em V (Fig. 112).

Artefactos de carácter mágico-religioso:

Calcário – 7 ídolos-cilindro; fragmento (Fig. 126) de placa arqueada (representação de lâmina de enxó?); objecto em forma de pequena foice (Fig. 72).

Xisto – 4 placas de xisto gravadas, com motivos geométricos, estando somente uma inteira (Fig. 56, nº 4).

Osso – ídolo de gola (Fig. 76).

Outros:

Cossoiro em cerâmica (Fig. 58); fragmento de punhal em osso e ponta de punção, também de osso; fragmento de osso fossilizado; fragmento de ocre; ossos humanos; restos faunísticos, alguns provavelmente recentes (defesas de javali; mandíbula de canídeo; dentes de cavalo e de ovicaprinos; restos de peixes, entre os quais dentes de tubarão fossilizados; conchas de *Tapes* sp. e de *Cardium* sp.); pequenos seixos rolados, com 1 a 1,5cm de diâmetro.

Discussão

O inventário do material arqueológico desta sepultura continua, à semelhança do das anteriores, a registar as grandes etapas da história da necrópole. Atenda-se à frequência relativamente elevada de artefactos atribuíveis ao Neolítico final. Este facto suportaria a hipótese de estarmos perante um hipogeu construído com alguma anterioridade em relação aos restantes. Porém, a grande quantidade de espólio arqueológico recuperada, sobretudo se comparada com a do monumento 2, pode, pelo menos em parte, ser explicada pelo facto da sepultura ter chegado “intacta” até ao momento das es-

cavações, como é assinalado no relatório de António Mendes, ao contrário do que sucedeu com o hipogeu 2. Com efeito, este autor afirma que o enchimento da sepultura, com 1,50m de espessura, não revelou indícios de remeximento, encontrando vasos, crânios e ossos humanos inteiros. Diferenciou, na câmara funerária,⁵ quatro camadas, duas com interesse arqueológico (de cima para baixo):

- Camada amarelada com 0,30m de espessura, que forneceu numeroso material arqueológico: machados de pedra polida, em diorito (10 exemplares); pontas de seta em sílex (27 exemplares) e em quartzo hialino (2 exemplares); lâminas de sílex (4 exemplares e 12 fragmentos); fragmentos de cristal de rocha (10 exemplares); dois punções de cobre; numerosas contas de colar (109 exemplares); placa de xisto; artefactos de osso e calcário; cerâmica variada, lisa e decorada, nomeadamente campaniforme; ossos humanos. Estes não se encontravam em conexão anatómica.

- Camada muito pouco espessa, assente sobre o piso da sepultura, que forneceu ossos humanos de pequenas dimensões; cinco pontas de seta em pedra lascada; cinco machados em pedra polida e algumas contas de colar.

De salientar o aparecimento de um cossoiro ou volante de fuso em cerâmica, objecto caracteristicamente doméstico. O seu registo em contexto funerário é raro e poderá ter uma conotação de género e/ou de especialização artesanal. Peça semelhante foi encontrada no povoado do Cabeço da Mina (Torrão), datável do Neolítico final (Tavares da Silva e Soares, 1976-77).

Finalmente, importa referir a data obtida para um instrumento de osso, considerado como cabeça de alfinete (Cardoso e Soares, 1995), proveniente deste hipogeu: OxA 5508 - 4050±60 BP. Esta data calibrada a 1 sigma situa-se entre 2840-2470 BC e calibrada a 2 sigma, entre 2870-2460 BC. Trata-se de uma datação da primeira metade do III milénio que, se por um lado comprova a utilização da sepultura durante o pleno Calcolítico, invalida a classificação tipológica proposta ou dilata consideravelmente a longevidade dos alfinetes de osso de cabeça postiça. Com efeito, podemos supor, em alternativa, que aquele artefacto tenha sido usado como cabo de punção. Conhecem-se peças semelhantes com essa função, por exemplo, nos povoados da Rotura e Pedrão.

5. A conclusão da escavação deste monumento (estrutura de acesso) só viria a ser realizada por A. I. Marques da Costa.

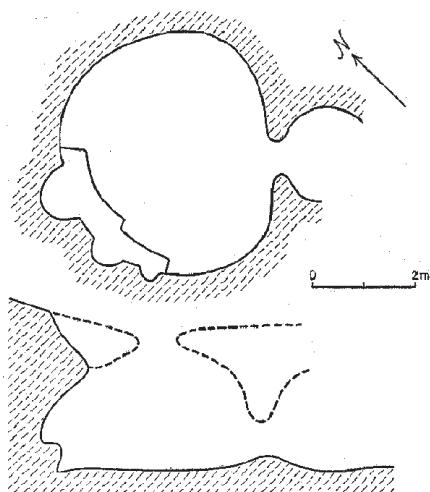


Fig. 36 - Planta e corte do hipogeu 4. Seg. Leisner *et al.* (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.

Hipogeu 4

Arquitectura

O hipogeu 4 é o pior conservado. Em resultado de antiga exploração de pedra que afectou também o hipogeu 3, a abóbada, grande parte das paredes da câmara e da antecâmara, bem como o corredor desapareceram. A sepultura conserva apenas 6m de comprimento; a sua câmara funerária possui 4,10m de diâmetro longitudinal e 4,70m de diâmetro transversal. Ao longo da parede ocidental da câmara existe uma área sobrelevada, com 0,50m de altura. A partir deste ressalto, que terá sido em parte afeiçoado como possível

altar, desenvolvem-se, na vertical, três depressões, alargadas na base, que podem ter correspondido a uma tentativa de alargamento da câmara, mal sucedida, ou à deliberada criação de um espaço diferenciado, segundo a lógica que presidiu à execução dos nichos dos monumentos 3, 4 e 7 de Alcalar. Independentemente da ideia subjacente à elaboração do nicho deste hipogeu, parece-nos defensável que a sua elaboração tenha ocorrido numa segunda fase construtiva, muito provavelmente em pleno Calcolítico, como sugere o espólio recolhido por A. Mendes na base da "furna menor". De um modo geral, as paredes desta sepultura revelam mau acabamento. São reconhecíveis as marcas dos instrumentos de escavação (gume transversal e ponta). A entrada da câmara teria 0,65m de largura e a parcela da antecâmara conservada possui 1,80m de largura máxima.

Orientação da entrada do monumento (eixo longitudinal), segundo Leisner *et al.* (1961): S 40° E. Orientação estimada em Outubro de 1996: aprox. SSE.

Espólio

Indústria lítica:

Pedra lascada – 5 núcleos em quartzo hialino e um fragmento atípico (resíduo) do mesmo material; lasca de sílex; 3 lâminas não retocadas; pontas de seta em sílex, de tipologia e número não

determinados (relatório de António Mendes).

Instrumentos em pedra polida – 5 machados de secção transversal circular; 3 machados de secção transversal rectangular; 2 machados aplanados; 11 enxós.

Cerâmica:

Recipientes não decorados – taça hemisférica de grande diâmetro.

Cerâmica com decoração canelada – vaso subcilíndrico, baixo, decorado por xadrez (Fig. 62).

Cerâmica campaniforme – taça em calote de esfera, decorada pela técnica do linear-pontilhado (Leisner publicou-a em 1965 como incisa, cf. tafel 109, 45), de lábio simples, não decorado (Fig. 87); taça de bordo espessado com decoração sobre o lábio, pontilhada (Fig. 89); taça do tipo da anterior, mas decorada pela técnica da incisão (Fig. 101).

Artefactos metálicos:

Pontas de Palmela em cobre, referidas sem indicação de número no relatório de António Mendes (cf. conjunto A).

Adornos:

Elementos de colar – contas de colar de pequenas e grandes dimensões (não identificadas nas colecções; relatório de António Mendes; cf. conjunto A); conta de colar bicónica, em azeviche.

Alfinetes – cabeça de alfinete canelada, em osso; alfinete com cabeça postiça lisa, em osso (Fig. 53).

Botões – 3 botões em osso, sub-rectangulares, antropomórficos, com perfuração em V; botão em marfim, de forma idêntica à dos anteriores, mas de menores dimensões (Fig. 112).

Artefactos mágico-religiosos:

Calcário – 2 ídolos-cilindro, lisos; ídolo-cilindro, com representação de tatuagem facial (?); pequena placa triangular com

dois furos de suspensão, decorada por sulcos transversais, paralelos entre si (Fig. 67).

Xisto – ídolos-placa gravados com motivos geométricos (objectos referidos no relatório de António Mendes, que não foi possível identificar, à excepção de um exemplar – cf. conjunto A).

Osso – 2 "vasos" cilíndricos de fundo postiço (?), com canelura sob o bordo (Fig. 77, nºs 1, 2 e 4 e Fig. 78); "vaso" cilíndrico, liso, de fundo postiço.

Outros:

2 pontas em osso, uma delas sobre tibia de *Ovis*; tubo de osso; fragmento de mó em grés; duas placas paralelepípedicas, em grés de grão fino, utilizadas provavelmente como afiadores (pedras de amolar?); ossos humanos; numerosos seixos rolados discóides, inexistentes nas imediações da gruta, com cerca de 1-1,5cm de diâmetro.

Discussão

O relatório de escavação de António Mendes fornece informação de grande interesse no que respeita ao ritual funerário. Aquele autor afirma que os ossos humanos não se encontravam em conexão anatómica e que faltavam sistematicamente os pequenos ossos, nomeadamente costelas e vértebras. Esta afirmação é compatível com a utilização deste espaço como receptáculo de depósitos funerários secundários, remobilizados a partir de sepulturas primárias deste hipogeu ou de outros monumentos. António Mendes regista também o aparecimento de abundantes carvões nas terras do enchimento do sepulcro e a existência de uma estrutura de tipo altar. No nicho lateral da câmara ("*furna menor*"), sobrelevado 0,50m relativamente ao piso desta, a camada arqueológica mostrava-se rica em cinzas cimentadas por carbonato de cálcio, e nelas António Mendes recolheu um crânio e outros restos osteológicos humanos, mal conservados, uma pequena taça de calcário, uma taça em cerâmica, uma lâmina de sílex fragmentada, um ideoartefacto em calcário e pequenos carvões. Este conjunto

parece configurar um depósito calcolítico pré-campaniforme.

O espólio arqueológico, à semelhança do verificado nos outros túmulos, atravessa todo o período durante o qual a necrópole se manteve em funcionamento. O hipogeu 4 distingue-se dos restantes pela maior complexidade do espaço funerário, conferida pela estrutura de tipo altar, onde, por hipótese, se terão praticado rituais de fogo. O nicho lateral que parece estar-lhe associado, terá recebido um depósito funerário calcolítico pré-campaniforme. As manifestações de segregação espacial em sepulcros colectivos encontram-se bem representadas na necrópole de Alcalar (Veiga, 1886) e parecem-nos ser, como já referimos, um bom indicador do processo de hierarquização social que, paulatinamente, estaria em curso. Já em 1976-77, havíamos chamado a atenção para essa problemática, a propósito da notícia dos primeiros povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve (Tavares da Silva e Soares, 1976-77, p. 266-267): “ *Se estes dados podem mostrar de uma forma indirecta a vincada diferenciação social que terá tido lugar no Sul de Portugal com o advento da prática da metalurgia, a necrópole correspondente ao povoado de Alcalar fornece pelo menos um testemunho directo do mesmo fenómeno. Assim, no monumento 3, não obstante se manter a prática de enterramento colectivo, é nítido o destaque dado ao indivíduo do sexo masculino sepultado no nicho lateral da câmara*”.

Artefactos provenientes da necrópole sem indicação de sepultura

Tanto no Museu do Instituto Geológico e Mineiro como no Museu Nacional de Arqueologia, existem conjuntos de materiais arqueológicos pertencentes à necrópole da Quinta do Anjo sem indicação das sepulturas de onde provieram. A constituição do primeiro conjunto (A), depositado no Museu do Instituto Geológico e Mineiro, fez-se a expensas das escavações de António Mendes e, embora possa conter materiais dos diversos hipogeus, o nº 4 poderá ter sido a sua principal fonte. No inventário dos artefactos inequivocamente pertencentes a este hipogeu faltam muitos dos achados referidos no relatório de António Mendes.

Para a constituição do segundo conjunto (B), depositado

no Museu Nacional de Arqueologia, contribuíram as escavações atribuídas por Leisner e colaboradores a Nery Delgado e Pereira da Costa, que teriam incidido sobretudo nos hipogeus 1 e 2.

Conjunto A

Este núcleo de materiais mostra, no que concerne à indústria lítica, uma boa representação de pontas de seta (71 exemplares, dos quais 22 são de base triangular-pedunculada, 47, de base rectilínea ou côncava, e 2 fragmentos de tipo indeterminado); neste grupo estão incluídas as “pequenas pontas de sílex” recolhidas na sepultura 4 por António Mendes, que Vera Leisner e colaboradores não conseguiram isolar na colecção dos Serviços Geológicos. Ainda no que respeita à utensilagem lítica, importa salientar a presença de uma lâmina oval com retoque cobridor e fragmento de uma outra ou de um provável punhal, duas peças (Fig. 64) características do Neolítico final/Calcolítico da Estremadura, sendo a primeira frequente nos espaços domésticos. De referir a ausência de instrumentos em pedra polida.

Do mesmo conjunto fazem parte numerosas contas de colar que podem ter sido, em grande parte, oriundas do hipogeu 4, pois o relatório de escavação de António Mendes refere expressamente pequenas e grandes contas de colar, que não foram incluídas no inventário organizado por Leisner e colaboradores. O mesmo sucedeu com as “lanças de cobre” da sepultura 4 recolhidas por António Mendes, que terão ido engrossar o volume de materiais sem indicação de sepultura, depositados no Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Igualmente bem representada, encontra-se a cerâmica campaniforme. Leisner e colaboradores formulam a hipótese de terem vindo parar a este lote de materiais, objectos do hipogeu 2, nomeadamente os vasos campaniformes referidos na publicação de Belchior da Cruz. Com efeito, o inventário do espólio do hipogeu 2 mostra uma relativa pobreza em cerâmica campaniforme, face às restantes sepulturas da necrópole. De salientar ainda a presença

de um ídolo fálico, em calcário (Fig. 73), que se integra bem na ideologia do final do Neolítico, quando as representações do princípio masculino capturadas pelo registo arqueológico adquirem grande visibilidade e naturalismo, por oposição às do género feminino, que parecem assumir um papel bem mais discreto (Soares, 1986, p. 47).

Espólio

Indústria lítica:

Pedra lascada – 6 lamelas não retocadas, em sílex; 4 lamelas de quartzo hialino; 7 lâminas não retocadas, em sílex; 9 lâminas retocadas, em sílex; lâmina oval com retoque cobridor, bifacial –“foicinha”– de sílex (Fig. 64); fragmento de possível “foicinha” de sílex, classificada por V. Leisner como alabarda (Fig. 64); 69 pontas e seta em sílex, 22 das quais possuem a base triangular, convexa ou pedunculada e 48 são de base rectilínea ou côncava; fragmento de ponta de seta de tipo indeterminado.

Cerâmica:

Recipientes não decorados – Vaso esférico de bordo reenfrante; fragmento de parede de um possível vaso esférico; 2 pequenos esféricos com ligeira depressão perimetral imediatamente abaixo do bordo (Fig. 51, nºs 2 e 4); 3 grandes taças em calote de esfera; 4 pequenas taças hemisféricas; pequena taça de carena média/alta; grande taça de carena alta; pequeno prato de bordo simples; grande prato de bordo espessado internamente (Fig. 65). Total: 15 recipientes.

Cerâmica com aplicações mamilares – taça hemisférica com mamilos imediatamente sob o bordo (Fig. 51, nº 1); pequeno esférico com dois mamilos alongados e perfurados, destinados à suspensão do vaso.

Cerâmica com decoração canelada – taça hemisférica decorada por tênues caneluras, paralelas ao bordo.

Cerâmica com decoração simbólica – pequeno vaso cilíndrico, baixo, de paredes finas, decorado (técnica da incisão) em toda a altura da parede por dois conjuntos de linhas quebradas, paralelas entre si, semelhantes à figuração das “tatuagens” dos ídolos-cilindro (Fig. 61).

Cerâmica campaniforme – vaso campaniforme de perfil em S e decoração afim do estilo internacional, executada pela técnica do linear-pontilhado (Fig. 83); 3 taças de bordo simples com decoração pontilhada e linear-pontilhada (Figs. 85 e 86); caçoila com

decoração incisa muito fina (Fig. 96); 2 taças de bordo simples com decoração incisa (Fig. 97); 2 grandes taças de lábio decorado, segundo a técnica da incisão (Fig. 111), a que se associa a técnica da impressão em um dos exemplares (Figs. 105-107). Total: 9 recipientes.

Artefactos metálicos:

5 pontas tipo Palmela (Fig. 115); cinzel e fragmento de um outro; 1 punção.

Adornos:

Elementos de colar – 250 contas, das quais 205 são em minerais de cor verde, 29 de xisto, 6 de calcário, 5 de azeviche, 3 de anfíbolito, 1 de esteatite, 1 de quartzo amarelo; 2 pendentes em minerais de cor verde e 1 de azeviche.

Artefactos mágico-religiosos:

Calcário – “ídolo fálico” (Fig. 73).

Conjunto B

Tendo presente que este conjunto de materiais terá pertencido sobretudo às sepulturas 1 e 2, a sua análise deixa compreender a limitada representação do espólio do Neolítico final publicado no inventário daqueles hipogeus. Com efeito, os instrumentos em pedra polida são muito numerosos (37 exemplares) nesta colecção. Na indústria em pedra lascada destacam-se os geométricos trapezoidais em sílex e, no que respeita aos artefactos mágico-religiosos, regista-se a exclusividade da placa de xisto gravada (8 exemplares e um fragmento reutilizado como pendente). De sublinhar também o aparecimento de cerâmica penteada (Fig. 51, nºs 6 e 7), de filiação claramente neolítica, cuja sobrevivência atinge a base de algumas fortificações calcolíticas, como a do Zambujal.

A última fase de utilização da necrópole encontra-se bem representada nesta colecção por cerâmica campaniforme e braçal de arqueiro.

Já na segunda metade dos anos setenta, a colecção da necrópole da Quinta do Anjo depositada no Museu Nacional de Arqueo-

logia, sem indicação de sepultura, foi enriquecida com a descoberta de um conjunto de artefactos publicados por M. A. Horta Pereira e T. Bubner (1974-77).

Espólio

Indústria lítica:

Pedra lascada – 8 lâminas de sílex não retocadas; 10 geométricos de sílex (9 trapézios e 1 triângulo); 2 pontas de seta de base côncava.

Instrumentos em pedra polida – 9 machados de secção transversal circular ou oval; 5 machados de secção transversal rectangular e 4 fragmentos; 3 machados de tipologia não identificada; 14 enxós; goiva; percutor esferoidal (?) em quartzo.

Cerâmica:

Recipientes não decorados – 3 vasos esféricos; 11 taças em calote de esfera, uma delas com um orifício cónico imediatamente abaixo do bordo; pequeno vaso bicónico; fragmento de grande vaso bicónico. Total: 16 recipientes.

Cerâmica com decoração incisa – fragmento de recipiente de forma indeterminada, possível esférico, com decoração penteada (duas bandas horizontais de linhas onduladas) e plástica (mamilo) (Fig. 51, nºs 6 e 7).

Cerâmica com decoração canelada – copo subcilíndrico, canelado (Fig. 59), cuja decoração se concentra em duas bandas de caneluras paralelas, separadas por faixa lisa, localizando-se uma imediatamente abaixo do bordo (cinco caneluras) e a outra junto da base (seis caneluras); taça alta decorada por banda de três caneluras horizontais, seguida de faixa com duas caneluras em zig-zag, limitada na parte inferior por canelura horizontal (Fig. 63).

Cerâmica campaniforme – 3 taças de bordo simples, uma com decoração pontilhada e duas com decoração incisa (Fig. 98); 4 grandes taças de lábio decorado segundo as técnicas do pontilhado e linear-pontilhado, apresentando uma delas decoração geométrica associada a faixa de cinco cervídeos: dois veados, duas corças e

Medir o tempo, palmilhar o espaço

A que unidade natural pertence a Arrábida? [...] a Arrábida é estremenha pela morfologia do solo e pelos aspectos da ocupação humana; pelo clima e pela vegetação [...], nesga mediterrânea entre terras e águas atlânticas.

(Orlando Ribeiro, 1986, *A Arrábida*, p. 83)

We need to think, therefore, about differentiations, interactions, and relations across and within scales.

(David Harvey, 2000, *Spaces of Hope*, p. 79)



Copy Right by EURIMAGE@GEOMETRAL, S.A.

Fig. 38 - Localização da necrópole da Quinta do Anjo (círculo vermelho) e da área de intervenção do projecto ARA sobre imagem da Península de Setúbal obtida a partir de satélite.

Há cerca de 5500-5000 anos, nos finais do Neolítico, as populações que habitaram a Península de Setúbal construíram monumentos funerários colectivos, escavados em afloramentos calcários, seguindo de perto a estrutura básica das sepulturas megalíticas coevas: câmara funerária circular ou subcircular e corredor mais ou menos longo, podendo apresentar-se internamente diferenciado. O morto, depositado em posição fetal no grande ventre subterrâneo, era espacialmente segregado, por um estreito corredor, do mundo dos vivos. Cumpria-se o rito da renovação da vida, devolvendo os restos mortais dos antepassados ao espaço de gestação primordial, acompanhados do equipamento cultural necessário à transmutação, à passagem. Podemos, enfim, supor que as comunidades que depositaram os mortos em grutas artificiais representaram o “seu” drama relativamente ao conteúdo de um mito que deverá ter sido muito semelhante ao dos construtores de sepulturas megalíticas.

Na Península de Setúbal, não foi até agora identificada qualquer sepultura megalítica; somente a notícia da existência do topónimo Antas, entre Azeitão e Sesimbra (Rasteiro, 1897), deixa em aberto algumas expectativas.

Grutas naturais, como a Lapa do Fumo e a Lapa do Bugio (Sesimbra), foram utilizadas no Neolítico final com funções funerárias: ossário, na Lapa do Fumo (Fig. 39B, nº 5); ossário e necrópole de tumulações primárias, na Lapa do Bugio (Fig. 39B, nº 4).

As necrópoles de hipogeus constituem as realizações arquitectónicas mais impressionantes do Neolítico final da região (Fig. 39B, nºs 1 a 3). Identificaram-se nos concelhos de Almada (Seminário de S. Paulo) e de Palmela (Convento dos Capuchos, na vertente este da Serra dos Gaiteiros, e Quinta do Anjo).

A necrópole de S. Paulo, em Almada (Barros, 1998), constituída por dois hipogeus, tendo um deles aproveitado uma cavidade natural e obedecendo o segundo ao padrão arquitectónico típico das penínsulas de Setúbal e Lisboa, manteve-se em utilização desde o Neolítico final até à Idade do Bronze.

As duas sepulturas escavadas na rocha na proximidade do Convento dos Capuchos (Palmela) encontravam-se muito destruídas e esvaziadas por reutilizações modernas; quando em 1951 foram objecto de escavações, recuperou-se apenas uma lamela de sílex e um bordo de taça tipo Palmela com o lábio decorado pela técnica da incisão (Ferreira, 1966, p. 83).

A necrópole da Quinta do Anjo é a melhor conservada e a que forneceu maior volume de materiais e informação publicados, até ao presente.

Este tipo de arquitectura funerária distribui-se, no actual território português, pelas penínsulas de Lisboa e Setúbal e pelo Algarve litoral (Fig. 39A), ou seja, pelas orlas meso-cenozóicas ocidental e meridional. Não fora a coexistência entre sepulturas megalíticas e grutas artificiais na Península de Lisboa e Algarve e seríamos tentados por explicações do âmbito do determinismo geográfico. Os factores explicativos para as diferentes opções arquitectónicas e o seu enquadramento no mosaico sociocultural do Neolítico final regional são questões que permanecem em aberto.

Os hipogeus da Quinta do Anjo encontram os seus melhores paralelos nas necrópoles de Alapraia (Paço, 1955) e de Carenque (Heleno, 1933). Estes três sítios permitiram a definição de um modelo arquitectónico próprio das penínsulas de Lisboa e Setúbal (Fig. 40), definido por câmara de planta circular, com clarabóia, no topo da abóbada, fechada por laje, estrutura de acesso (ante-

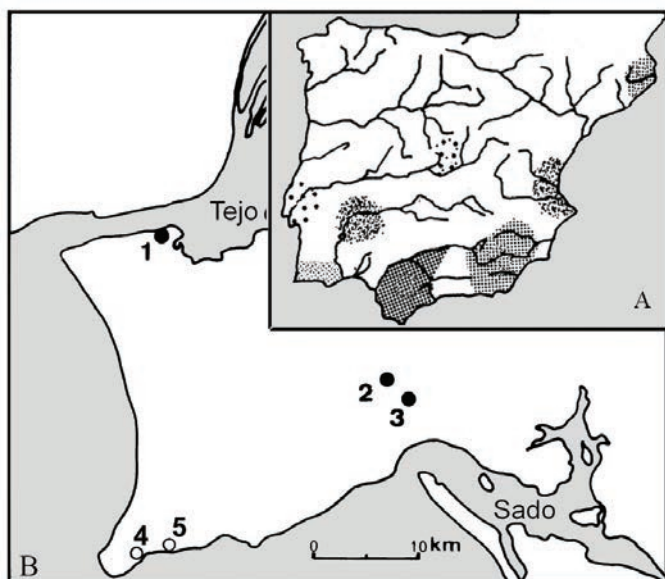


Fig. 39 - (A) - Localização dos principais núcleos regionais de hipogeus pré-históricos da Península Ibérica. Adaptado de Bueno *et al.* (2000). (B) - Localização dos hipogeus pré-históricos da Península de Setúbal (●) e de necrópoles coevas em grutas naturais (○): 1 - S. Paulo (Almada); 2 - Quinta do Anjo (Palmela); 3 - Capuchos (Palmela); 4 - Lapa do Bugio; 5 - Lapa do Fumo.

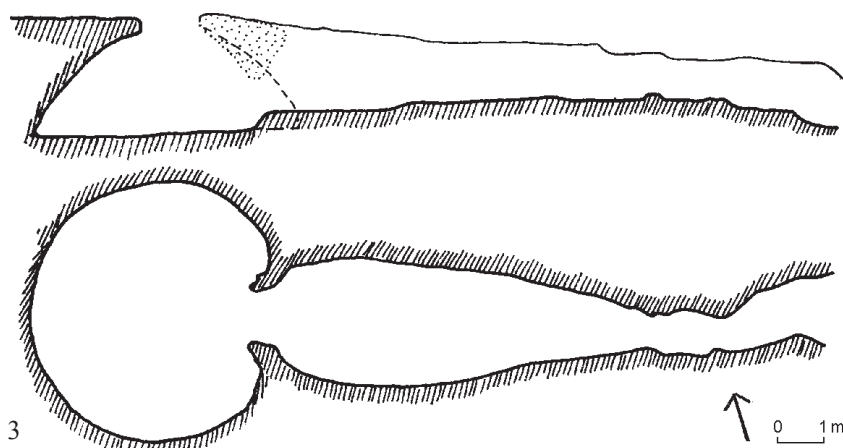
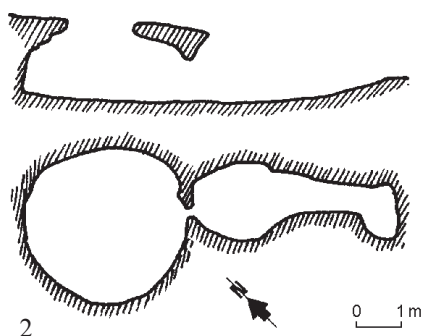
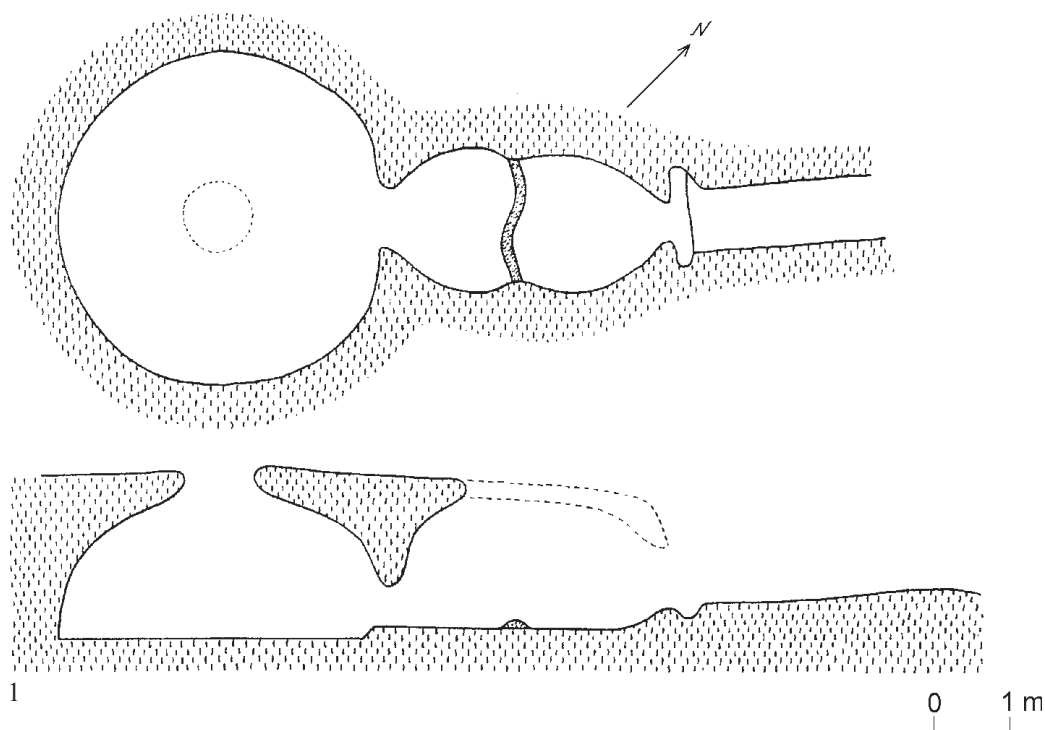


Fig. 40 - Nas penínsulas de Setúbal e Lisboa surgiu, na segunda metade do IV milénio cal BC, um tipo de hipogeu caracterizado por estrutura de acesso alongada, estreita e baixa, horizontal ou ligeiramente inclinada e câmara funerária de planta aproximadamente circular, em cuja abóbada se abre uma clarabóia, em posição central. 1 - Hipogeu 2 da necrópole da Qta. do Anjo, com o comprimento total de *ca.* 11,50m. Adaptado de Leisner *et al.*, 1961. 2 - Hipogeu 2 da necrópole de Carenque, com *ca.* 9,50m de comprimento total. Seg. Guilaine, 1994. 3 - Hipogeu 1 de Alapraia, com 19m de comprimento total. Seg. Guilaine, 1994.

câmara e corredor) estreita e mais baixa que a câmara. Em outros casos, como S. Pedro do Estoril, Ermegeira, Cabeço da Arruda 1, Quinta das Lapas, Pernes, o estado de conservação dos monumentos não permitiu a recuperação da totalidade de plantas e perfis, impedindo a devida apreciação de eventuais variantes ao modelo referido. Nas sepulturas da Quinta das Lapas, em Torres Vedras (Gonçalves, 1992b), embora possamos atribuir a ausência de corredores a destruições, constata-se claramente que as câmaras, pouco regulares, não possuíam clarabóia.

O polimorfismo das sepulturas escavadas na rocha durante os IV/III milénios BC no sul da Península Ibérica é um dado adquirido: desde a simples cavidade com acesso vertical, em poço, até às sepulturas mais elaboradas de tipo Palmela. Fenómeno semelhante observa-se à escala do Mediterrâneo. Em Malta, por exemplo, encontra-se a mais complexa e monumental sepultura mediterrânea escavada na rocha, o hipogeu de Hal Saflieni, que terá funcionado entre 3700 e 3000 BC (Trump, 1997, p. 67). Esta sepultura, escavada em três pisos sucessivos, com cerca de 500m², possui uma profundidade superior a 10m e graus de execução técnica e estética de excepcional qualidade. Terá acolhido funções funerárias e religiosas (Guilaine, 1994, p. 201); parece corresponder ao culminar das práticas funerárias desenvolvidas em sepulturas escavadas na rocha, iniciadas nesse arquipélago por volta de 4000 BC. Essas primeiras sepulturas, do período Zebbug, são cavidades simples que sofrem uma progressiva complexificação, como na necrópole de Xemxija iniciada em torno de 3600 BC, onde surgem, na fase de apogeu, sepulturas de câmara polilobada com acesso vertical, em poço. Se em Malta é possível observar uma evolução do simples para o complexo, em Portugal, quer os mais simples hipogeus quer o modelo mais elaborado, de tipo Palmela, ou ainda a necrópole de Aljezur (Veiga, 1886, vol. I, est. A) apresentam genericamente a mesma cronologia, do Neolítico final (segunda metade do IV, inícios do III milénio cal BC); diferentes tipos de hipogeus podem coexistir na mesma necrópole (cf. como exemplo, S. Paulo, em Almada.).

Poderíamos afirmar que os hipogeus da Quinta do Anjo fazem parte de uma “grande família” de sepulturas escavadas na rocha durante os IV/III milénios BC em todo o Mediterrâneo, desde o SW da Península Ibérica até à Palestina. Porém, também no exterior desta vasta região encontramos sepulturas pré-históricas escavadas na rocha, como por exemplo em Marne, na Bacia de Paris, o que

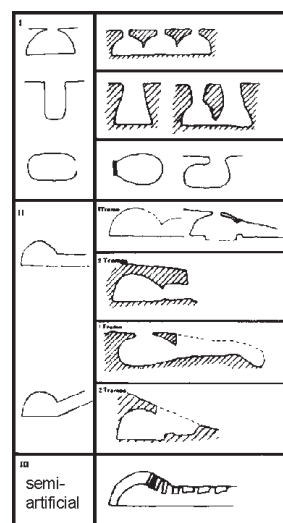


Fig. 41 - Tipologia dos hipogeus pré-históricos da Península Ibérica. Adaptado de Rivero Galan, 1988, p. 29.

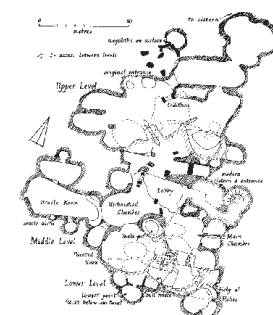


Fig. 42 - Planta do mais complexo hipogeu mediterrâneo (Hal Saflieni, Malta). Seg. Trump, 1997, p. 61.

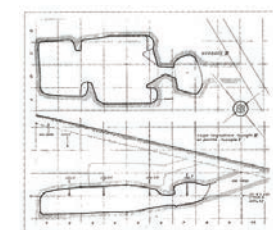


Fig. 43 - Planta e corte do hipogeu II de Mournouards, em Mesnil-sur-Oger, Marne. Seg. Leroi-Gourhan *et al.*, 1962.

aponta para um fenómeno de convergência cultural.

Todos os hipogeus da necrópole da Quinta do Anjo, de acordo com a tipologia do mobiliário funerário, se mantiveram em utilização, sem aparentes soluções de continuidade, durante mais de um milénio, desde o Neolítico final até ao fim do Calcolítico/Bronze antigo (Grupo Inciso do Horizonte Campaniforme).

A longa diacronia deste espaço funerário pode ser lida como o resultado de uma prolongada “sedimentação” étnica, ao abrigo de factores perturbadores, nomeadamente de carácter démico. A manutenção da operacionalidade do “lugar dos antepassados” por tão longo período pode reflectir a estabilidade territorial do(s) grupo(s) construtor(es).

A arquitectura, pelo seu carácter estático, assumir-se-ia como o contexto material propiciador da dimensão *continuidade*. Ela integraria os mecanismos de reprodução alargada da respectiva formação económico-social. A mudança, o conflito, a dimensão temporal desafiadores da fixidez do monumento estariam representados pelas diversas gerações de artefactos e ecofactos que coabitaram no mesmo cenário até à ruptura ocorrida no final do Calcolítico/Bronze antigo.

O carácter permanente da arquitectura, que acabámos de enfatizar, pode no entanto ser contestado. O dado adquirido de “estar” em uma paisagem física não torna a experimentação desse objecto ou o seu significado necessariamente fixos. A leitura da arquitectura seria, nesta última perspectiva, bastante mais aberta e dinâmica que a anteriormente proposta. Restar-nos-ia, ainda assim, como elemento de continuidade, o genérico carácter de “chão sagrado”, indelevelmente impresso na memória do lugar.

O tempo da fundação

A prolongada utilização dos hipogeus da Quinta do Anjo é comum a muitos espaços funerários pré-históricos. No que concerne aos sepulcros escavados na rocha existe um diversificado leque de situações. A sepultura do Cabeço da Arruda 1 (Leisner, 1965), a sepultura nº 2 da necrópole de S. Pedro do Estoril (Leisner *et al.*, 1964), a sepultura do Monte do Castelo – Leceia (Cardoso e Soares, 1995), o hipogeu nº 1 da necrópole de S. Paulo, em Almada (Barros, 1998) parecem ter sido utilizados somente na fase de fundação, correspondente ao Neolítico final, datada radio-

metricamente nos hipogeus estremenhos de Cabeço da Arruda 1 (Silva, 1999) e Monte do Castelo de 4370 ± 70 BP e 4630 ± 45 BP, respectivamente (Cardoso e Soares, 1995), e no hipogeu algarvio de Monte Canelas de 4460 ± 110 BP e 4420 ± 60 BP (Silva, 1997). Em anos de calendário, estaríamos na segunda metade do IV milénio antes de Cristo.

O monumento de Folha das Barradas (Sintra), parcialmente escavado na rocha, com uma utilização restrita, limitada à câmara funerária e estimada em cerca de doze inumações (Ribeiro, 1878-1880 e Leisner, 1965), foi abandonado durante o Calcolítico pré-campaniforme.

Os hipogeus da Quinta das Lapas (Monte Redondo – Torres Vedras) ter-se-ão mantido operacionais, desde a transição Neolítico/Calcolítico até à plena Idade do Bronze (Gonçalves, 1992b).

A maioria das necrópoles de hipogeus pré-históricas portuguesas terá funcionado, com ou sem soluções de continuidade, desde o Neolítico final até à última fase do Calcolítico/Bronze antigo (Grupo Inciso do Horizonte Campaniforme).

O monumento da Praia das Mações merece aqui um destaque particular. A sua primeira fase construtiva encontra-se representada por uma câmara (ocidental) escavada na rocha, que foi utilizada durante o Neolítico final. Nos alvares do Calcolítico, esgotada, provavelmente, a capacidade da sepultura, esta foi ampliada de acordo com os novos padrões de arquitectura funerária – construção em falsa cúpula de tipo *tholos*. Para os autores que têm procurado surpreender o confronto entre “indígenas” neolíticos e “colonos” calcolíticos, construtores de fortificações e *tholoi*, o monumento da Praia das Mações, onde a mudança se encontra bem patente na ruptura estilística entre as duas fases construtivas principais, parece, apesar desse facto, não constituir ainda o palco de resolução daquela busca. Atenda-se ao cuidado colocado na preparação de um corpo intermédio entre a câmara ocidental e o *tholos*, assegurando a integração da primitiva sepultura na nova construção. Renovando embora o cenário, os actores revelam nítida identificação não só com a funcionalidade do espaço, mas também com aquela particular sepultura ancestral. Do monumento da Praia das Mações interessa-nos reter a excelente estratigrafia horizontal⁶ cujos conjuntos artefactuais constituem referência obrigatória para

6. Atenda-se também à estratigrafia horizontal proporcionada pela necrópole de Cabeço da Arruda (hipogeu e *tholos*).

a diferenciação das fases de utilização da necrópole da Quinta do Anjo. Esta foi objecto de publicação monográfica em 1961 (Leisner, *et al.*), como referimos anteriormente, em uma conjuntura de importantes lacunas na periodização disponível para a Pré-história recente portuguesa e de “deslumbramento” pelos materiais campaniformes. A grande visibilidade que estes últimos detinham arrastava, para a chamada “Cultura do Vaso Campaniforme”, artefactos de cronologias vizinhas. Na publicação então dedicada aos hipogeus da Quinta do Anjo (1961), percebe-se que, embora domine a perspectiva tradicional, esta está em discussão. No início do trabalho, a páginas 7, lê-se que as grutas artificiais “[...] *caractérisent, avec d’autres stations et monuments, la culture du vase campaniforme de la basse vallée du Tage*”. Embora o termo *caractérisent* não se confunda com *correspondem* ou *pertencem*, a afirmação precedente enquadra-se nas teses tradicionalistas. Porém, a páginas 56, os autores reconhecem claramente a existência de elementos culturais mais antigos que remontariam ao “Neolítico local”. A atribuição da construção dos hipogeus a população neolítica não é, no entanto, assumida: “*Cependant, nous n’avons pas la possibilité de vérifier si le peuple porteur de ces éléments culturels aurait participé dans la construction des grottes elles-mêmes [...]*”⁷.

O registo empírico acumulado deixaria, nos finais dos anos 60, inícios da década de 70, de ser inteligível no quadro cronotipológico tradicional. Para a sua obsolescência contribuíram decisivamente: a identificação no Castro de Vila Nova de S. Pedro de um estrato pré-campaniforme, a Vila Nova I de Afonso do Paço (Paço, 1964b); a escavação e estudo do monumento da Praia das Maçãs (Leisner *et al.*, 1969) que veio revelar a existência de uma fase de construção/utilização (câmara ocidental) claramente anterior ao aparecimento de cerâmica campaniforme; a estratigrafia da Rotura (Tavares da Silva, 1968-70; Ferreira e Tavares da Silva, 1970); a publicação da data radiocarbónica de 5040 ± 160 BP (KN - 361) (Serrão e Marques, 1971), obtida para a “camada vermelha” da Lapa do Fumo (Sesimbra).

Os contextos funerários citados ofereciam tipos e associações

7. A. Mendes obteve no hipogeu 3 uma sequência estratigráfica (p. 59 deste volume), cujas consequências Leisner *et al.* (1961) não puderam retirar face ao paradigma dominante. A. Mendes isolou uma camada na base da câmara funerária do hipogeu 3 que não forneceu cerâmica nem peças votivas em calcário, mas tão somente artefactos em pedra lascada, pedra polida e algumas contas de colar.

artefactuais do Neolítico final, igualmente presentes nos inventários da generalidade das necrópoles de hipogeus das penínsulas de Lisboa e Setúbal. Ainda nos anos 70, uma outra datação, por termo-luminescência (3930 ± 340 BC, OxTL-169h) (Whittle *et al.*, 1975, p. 8), obtida a partir de cerâmica do hipogeu 2 de Carenque, hoje com interesse meramente histórico face ao seu elevado desvio-padrão, veio apoiar os que defendiam uma cronologia neolítica para a fase de fundação destes túmulos escavados na rocha (Tavares da Silva, 1977). Sublinhe-se que a sepultura de Carenque, com câmara subcircular (4m de diâmetro e 2m de altura), dotada de clarabóia e com corredor longo (5,50m), forneceu, como a generalidade das sepulturas deste tipo, espólio característico do Neolítico final, nomeadamente trapézios e placas de xisto gravadas⁸.

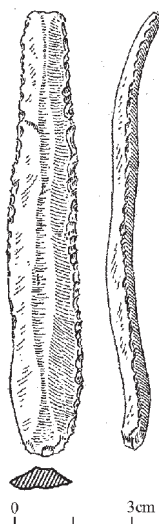


Fig. 44 - Lâminas de sílex muito provavelmente do Neolítico final (da esquerda para a direita): lâmina não retocada, hipogeu 4; lâmina retocada com 114mm de comprimento, representada, também, através de desenho, hipogeu 1; lâmina não retocada, hipogeu 4. Foto de Eduardo Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

8. As placas de xisto gravadas, embora possam surgir em contextos calcolíticos, parecem ter a sua origem no Neolítico final. Atenda-se à datação obtida para um enterramento na Cova das Lapas, em Alcobaca (ICEN-463), de 4550 ± 60 BP, no qual o inumado possuía sobre o peito uma placa com decoração geométrica (Gonçalves, 1989a) e ao aparecimento de placas de xisto gravadas na primeira fase de utilização do hipogeu de Monte Canelas (Parreira e Serpa, 1995). No Alto Alentejo (Montemor e Reguengos de Monsaraz), as placas de xisto gravadas são abundantes em contextos funerários do Calcolítico (atenda-se, por exemplo, ao *tholos* de Santiago do Escoural), facto que levou Victor Gonçalves (2001) a propor para as mesmas uma cronologia centrada nesse período. Na Estremadura, as placas de xisto gravadas são rapidamente substituídas, a partir do Calcolítico inicial, por artefactos ideotécnicos em calcário.

Na segunda metade dos anos 80 e durante os anos 90, a medição do “tempo” sofreu considerável impulso. No entanto, muitas questões de cronologia fina continuam a colocar-se com premência. De um modo geral, é hoje relativamente consensual a atribuição da construção e primeira fase de utilização dos hipogeus pré-históricos do Centro e Sul de Portugal ao Neolítico final, ou seja, à segunda metade do IV milénio cal BC. Atenda-se ao Quadro V, onde se apresenta uma selecção das datas mais antigas para aqueles espaços funerários (Soares, 1995, Soares e Cabral, 1993) e ao Quadro VI, onde se reúnem datas radiométricas obtidas para contextos arqueológicos coevos, da Estremadura, quer de carácter funerário, quer de feição doméstica (Leceia, Olelas e Ponta da Passadeira). A partir dessa informação, verificamos que o Neolítico final, no Sul e Centro do País⁹, é um período de curta

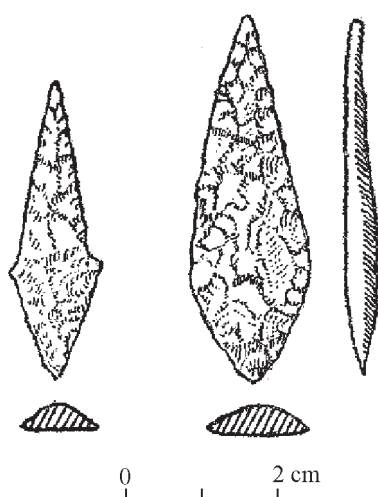


Fig. 45 - Espólio atribuível ao Neolítico final: pontas de seta em sílex e quartzo, de base triangular/pedunculada. A maior parte dos exemplares deste tipo de ponta de seta não possui indicação da sepultura onde foi encontrada. Os exemplares desenhados provieram do hipogeu 3 e possuem 39 e 49 mm de comprimento. Foto de E. Gameiro, desenhos de Leisner et al., 1961.

9. Considere-se, também, a datação obtida para a ocupação do Neolítico final da Gruta dos Alqueves (Coimbra) de 4490 ± 50 BP (3480-2975 cal BC). Cf. Vilaça e Ribeiro, 1987.

duração: cerca de 200 anos 14C, entre 4600 e *ca* 4400 BP; em anos de calendário, e para um intervalo de confiança de 2 sigma, localiza-se na segunda metade do IV milénio BC. Neste intervalo de tempo, ter-se-ão, pois, escavado os quatro hipogeus que constituem a necrópole da Quinta do Anjo.

Quadro V. Datas radiométricas obtidas para a fase de fundação (Neolítico final) dos hipogeus do Centro-Sul de Portugal.

Sítios	Amostras ref.	Material	Datas BP	Datas cal BC 1 σ	Datas cal BC 2 σ
Hipogeu do Cabeço da Arruda I	Beta - 123363	mandíbula humana	4370 $\pm$ 70	3070-2900	3310-2880
Câmara Ocidental da Praia das Maças	Ox A 5509	alfinete de cabeça postiça-osso	4410 $\pm$ 75	3260-2920	3340-2880
	Ox A 5510	alfinete de cabeça postiça-osso	4395 $\pm$ 60	3090-2920	3310-2890
Hipogeu do Monte do Castelo-Leceia	ICEN 738	ossos humanos	4630 $\pm$ 45	3497-3351	3509-3147
Hipogeu do Monte Canelas (Alcalar)	ICEN 1149	carvão	4460 $\pm$ 110	3350-2920	3500-2880
	Ox A 5515	ossos humanos	4420 $\pm$ 60	3260-2920	3340-2900

Quadro VI. Selecção de datas radiocarbónicas obtidas para sítios do Neolítico final da Estremadura.

Sítios	Amostras ref.	Material	Datas BP	Datas cal. BC 1 σ	Datas cal. BC 2 σ
Lapa do Fumo (Sesimbra)	ICEN 240	ossos	4420 $\pm$ 45	3251-2924	3305-2915
Lapa do Bugio	Ox A 5507	alfinete de cabeça postiça-osso	4420 $\pm$ 110	3330-2910	3370-2780
Cova das Lapas	ICEN 463	ossos	4550 $\pm$ 60	3360-3100	3500-3040
Gruta da Feteira C.3 (Lourinhã)	TO-353	ossos	4570 $\pm$ 70	3373-3109	3510-3042
Olelas (Torre 3,C.4)	ICEN 878	ossos	4730 $\pm$ 60	3630-3380	3650-3360
Leceia C.4	ICEN 1160	ossos	4630 $\pm$ 60	3500-3350	3620-3110
	ICEN 312	carvão	4530 $\pm$ 100	3370-3040	3610-2910
	ICEN 316	carvão	4520 $\pm$ 70	3350-3050	3490-2920
Ponta da Passadeira (Barreiro)	Beta 160055	carvão	4450 $\pm$ 50	3320-3020	3350-2920
	Beta 126095	conchas	4370 $\pm$ 80*	3092-2897	3333-2784

* - Data corrigida para o efeito de reservatório oceânico.

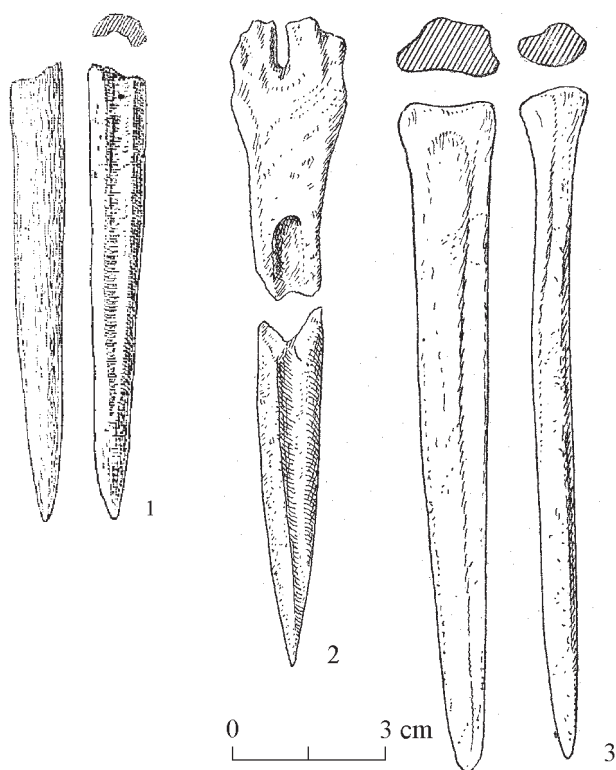


Fig. 46 - Pontas de osso provavelmente do Neolítico final. Os exemplares n°s 1 e 2 provieram do hipogeu 4 e o n° 3, do hipogeu 1. Foto de E. Gameiro (esc. 1/1). Desenhos de Leisner *et al.*, 1961.



Fig. 47 - Instrumentos em osso, fragmentados. O exemplar da direita proveio do hipogeu 1 e possui *ca.* 74 mm de comprimento. O exemplar da esquerda foi encontrado no hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.

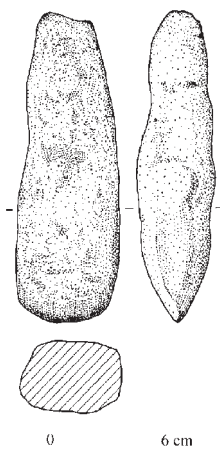


Fig. 48 - Machado em pedra polida. Hipogeu 4. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

Fig. 49 - Enxó em pedra polida sem indicação de sepultura de origem (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

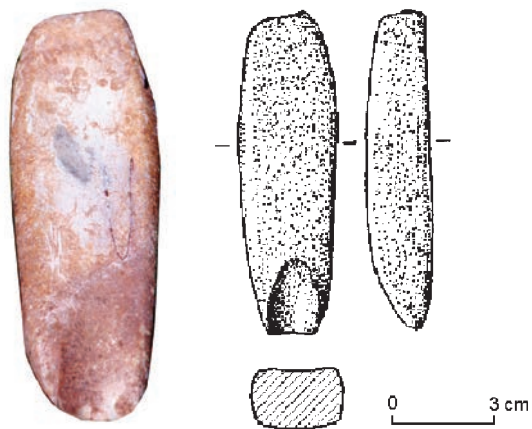
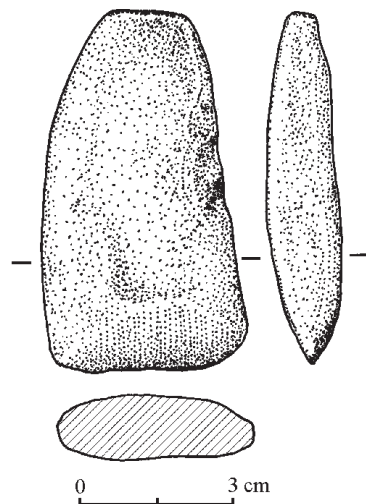


Fig. 50 - Goiva em pedra polida. Hipogeu 2. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

Quadro VII - Distribuição da totalidade dos geométricos e pontas de seta (tipos do Neolítico final e do Calcolítico) pelos diferentes hipogeus da necrópole. As três primeiras colunas correspondem aos hipogeus 1 a 3. Nenhum exemplar destes grupos tipológicos pode ser atribuído à sepultura 4; no entanto sabemos, através do relatório de António Mendes, que esta sepultura continha pontas de seta, de tipologia e número indeterminados. A coluna IV respeita aos geométricos e às pontas de seta exumados na necrópole sem indicação de sepultura. Na revisão dos materiais realizada por V. Leisner em 1965, a distribuição do grupo tipológico dos geométricos sofreu apreciável alteração relativamente ao quadro de 1961. Foi igualmente identificada a presença do grupo dos geométricos no hipogeu 1. Adaptado de Leisner *et al.*, 1961, Pl.C, com as alterações introduzidas por V. Leisner, em 1965. Esc. ca 1/3.

0 4 cm					
	I	II	III	IV	Σ
1			1	1	2
2		2	2		4
3		1	11	1	13
4			17	4	21
5		1	2	1	4
6			1		1
7			8		8
8			4	3	7
Total	3	1	46	10	60
	I	II	III	IV	Σ
9		3	1	4	8
10			2		2
11			2	3	5
12				2	2
13			1	10	11
14				1	1
15			1	2	3
Total	3		7	22	32

0 4 cm					
	I	II	III	IV	Σ
16			2	4	6
17			5	10	15
18		2	2	8	12
19			1	7	8
20		1	1	5	7
21			1	5	6
22				2	2
Total	3		12	41	56
	I	II	III	IV	Σ
23		1	3	2	6
24			4		4
25			1	4	5
26				1	1
27				2	2
28			2		2
Total	1		10	9	20

Quadro VIII - Distribuição dos instrumentos em pedra polida pelos hipogeus da necrópole da Quinta do Anjo. Embora estes artefactos não sejam exclusivos do Neolítico final, o seu maior desenvolvimento teria ocorrido na fase de fundação do cemitério. A coluna V respeita aos achados sem indicação de sepultura (conjunto B). Os fragmentos de instrumentos não foram considerados. Acrescentámos ao quadro inicial, publicado por Leisner *et al.*, em 1961, Pl. B, um exemplar do tipo 14, proveniente do hipogeu 3. Esc. ca 1/5.

	I	II	III	IV	V		I	II	III	IV	V		I	II	III	IV	V
1		•	•	•	•	•	•						•			•	•
2				•	•	•											
3				•	•	•											
4						•											
5			•			•											
6		•	•			•											
7												•					
8												•					
9		•									•	•					
10																	
11												•					
12												•					
13																•	•
14													•			•	
15													•				
16													•	•		•	•
17													•	•	•	•	•
18													•			•	
19																•	•

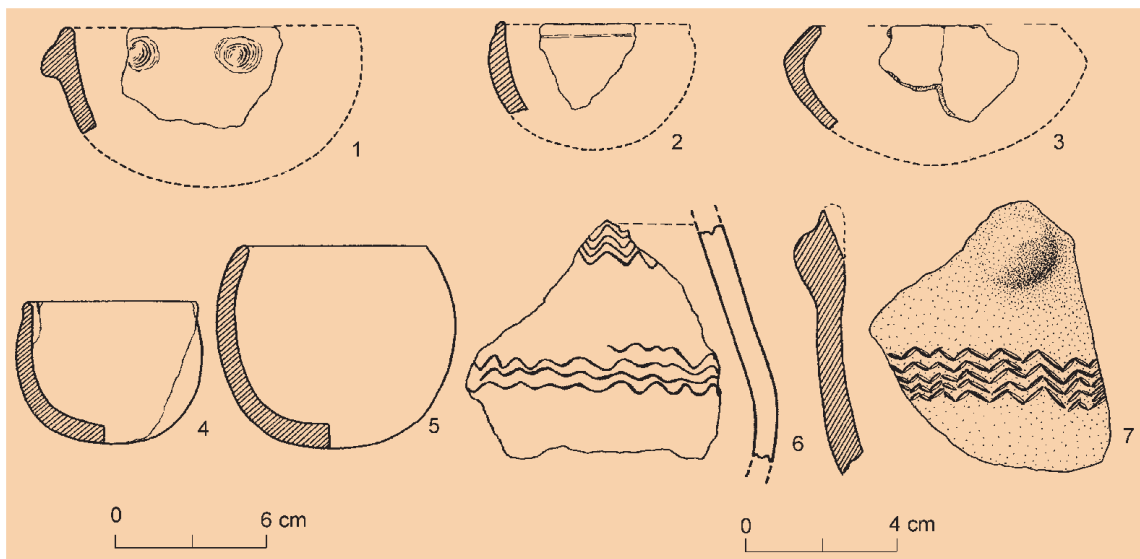


Fig. 51 - A cerâmica lisa (pouco abundante) não constitui um bom indicador cronológico. Algumas das suas formas, de origem neolítica, permanecem até aos alvares da Idade do Bronze. São os conjuntos e o seu comportamento estatístico que permitem definir contextos cronológicos e culturais. De entre os vasos provenientes da necrópole, seleccionámos os que mostram uma mais provável filiação neolítica. Reproduzem-se também dois fragmentos de cerâmica com decoração incisa, provavelmente do mesmo recipiente, atribuível ao Neolítico final/inícios do Calcolítico. Os exemplares apresentados não possuem indicação da sepultura de origem. Desenhos de Leisner *et al.*, 1961 (nºs 1 a 5); Jorge Costa (nº 7) e Pereira e Bubner, 1974-77 (nº 6).



Fig. 52 - Pequena taça hemisférica, de bordo simples; pasta com núcleo castanho; superfícies interna e externa com vestígios de pintura a almagre. Pequeno esférico alto, fechado, com um orifício de suspensão; superfícies alisadas, cinzento-escuras no interior e castanhas, no exterior. Exemplares sem indicação de sepultura de origem (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Foto de E. Gameiro.



Fig. 53 - Espólio atribuível ao Neolítico final: alfinetes de osso de cabeça postiça, lisa e canelada. Fotos de E. Gameiro (ampliação *ca* 1,3x). Desenhos de exemplares do hipogeu 4. Adaptado de Leisner *et al.*, 1961.



Fig. 54 - Contas bitroncocónicas em azeviche. Exemplares sem indicação de sepultura de origem (cf. Leisner, 1965). Museu do Instituto Geológico e Mineiro (conjunto A). O exemplar representado no desenho foi atribuído, em 1961 (Leisner *et al.*, 1961, PL. E, nº 50), quer ao hipogeu 3, quer ao nosso conjunto A, certamente por lapso. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.



Fig. 55 - Colares em que dominam as contas em minerais de cor verde. Merecem destaque uma conta de variscite canelada (cinco caneluras) e o pendente realizado a partir de um canino de lobo. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.

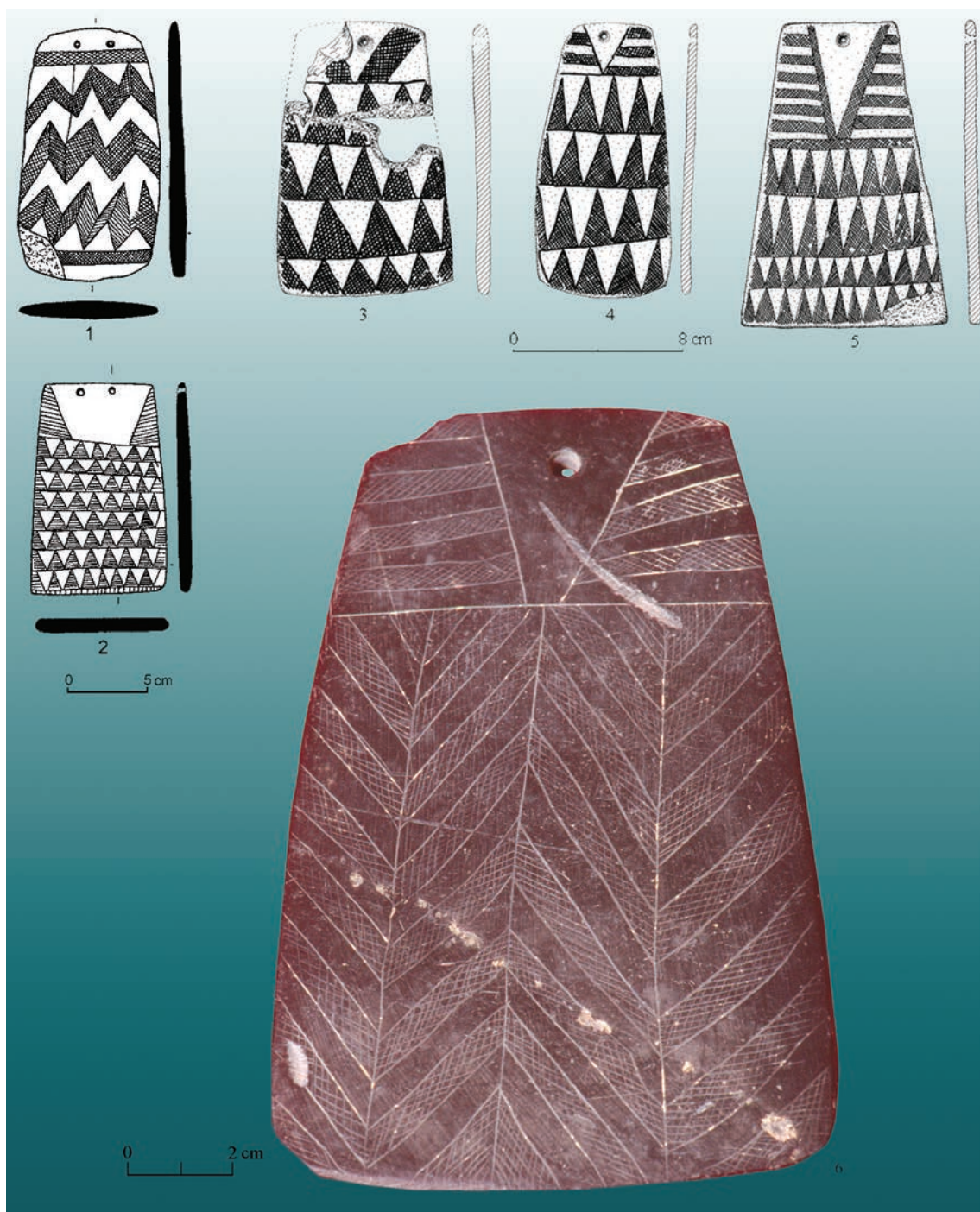


Fig. 56 - Placas de xisto gravadas. Artefactos de carácter mágico-religioso pertencentes, provavelmente, à fase de fundação da necrópole (Neolítico final). Foto de Eduardo Gameiro (nº 6); desenhos de H. Pereira e T. Bubner, 1977 (nºs 1 e 2); desenhos de Jorge Costa (nºs 3, 4 e 5). Os exemplares nºs 4 e 5 provieram dos hipogeus 3 e 4, respectivamente; os restantes não possuem indicação da sepultura de origem (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B).

Utilização durante o Calcolítico

Calcolítico inicial

Os hipogeus da Quinta do Anjo continuaram, como já se afirmou, em utilização durante o Calcolítico inicial e pleno, fase de provável aceleração do crescimento demográfico, acompanhada de desinvestimento na esfera funerária. Ter-se-ão então constituído ossários em resultado da generalização de intervenções reorganizativas dos despojos fúnebres anteriores, com o objectivo de rendibilizar a capacidade funerária instalada¹⁰.

Nenhum *tholos* foi, até ao momento, identificado na Península de Setúbal. As funções funerárias continuaram a ser, durante o Calcolítico, pelo menos em parte, asseguradas por sepulturas preexistentes: hipogeus da Quinta do Anjo e de S. Paulo (Almada) e grutas naturais (Lapa do Bugio e Lapa do Fumo, no concelho de Sesimbra).

O Calcolítico da Estremadura, tradicionalmente designado por Cultura de Vila Nova de S. Pedro, encontra-se bem individualizado face ao Calcolítico do Sudoeste Peninsular (Tavares da Silva, Soares e Cardoso, 1995) e à chamada Cultura de Los Millares, mas são igualmente flagrantes as comunalidades que as sociedades do Sul Peninsular, do III milénio cal BC, exibem no que concerne à arquitectura defensiva, às estruturas funerárias, a aspectos da cultura material móvel e ao ritmo de desenvolvimento socioeconómico.

A periodização do Calcolítico da Estremadura, que recolhe maior consenso, assenta em um modelo tripartido (Tavares da Silva e Soares, 1998) cujos fundamentos estratigráficos provêm dos povoados da Rotura (Setúbal) (Tavares da Silva, 1968-70; Ferreira e Tavares da Silva, 1970), de Vila Nova de S. Pedro (Savory, 1970) e de Leceia (Cardoso *et al.*, 1987). À fase inicial do Calcolítico, ou Horizonte da Cerâmica Canelada, corresponde a construção das três linhas defensivas de Leceia. A este período pertencem igualmente outras estruturas, reveladoras de organização espacial proto-urbana, como habitações de embasamento pétreo, vias de circulação, extensas áreas lajeadas, prováveis eiras constituídas

10. Não foram registadas inumações primárias na necrópole da Quinta do Anjo. Porém, é admissível que tenham existido e que, no longo período de utilização da necrópole, tenham sido desarticuladas. Outros hipogeus coevos conservaram evidências de inumações primárias, atribuíveis ao Neolítico final: hipogeu 2 de S. Pedro de Estoril e Monte Canelas.

por lajeados revestidos por camadas de argila compactada, onde a debulha de cereais e/ou a secagem de leguminosas poderia ocorrer.

A metalurgia do cobre e a presença de artefactos metálicos não foram detectados na primeira fase da vida da fortificação de Leceia (Cardoso, 1994). Esta constatação, que já vinha sendo observada em contextos arqueológicos do início do Calcolítico, escavados embora em áreas restritas (Alto do Dafundo, Parede e Pedrão), e em recolhas de superfície, como no povoado de Pico Agudo (Spindler, 1971), é de crucial importância para a desmontagem do principal argumento utilizado pelos defensores de uma origem mediterrânea oriental para as fortificações calcolíticas do sul da Península Ibérica. Também no povoado do Monte da Tumba (Calcolítico do Sudoeste) (Tavares da Silva e Soares, 1987) pudemos verificar que os artefactos de cobre só surgiram nos níveis médios do povoado, posteriores à construção das primeiras, e mais importantes, estruturas defensivas.

Este momento inicial do Calcolítico é facilmente reconhecível nos hipogeus da Quinta do Anjo através da presença de cerâmica canelada (Figs. 59, 60 e 63), em particular na forma subcilíndrica, de fundo aplanado, ou copo. Cerâmica com decoração simbólica (Fig. 61) e outros tipos de mobiliário votivo, embora surjam logo nesta fase, continuam a ser produzidos durante o Calcolítico pleno; na ausência de informação estratigráfica não é possível determinar a sua cronologia dentro do Calcolítico. Encontram-se nesta situação os objectos em calcário (Figs. 68 a 75) e osso (Figs. 76 a 78). Estes artefactos, de que destacamos o ídolo-cilindro, destinavam-se a utilização eminentemente funerária; embora possam ocorrer esporadicamente em espaços domésticos, evidenciam a existência

Quadro IX - Selecção de datas obtidas em contextos domésticos, atribuíveis ao Calcolítico inicial da Estremadura.

Sítios	Amostras Ref.	Material	Datas BP	Datas cal BC 1σ	Datas cal BC 2σ
Olelas (Torre 3; C.3)	ICEN-879	ossos	4400 ± 45	3090-2920	3294-2910
	ICEN-939	ossos	4360 ± 60	3040-2910	3260-2880
Leceia	ICEN-674	carvão	4370 ± 60	3080-2910	3290-2880
Alto do Dafundo	ICEN-466	(<i>Patella</i> sp.)	4300 ± 60*	2920-2880	3040-2700
Chibanes	Beta-162911	carvão	4210 ± 60	2890-2690	2910-2600
Zambujal Fase III 2a	GrN-7009	carvão	4200 ± 40	2882-2696	2893-2620

(*) data corrigida para o efeito de reservatório oceânico. Iap = 380 ± 30 anos (Soares, 1993).

de actividade artesanal especializada e configuram um sector de produção de bens não utilitários ou de prestígio, de acesso supostamente restrito que reflecte o processo de diferenciação social em curso. Esses bens, considerando a sua distribuição geográfica, devem ter alimentado redes de trocas supralocais em que participariam, de forma provavelmente simétrica, e interactiva, os diversos grupos do Sul Peninsular.

As datações absolutas mais antigas obtidas para o Calcolítico inicial da Estremadura, que reunimos no Quadro IX, apontam para um óptimo cronológico em torno de 4300 BP, ou seja, primeiro quartel do III milénio cal BC.

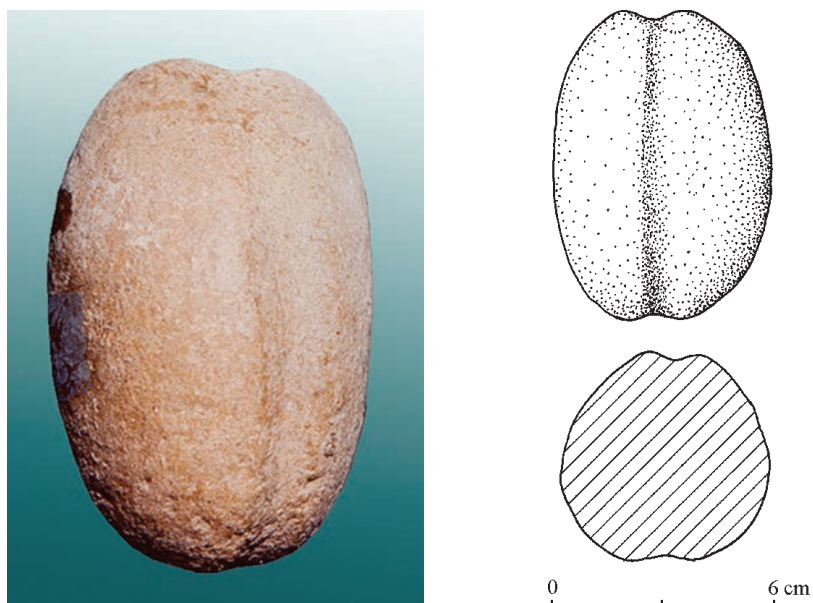


Fig. 57 - Peça bojardada de corpo ovóide, com sulco perimetral e ca. 84mm de diâmetro máximo, proveniente do hipogeu 2. O melhor paralelo para este artefacto foi encontrado no Pedrão (ocupação do Calcolítico inicial). Surgiram também peças deste tipo na fortificação calcolítica de Leceia (C. 2, Calcolítico pleno) e no hipogeu de Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras), que parece ter sido utilizado somente durante o Neolítico final. Não existe por agora consenso relativamente à funcionalidade deste artefacto (percutor, projectil de funda ou peso de rede?). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

Fig. 58 - Cossoiro em cerâmica e reconstituição de fuso. Hipogeu 3. Esta peça ainda conserva a etiqueta original (3ª furna). Foi classificada por Leisner e colaboradores como peso de tear. Encontrámos um objecto semelhante no povoado do Neolítico final do Cabeço da Mina (Torrão). Foto de E. Gameiro.



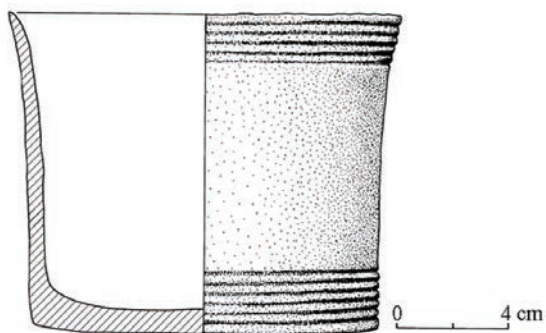


Fig. 59 - Copo canelado em cerâmica, com duas faixas de caneluras horizontais localizadas imediatamente abaixo do bordo e acima do fundo. Pasta depurada, com raros elementos não plásticos superiores a 1mm. Núcleo negro e superfícies castanho-avelã, bem alisadas. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.





Fig. 60 - Base de um copo em cerâmica decorado por motivos verticais espinhados, executados pela técnica da canelura. Hipogeu 1. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

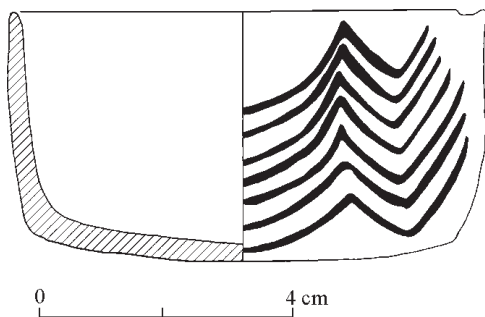


Fig. 61 - Vaso em cerâmica, cilíndrico baixo, com ca. 74mm de diâmetro máximo, de paredes finas (2-3mm), decorado por conjuntos de linhas quebradas e paralelas entre si (representação de tatuagem?), realizadas pela técnica da incisão. Superfície externa polida, castanho-acinzentada. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.



Fig. 62 - Vaso em cerâmica, cilíndrico baixo, decorado por faixa de xadrez; no fundo possui duas incisões ortogonais. Superfície acinzentada. Hipogeu 4. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

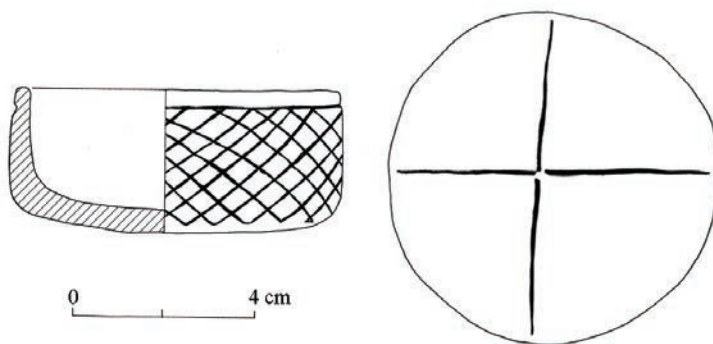
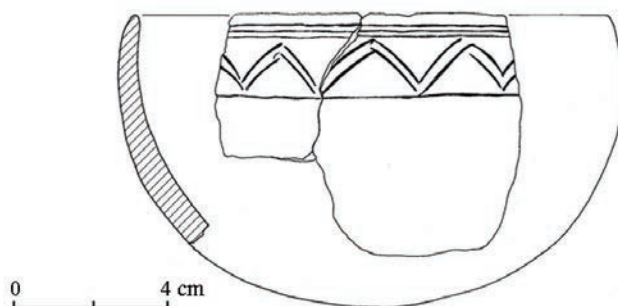


Fig. 63 - Taça em cerâmica, hemisférica, decorada por caneluras. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Desenho de Jorge Costa.



Calcolítico pleno

Durante o Calcolítico pleno, ou Horizonte da Cerâmica “Folha de Acácia”, desenvolve-se a metalurgia do cobre; a prática das últimas fases do processo metalúrgico estende-se à maioria dos povoados conhecidos. A vida intramuros exige, conforme os contextos regionais, maiores ou menores investimentos construtivos; ocorrem alterações e reutilizações das estruturas anteriores; são reedificados alguns espaços. No povoado de Leceia, datam desta fase, entre outras, duas estruturas de rejeição de detritos domésticos de planta oval, localizadas na periferia do povoado (exterior da segunda linha de muralhas e no exterior da fortificação), e um recinto de planta oval e paredes de alvenaria interpretado como redil (Cardoso, 1994), estruturas por enquanto sem paralelos em outros povoados contemporâneos. A data 14C de 4100 BP parece corresponder ao óptimo de desenvolvimento desta fase. O número de datações absolutas disponíveis é já razoável para espaços domésticos, o mesmo não se verificando para contextos funerários (Quadro X).

A utilização dos hipogeus da Quinta do Anjo durante o Calcolítico pleno é corroborada por datação obtida a partir de um objecto de osso, proveniente do hipogeu 3: 4050 ± 60 anos BP (OxA--5508)¹¹. Uma outra datação obtida para amostra de osso humano é estatisticamente idêntica à anterior: 4040 ± 70 anos BP (GrN--10744) (Cardoso e Soares, 1990-1992)¹².

A indústria em pedra lascada não permite inferências de cronologia fina. A família das peças foliáceas ou manufacturadas por redução bifacial inicia-se logo no Neolítico final, com a tímida produção de pontas de seta de base côncava e de “foicinhas”; atin-ge o apogeu no Calcolítico inicial (pontas de seta, “foicinhas”, alabardas e punhais), entra em lento declínio no Calcolítico pleno

11. Como atrás se disse, esta peça foi considerada a cabeça, postíça, de um alfinete (Cardoso e Soares, 1995). Embora a sua semelhança com aquele tipo de artefacto seja flagrante, poderá colocar-se a hipótese de se tratar de um cabo de punção, semelhante a outros conhecidos na Rotura e no Pedrão (Soares e Tavares da Silva, 1975). Se se aceitar a primeira hipótese, há que rever os parâmetros cronológicos atribuídos àqueles artefactos. Tenha-se presente que no *tholos* OP2b (Reguengos de Monsaraz), o alfinete de cabeça postíça sobrevive durante a primeira metade do III milénio cal BC (Gonçalves, 1992).

12. A amostra datada era constituída por fêmur humano encontrado entre a terra do enchimento de um vaso campaniforme pontilhado, afim do estilo internacional. A aparente associação do osso ao vaso pode ser resultante da perturbação que a intensa e continuada utilização da necrópole ocasionou. Visivelmente, o vaso não se destinou a conter ossos humanos e muito menos um fêmur quase completo que em grande parte se prolongava para o exterior do mesmo.

Quadro X. Datas radiométricas obtidas para contextos funerários, atribuíveis ao Calcolítico pleno da Estremadura.

Sítios	Amostras ref.	Material	Datas BP	Datas cal BC 1σ	Datas cal BC 2σ
Gruta da Feteira C.1 (Lourinhã)	TO-352	ossos humanos	4110 ± 60	2873-2573	2889-2494
Hipogeu 3 da Quinta do Anjo	Ox A-5508	peça de osso	4050 ± 60	2840-2469	2870-2460
Necr. Qta do Anjo	GrN-10744	osso humano	4040 ± 70	2850-2463	2870-2355
Lapa da Furada (Sesimbra)	ICEN-1240	ossos humanos	4050 ± 50	2615-2485	2860-2461

Fig. 64 - Peças ovais com retoque cobridor, em sílex, sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Este tipo de artefacto (“foicinha”) surge no Neolítico final e atravessa todo o Calcolítico, mas a fase do seu maior desenvolvimento parece ser o Calcolítico inicial (Cardoso, Soares e Tavares da Silva, 1996). A peça nº 2 é em sílex rosado, muito provavelmente originário de Rio Maior. Foto de E. Gameiro. Desenhos de Leisner *et al.*, 1961.

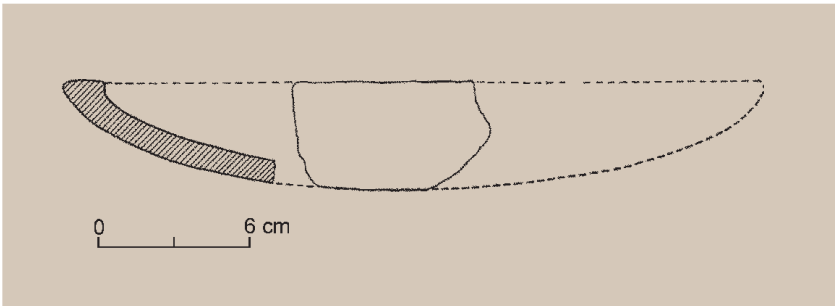
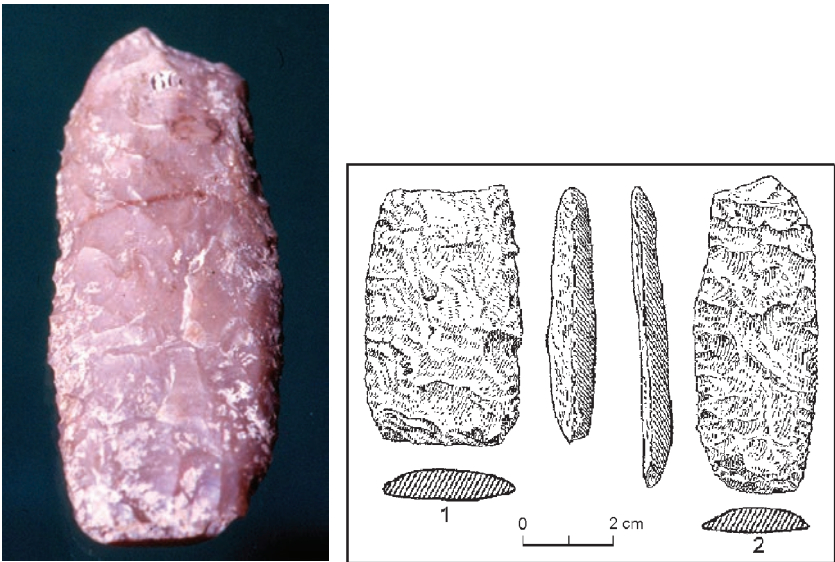


Fig. 65 - Prato de bordo espessado, sem indicação de sepultura, pertencente ao Museu do Instituto Geológico e Mineiro (conjunto A). Seg. Leisner *et al.*, 1961.

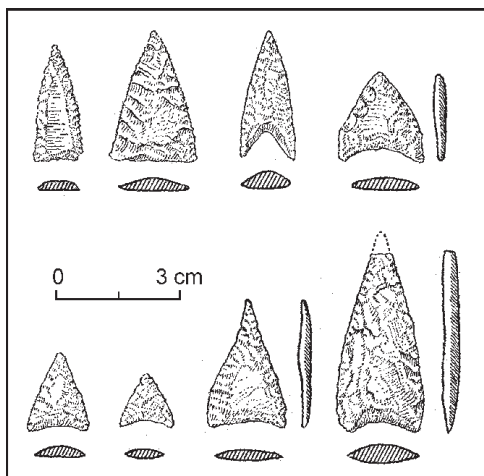


Fig. 66 - Pontas de seta de base recta e côncava, em sílex. Surgem, timidamente, no Neolítico final e atingem o seu maior desenvolvimento durante o Calcolítico. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenhos de Leisner *et al.*, 1961.

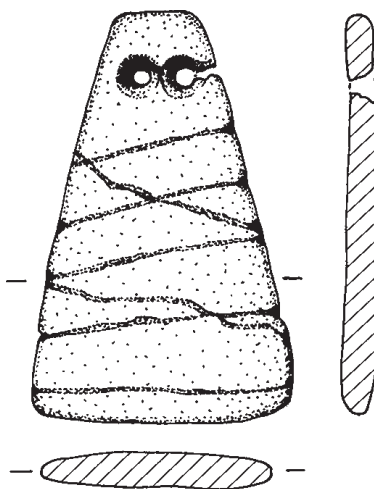


Fig. 67 - Placa de calcário, com dois orifícios de suspensão; o anverso apresenta caneluras organizadas em espiral. Hipogeu 4. Embora revele semelhanças formais com os ídolos-placa, geralmente em xisto, a sua iconografia é bastante peculiar e aproxima-a de uma peça em osso proveniente da Lapa do Fumo (Serrão, 1975, Fig. 12). Foto de E. Gameiro. Desenho, na escala 1/1, de Jorge Costa.

Quadro XI - Ideoartefactos calcolíticos, em calcário e/ou mármore.

Quinta do Anjo	Placa trapezoidal lisa ou decorada	Cilindro	Hemicilindro apontado	Enxó encabada	Lâmina de enxó c/ sulco	Objecto fálico	Placa arqueada	Foice	Almofariz	Total
Hipogeu 1	1*	3	2***	1	-	-	-	-	2	9
Hipogeu 2	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2
Hipogeu 3	-	7	-	-	-	-	1	1	-	9
Hipogeu 4	1**	3	-	-	-	-	-	-	-	4
S/ ind. sep.	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Total	2	14	2	1	1	1	1	1	3	26

À excepção da lâmina de enxó com sulco, em mármore, os restantes artefactos são de calcário.

* - placa lisa

** - placa decorada

*** - um ídolo liso e outro decorado

Fig. 68 - Ídolo hemecilindro canelado, em calcário. Forma muito característica da Estremadura. Hipogeu 1. Desenho de Jorge Costa.

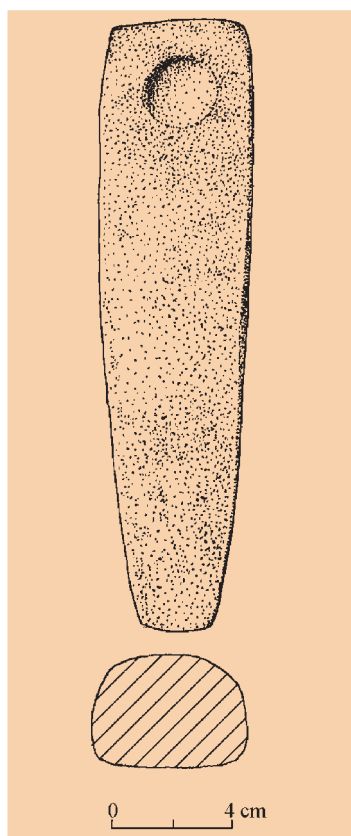
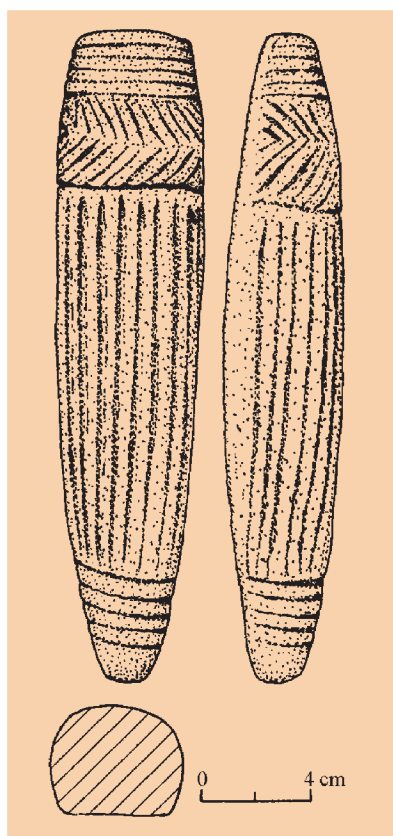


Fig. 69 - Ídolo hemecilindro com covinha na face aplanada. Hipogeu 1. Desenho de Jorge Costa.

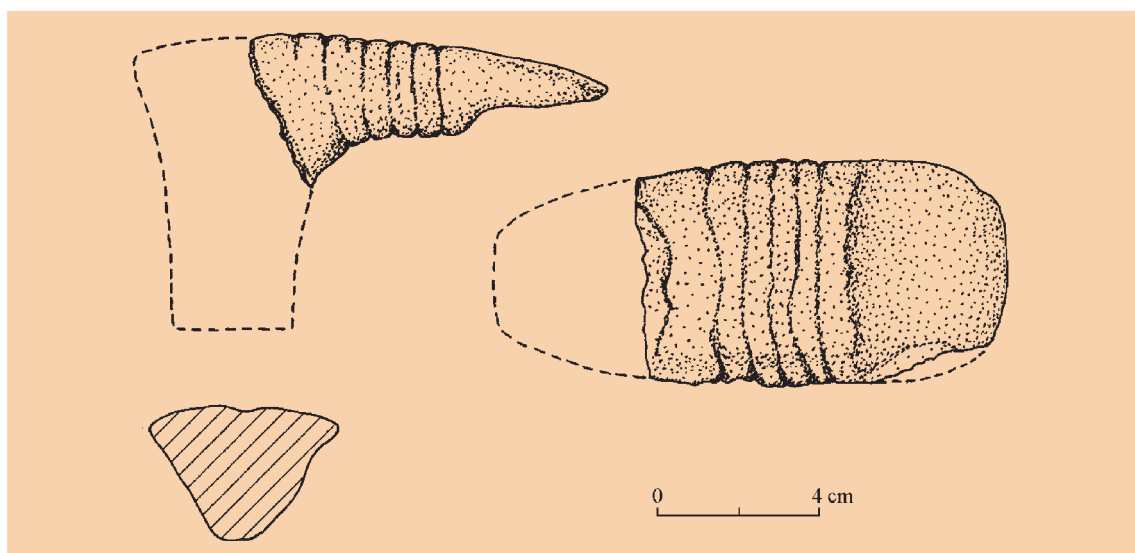


Fig. 70 - Enxó votiva em calcário, com representação da lâmina ajustada ao cabo através de ligamentos filiformes. Este tipo de artefacto possui uma boa representação na Estremadura (*tholos* de S. Martinho de Sintra, sepultura da Samarra, dolmen da Estria, necrópole de Carenque, *tholoi* do Pai Mogo e da Tituaria). Hipogeu 1. Desenho de Jorge Costa.



Fig. 71 - Conjunto de ídolos-cilindro, em calcário. Trata-se da forma mais comum do grupo dos artefactos de calcário de carácter mágico-religioso, calcolíticos; surge representada em todos os hipogeus da necrópole. Foto de E. Gameiro.



Fig. 72 - Foice votiva em calcário, com 111mm de comprimento. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.

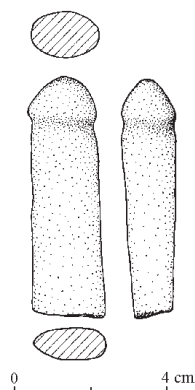


Fig. 73 - Ídolo fálico, em calcário, com cerca de 66 mm de altura. Sem indicação de sepultura (conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.



Fig. 74 - Pequenos almofarizes de calcário destinados provavelmente ao esmagamento de materiais de origem vegetal e mineral como ocre, para fins rituais. Em dois almofarizes da necrópole de Alcalar foi possível observar no seu interior manchas vermelhas que podem ter resultado de trituração de ocre (Gonçalves, 1997, p. 212). A esta substância têm sido atribuídas propriedades antisépticas e desodorizantes, de grande utilidade em monumentos funerários colectivos (Silva, 1997, p. 246). Os exemplares representados possuem 48 mm de altura máxima e 68 mm de diâmetro máximo. Hipogeus 1 e 2. Foto de E. Gameiro.

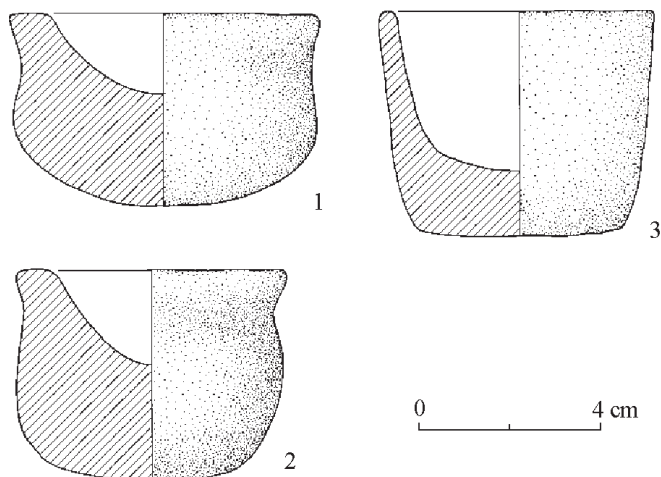


Fig. 75 - Almofarizes de calcário. Este tipo de artefacto ocorre durante o Calcolítico inicial e pleno, maioritariamente em contextos sepulcrais. Os n.ºs 1 e 2 estão representados na figura anterior; o n.º 3, de tipologia diferente e menos comum, proveio do hipogeu 1. Desenhos de Jorge Costa.



Fig. 76 - Ídolo de gola, em osso. Altura 74 mm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.

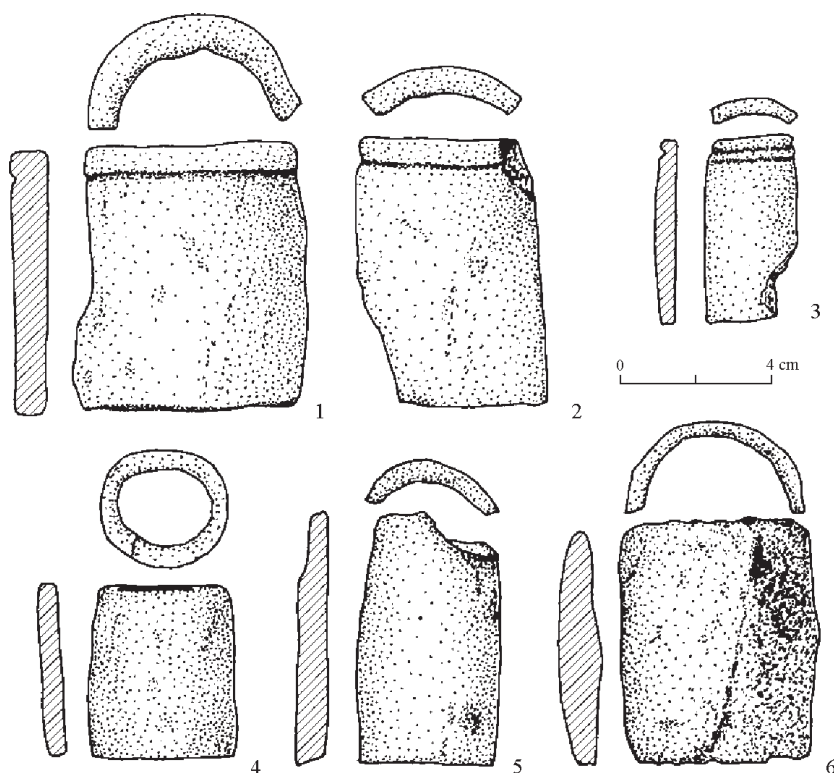


Fig. 77 - Pequenos "vasos" cilíndricos, em osso, de fundo postiço (?). O exemplar de maiores dimensões possui 70mm de altura. Este tipo de "recipiente" apresenta larga distribuição em contextos funerários calcolíticos da Estremadura e destinava-se muito possivelmente a conter substâncias aromáticas. Os nºs 1, 2 e 4 provieram do hipogeu 4; o nº 3, do hipogeu 1; os nºs 5 e 6, do hipogeu 2. Desenhos de Jorge Costa.

Fig. 78 - "Vasos" cilíndricos representados na figura anterior com os nºs 1, 2 e 4. Foto de E. Gameiro.





Fig. 79 - Colares. Contas de natureza petrográfica variada. Destaque para as contas em mineral de cor verde, provavelmente variscite, matéria-prima tradicionalmente referida como calaíte. Foto de E. Gameiro.

(Cardoso, Soares e Tavares da Silva, 1996) e cai em desuso no final do período (Horizonte Campaniforme), muito provavelmente face à concorrência dos instrumentos metálicos. A cerâmica lisa, relativamente frequente, mostra-se pouco discriminante; o prato de bordo espessado é das formas mais características do Calcolítico (Fig. 65). Os artefactos ideotécnicos desta fase não podem ser diferenciados tipologicamente dos da fase anterior. A ausência de cerâmica decorada tipo “folha de acácia” e afim, tão característica e abundante em contextos domésticos do Calcolítico pleno, podendo prolongar-se pelo Horizonte Campaniforme (grupo estilístico Internacional), é explicável precisamente pelo seu carácter não funerário. Só muito raramente foram encontrados fragmentos dessa produção oleira em sepulturas (*tholoi* de S. Martinho de Sintra e do Monge).

O final do Calcolítico e o Bronze antigo

A derradeira fase de utilização dos hipogeus da Quinta do Anjo viria a celebrar o sítio na bibliografia arqueológica europeia. Referimo-nos ao Horizonte Campaniforme e, em particular, a duas das suas mais marcantes realizações materiais: taça e ponta tipo Palmela. O primeiro destes artefactos, uma taça em calote de esfera com o bordo espessado internamente, que surgia já, sem decoração, na transição para o Calcolítico, é decorada, no final deste período, segundo o estilo campaniforme. A decoração, podendo atingir algum barroquismo, desenvolve-se na superfície exterior da parede do vaso e, por vezes, do fundo e na parte superior do bordo ou lábio. A taça tipo Palmela constitui uma contribuição original da Estremadura para o complexo campaniforme. Com efeito, é notória a concentração deste tipo cerâmico nas penínsulas de Setúbal e Lisboa. Em território português, raros exemplares foram assinalados na região do Baixo Mondego ou a sul do Tejo. À escala da Península Ibérica, verifica-se que esta forma não é completamente desconhecida na região de Carmona (Sevilha). No Marrocos atlântico, em Temara e Mehdiya, encontraram-se taças tipo Palmela, com decoração executada pela técnica do linear-pontilhado.

A ponta de Palmela, em diversas variantes que apresentam em comum folha lanceolada e encabamento em pedúnculo, parece ser também uma criação da Estremadura. Embora mostre uma melhor distribuição peninsular que a taça tipo Palmela, a densidade de

achados é maior nas penínsulas de Lisboa e de Setúbal. No mapa de dispersão extra-peninsular importa referir a costa ocidental francesa, a bacia do Garona e o Vale do Ródano bem como a costa norte do Marrocos atlântico (Aïn Dahlia el Kebira e Sidi Messaoud), provável “entrepoto” do marfim (Gilman, 1975 e Pascual-Benito, 1995)¹³ que nessa época chegava à Península Ibérica. Tendo sempre presente que os vestígios arqueológicos são amostras residuais de realidades bem mais extensas e diversificadas, podemos avaliar, pelos dados apresentados, a amplitude das redes de trocas em que a Estremadura participou no final do Calcolítico. Neste momento, a interação supragrupal assume o carácter de importante factor de desenvolvimento socioeconómico não só nas economias locais, estimulando a produção e o consumo, mas também no processo de complexidade social, ao criar condições favoráveis à apropriação do poder pelas elites, por via de redes de trocas a longa distância e de emulação competitiva.

Se iniciámos a contagem do tempo em um período de desenvolvimento económico-social (segunda metade do IV milénio cal BC), é de crise que podemos falar ao concluirmos esta narrativa. Crise associada ao colapso do modo de produção calcolítico da Estremadura e que se manifesta na própria fragilidade e na incerteza que atravessam as leituras arqueológicas deste período, nomeadamente cronométricas e estratigráficas. Materiais campaniformes, de diferentes tipologias ou estilos, surgem, regra geral, “prensados” nos estratos superficiais, de decadência e/ou abandono das fortificações calcolíticas e, frequentemente, muito perturbados por factores pós-deposicionais¹⁴. Não havendo definição estratigráfica nos povoados, mais difícil se apresenta a tarefa de traçar sequências de cronologia relativa a partir de contextos funerários¹⁵. A medição do tempo, mesmo com determinações afectadas por pequenos desvios-padrão, fornece-nos intervalos demasiado amplos para

13. Josep Pascual-Benito defende que a Península Ibérica chegou mesmo a importar marfim em bruto no terceiro milénio a . C., de acordo com o achado de fragmento de uma defesa de elefante no dólmen de Matarrubilla.

14. Um recente balanço sobre as datações radiométricas atribuíveis ao Campaniforme do Sul de Portugal (Cardoso e Soares, 1990-92) ilustra bem a afirmação produzida.

15. A este propósito, refira-se como exemplo a datação obtida a partir de uma tibia (OxA-5446) do conjunto osteológico H27 do *tholos* da Tituaria, atribuído à primeira fase de utilização do monumento, mas cujo valor, 3995 ± 65 BP, indica uma cronologia que já poderia ser campaniforme (Cardoso *et al.*, 1996, p. 172).

a cronologia fina que a informação estritamente arqueológica reclama. A celeridade do processo de substituição de estilos na produção campaniforme talvez não possa ser acompanhada, por agora, pelo poder de resolução das datações radio-métricas. O facto de contarmos com um número muito restrito de contextos fidedignos datados em nada contribui para a minimização do problema.

Quando, na segunda metade dos anos 70 (Soares e Tavares da Silva, 1974-77 e 1984), propusemos um modelo de periodização do Horizonte Campaniforme tínhamos consciência da fragilidade da base empírica disponível, mas era necessário criar um quadro teórico que pudesse organizar minimamente a crescente informação dispersa. Hoje, verifica-se que esse modelo está longe de se encontrar esgotado, embora possa ser consideravelmente enriquecido e até bastante mais matizado, quebrando alguma da rigidez que a sua estrutura positivista comportava. Ele valorizava sobretudo a questão da origem do fenómeno campaniforme e a noção de tempo relativo, como aliás seria de esperar naquela altura. Assim, continuamos a aceitar a existência de um momento de adesão a produções cerâmicas campaniformes de “luxo”, com padrões decorativos “internacionais” e afins, executados pela técnica do pontilhado, durante a última fase da vida das fortificações calcolíticas da Estremadura. No conjunto das inovações campaniformes que designamos por Grupo Internacional incluímos, para a Estremadura, o vaso campaniforme de tipo marítimo ou internacional e as caçoilas, decoradas com padrões de maior barroquismo executados pela técnica do pontilhado. Estas produções, subcontemporâneas da cerâmica de tipo “folha de acácia”, podem ter desempenhado funções de ostentação de estatuto social; a complexidade morfológica dos vasos campaniformes marítimos e afins e o seu esmerado fabrico, de paredes finas e engobadas, devem ter absorvido significativo trabalho artesanal qualificado, em particular nos povoados de primeira grandeza como Vila Nova de S. Pedro, Zambujal ou Rotura. No penúltimo, foi identificada uma estrutura de combustão dedicada à actividade metalúrgica, pertencente à primeira fase do período campaniforme; associavam-se-lhe cerâmicas de estilo marítimo, vários machados planos e cinzeiros em cobre, bem como pingos de fundição (Harrison, 1977, p. 43). A adopção das primeiras cerâmicas campaniformes e a própria dinâmica do final do Calcolítico integram-se na lógica de intensificação das redes de trocas inter-regionais já pressentidas nas fases anteriores através da ampla circulação de alguns itens

de prestígio. O ritmo das trocas e a diversidade das produções devem ter sido rápidos e significativos, sendo difícil, no campo empírico, separar as sequências de tal processo. Por outro lado, a adopção de novas formas não implicava, necessariamente, o imediato abandono das antigas, podendo ocorrer a coexistência de estilos diversos nas fases mais evolucionadas. O modelo teórico de partida será mais facilmente testado, como veremos, através de contextos locais ou regionais onde as diversas gerações das produções campaniformes se encontram espacialmente dissociadas, e através de conexões estratigráficas de tipo horizontal. Refiram-se os povoados fortificados de Malagón (Granada) (Torre *et al.*, 1995) e de Porto das Carretas (Mourão) (Tavares da Silva e Soares, 1999). No primeiro caso, constatou-se que (Torre *et al.*, 1995, p. 260): “[...] *sólo al momento final de la ocupación pertenecen dos fragmentos de campaniforme Marítimo [...] que permiten establecer que la irrupción del campaniforme en esta área es gradual y no masiva, y en sus inicios está solo representada por el estilo Marítimo, sin asociaciones con estilos más evolucionados* “. No povoado do Porto das Carretas (Mourão) escavámos em 1998 uma “torre”, cuja cerâmica decorada, pela técnica do pontilhado, se integra exclusivamente no Grupo Internacional (Tavares da Silva e Soares, 1999): “*Um dos aspectos mais relevantes da presente campanha refere-se ao facto de terem surgido, em contexto estratigráfico perfeitamente selado, da fase 2 (nível de ocupação correspondente à utilização da torre M13), diversos fragmentos de cerâmica campaniforme, todos eles pertencentes ao grupo estilístico Internacional ou Marítimo. Este achado [...] reveste-se de grande importância ao permitir isolar esse grupo estilístico que tem surgido, em povoados da Estremadura e Sul de Portugal, misturado com outros (de Palmela e/ou Inciso) ”.*

A ideia da existência de uma primeira geração de cerâmicas campaniformes de estilo Internacional tem vindo também a ser paulatinamente reforçada pelo aumento de achados desse grupo cerâmico a norte da Estremadura, em contextos maioritariamente funerários, marcando uma nítida ruptura com as tradições culturais anteriores, e definindo um percurso de difusão atlântico. A cerâmica campaniforme do Noroeste, bem como a da Beira Alta, integra-se claramente nas produções de tipo internacional e afins e não se associa a artefactos metálicos (Silva, 1991).

No que concerne à origem dessas primeiras cerâmicas campaniformes, foram propostos quer o estuário do Tejo (Harrison,

1977), quer a bacia do Baixo Reno (Soares e Tavares da Silva, 1984). A última proposta apoia-se na evolução da cultura material das comunidades do Neolítico final da suposta região nuclear que, em nosso entender, sustenta o aparecimento do vaso campaniforme, ao contrário do que se verifica no estuário do Tejo, onde essa forma é nitidamente intrusiva. Diversas datações situam o campaniforme internacional do Baixo Reno em *ca* 4100-4000 anos BP (Waals, 1984). Em Portugal, a sua cronologia poderá centrar-se em 4000 BP.

A cerâmica campaniforme do Grupo Internacional encontra-se escassamente representada na necrópole da Quinta do Anjo, nos hipogeus 1, 2 e 3 (Quadro XIII), ao contrário do que se verifica com os materiais campaniformes dos grupos estilísticos de Palmela e Inciso.

O segundo momento de desenvolvimento do Horizonte Campaniforme parece corresponder a uma efectiva desarticulação do modelo de organização socioeconómica do Calcolítico. As fortificações pré-campaniformes, visivelmente obsoletas, são abando-nadas e caem em ruínas. O povoamento dispersa-se, obedecendo a padrões, pelo menos aparentemente, diversificados, muito embora em algumas regiões, como a Arrábida, pareça predominar a preferência por sítios elevados (Malhadas, Moinho da Fonte do Sol, Pai Mouro, Pedrão). Frequentemente, surge cerâmica pertencente a esta segunda geração de produções campaniformes na camada superficial das fortificações calcolíticas, cerâmica que pode documentar não só ocupações enraizadas nas fases anteriores, como meras passagens, episódicas estadas e/ou a proximidade de novos sítios de *habitat*.

A segunda fase do Horizonte Campaniforme, caracterizada na Estremadura por materiais do Grupo de Palmela, é, no respeitante à cerâmica, marcada por reinterpretações regionais do estilo campaniforme. Dominam então as taças em calote, de bordo simples e de bordo ligeiramente espessado, com lábio aplanado, decoradas por padrões geométricos onde dominam as bandas de linhas quebradas e horizontais e triângulos preenchidos por traços oblíquos. Estão também presentes outras formas do repertório cerâmico pré-campaniforme como globulares e pratos de bordo espessado a que se aplica a decoração campaniforme, pela técnica do linear-pontilhado, por vezes associada à incisão. Persistem as caçoilas com decoração pontilhada, da fase anterior. A taça de bordo espessado, com decoração sobre o lábio, constitui o tipo mais

característico e frequente no Grupo de Palmela (Quadro XIV). O prato de bordo espessado e lábio igualmente decorado pela técnica linear-pontilhada, embora pouco comum na nossa região (surge, por exemplo, no povoado das Malhadas), parece assinalar o prosseguimento dos contactos, já observados em períodos imediatamente anteriores, entre a Estremadura e o Sudoeste Peninsular (Carmona/Sevilha).

À mesma fase do Horizonte Campaniforme poder-se-ão atribuir, além das já citadas produções cerâmicas, outras contribuições regionais de inequívoca originalidade, como formas subcilíndricas recolhidas em povoados do norte da Estremadura (Pragança e Outeiro de S. Mamede) (Gonçalves, 1992a), decoradas pela técnica do pontilhado, “fruteiras” ou taças com pé, decoradas pela técnica do linear-pontilhado (São Pedro do Estoril) e taças tipo Palmela que associam a temática decorativa geométrica frisos de cervídeos, executados pela técnica do pontilhado e linear-pontilhado (hipogeus da Quinta do Anjo). Representações de cervídeos tratadas pela técnica da incisão surgiram em duas taças campaniformes, uma no povoado de Portucheira (Harrison, 1977) e outra no *tholos* da Tituaria (Cardoso *et al*, 1996).

O povoado de cumeada de Malhadas (Soares e Tavares da Silva, 1974-77 e 1984), nas proximidades da Quinta do Anjo, foi o contexto onde, até ao presente, melhor se isolou o Grupo de Palmela. Aquele povoado revelou uma única camada de ocupação, pouco espessa. A sua economia assentou na agro-pastorícia (presença de restos faunísticos de porco, ovicaprinos e boi) complementada pela caça (coelho e veado) e na actividade metalúrgica (diversos cadinhos de fundição com cobre aderente e fragmentos de minério de cobre). A indústria em sílex é rara; destaque para um novo e quase exclusivo utensílio lítico que prosseguirá durante a Idade do Bronze: elemento de foice em sílex, denticulado. A cerâmica campaniforme apresenta um evidente paralelismo com as cerâmicas lisas, no que concerne ao fabrico e à morfologia. Os padrões decorativos são constituídos por diversas combinações de linhas horizontais, linhas em zig-zag, triângulos preenchidos por traços oblíquos. A decoração é maioritariamente executada pela impressão profunda de pente de dentes curtos (linear-pontilhado). Recordemos os pentes-matriz, em osso, que integraram diversos mobiliários funerários deste período; seriam réplicas expressamente funerárias de exemplares de uso comum, por hipótese de madeira? Não é totalmente improvável que o fragmento de placa

óssea decorado, proveniente do hipogeu 1 da necrópole da Quinta do Anjo, tenha pertencido a um desses pentes-matriz (Fig. 113).

Foi possível datar radiometricamente (Quadro XII) duas amostras de conchas de amêijoia (*Venerupis decussata*) provenientes da camada de ocupação campaniforme do povoado de Malhadas, estrato exclusivamente constituído, no que à cerâmica campaniforme diz respeito, pelo Grupo de Palmela (Soares e Tavares da Silva, 1974-77 e 1984). Os resultados obtidos permitem defender uma cronologia radiocarbónica de 3800-3600 BP ou, em datas de calendário, um intervalo de tempo compreendido entre a segunda metade do III milénio e o primeiro quartel do II milénio cal BC. Neste intervalo são mais prováveis (pontos de intersecção da curva de calibração) as duas últimas centúrias do III milénio cal BC. Se tivermos em atenção que o Bronze médio se encontra datado na Estremadura, no povoado do Catujal (Loures), de 3570±45 anos BP, datação que, calibrada a 2 sigma, fornece o intervalo de 2028-1752 cal BC (ICEN-843), parece-nos lógico admitir que o Grupo Campaniforme de Palmela assinala a transição para o Bronze regional.

A utilização dos hipogeus da Quinta do Anjo encontra-se amplamente comprovada nesta fase. Que povoado(s) corresponderia(m) à necrópole? Chibanes, Malhadas e/ou Moinho da Fonte do Sol?

As cerâmicas campaniformes incisais (Quadro XIII) são as mais frequentes na necrópole da Quinta do Anjo (33 exemplares). Correspondem ao último momento de utilização destes monu-

Quadro XII - Selecção de datas radiocarbónicas obtidas para contextos campaniformes da Estremadura.

Sítios		Amostras ref.	Material	Datas BP	Datas cal BC 1σ	Datas cal BC 2σ
Zambujal (Torres Vedras)	fase 4b	Gr N - 6669	Carvão	4025 ± 95	2850-2460	2880-2280
	"	Gr N - 7007C	"	3950 ± 65	2560-2340	2590-2210
	fase 4c	Gr N - 6668	"	3625 ± 65	2110-1890	2180-1770
Leceia (Oeiras)	Casa EN	ICEN 1241	Ossos	3950 ± 90	2570-2302	2857-2142
Malhadas (Cabanas)	C.2 a	Beta 126090	Conchas de <i>Venerupis decussata</i>	3600 ± 80*	2035-1785	2180-1739
	C. 2b	Beta 126091	"	3760 ± 80*	2285-2034	2455-1934

*- As datas 14C obtidas foram respectivamente de 4140±70BP e 3980±70BP, as quais, após correcção para o efeito de reservatório oceânico (Iap = 380±30 anos) (Soares, 1993), forneceram os valores apresentados no presente quadro. Os pontos de intersecção da curva de calibração foram 2178, 2166, 2143 e 1936 cal BC. A calibração foi amavelmente realizada pelo Eng. António Monge Soares, segundo o programa CALIB Rev. 3.03 de Stuiver e Reimer, 1993.

mentos. Estas cerâmicas são constituídas basicamente pelas formas em uso no momento anterior (esmagadora maioria de taças em calote, mais de 2/3 do total), havendo no entanto a registar, na taça tipo Palmela, com decoração incisa, um perfil muito vincado, com arestas bem marcadas, sobretudo no recorte interior do espessamento do bordo; idêntica tendência, para perfis mais carenados, de arestas mais marcadas, verifica-se nas formas acampanadas (vaso e caçoila).

As principais diferenças no espólio cerâmico, em relação ao momento precedente, observam-se na técnica decorativa incisa, que por vezes se aproxima da excisa, e na maior complexidade atingida pelos padrões decorativos onde são particularmente frequentes as bandas de xadrez, as faixas de pequenos traços verticais e paralelos, em alguns casos segmentados horizontalmente, e as métopas; em geral, estas peças revelam uma estrutura decorativa muito densa e “barroca”. A delimitação do Grupo Inciso, em relação ao Grupo de Palmela, é no entanto difícil quando ambos os estilos surgem em um mesmo sítio. É impossível separá-los cronologicamente nos hipogeus da Quinta do Anjo, à semelhança do que se verifica em muitas outras jazidas da Estremadura. Estes estilos poderão ter coexistido parcialmente.

Em alguns sítios, porém, o Grupo Campaniforme Inciso surge em exclusividade, quer na Estremadura, quer no Alentejo. A título de exemplo, refiram-se as jazidas “clássicas” do Grupo Inciso de Montes Claros (Harrison, 1977) e Miradouro dos Capuchos (Bubner, 1979b), a que tem vindo a juntar-se um número crescente de povoados também abertos e provavelmente de curta duração, como Pianos I, onde a decoração incisa é exclusiva, e Negrais, Pianos II, Funchal II, Alto do Montijo, onde a decoração incisa é esmagadoramente dominante (90%) (Carneiro, 1991). A sul do Tejo, refiram-se os povoados abertos de Barrada do Grilo (Santos, Soares e Tavares da Silva, 1972) e Vale Vistoso (Soares e Tavares

Quadro XIII - Distribuição da cerâmica campaniforme da necrópole da Quinta do Anjo pelos três principais grupos estilísticos do Horizonte Campaniforme da Estremadura.

H. Campaniforme	Hipogeu 1	Hipogeu 2	Hipogeu 3	Hipogeu 4	S/ indic. Sepultura	Total
Grupo Internacional	1	1	3	-	1	6
Grupo Palmela	4	-	5	2	8	19
Grupo Inciso	8	3	7	1	14	33
Total	13	4	15	3	23	58

da Silva, 1976-77b) e o povoado fortificado calcolítico de Monte do Tosco 1 (Mourão), em cujo nível superior surgiu cerâmica campaniforme exclusivamente incisa (Valera, 2000), que revela, tal como nos sítios anteriores, afinidades estilísticas com o Grupo de Ciempozuelos.

Se atendermos à recente datação (3890 ± 40 BP) obtida para o complexo sepulcral pertencente ao Grupo Campaniforme Inciso de Valle de las Higueras (Toledo), na Meseta espanhola (Bueno *et al.*, 2000), podemos colocar a hipótese de uma relativamente precoce emergência da cerâmica campaniforme incisa naquela região, em paralelo com a génese do Grupo de Palmela nas penínsulas de Lisboa e Setúbal.

As evidências arqueológicas permitem supor a existência de trocas simétricas entre a Meseta e os estuários do Tejo e Sado, responsáveis pela incorporação no Grupo de Palmela de influências estilísticas provenientes do interior (Ciempozuelos), as quais terão catalisado o processo de diferenciação do Grupo Inciso regional. Também na Meseta se encontraram elementos característicos do repertório cerâmico do Grupo de Palmela, como a “fruteira” ou taça de pé do povoado de Ventorro (Madrid) (Priego e Quero, 1992); a temática decorativa dos cervídeos, realizada agora pela técnica da incisão, surgiu em uma taça de Las Carolinas (Madrid) e em um vaso campaniforme de Ventorro (Madrid). Na necrópole de sepulturas escavadas na rocha de Valle de las Higueras (Toledo), pertencente ao Grupo de Ciempozuelos, surgiram, integradas no mobiliário funerário, duas contas sobre concha de *Trivia* sp. (Bueno *et al.*, 2000, p. 65), que documentam, igualmente, a existência de

Quadro XIV - Distribuição dos recipientes campaniformes da necrópole da Quinta do Anjo por grandes categorias morfológicas.

Categorias morfológicas	Hipogeu 1	Hipogeu 2	Hipogeu 3	Hipogeu 4	S/ indic. sepultura	Total
Taças de bordo simples	4	-	1	1	8	14
Taças de bordo espessado	1	1	9	2	12	25
Vasos e caçoilas	3	1	5	-	3	12
Ind.	5	2	-	-	-	7
Total	13	4	15	3	23	58

* Na categoria dos indeterminados incluíram-se não só três fragmentos de forma indeterminada, como dois fragmentos de taças que, pelo facto de não conservarem o bordo, não puderam ser incluídos nas categorias consideradas.

relações entre o interior e o litoral, muito provavelmente veiculadas pelo Tejo.

A datação obtida para o *tholos* da Praia das Mações de 3650 ± 60 anos BP (H-2048/1458), que, calibrada a 2 sigma, corresponde ao intervalo de 2190-1790 anos cal BC, pode assinalar a etapa final do Horizonte Campaniforme na Estremadura. O Grupo Inciso do Horizonte Campaniforme corresponderia, assim, ao Bronze antigo regional, localizado nos finais do III milénio-primeiro quartel do II milénio cal BC, fase de desconstrução ou de colapso do modo de produção calcolítico estremenho. Esta fase caracteriza-se, arqueologicamente, por um forte decréscimo da visibilidade dos *habitats*, acentuada fragmentação e dispersão do povoamento, regresso a áreas planas e abertas. Na cultura material, destacam-se a cerâmica campaniforme incisa, as armas em cobre arsenical (ponta de Palmela e punhal de lingueta), braçal de arqueiro, adornos em ouro. As tumulações adquirem carácter individual, mesmo quando reutilizam sepulturas colectivas. No que concerne aos rituais funerários, importa ter presente dados provenientes de escavações recentes que diversificam e complexificam a imagem precedente. Na já citada necrópole de sepulturas escavadas na rocha de Valle de las Higueras (Toledo), surgiram quer sepulturas individuais, quer colectivas, muito embora, nesta última situação o espaço intra-sepulcral se encontrasse diferenciado por tumulações. Na mesma necrópole (Bueno *et al.*, 2000) identificaram-se enteramentos primários, depósitos secundários, rituais de ocre e de fogo, com uma provável estrutura de combustão a eles dedicada. A complexidade e diversidade do ritual funerário-religioso durante o Horizonte Campaniforme são, igualmente, bem documentadas através da informação facultada pelo hipogeu de Fosso Conicchio (Viterbo), na Itália central tirreniana, jazida que revelou um ambiente de culto funerário associado à prática de rituais de fogo (cremação secundária?). A escassez de ossos humanos (queimados), e a existência de uma ampla banqueta escavada na rocha, contra a parede lateral da câmara, interpretada como altar, sugerem para este hipogeu uma funcionalidade francamente cultural (Delpino e Pellegrini, 1999, p. 143): “*la banchina si configura come un vero e proprio altare la cui balaustra appare come un elemento funzionale alle attività che potevano esservi svolte. A riprova della plausibilità dell’interpretazione della banchina come altare orienta anche l’esame dei manufatti rinvenuti sul piano della stessa: recipienti ceramici di piccole dimensioni adatti a contenere liquidi o cibo,*

frammenti di cranio umano sottoposti all'azione del fuoco, strumenti litici e resti di fuochi”.

A aplicação a trabalhos de campo das novas abordagens teóricas da problemática campaniforme não possui ainda entre nós significativos avanços. Muitos problemas de cronologia e periodização, que dominaram o debate nas décadas de 70 e 80, continuam em aberto. No entanto, as novas preocupações que se prendem com a procura dos mecanismos económicos, sociais e culturais subjacentes ao fenómeno campaniforme adquirem posição relevante na bibliografia recente.

A interpretação da ampla circulação dos elementos campaniformes (não necessariamente das populações) faz apelo à competição pelo poder (no quadro da reorganização social do final do Calcolítico), desenvolvida por líderes e/ou elites da nova estrutura social, prefigurativa das sociedades estratificadas do Bronze final (Soares e Tavares da Silva, 1998). O espaço funerário, socializado enquanto palco de culto, pode ter sido importante instrumento de legitimação do novo poder político, que, como as evidências sugerem, não estaria completamente desvinculado do anterior sistema organizativo baseado em sistemas de parentesco, estruturados pelo culto dos antepassados.

Quadro XV - Botões com perfuração em V, de osso, marfim e otólitos, da necrópole da Quinta do Anjo.

Botões de osso marfim e otólitos	Hipogeu 1	Hipogeu 3	Hipogeu 4	Total
Cónicos ou em calote de esfera	10	3		13
Em forma de tartaruga	2			2
Antropomórficos	3	1	4	8
Total	15	4	4	23

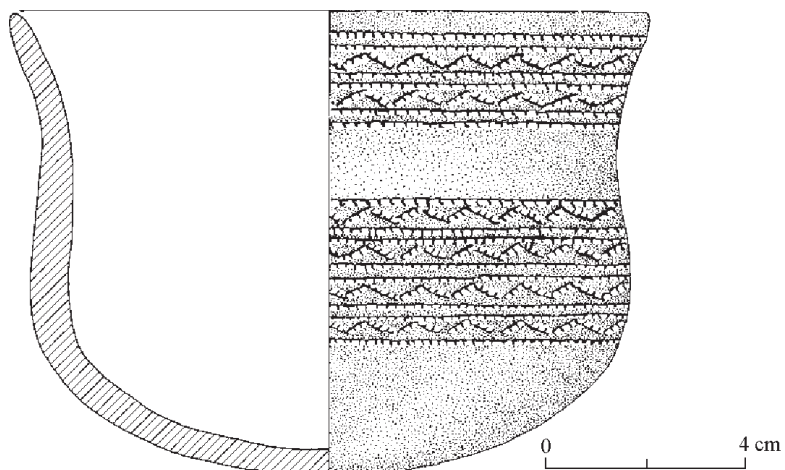


Fig. 80 - Vaso campaniforme com decoração pontilhada/linear-pontilhada, distribuída por duas zonas: bordo e bojo. Diâmetro máximo *ca.* 12,6 cm. Hipogeu 3. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.



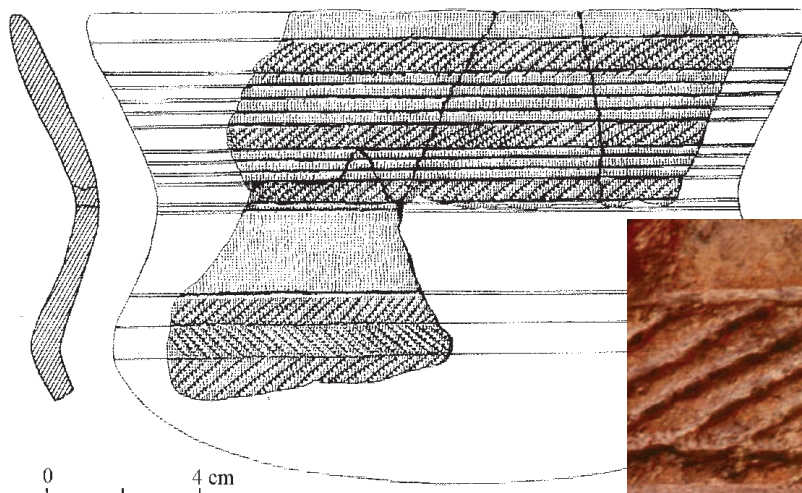


Fig. 81 - Caçoila campaniforme com decoração linear-pontilhada, afim do estilo internacional. Diâmetro máximo *ca.* 19 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

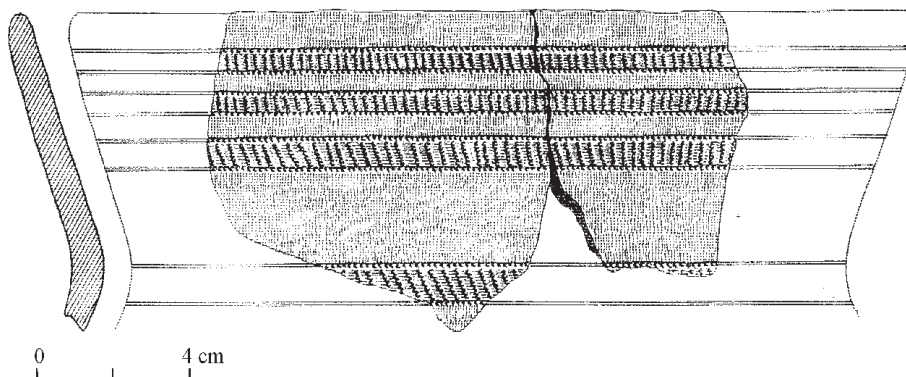


Fig. 82 - Caçoila campaniforme com decoração linear-pontilhada, afim do estilo internacional. Diâmetro máximo *ca.* 22,5 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

Fig. 83 - Vaso campaniforme linear-pontilhado de estilo afim do internacional. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Desenho de Jorge Costa.

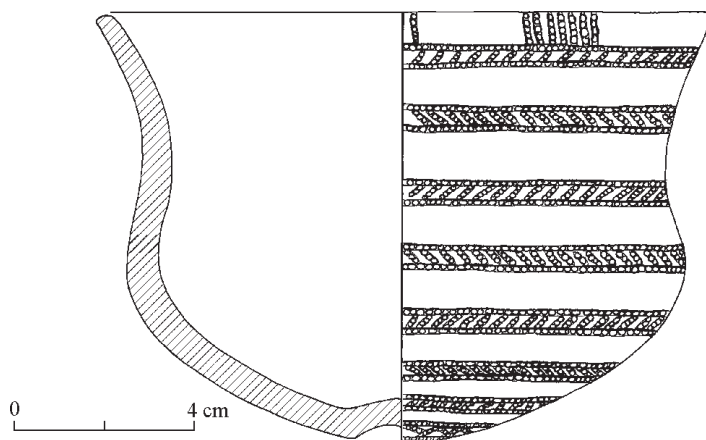


Fig. 84 - Caçoila campaniforme pontilhada. Diâmetro máximo *ca.* 16 cm. Hipogeu 1. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

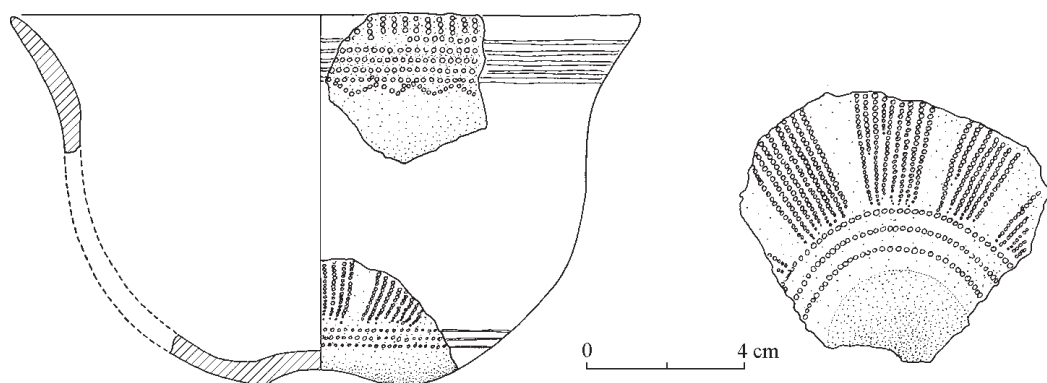


Fig. 85 - Pequena taça campaniforme, de bordo simples e fundo com *omphalus*, decorada pela técnica do pontilhado. Diâmetro máximo *ca.* 12,8 cm. Sem indicação de sepultura (conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

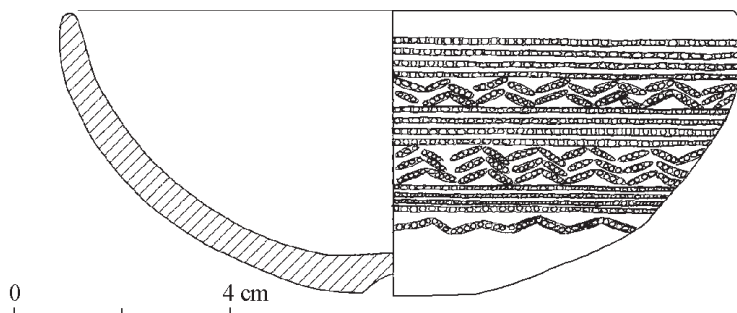
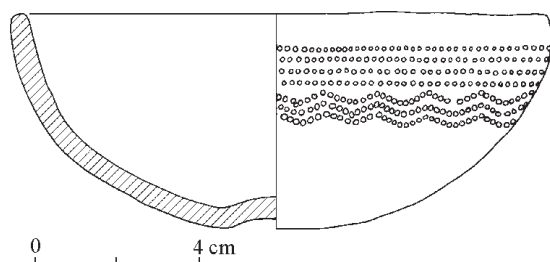


Fig. 86 - Pequena taça campaniforme, de bordo simples e fundo com *omphalus*, decorada pela técnica do linear-pontilhado. Diâmetro máximo *ca.* 12,7 cm. Sem indicação de sepultura (conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.



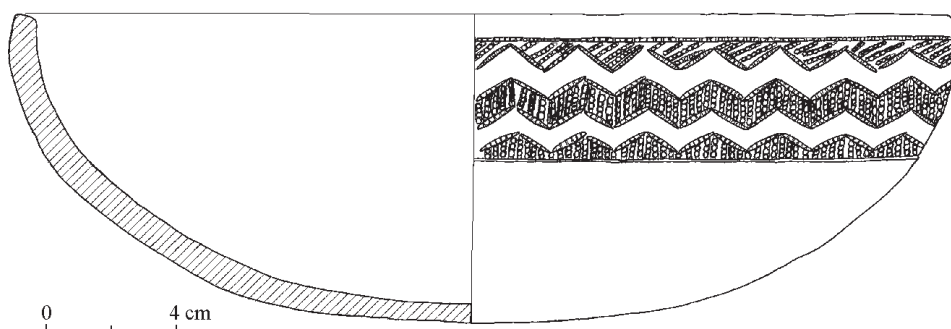


Fig. 87 - Taça campaniforme de bordo simples, decorada pela técnica do linear-pontilhado (publicada por Leisner em 1965 como incisa). Diâmetro máximo 29 cm. Hipogeu 4. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

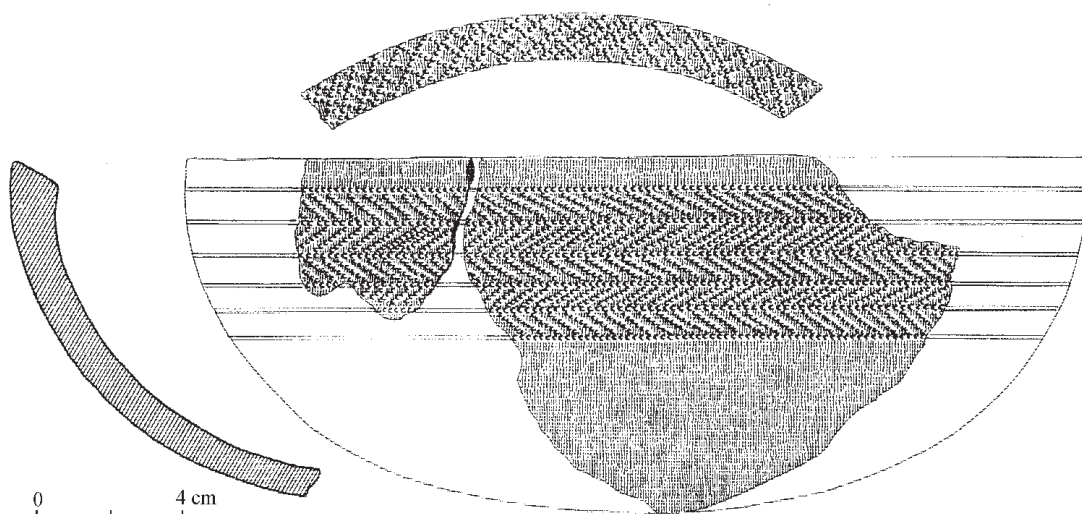


Fig. 88 - Taça campaniforme tipo Palmela, decorada pelas técnicas pontilhada e linear-pontilhada. Diâmetro máximo *ca.* 24,6 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

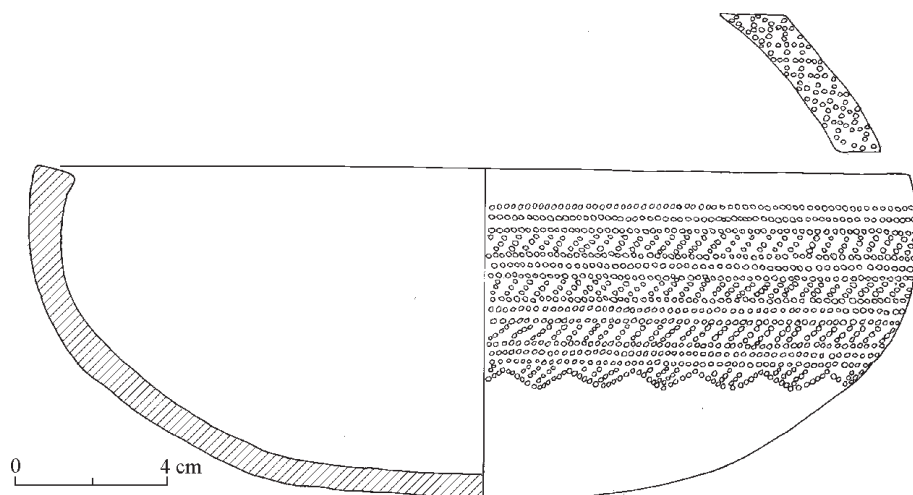


Fig. 89 - Taça campaniforme pontilhada tipo Palmela. Diâmetro máximo *ca.* 23,4 cm. Hipogeu 4. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

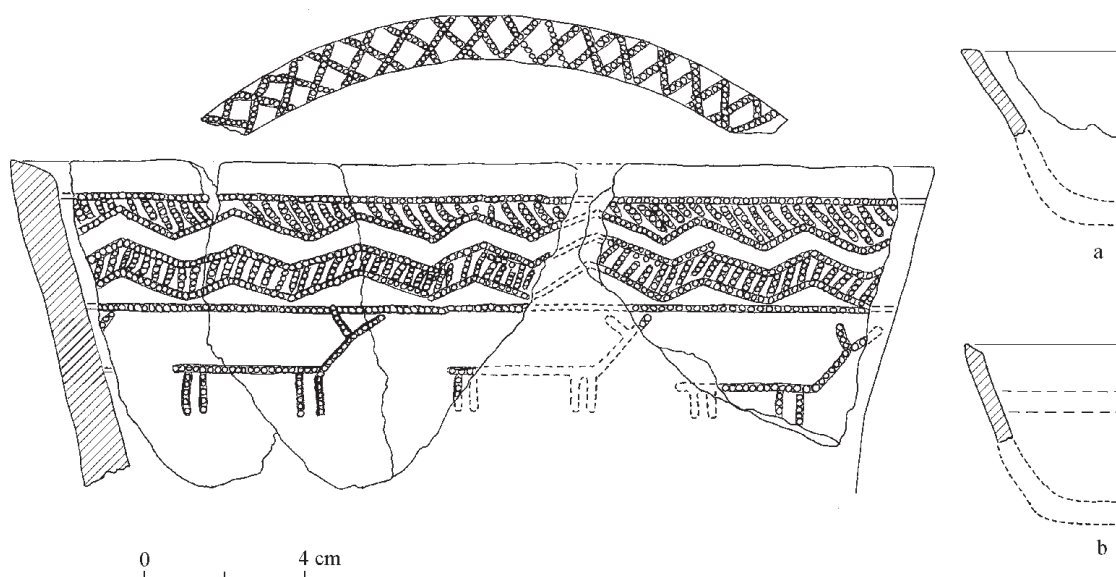


Fig. 90 - Taça alta acampanada de lábio decorado pela técnica do pontilhado e linear-pontilhado. Em a) e b) Leisner propõe duas reconstituições alternativas. Pasta cinzenta muito escura a negra. Superfícies acastanhadas escuras. Associa elementos geométricos a banda de cervídeos. Diâmetro máximo *ca.* 23 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

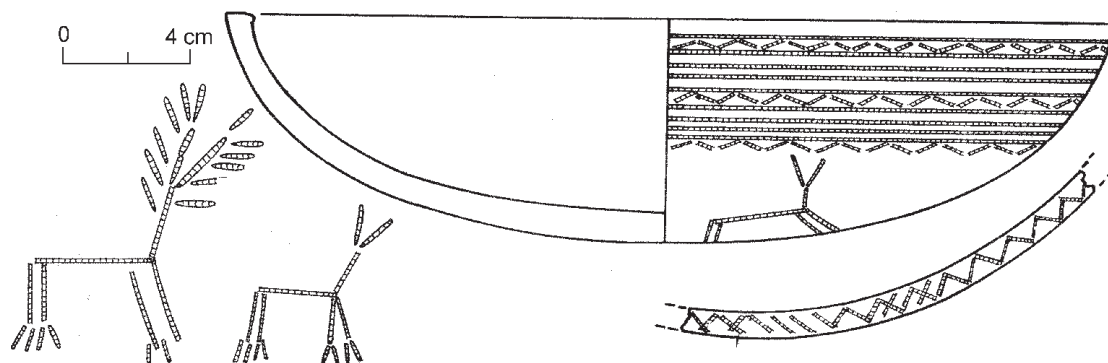


Fig. 91 - Taça campaniforme com ca. 26 cm de diâmetro máximo, pontilhada e linear-pontilhada, com o lábio decorado (tipo Palmela). Superfície interna cinzento-acastanhada muito bem alisada. Superfície externa castanho chocolate com manchas acinzentadas, alisada e polida. Inclui na sua gramática decorativa fiada de cervídeos (dois veados, duas corças e um cervídeo indeterminado). Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Fotos de E. Gameiro. Desenho de Pereira e Bubner, 1974-77.

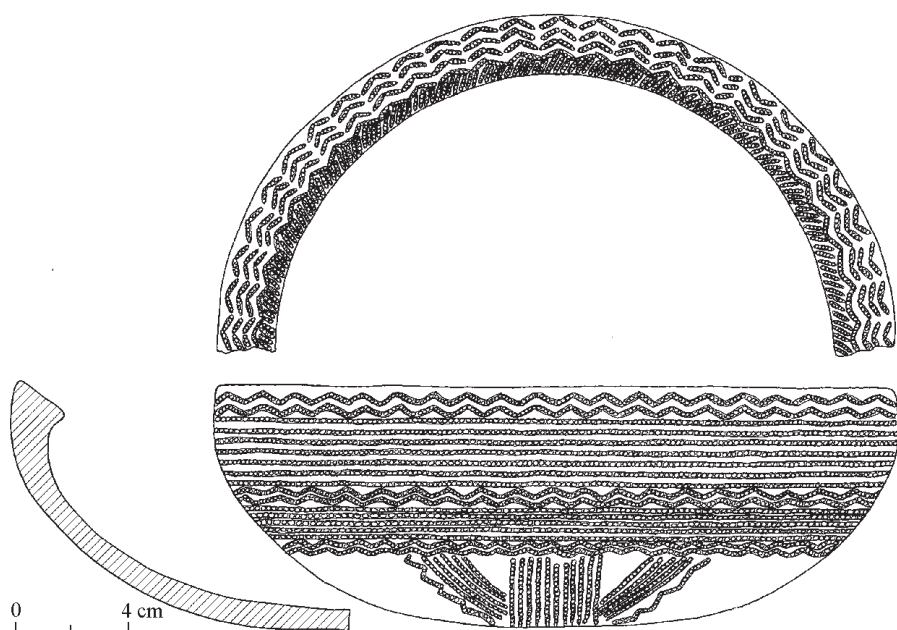


Fig. 92 - Taça campaniforme tipo Palmela; técnica do linear-pontilhado. Fundo decorado, com *omphalus*. Diâmetro máximo *ca* 24 cm. Hipogeu 3. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Fotos de Acácio Malhador. Desenho de Jorge Costa.



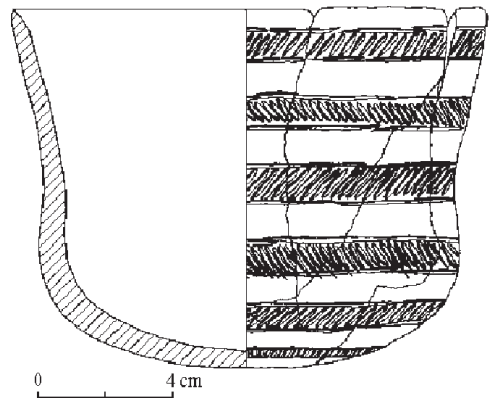


Fig. 93 - Vaso campaniforme inciso proveniente do hipogeu 3. Diâmetro máximo *ca.* 14 cm. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

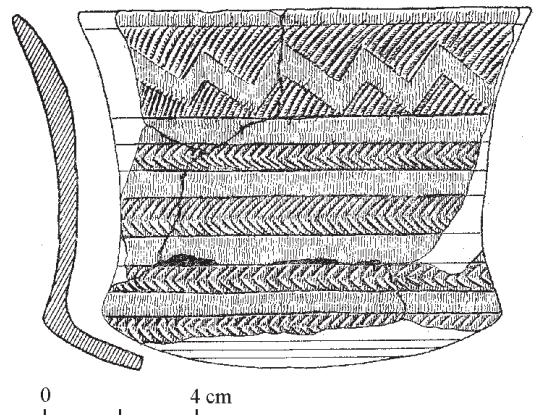


Fig. 94 - Vaso campaniforme (copo) de carena muito baixa, com decoração incisa fina; pasta friável, núcleo negro, superfícies castanho-escuras, sendo a interior alisada e a exterior polida. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Fotos de E. Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

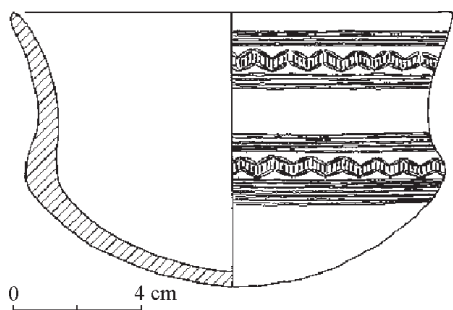


Fig. 95 - Caçoila campaniforme com decoração incisa. Diâmetro máximo *ca.* 13,8 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

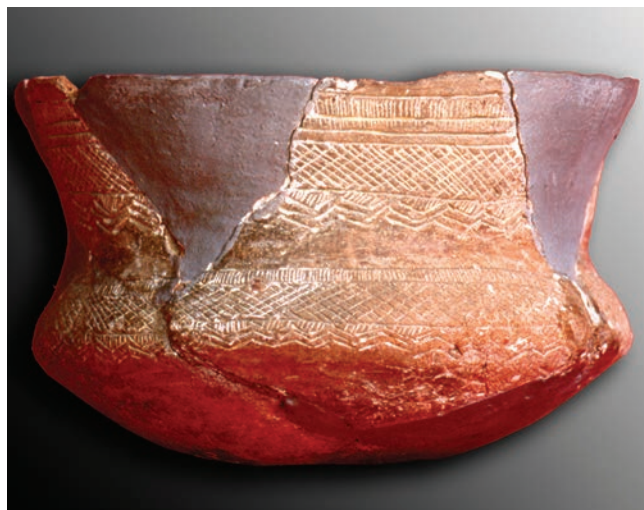
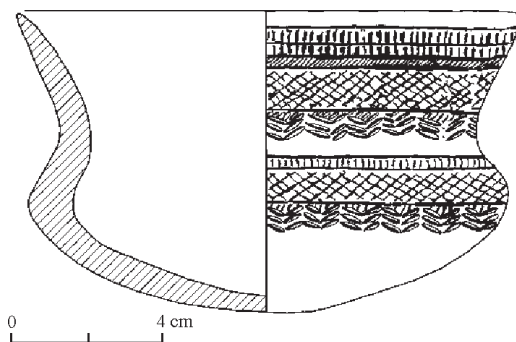
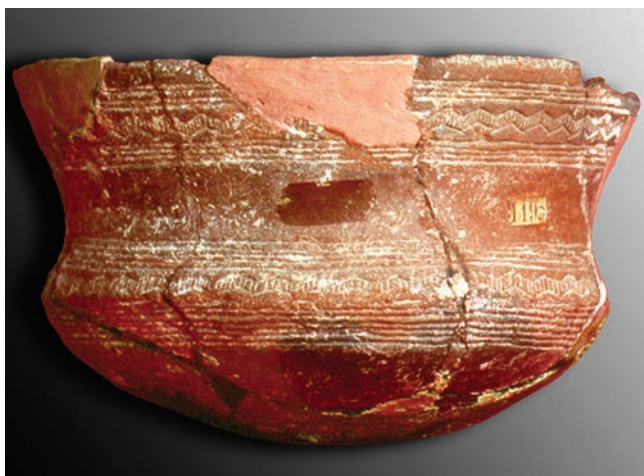


Fig. 96 - Caçoila campaniforme com decoração incisa. Diâmetro máximo *ca.* 13,2 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

Fig. 97 - Taça campaniforme de bordo simples, com decoração incisa. Diâmetro máximo *ca.* 13,3 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

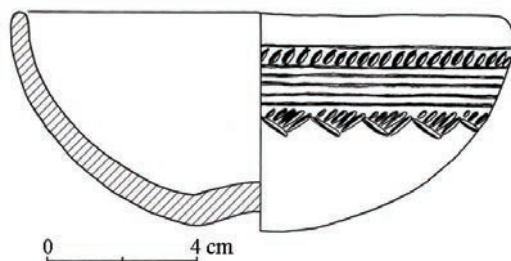


Fig. 98 - Taça campaniforme de bordo simples, com decoração incisa. Diâmetro máximo *ca.* 14,2 cm. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

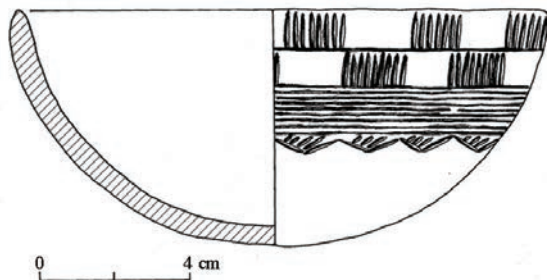
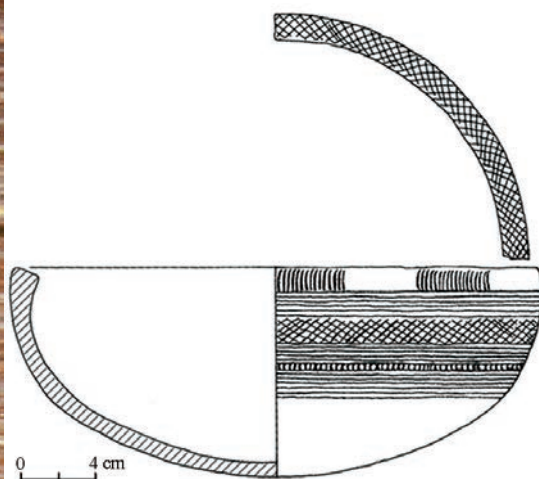




Fig. 99 - Taça campaniforme de lábio decorado. Técnica da incisão. Diâmetro máximo *ca.* 28,6 cm. Hipogeu 2. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.



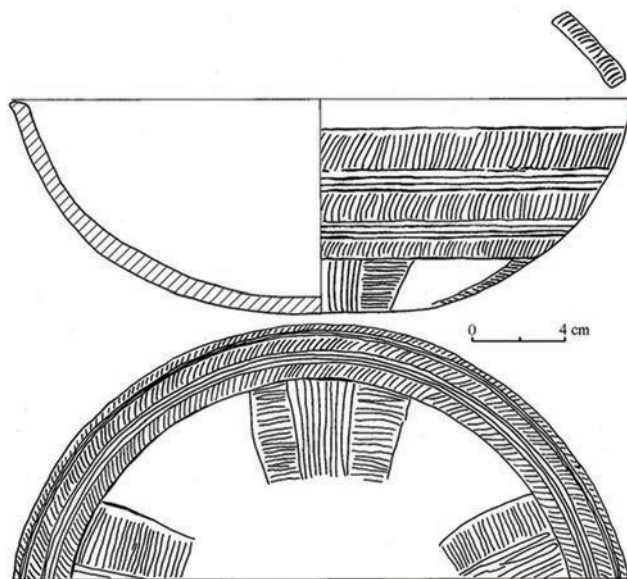


Fig. 100 - Taça campaniforme de lábio decorado, com cerca de 27 cm de diâmetro máximo. Técnica da incisão. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

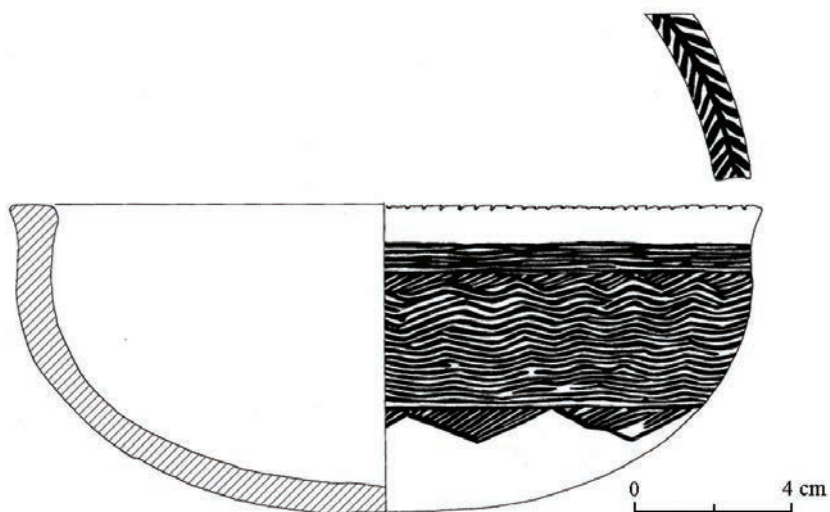


Fig. 101 - Taça campaniforme com o lábio decorado. Técnica da incisão. É provável que o preenchimento dos motivos decorativos por depósito calcário tenha sido intencional. Diâmetro máximo *ca.* 19,2 cm. Hipogeu 4. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

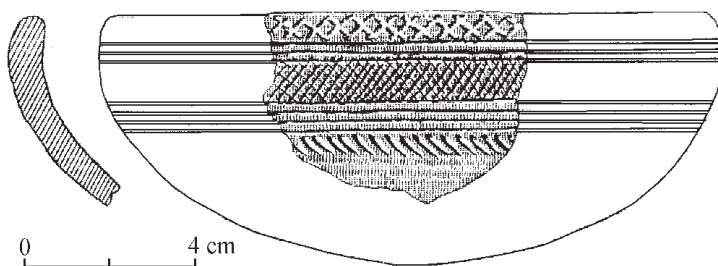


Fig. 102 - Pequena taça campaniforme de bordo simples, decorada pela técnica da incisão. Diâmetro máximo *ca.* 14,4 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

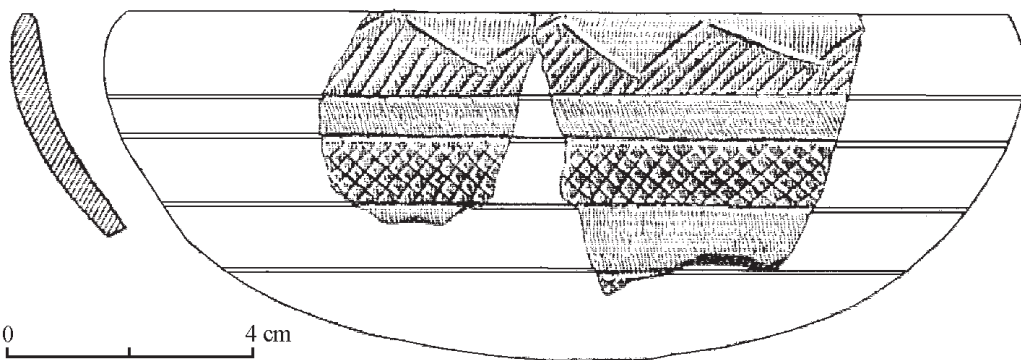


Fig. 103 - Pequena taça campaniforme de bordo simples, decorada pela técnica da incisão. Diâmetro máximo *ca.* 15 cm. Hipogeu 1. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

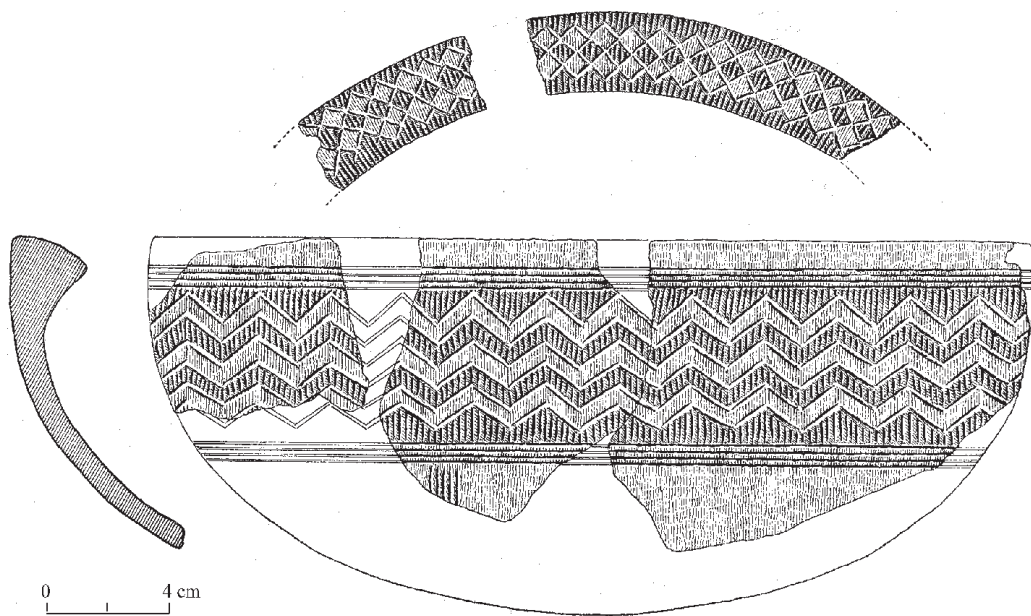


Fig. 104 - Taça campaniforme, com o lábio decorado. Técnica da incisão. Diâmetro máximo *ca.* 29 cm. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

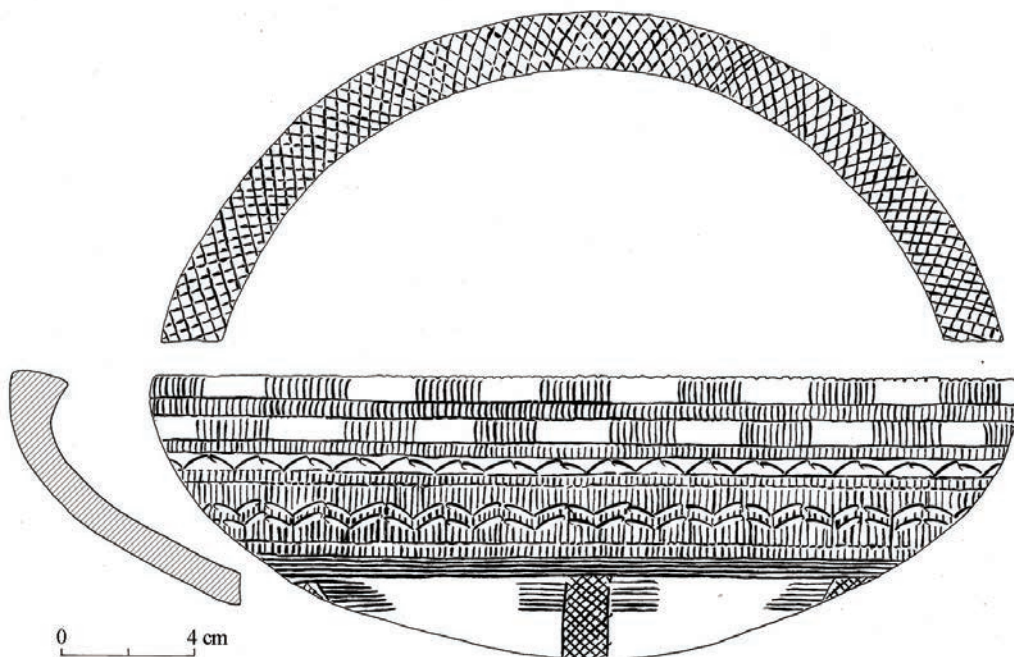


Fig. 105 - Taça campaniforme, com o lábio decorado. Técnica da incisão ao serviço de um dos padrões decorativos mais "barrocos" encontrados na necrópole da Quinta do Anjo. A execução dos folíolos que surgem organizados em duas bandas resultou do recurso à técnica da impressão. Esta taça assemelha-se a uma outra da gruta da Cova da Moura (Harrison, 1977, fig. 63, nº 957). Diâmetro máximo *ca.* 26 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Desenho de Jorge Costa.



Fig. 106 - Taça campaniforme decorada pelas técnicas da incisão e da impressão, igualmente representada nas figuras 105 e 107. Fotos de E. Gameiro.



Fig. 107 - Pormenor da decoração da taça das figuras 105 e 106. Foto de E. Gameiro.

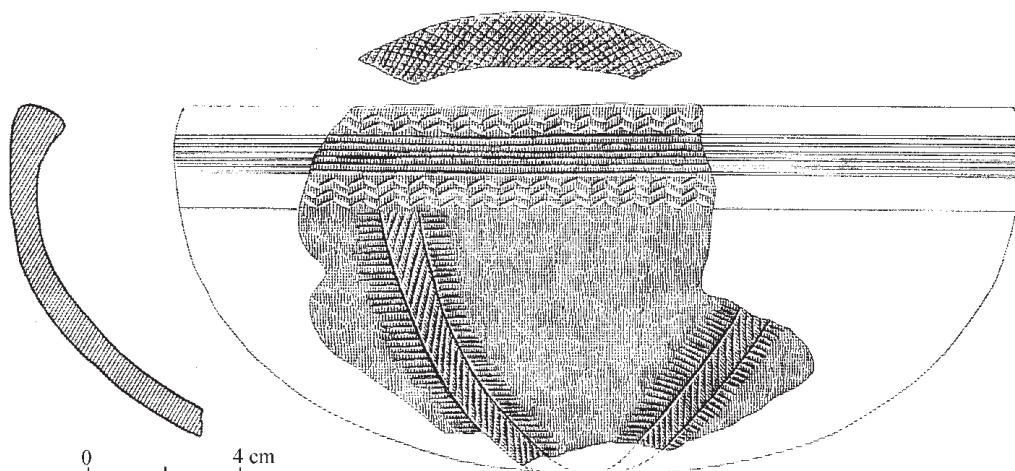


Fig. 108 - Taça campaniforme de lábio decorado. Técnica da incisão. Diâmetro máximo *ca.* 22,2 cm. Hipogeu 3. Desenho de Leisner *et al.*, 1961.

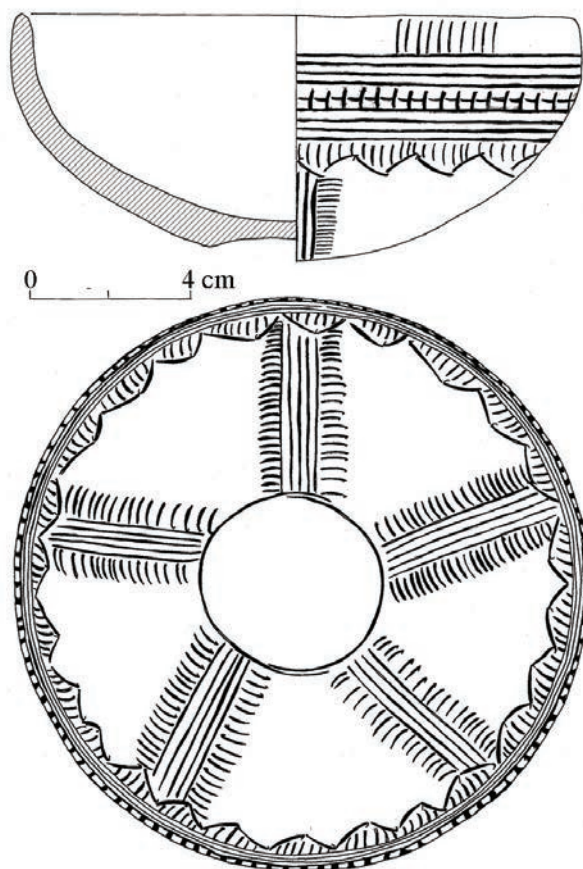


Fig. 109 - Pequena taça campaniforme de bordo simples e fundo com *omphalus*. Embora desenhada por Leisner como linear-pontilhada, verificámos que a técnica decorativa dominante é a incisão. Diâmetro máximo *ca.* 14,2 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Desenho de Jorge Costa.



Fig. 110 - Pequena taça campaniforme, de bordo simples e decoração predominantemente incisa, representada na figura anterior. Fotos de E. Gameiro.

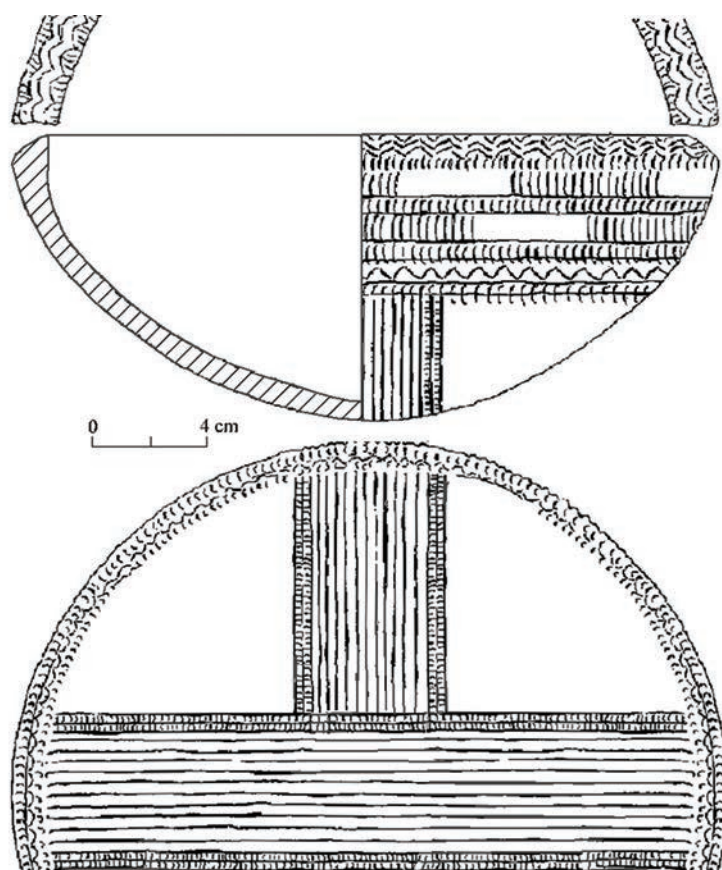


Fig. 111 - Taça campaniforme, com o lábio e fundo decorados. Técnica da incisão. Diâmetro máximo *ca.* 24,6 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

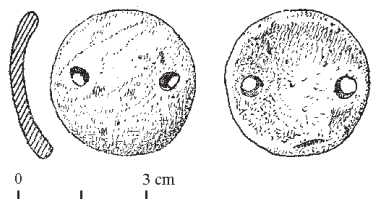
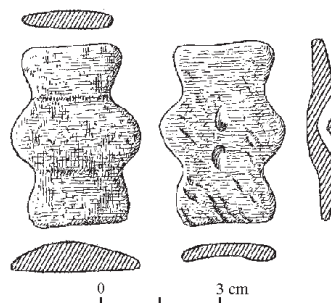
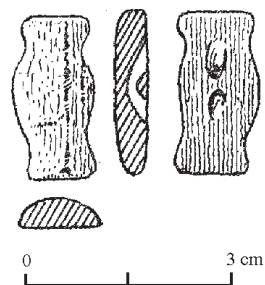
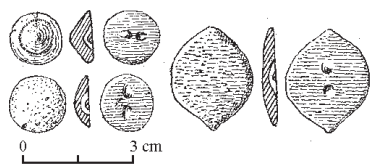


Fig. 112 - Botões em marfim e osso, com perfuração em V, à excepção de dois exemplares, com dupla perfuração subcilíndrica e de um exemplar provido de uma única perfuração. Este grupo tipológico surgiu nos hipogeus 1, 3 e 4. Fotos de E. Gameiro. Desenhos de Leisner *et al.*, 1961.

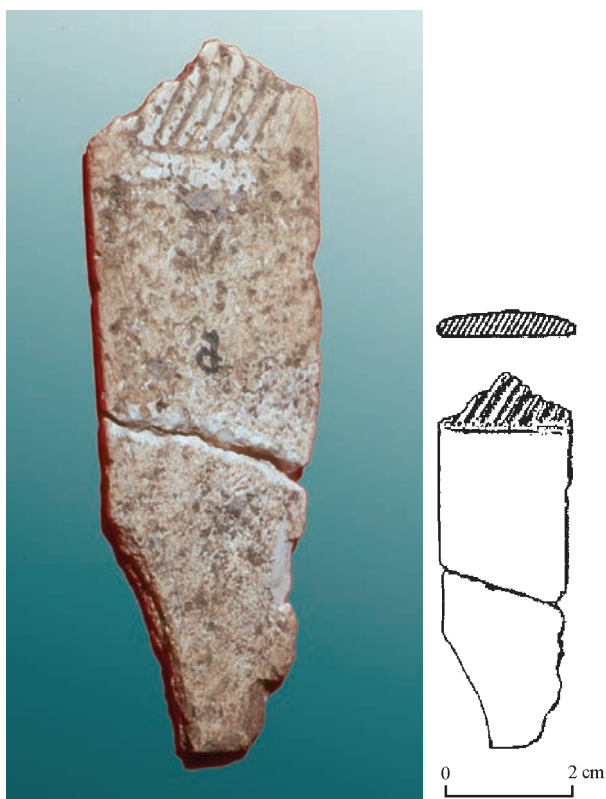


Fig. 113 - Fragmento de placa óssea decorada por banda de caneluras oblíquas em relação ao eixo maior da placa e paralelas entre si. Não é completamente improvável que este fragmento tenha pertencido a um pente-matriz e, como tal, provavelmente destinado à execução de decoração campaniforme (linear-pontilhado). Hipogeu 1. Fotos de E. Gameiro e M. Calvo Gálvez; desenho de Jorge Costa.



Fig. 114 - Instrumentos em cobre: punção, escopro e peça de cabeça espatulada com pedúnculo alongado. Este último artefacto, proveniente do hipogeu 2, tem o seu melhor paralelo no vizinho castro de Chibanes (escavações de A. I. Marques da Costa). Trata-se de uma peça rara no Campaniforme peninsular. O exemplar da Quinta do Anjo possui o comprimento total de 17 cm. Foto de E. Gameiro.

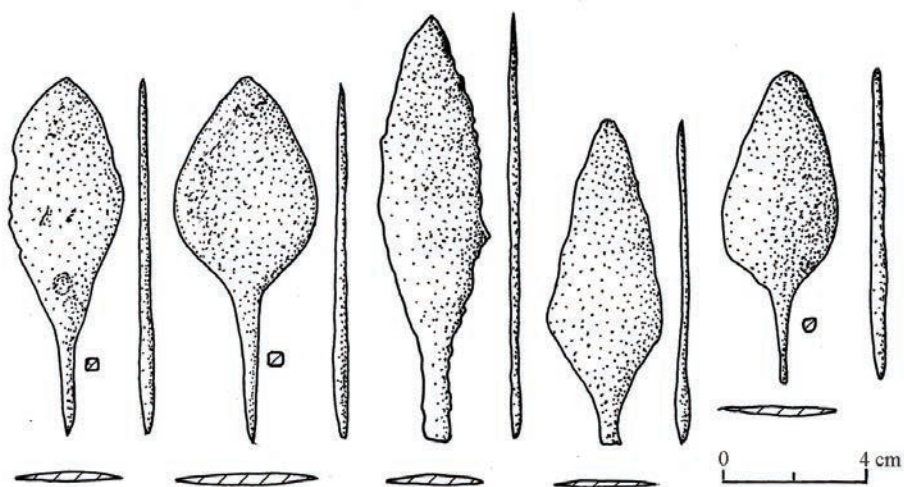


Fig. 115 - As pontas tipo Palmela encontradas na necrópole da Quinta do Anjo não possuem, na sua maior parte, indicação da sepultura de proveniência. Seguramente, forneceram este tipo de artefacto os hipogeus 1, 2 e 4. Exceptuando uma ponta de Palmela de cobre quase puro, nas restantes peças o arsénio mostrou-se o elemento secundário mais importante, variando entre 0,75% e 6,4%. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

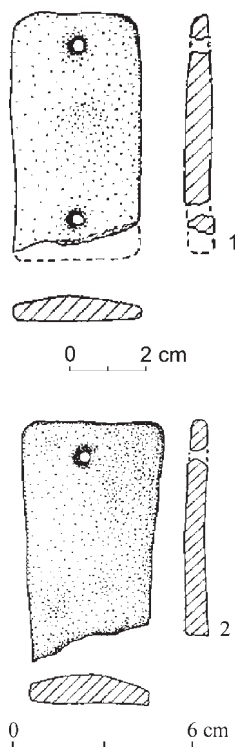


Fig. 116 - Braçais de arqueiro em grés provenientes do hipogeu 1 (nº 2) e sem indicação de sepultura (nº 1). Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B. Foto de E. Gameiro. Desenhos de Jorge Costa.

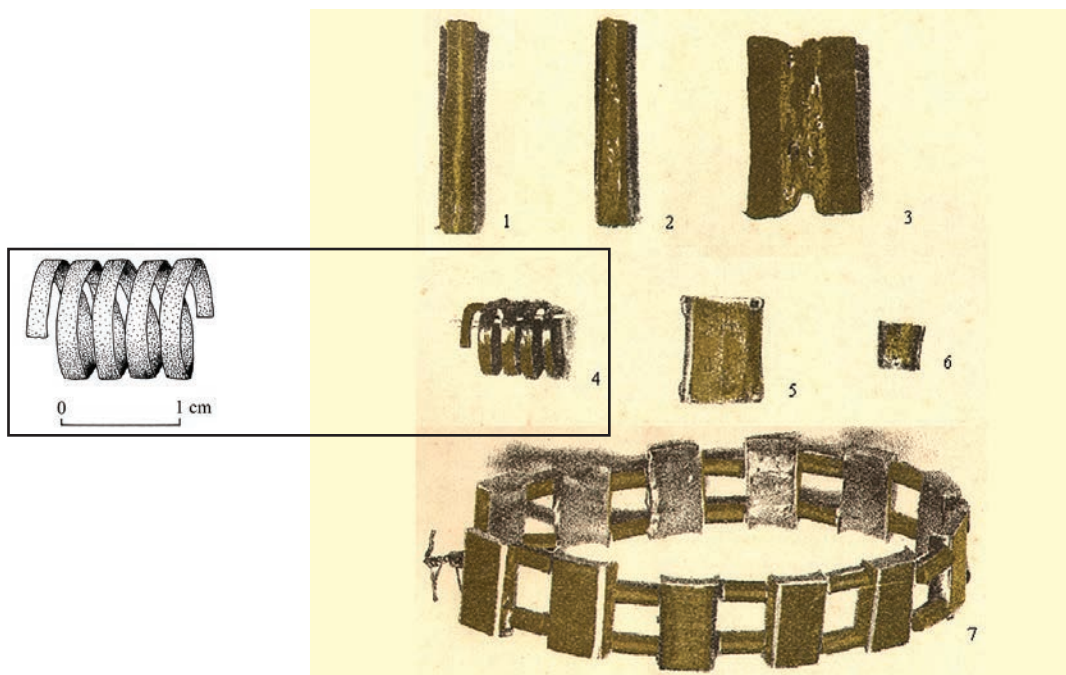


Fig. 117 - Reprodução parcial da Estampa 6 de Marques da Costa (1907) com as peças em ouro (1- 6) encontradas nos hipogeus 1 e 3 da necrópole da Quinta do Anjo, na esc. 1/1. A pulseira (nº 7) constitui uma proposta daquele autor para o arranjo das folhas e tubos de ouro acima representados. A espiral em ouro, com o nº 4, encontra-se ampliada à esquerda (desenho de Jorge Costa).

Objectos sem idade para uma história sem rupturas

Que personagem poderá ter usado, e em que momento, o pendente da figura 118, manufacturado a partir de fragmento de ídolo-placa, provavelmente do Neolítico final, fase da construção da necrópole?

Terá este pendente resgatado algumas das propriedades latentes do velho artefacto?

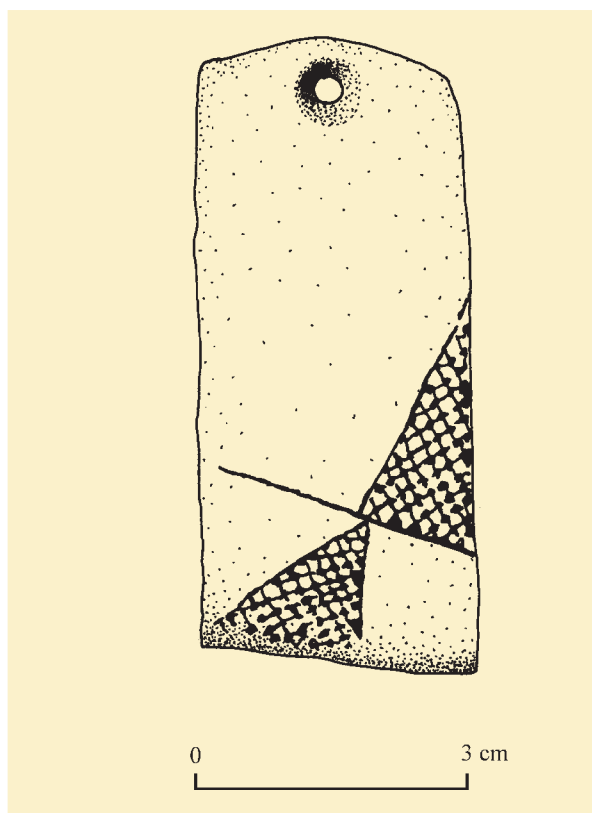


Fig. 118 - Reutilização, como pendente, de fragmento de ídolo-placa. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Ampliação de *ca* 1,2x. Desenho de Jorge Costa.

Também a necrópole da Quinta do Anjo, adaptando-se embora às transformações, reelaborando a sua imagem, manteve vivas as raízes onde se fundava a identidade de uma população em crescimento e mudança. O sucesso desta dialéctica terá feito da necrópole um verdadeiro símbolo de coesão social na Pré-Arrábida. Não será difícil imaginar que naquele espaço funerário muitos dos conflitos

inerentes às sociedades do Neolítico final e do Calcolítico terão encontrado solução. Nesta óptica, a necrópole da Quinta do Anjo seria um lugar de poder, de gestão do conflito e da partilha, peça fundamental de um sistema simbólico cujas vantagens, ou economias, a esta distância dos acontecimentos, podemos afirmar terem sido reais. A longevidade da necrópole não deixa a este respeito grandes dúvidas. Em funcionamento desde o Neolítico final, atinge a plenitude de utilização no final do Horizonte Cam-paniforme.

Na necrópole da Quinta do Anjo, a génese, desenvolvimento e colapso do modo de produção do Calcolítico da Estremadura foram aglutinados, aparentemente sem soluções de continuidade. O faseamento deste processo sobre o qual construímos a presente narrativa constitui um artifício ao qual muitos objectos escaparam, na sua transversalidade temporal, nomeadamente adornos (Fig. 119). Outros, verdadeiramente únicos no nosso registo arqueológico, desafiam a imaginação e preservam intacto o seu secretismo (Fig. 120).

Podemos afirmar que, na realidade arqueológica da necrópole da Quinta do Anjo, as persistências se impõem com grande visibilidade, mas é igualmente impossível esquecer o intenso dinamismo socioeconómico que caracteriza a história deste cemitério. Estamos, assim, perante um processo de mudança cultural resultante do desenvolvimento interno das forças produtivas e dos sistemas de organização sociocultural das populações indígenas dotadas de capacidade para inovar, sem “perderem de vista” o seu próprio passado.



Fig. 119 - Elemento de colar proveniente do hipogeu 3. Comprimento, 3 cm. Foto de Eduardo Gameiro.

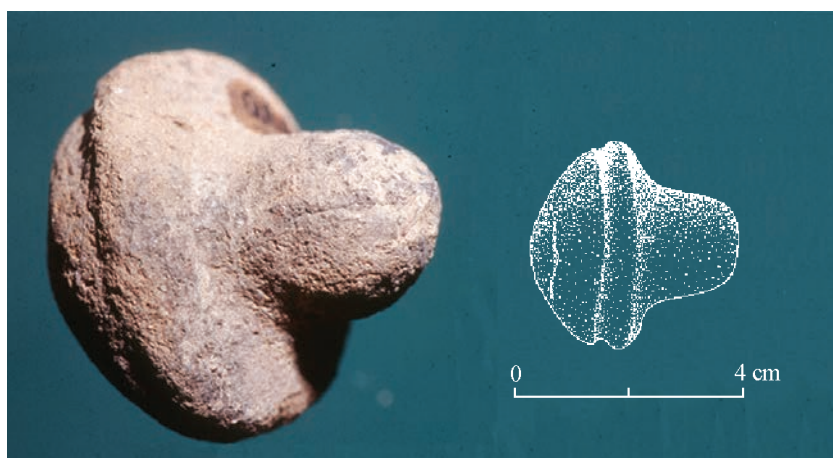


Fig. 120 - Peça de cerâmica, em forma de cogumelo, proveniente do hipogeu 1. Altura, 3,6 cm. Foto de Eduardo Gameiro. Desenho de Jorge Costa.

Necrópole, povoados e cultura material para contar uma história verosímil

*Borges: como é curiosa esta conversa ...
Parece um sonho (ri), um traço típico da
realidade.*

(Maria Esther Vázquez, 1986, *Eu, Borges.*
Imagens, memórias, diálogos, p. 213).



Fig. 121 - Chibanes. Vista aérea de parte do sector XVIII, onde se localiza um troço da muralha calcolítica guarnecido por dois bastiões. Desenho das estruturas defensivas calcolíticas representadas na fotografia. Foto de Ricardo Pais. Desenho de Jorge Costa.

Da fundação. Revolução dos produtos secundários e desenvolvimento socioeconómico

Tumulações do Neolítico final

Como atrás se afirmou, não foram individualizadas tumulações pertencentes ao Neolítico final ou a outro qualquer período de funcionamento da necrópole. A fundação do cemitério é atribuída ao Neolítico final com base na tipologia dos artefactos, no estabelecimento de paralelos com monumentos funerários escavados na rocha, como o hipogeu 2 da necrópole de S. Pedro do Estoril ou a câmara ocidental da Praia das Maças (sepulturas que, por razões diversas, foram utilizadas somente no Neolítico final), e em datações absolutas obtidas para outros hipogeus.

Um conjunto de largas dezenas de geométricos, sobretudo trapézios, e de pontas de seta de base pedunculada, um importante núcleo de instrumentos em pedra polida, na sua maioria proveniente das câmaras funerárias, ídolos-placa em xisto, com decoração geométrica, e adornos, como alfinetes em osso de cabeça postiça, contas de xisto e de rochas verdes (variscite), entre outros artefactos, deverão ter integrado a primeira fase de utilização da necrópole. A estimativa do número de depósitos funerários e a recriação dos rituais contam com escassa informação.

A partir do mobiliário funerário não é possível determinar o número de tumulações. Não foram até agora descobertas normas de constituição dos espólios individuais no decurso do Neolítico. Georg e Vera Leisner (1951, p. 158, 159, 163), a propósito da escavação da anta 1 do Poço da Gateira, do Neolítico médio, defenderam que a cada morto deveria corresponder, além de um recipiente cerâmico, um machado e uma enxó; admitiram também que, em algumas inumações, o mobiliário fosse constituído somente por um micrólito. Ainda para o mesmo período, mas na Estremadura, a gruta do Lugar do Canto (Valverde – Alcanede)

(Leitão *et al.*, 1987), onde foi possível individualizar 37 inumações, forneceu informação da maior importância no respeitante à questão em debate. Por um lado, não se registou a presença de cerâmica entre os espólios funerários, por outro, constatou-se uma grande diversidade de associações de artefactos por inumação. Assim, existiam tumulações acompanhadas somente por uma peça que podia ser um geométrico trapezoidal (inumação 32), um furador de osso (inumação 36), um machado de pedra polida (inumação 37), uma lâmina de sílex (inumação 26), um bracelete de *Glycimeris glycimeris* (inumação 7), e outras com dois, três, quatro, cinco, dez, treze artefactos.

A ausência de cerâmica no mobiliário funerário da gruta do Lugar do Canto não constitui uma situação singular. Com efeito, outros contextos funerários neolíticos da Estremadura revelam uma fraca representação ou mesmo ausência de cerâmicas. O hipogeu 2 de S. Pedro do Estoril, do qual foram apenas utilizados dois terços da área da câmara funerária, devido a precoce abatimento da abóbada, recebeu um número mínimo de 53 corpos (Silva, 1997, p. 243) e um mobiliário funerário não perecível constituído por quatro machados em pedra polida, quatro enxós, duas goivas, um furador de osso e um fragmento de lâmina de sílex. Também a câmara ocidental do monumento da Praia das Mações, utilizada até à construção do *tholos*, ou seja, até aos últimos momentos do Neolítico final, forneceu, em um conjunto de mais de três centenas de artefactos, somente dois recipientes cerâmicos, não decorados. A única sepultura (igualmente do Neolítico final) considerada intacta na necrópole da Lapa do Bugio não continha espólio cerâmico (Cardoso, 1992a). Situação inversa parece ser verdadeira para a utensilagem em pedra polida: a uma marcante presença em contextos sepulcrais neolíticos, sucede um nítido declínio na composição dos mobiliários funerários calcolíticos. Estas observações e a informação disponível quanto ao espólio de *tholoi* como os da Praia das Mações e de Pai Mogo (Torres Vedras), levam-nos a incluir no período calcolítico grande parte das cerâmicas sem decoração e de formas simples, cronologicamente pouco discriminantes, recolhidas na necrópole da Quinta do Anjo.

Tanto na câmara ocidental do monumento da Praia das Mações como no hipogeu 2 de S. Pedro do Estoril é suposto terem sido os corpos depositados em posição contraída, sentados contra a parede da cripta funerária. A sepultura nº 1 da Lapa do Bugio, que se conservou intacta, mostrou-se delimitada por lajes dispos-

tas de cutelo, definindo espaço rectangular com 1,50m x 1,00m; foi parcialmente escavada na *terra rossa* e a base, revestida por lajes calcárias (Cardoso, 1992a, p. 97). Esta estrutura recebeu uma inu-mação em decúbito dorsal, com as pernas flectidas, coberta por placas de calcário e “amontoado de calhaus”; o corpo era acompanhado por dois geométricos trapezoidais e lâmina em sílex, duas pontas de seta de base convexa, quatro pontas de seta de base côncava, uma ponta de seta de base recta, dois alfinetes em osso de cabeça postiça, colares de conchas perfuradas de *Neritina fluviatilis*, *Cypraea europaea* e contas discóides de concha.

O hipogeu de Monte Canelas (Portimão), escavado recentemente (Parreira e Serpa, 1995), veio aclarar aspectos do fragmentário conhecimento sobre o ritual funerário neolítico. O estrato de tumulações da base do monumento, datado do Neolítico final, continha restos de 147 indivíduos, dos quais cinco correspondiam a inumações primárias (quatro do sexo feminino e uma do sexo masculino), em posição fetal e decúbito lateral, orientadas aproximadamente NE-SW. O mobiliário funerário associado a três destes enterramentos primários (Silva, 1997) exclui a olaria. As inumações 337 e 342, do género feminino, forneceram ambas, aos pés, uma enxó; a primeira possuía também uma lâmina de sílex entre os braços e a segunda, dois alfinetes de osso de cabeça postiça, junto do crânio. Estas associações apoiam a hipótese da divisão sexual do trabalho que confere à mulher neolítica a gestão dos recursos vegetais e a descoberta e controlo da “agricultura de sacho”. Porém, perante o restrito número de observações não podemos afirmar peremptoriamente que a enxó e os alfinetes de osso, muito provavelmente de cabelo, eram atributos exclusivamente femininos.

No que concerne ao ritual das grandes sepulturas colectivas megalíticas, G. e V. Leisner (1951) consideravam-nas ossários de gerações sucessivas, em oposição aos dólmenes mais antigos e de menores dimensões onde cada inumado tinha o seu espaço cativo. Com efeito, é muito provável que em sepulturas utilizadas no decurso de muitas gerações, após o esgotamento da sua capacidade, os restos mortais mais antigos fossem sendo reunidos em ossários, a fim de disponibilizar espaço para novas tumulações, constituindo-se, se necessário, depósitos secundários espacialmente segregados. Este comportamento manifestou-se em pleno Neolítico final (Lapa do Fumo), durante o Calcolítico (gruta de Feteira, C. 1) e terá prosseguido pelo menos até à Idade do Bronze (Lapa da Furada). No caso da Lapa da Furada, importa ter presente que a formação

do ossário implicou a trasladação de restos mortais (calcolíticos) para um espaço exterior à necrópole onde teriam ocorrido as inumações primárias.

O ossário da Lapa do Fumo, relativamente bem conservado, permite-nos vislumbrar a complexidade deste tipo de ritual: foi preparada uma fossa lajeada, o que parece denunciar a preocupação de evitar o contacto dos restos mortais com a terra envolvente, e nela depositados mobiliário funerário e restos ósseos remobilizados de tumulações primárias; o conjunto foi abundantemente polvilhado com ocre vermelho e registaram-se indícios da prática de rituais de fogo.

Os dois ossários reconhecidos na C. 1 da gruta da Feteira (Zilhão, 1995), datada de 4110±60 BP (TO-352), encontravam-se delimitados por círculo de grandes blocos, sendo um deles pavimentado, à semelhança do da Lapa do Fumo.

Organização social

A abordagem do Neolítico final a partir do mundo dos mortos tem a vantagem de dispor de um grande acúmulo de informação, mesmo que, na sua maior parte, limitada à cultura material. É no espaço funerário que, ao contrário do que acontecerá no Calcolítico, melhor se percebe o intenso dinamismo, quer demográfico, quer económico e social que caracteriza o final do Neolítico. A partir do Calcolítico, a maior parte do esforço construtivo dos grupos humanos será absorvido pelos espaços domésticos, enquanto, no Neolítico final, esse esforço era direccionado para o domínio funerário.

Conscientes da dificuldade, ou mesmo da impossibilidade, de aceder aos padrões de comportamento pré-históricos, tentaremos inquirir não só a informação arqueológica de carácter funerário, mas também a dos contextos habitacionais, a cultura material e os ecofactos. Esta perspectiva justifica o título do presente capítulo. Por outro lado, não podemos deixar de reconhecer que sendo a nossa principal fonte de informação um espaço sepulcral, esse facto se reflectiu na abordagem seguida. Levámos em consideração objecções como as colocadas por Hodder (1982, p. 146) quando afirma que na morte *“people often become what they have not been in life”*. Mas se aceitamos que o registo funerário não pode ser entendido como um mero espelho da vida real de determinada



Fig. 122 - Representação de carro de caixa rectangular, com quatro rodas e sistema de atrelagem, e bucrânio, do santuário exterior do Escoural. Seg. Gomes *et al.*, 1983.

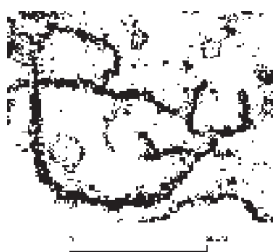


Fig. 123 - Representação de arado, com rabiça bem destacada, bucrânio e provável campo de cultivo, do santuário exterior do Escoural. Seg. Gomes *et al.*, 1994.

comunidade, também admitimos que entre as duas realidades não existem desfasamentos intransponíveis. Os comportamentos funerários contêm representações mais ou menos ritualizadas da vida quotidiana. A este respeito, importa ter presente o estudo conduzido por Binford (1972) sobre uma amostra de 40 sociedades de organização não estatal. Tais estudos mostraram que os vestígios funerários reflectem, efectivamente, a organização social dos grupos que os produzem.

O mobiliário funerário pode ter sido propriedade do defunto, pode corresponder a oferendas, ou, simplesmente, a meros estereótipos socialmente determinados, de acordo com a ideologia do grupo. Porém, a visita a um cemitério actual, onde muito provavelmente todas aquelas hipóteses poderão ter ocorrido, deixará transparecer a estrutura classista da nossa sociedade.

No extremo final do Neolítico, um importante sobreproduto económico é investido na arquitectura e mobiliário funerários. A pujança destes reflecte as grandes transformações económicas em curso. Com efeito, as comunidades pré-históricas do Sul de Portugal estariam a atingir um óptimo de desenvolvimento socioeconómico em resultado de importantes inovações económicas e tecnológicas – nova fonte de energia e equipamento necessário à sua adaptação à actividade agrícola. Referimo-nos à trilogia força de tracção animal/carro/arado cuja principal evidência arqueológica é constituída pelas gravuras de bucrânios, carro e arado do santuário exterior do Escoural, sobrepostas por fortificação calcolítica datada, na sua fase mais antiga, de 4260 ± 90 BP (ICEN-609) e 4120 ± 100 BP (ICEN-608); estas datas, que correspondem à primeira metade do III milénio cal BC, constituem o limite cronológico superior para as citadas gravuras rupestres (Gomes *et al.*, 1983 e 1994).

A aplicação à agricultura da força de tracção animal, núcleo duro da chamada revolução dos produtos secundários (RPS), teria conduzido à superação da fase arcaica da domesticação de animais e plantas. Se a adopção da economia de produção de alimentos, durante os alvares da chamada revolução neolítica, havia diversificado o leque dos itens alimentares e das formas de subsistência, aumentando, nomeadamente, a capacidade de integração social de situações de risco, como crises eco-climáticas, não é evidente que tenha trazido aumentos significativos de produtividade do “factor” trabalho, em relação à economia de caça-recollecção complexa.

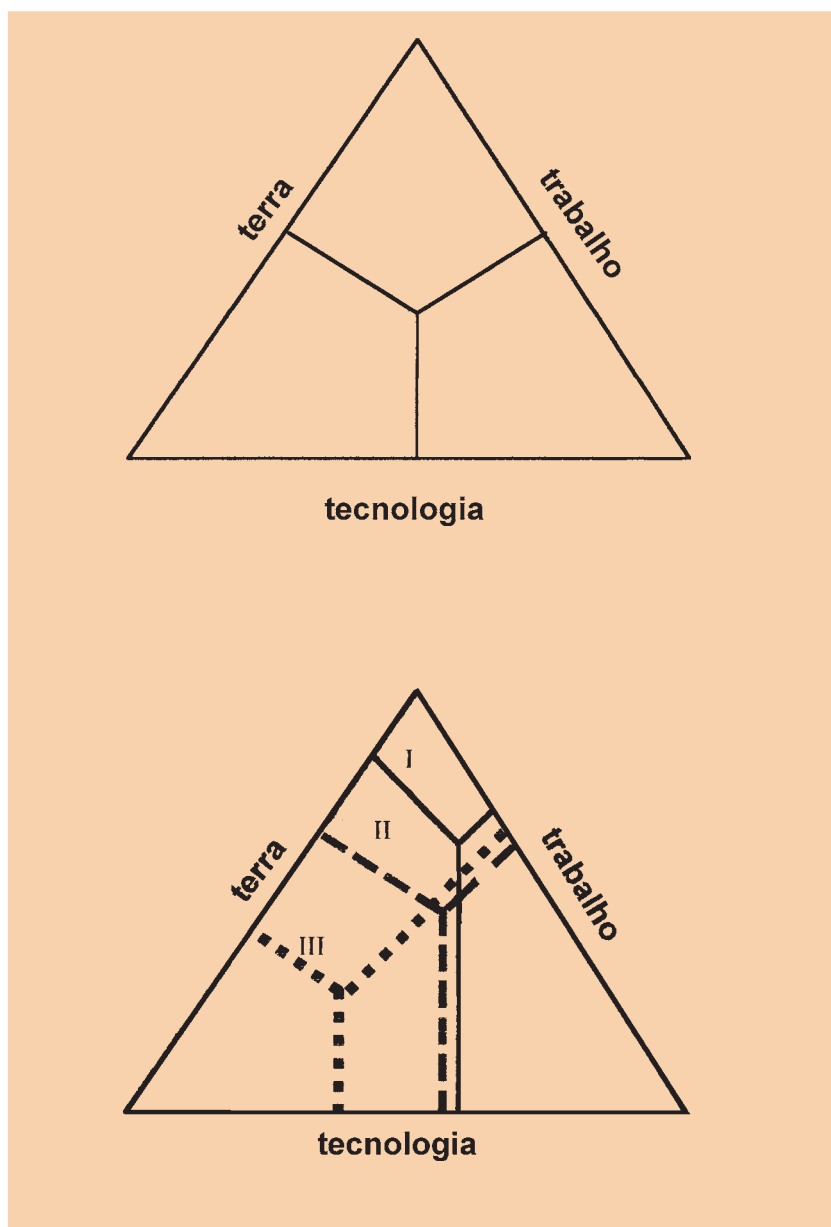
A intensificação da produção induzida pela RPS, associada a importantes ganhos de produtividade e ditada, muito provavelmente, por continuada pressão demográfica, aliada à reformulação dos padrões de organização social, em curso desde o Neolítico antigo, veio rasgar longínquos horizontes para o futuro, até aí incerto, do novo modo de produção doméstico. Em suma, com a revolução dos produtos secundários da criação de gado, consubstanciaram-se as mais radicais transformações na história da humanidade, iniciadas no Neolítico antigo e apenas equiparáveis às da revolução industrial.

Importa ter presente que as formações sociais do Neolítico médio, que antecederam imediatamente a RPS, haviam perdido a flexibilidade dos períodos anteriores, para se estruturarem através de sistemas de parentesco, mais ou menos complexos, com clara expressão arqueológica na arquitectura funerária de carácter megalítico. A agricultura de corte e queimada (realizada devido a limitações tecnológicas em solos arenosos e areno-argilosos de baixa fertilidade que rapidamente se esgotava) era uma actividade fortemente consumidora de espaço, por exigência de longos pousios. Este facto obrigava à existência de pequenos grupos e extensos territórios. As células de povoamento seriam, assim, por hipótese, constituídas por pequenos núcleos de base familiar que acompanhavam a rotação dos campos. Esgotada a fertilidade natural das terras de cultivo, impunha-se nova deslocação e penosas desflorestações e queimadas, com as quais se dava início a um novo ciclo de agricultura de subsistência. De um ponto de vista arqueológico, é o período de apogeu dos instrumentos de pedra polida e do apagamento na paisagem dos sítios de *habitat*. A curta duração dos estabelecimentos domésticos, o seu padrão de implantação em áreas planas e abertas, o rápido perecimento das respectivas estruturas levaram autores como G. e V. Leisner a atribuir as mais densas manchas do Megalitismo alentejano a grupos de pastores nómadas (G. e V. Leisner, 1951, p. 17):

“De uma maneira geral, contudo, não é possível estabelecer uma norma para a situação das antas.

“A sua distribuição constitui mais um facto para apoiar a hipótese de uma economia pastoril ou, como outros autores admitem, de uma vida parcialmente nómada, porquanto, mesmo nas regiões de maior abundância de antas, quase nunca se encontraram, até hoje, vestígios de habitações do povo megalítico. Esta distribuição, de que acabamos de falar, está em contraste com as

Fig. 124 - De forma muito esquemática, teríamos a seguinte transformação na estrutura dos custos de produção agrícola (sobre diagrama de Herleemann), desde a sua fase mais extensiva, no Neolítico antigo, até à intensificação desencadeada pela RPS: a agricultura do início do Neolítico, assente sobretudo no factor terra (I), foi, no decurso do Neolítico médio (II), incorporando melhor tecnologia (pedra polida) e sobretudo mais trabalho, de acordo com as exigências do crescimento demográfico; no Neolítico final (III) ocorre uma verdadeira intensificação da produção, caracterizada pela substituição de terra por tecnologia (tracção animal/carro/arado). Intensificação, acompanhada de ganhos de produtividade, que permitiu elevar, substancialmente, os índices de sedentarização.



necrópoles das culturas urbanas do sudeste da Península, documentadas pelas cidades fortificadas da época do Bronze inicial, tal como Los Millares, e constitui outra prova das diferenças entre a cultura megalítica e a cultura das tholoi.”

Este paradigma vigorou entre nós até muito tarde; só na segunda metade dos anos 80 viria a ser invalidado pela descoberta de uma série de povoados que abrangia toda a diacronia do Megalitismo alto-alentejano. Os primeiros *habitats* correlacionáveis com

as diversas fases do Megalitismo foram identificados em 1985, no âmbito do estudo do impacte ambiental da barragem de Alqueva (Soares e Tavares da Silva, 1992). Ao contrário do que sucedeu em outras regiões, nomeadamente na África sub-saariana, na Europa e no caso específico do Sul de Portugal todos os indicadores arqueológicos apontam para uma progressiva integração da pastorícia e da agricultura, desde os seus primórdios. Essa articulação, que viria a culminar na RPS, foi um factor maior do desenvolvimento da economia agro-pastoril.

Os excedentes produzidos pelas sociedades do Neolítico médio destinar-se-iam, prioritariamente, à regulação social, que se faria, principalmente, através do reforço da estrutura alargada dos laços de parentesco. O sobreproduto económico encontrava na esfera do funerário o seu campo de aplicação privilegiado. Aí se faria a identificação do grupo no reconhecimento de um antepassado comum, genealogicamente reconhecido e materializado na paisagem. As sepulturas pétreas eram, pois, as referências perenes da identidade social.

A pressão desencadeada pelo aumento da competição social, ou seja, pelo processo de consolidação do sistema de poder nas sociedades de linhagens ou clãs, e por crescimento demográfico, poderá explicar a significativa intensificação da produção (Revolução dos Produtos Secundários) iniciada no final do Neolítico. Esta traduz-se por maior incorporação do factor tecnologia (arado/carro) na agricultura e por redução dos factores terra e trabalho. Adaptando o esquema de combinação dos factores de produção de Herlemann (Fig. 124), teríamos uma evolução do Neolítico médio para o Neolítico final/inícios do Calcolítico marcada pela substituição de terra e trabalho por tecnologia. Substituição acompanhada por aumentos de produtividade. Os solos espessos, de maior fertilidade natural, puderam então ser cultivados. Esta revolução tecnológica e económica propiciou considerável aumento de excedentes, no quadro do modo de produção doméstico, assente na família extensa enquanto unidade socioeconómica básica, na propriedade colectiva da terra e na linhagem, enquanto referencial socioideológico. A acumulação do sobreproduto económico ocorreria preferencialmente à escala interfamiliar. O chefe do grupo, o ancião mais sábio e comprometido com o antepassado fundador, com funções de distribuição da terra pelas famílias e responsável pela organização dos rituais de fertilidade, reuniria condições, de acordo com analogias proporcionadas pelo registo

etnográfico pertinente, para assegurar funções de redistribuição em situações de crise ou de festa. A afectação crescente de excedentes ao serviço da acumulação de poder simbólico poderá ter criado em algumas regiões, como na de Évora, desigualdades entre linhagens em competição pelo direito a uma mais próxima ligação ao antepassado mítico do clã ou da tribo. Este direito permitir-lhes-ia, por hipótese, legitimar maior controlo fundiário. As linhagens de prestígio exteriorizariam o seu poder, preferencialmente, através da esfera funerário-religiosa. Atinge-se então o apogeu do Megalitismo. Registam-se gigantismo e monumentalização progressivos nas sepulturas, fenómeno já designado por necropolização da paisagem (Jorge, 1986). Na Estremadura, esse esforço construtivo encontra a sua mais evidente expressão na arquitectura funerária em negativo, representada pelas necrópoles de hipogeus. Estaríamos, assim, perante um sistema de acumulação dominado por relações de produção de tipo familiar e linhageiro. Este modelo socioeconómico comportaria formas organizativas diferenciadas, desde a variante mais igualitária, com um chefe não coercivo, somente consultivo, que poderia dividir o poder com os restantes chefes de família, até ao regime de chefaturas. No caso vertente, pensamos que a população que enterrou os mortos na necrópole da Quinta do Anjo, durante o Neolítico final, era ainda basicamente igualitária. Os hipogeus e os mobiliários funerários da fase neolítica não mostram entre si diferenças que nos permitam inferir a existência de nítidas formas de desigualdade social. Cada um dos monumentos funerários poderá, por hipótese, ter pertencido a segmento de uma mesma linhagem.

No que concerne à diferenciação social intergrupar, é possível surpreendê-la na comparação desta necrópole com outros sítios funerários da região, como grutas naturais. Se no mobiliário funerário não se observam diferenças significativas para o fraco nível de desagregação da informação a que temos acesso, o mesmo não se aplica ao investimento realizado nas sepulturas propriamente ditas. O acto de substituir a natureza, criando grutas a golpes de enxó e escopro líticos, executando cuidadosamente um modelo arquitectónico de alguma complexidade, tem um custo económico que se pode estimar em horas/homem, mas tem igualmente um valor simbólico que extravasou o universo das primeiras gerações de construtores e atravessou mais de um milénio. Teria sido a mais-valia resultante da transmutação de um bem material (construído e utilizado colectivamente) em capital simbólico apro-

priada pelo grupo no seu todo, enquanto instrumento de legitimação do seu poder e de identificação face a outros? Ou teria sido aquela mais-valia exportada para a “região do poder político” do próprio grupo, contribuindo dessa forma para legitimar um processo de hierarquização social intragrupal¹⁶? No Alto Alentejo, onde é maior a visibilidade arqueológica da diferenciação social, talvez a segunda hipótese seja plausível (atenda-se à flagrante desigualdade impressa na paisagem por sepulturas monumentais e recintos megalíticos).

A eufemização que o processo de transformação de diferentes tipos de capital em capital simbólico comporta tende a conferir uma autonomia ilusória à esfera do simbólico graças à sua capacidade de mobilização social, sem aparente exercício de coacção. No dizer de Pierre Bourdieu (1989, p. 15):

“O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder [...]”.

O poder simbólico, importa sublinhar, é sobretudo, e basicamente, uma das metamorfoses mais “naturalizadas” ou legitimadas do poder económico.

Nas sociedades do Neolítico final, na tradição das do Neolítico médio, o sobreproduto económico parece ter continuado a ser canalizado, prioritariamente, para a esfera funerário-religiosa onde se transformaria em capital simbólico; este seria, por hipótese, apropriado pela “região do poder político”, mesmo que esta fosse representada somente por um chefe não coercivo. Pierre Clastres (1974), que considera o social e o político (não necessariamente coercitivo) indissociáveis, exemplifica bem essa ideia através de sociedades índias da América do Sul, onde a instituição política é apenas representada por um indivíduo, dependendo o equilíbrio entre aquela instituição e a estrutura social de um conjunto de trocas de bens e serviços entre o chefe e o grupo. Entre as duas unidades geram-se fluxos de trocas desiguais, favoráveis ao chefe. A sociedade defende-se, no entanto, da instituição política, não permitindo ao seu líder o exercício de qualquer poder decisório. Talvez não fosse exactamente este o cenário na fase terminal do Neolítico, em especial no Alto Alentejo cujo registo arqueológico deixa perceber

16. De um modo geral, o registo etnográfico (*cross-cultural analysis*) mostra que a competição gerada em torno dos símbolos de excelência, com competência para atribuir estatuto/poder aos seus detentores/controladores se localiza preferencialmente ao nível intragrupal. O *stress* é colocado na legitimação do estatuto individual (Taffinder, 1998, p. 83).

o curso de um processo de consolidação do sistema de linhagens e de legitimação de “blocos hegemónicos” supralocais, por hipótese, com capacidade para se desenvolverem como estruturas políticas integradoras. Na Estremadura, os espaços sociopolíticos parecem ter permanecido mais segmentados que no Alentejo. Considere-se a maior diversidade da arquitectura funerária estremenha (localismos) e a sua menor monumentalidade face à realidade alentejana.

Independentemente das variações regionais que a desigual intensificação da produção associada à RPS criou, constituíram-se condições genericamente favoráveis a uma maior autonomia dos grupos e ao recuo da tendência integradora dos sistemas linhageiros do Neolítico final. Com efeito, os testemunhos arqueológicos calcolíticos da Estremadura comportam muitos indicadores de conflito intergrupal, sendo possível que os bens de prestígio funcionassem como meios de exibição/afirmação do poder colectivo do grupo, face a outros.

Padrões de povoamento

Os efeitos do desenvolvimento das forças produtivas, visíveis no domínio funerário, encontram-se igualmente reflectidos na alteração dos padrões de povoamento e na implantação topográfica do *habitat*. As redes de povoamento parecem ter-se adensado nas penínsulas de Lisboa e Setúbal durante o Neolítico final. O *habitat* adquire maior estabilidade e, mesmo com eventuais sacrifícios de salubridade (implantação em substratos argilosos) e de acessibilidade a um recurso crítico como a água, tende a abandonar as terras baixas e arenosas e a procurar cumeadas, com boa visibilidade e domínio sobre a área envolvente. A este padrão locativo corresponde o povoado do Alto de S. Francisco, a *ca.* 3.5Km da necrópole da Quinta do Anjo e à qual tinha fácil acesso através da depressão que se estende paralelamente à vertente norte da Pré-Arrábida.

Dois outros locais da mesma região poderão ter sido ocupados no Neolítico final. Os dados disponíveis são, porém, muito escassos e provêm de recolhas de superfície, não permitindo afirmações peremptórias. Referimo-nos ao povoado do Moinho da Fonte do Sol (Soares *et al.*, 1972), que forneceu alguma cerâmica tipologicamente enquadrável no Neolítico final, e, bem assim, a um povoado até agora inédito, que localizámos em uma rechã

da vertente oriental da Serra dos Gaiteiros, a cerca de 1Km dos hipogeus do Convento dos Capuchos, no concelho de Palmela. Este padrão topográfico de implantação dos povoados não se desenvolve uniformemente em toda a Estremadura. O povoado da Parede instalou-se, durante o Neolítico final, em uma encosta de fraco declive e manteve-se em funcionamento, sem aparentes soluções de continuidade, adentro do Calcolítico inicial. Também o povoado do Neolítico final de Montes Claros (Lisboa) apresenta uma implantação em encosta, sem condições naturais de defesa, ao invés do povoado de altura de Leceia (Oeiras).

Recentemente, foi identificado na margem sul do Tejo (Ponta da Passadeira – Barreiro) um povoado que, pela sua cultura material, parece estar na transição para o Calcolítico. Sobre restinga de areias fluvio-marinhas, apresenta um padrão locativo muito semelhante ao do Possanco (Comporta), no estuário do Sado. Estes dois sítios litorais, contemporâneos, de economia agro-marítima, permitem esboçar um cenário para o Neolítico final/Calcolítico inicial marcado por uma divisão socioterritorial do trabalho, baseada sobretudo na oposição litoral/interior, ou seja, em factores eco-culturais (Soares, 2000, 2001).

O interior, mercê de um maior desenvolvimento da agro-pastorícia, sem dúvida a actividade motora durante o período em análise, com maiores potencialidades para induzir complexidade social, lidera o processo de mudança. No litoral, em zonas húmidas, com elevada produção de biomassa, poderá ter ocorrido uma situação de equilíbrio entre o rendimento proporcionado pelas actividades colectoras e piscatórias e as necessidades de subsistência, situação que teria assegurado a sobrevivência de soluções anteriores.

Esta fractura sociocultural que começa a ser perceptível a partir dos espaços domésticos, até há pouco completamente insuspeita, permite colocar as seguintes interrogações:

– Teriam existido na região dois grandes grupos, coetâneos e vizinhos, socioculturalmente distintos, ocupando um a cordilheira da Arrábida, em sentido lato, e outro, as planícies aluvionares do Tejo e Sado?

Ou, pelo contrário, os povoados ribeirinhos terão correspondido a especialização funcional de segmentos dos grupos de economia agro-pecuária?

Onde e como sepultariam os mortos essas populações ribeirinhas? Em fossas, no interior dos povoados, prosseguindo a tra-

dição do Mesolítico e do Neolítico antigo? Na área da Comporta, encontrámos os restos de uma sepultura desmantelada no interior do povoado ribeirinho, do Neolítico médio, da Malhada Alta. Na Ponta da Passadeira, recolhemos um calcâneo humano no seio da argila da sapata de um dos fornos de cozer cerâmica. Terá aquele osso resultado da desmontagem acidental de fossa sepulcral escavada nas formações argilosas da periferia do povoado quando estas se encontravam em exploração pela actividade oleira?

Actividade económica

Deixando por agora a problemática dos povoados ribeirinhos, que se demarcavam como uma realidade socioeconómica e cultural própria ou complementavam os de economia agro-pecuária, verificamos que a necrópole da Quinta do Anjo nos conduz no sentido dos sítios de cumeada da Pré-Arrábida e nos induz à remontagem de uma sociedade de economia francamente agrícola, onde os instrumentos em pedra polida detiveram um papel central, não só como instrumentos de trabalho, mas também como artefactos votivos e forma de “capitalização” de sobreproduto económico, ou seja, como objectos com valor de troca e valor simbólico. A necrópole da Quinta do Anjo forneceu noventa e dois artefactos (Quadro XXVII) em pedra polida e bojardada (macha-dos, enxós, goivas e outros), dos quais apenas seis provieram das áreas vestibulares das sepulturas, escavadas por A. I. Marques da Costa. Estes artefactos vieram, pois, na sua maioria, das câmaras, onde acompanhariam, muito provavelmente, as mais antigas inumações.

Os artefactos associados à prática da caça encontram-se bem documentados na necrópole, à excepção do hipogeu 4, onde, pelo contrário, os testemunhos da economia agrícola eram particularmente abundantes. Surgiram na necrópole trinta e duas pontas de seta de base triangular e pedunculada e sessenta geométricos, maioritariamente trapezoidais (Quadro XXVI). Alguns inumados foram, pois, acompanhados por flechas e/ou zagaia (geométricos e pontas de seta) e, inclusivamente, por alguma defesa de javali, usada como amuleto e/ou como troféu. Temos, assim, no Neolítico final, bem expressos, no mundo dos mortos, o confronto e/ou a complementaridade entre dois modelos económicos e dois modos de vida distintos. Seria a caça subsidiária da actividade agro-pastoril, ou era exercida de forma especializada e autónoma?

O modo de produção doméstico integrou, pois, o de caça-recoleção, em moldes infelizmente pouco estudados.

O modo de vida camponês está patente na associação artefactual machado-enxó em pedra polida, verdadeira chave de uma narrativa para a qual não é difícil imaginar um conteúdo semântico onde estaria impresso o universo ideológico neolítico: sucesso agrícola, sedentarização, capacidade interventora nos processos produtivos, na domesticação da natureza.

Herdados de um longo passado de caça-recoleção, surgem elementos de projectil, de conteúdo semântico bem diverso: liberdade individual, mobilidade, comunhão com a natureza. A articulação (e mesmo integração) do modo de produção de caça-recoleção no modo de produção doméstico foi provavelmente muito diversificada, em função dos percursos históricos dos grupos em presença e de vicissitudes conjunturais.

A rede de trocas da comunidade neolítica que tumultuou os mortos na necrópole da Quinta do Anjo abrangia, no mínimo, o Alentejo. Os instrumentos em pedra polida ou a matéria-prima para a sua manufactura (anfiboloxistos e dioritos) são basicamente originários desta última região. Em troca destes produtos seria exportado sílex, em bruto e/ou sob a forma de instrumentos. Outros bens de maior valor acrescentado, em resultado do trabalho investido na sua elaboração, com carácter simbólico, circulariam pelas mesmas redes. Terão, muito possivelmente, estreitado laços de solidariedade, promovido a homogeneização cultural e ideológica. Referimo-nos às placas de xisto, de carácter marcadamente funerário, cuja origem se terá localizado no Alentejo¹⁷ e a adornos de que destacamos o engenhoso alfinete de osso de cabeça postiça, lisa ou canelada e as contas de colar, quer em xisto, quer em mine-rais de cor verde. O alfinete de osso, tão frequente na Estremadura, foi algumas vezes encontrado em contextos do Sul de Portugal. Criado no Neolítico final, aquele artefacto foi considerado “fóssil director” desse período. Recentemente, como já referimos, constatou-se a sua sobrevivência durante a primeira metade do III milénio cal BC, no Alto Alentejo (*tholos* OP2b) (Gonçalves, 1992).



- ★ Principais jazidas de variscite
- Necrópole da Quinta do Anjo

Fig. 125 - Distribuição peninsular das jazidas de variscite. Adaptado de Domínguez-Bella *et al.*, 1995.

17. Representariam estas placas o espírito dos antepassados? O próprio defunto? Uma deusa-mãe associada a cultos de fertilidade? Se escolhermos a terceira hipótese, teremos a nosso favor mais argumentos. Embora o ídolo-placa se apresente, regra geral, sobre uma forma estereotipada e estilizada (decoração geométrica), existem raros exemplares, claramente antropomórficos, conotáveis com o género feminino: olhos, nariz de mocho, tatuagens faciais, braços ao longo do corpo, grandes

As contas de colar em minerais de cor verde, sobretudo variscite (raramente, moscovite), eram, no Neolítico final e no Calcolítico, muito valorizadas. Elas apontam para redes de trocas a maior distância, direccionadas para o norte interior de Portugal e Espanha – Zamora e Catalunha (minas de Gavà, por ex.) (Blanco *et al.*, 1996; Gimeno *et al.*, 1995).

Embora não tenha surgido na necrópole da Quinta do Anjo nenhum ídolo almeriense, a identificação deste artefacto em alguns sítios da Estremadura (Samarra, Monte Abraão, Lapa do Bugio) obriga à sua consideração, no quadro das interações regionais do final do Neolítico. Não podemos, igualmente, deixar de recordar o exemplar encontrado na Anta Grande do Olival da Pega, o qual sugere redes de contactos que envolveram a Estremadura, Alentejo e Sudeste de Espanha.

A Lapa do Bugio oferece os documentos materiais mais sugestivos no que concerne à construção do discurso sobre sincretismo mágico-religioso do Sul Peninsular, na transição para o Calcolítico. Não nos referimos à presença individualizada de representações de ídolos de distintos círculos culturais como a pequena escultura, sobre placa óssea, de ídolo almeriense ou a sua representação, gravada em pendente de xisto. Centramos agora a nossa atenção na placa de xisto em cujo tronco, no espaço “nobre”, foi gravado um ídolo almeriense (Serrão, 1975) e em uma outra placa de xisto (Cardoso, 1992a, Est. 45, nº 8), na qual três “divindades” ou “tradições míticas” se cruzam e refundem em uma unidade coerente: como suporte, o ídolo-placa de xisto, gravado com motivos geométricos, e nele entrosados, o seu contemporâneo ídolo almeriense e a emergente divindade de olhos solares. Dificilmente se poderá encontrar um relato tão abrangente e integrador das distintas expressões iconográficas de uma provável divindade que tem sido conotada com a fertilidade, a terra, o nascimento e a morte.

mãos confluindo para o triângulo púbico (ídolos-placa de Idanha-a-Nova, Anta de Barbacena - Elvas, Montemor-o-Novo, Anta do Couto dos Andreiros - Crato, Vega del Guadancil - Cáceres; cf. Ferreira e Leitão, 1981, p. 180). Esta provável divindade feminina surge representada sobre outros suportes: esculturas em terracota do Possanco (Ribeiro, 1965) e São Bento de Cástris (Museu de Montemor-o-Novo), menir do recinto de Portela de Mogos, em Évora (Gomes, 1997).

Calcolítico: guerra generalizada como estratégia de resistência à estratificação social?

Paradigma tradicional e novas abordagens

As transformações socioeconómicas do III milénio cal BC têm sido explicadas, na literatura arqueológica portuguesa, pelo frequente recurso à perspectiva historicista e difusionista (modelo colonial). Neste quadro teórico, já expresso na obra de Siret e desenvolvido, posteriormente, por autores como B. Blance (1971a e 1995), toda e qualquer mudança é colocada na dependência da chegada de populações, na receção de influências exógenas. Valoriza-se, enfim, a “essência catalizadora” dos estímulos externos. Esta abordagem marcou profundamente a Arqueologia portuguesa¹⁸ e conta ainda com seguidores mais ou menos assumidos¹⁹. Dela decorrem:

– A problemática da acessibilidade costeira, pois os colonos, prospectores de metais, originários do Egeu, teriam chegado por mar às penínsulas de Setúbal e Lisboa, onde encontraram uma “segunda pátria”;

– A questão de um desenvolvimento a duas velocidades ou a coexistência de dois mundos em conflito latente – colonos e indígenas. Os povoados dos primeiros, pontos de irradiação de súbito desenvolvimento cultural, seriam dotados de sistemas defensivos complexos constituídos por linhas de muralhas, torres e bastiões; no exterior das muralhas, algures no interior do país, situar-se-ia o mundo indígena. Essas áreas reservadas ao hipotético mundo indígena revelaram, porém, um número crescente de fortificações calcolíticas a partir da segunda metade dos anos 70 (Tavares da Silva e Soares, 1976-77; Gonçalves, 1989b). Por outro lado, ficou por provar a franca acessibilidade da costa ocidental portuguesa às embarcações oriundas do Mediterrâneo. Mas não foram só aquelas premissas da teoria das colónias que sucumbiram no confronto com o registo arqueológico; a associação fortificação-metalurgia

18. Algumas vozes isoladas criticaram, desde muito cedo, o difusionismo orientalista, como Estácio da Veiga (1889, vol III, p. 188): “A idéa fixa dos espiritos que tão obstinadamente pretendem ver no Oriente a pátria de todos os descobrimentos e invenções, vae ganhando foros de uma impertinencia ridícula”.

19. Para maior desenvolvimento da problemática do enquadramento teórico dos estudos sobre a Pré-história recente em Portugal, remetemos o leitor para um texto de Susana de Oliveira Jorge (1994).

do cobre mostrou-se também inconsistente. Com efeito, as fortificações parecem anteceder o desenvolvimento da metalurgia, tanto na Estremadura (Leceia), como no Sudoeste Peninsular (Monte da Tumba).

Abundaram tentativas, igualmente mal sucedidas, de estabelecer vínculos culturais a partir de analogias formais entre elementos da cultura material da Estremadura e do Mediterrâneo oriental, as quais têm vindo a ser desmontadas (Tavares da Silva, 1990).

Outras perspectivas, que consideram as transformações económicas e sociais autóctones como motor do devir histórico, têm vindo a propor modelos explicativos/interpretativos para o Calcolítico peninsular que consideramos mais conformes às evidências e mais estimulantes para a investigação presente²⁰.

Pela nossa parte, temos vindo a valorizar, como factores do processo de mudança cultural, a intensificação da produção e a complexidade social crescente, desencadeadas pela Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado e protagonizadas pelas populações indígenas, na transição para o Calcolítico, não em regime de autarcia, mas, pelo contrário, abertas a contactos externos através da participação em redes regionais de circulação de informação, matérias-primas, produtos manufacturados. Estes canais de trocas terão sido regulados por lógicas de interacção e reciprocidade simétricas.

Os princípios teóricos enunciados têm-nos permitido tornar inteligíveis as fragmentárias informações fornecidas pelos contextos arqueológicos da nossa Pré-história recente (Soares e Tavares da Silva, 1992 e 2000; Tavares da Silva, 1993; Tavares da Silva e Soares, 1987).

Produções simbólicas calcolíticas e comunitarismo

Voltando ao local da acção – o espaço sepulcral da Quinta do Anjo –, verificamos que o grupo humano que, nos finais do Neolítico, habitava as cumeadas da Pré-Arrábida e agricultava

20. Vejam-se, a propósito, a proposta de R. Chapman (1990) e a abordagem marxista de Leonardo García Sanjuán e Víctor Hurtado Pérez (1997). Estes últimos autores defendem a existência, durante o Calcolítico do Sudoeste da Península Ibérica, de uma sociedade hierarquizada comunalista, a qual corresponderia a um estágio elementar da sociedade hierarquizada.

os férteis vales e depressões dessa sub-região, a norte da Serra de S. Luís, e escavou na rocha os túmulos para os seus mortos, por hipótese nos períodos de menor actividade agrícola (princípio do Outono e/ou final do Inverno) (Fig. 18), não criou, a partir do momento em que começou a dominar as técnicas da metalurgia, uma fractura na sua história. Na necrópole da Quinta do Anjo, sucederam-se os rituais de morte e fertilidade, sem aparentes soluções de continuidade. As mudanças internas à própria formação social terão moldado, paulatinamente, os comportamentos funerário-religiosos.

No que respeita ao espólio funerário, podem ser incluídos, no Calcolítico inicial e pleno, parte da indústria lítica em sílex (pontas de seta de base côncava, lâminas robustas retocadas em ambos os bordos), grande parte das cerâmicas lisas, cerâmicas canelada e simbólica, adornos (em especial elementos de colar em materiais exógenos), mas é nos artefactos votivos em osso e calcário que melhor se lê a mudança. O chamado ídolo-cilindro em calcário ou mármore, com ou sem decoração, é quiçá a peça votiva

Quadro XVI - Artefactos votivos em calcário da necrópole da Quinta do Anjo comparados com os de outros contextos funerários calcolíticos da Estremadura.

Principais tipos	Hipog. Qta. do Anjo	Hipog. Carenque	Hipog. Alapraia	Hipog. S. Pedro Estoril	Lapa do Bugio	Gruta Correio-Mor*	Sep. de Samarra	Mon. Praia das Maças	Tholos Pai Mogo	Tholos Titularia
Cilindro liso	13		9	8	11	5	3	12	28	9
Cilindro decorado	1		2		1		1	1		
Hemicilindro liso	1		1		1					
Hemicilindro dec.	1	3	1			3	2			
Cilindro c/ espigão					1					
Cilindro c/ gola					2			1		
Cilindro/cone fático	1							1		
Alcachofra		1	1		2				1	
Enxó encabada	1	1					1		1	2
Foice	1								1	
Placa arqueada	1				2	1		2	1	1
Placa c/ orifícios								3		1
Lúmula		2	2					1	1	
Peitoral									1	
Ínsignia em crescente									1	
Báculo								1		
Sandália			2							
Almofariz	3	1						5	8	
Caixa rectangular									3	
Esfera								2		
Ind. e outros	3	3	1	1		2				1
Total	26	11	19	9	20	11	7	29	46	14

* Depósito votivo localizado na parte anterior da gruta.

mais característica do Calcolítico do Sul da Península Ibérica.

Os artefactos votivos em calcário encontram na Estremadura a sua maior diversidade (Quadro XVI), referida ao Sul da Península. O cilindro e formas afins constituem o grupo tipológico mais numeroso e de maior ubiquidade. Os exemplares decorados apresentam frequentemente a representação de uma face "tatuada", com um par de olhos solares. Mesmo sem decoração, o ídolo-cilindro parece ter transportado a carga ideológica dos exemplares figurados; possui um carácter abstracto e claramente ideotécnico. Que entidade(s) ou ideias terão sido expressas através destes objectos? A análise das produções simbólicas calcolíticas do Sudeste Peninsular realizada por Trinidad Escoriza Mateu (1991-92), ao procurar isolar como tema principal as relações de género, chegou às seguintes associações iconográficas:

- motivo solar (elemento dominante nas composições) + armação de veado + tatuagens. Esta associação configuraria o princípio masculino;

- triângulo + zig-zag + espiga, associação indicadora do género feminino.

Perante as evidências arqueológicas da Estremadura e do Sudoeste Peninsular, consideramos que no Calcolítico ocorre, pelo contrário, uma tendência integradora dos universos feminino e masculino. A associação sol + tatuagem facial, supostamente masculina, de acordo com T. Escoriza Mateu, surge quer em representações masculinas, quer em figurações femininas. Como exemplos da primeira situação, refiram-se os ídolos oculados, com tatuagem facial e longas cabeleiras, sobre placa óssea, da ocupação calcolítica pré-campaniforme de Valencina de la Concepción (Fernández e Oliva, 1980). O vaso subcilíndrico do *tholos* do Monte do Outeiro (Aljustrel), decorado por olhos solares, nariz, tatuagem facial e triângulo púbico (Schubart, 1965) e o ídolo-falange do Cerro do Castelo de Santa Justa, na Serra Algarvia (Gonçalves, 1989b), onde a representação de olhos solares e tatuagem facial se associa a figuração de seios, ilustram bem a integração da associação sol + tatuagem facial em figurações femininas.

A possibilidade do ídolo-cilindro constituir representação de uma deusa-mãe é suportada, entre outros argumentos, pelo exemplar de Leceia (Cardoso, 1994), com figuração de triângulo púbico. No entanto, preferimos, por agora, considerar o ídolo-cilindro como representação de possível entidade ambivalente, integradora dos princípios feminino e masculino. Em nossa opinião, estes artefactos

não parecem, pois, ter enfatizado a questão do género. Não a terão, pelo contrário, iludido?

A ambiguidade e a mutabilidade reinam neste domínio²¹. Os olhos solares da divindade não admitem interacções. A propósito dos ídolos calcolíticos de Valencina de la Concepción, escreveram Fernando Fernández Gómez e Diego Oliva Alonso (1980, p. 43): *“Es sugestivo tratar de identificarlos a todos con la Gran Diosa Madre Tierra, y relacionarlos con cultos de fertilidad, pero ¿ qué decir entonces de los ídolos masculinos? Lo único que está claro es que todos los tipos son contemporáneos y evidencian el sentimiento religioso del hombre y su sensación de dependencia de unas fuerzas que no conoce ni puede controlar [...] Del aspecto exterior de los ídolos llama sobre todo la atención su estatismo y su mutismo. No son ciertamente dioses legisladores que dicten normas a su pueblo. Son dioses que no hablan, ni oyen, ni se mueven. Sólo ven. Y parecen verlo todo. Pero sin inmutarse ante nada. Impone su mirada fija, penetrante e impenetrable.”*

Os recipientes calcários, especialmente almofarizes, possuem também uma ampla distribuição, ultrapassando, como a categoria anterior, as fronteiras da Estremadura.

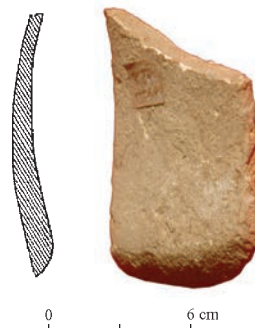
Outros tipos parecem reproduzir instrumentos de trabalho como enxós encabadas e prováveis foices; os chamados ídolos-alcachofra transportam-nos também, quiçá com excessiva linearidade, à esfera produtiva, se aceitarmos, sem provas directas, a afectação da flor do cardo à produção de lacticínios. A capacidade transformadora ou "alquímica" da flor do cardo seria entendida como anomalia de difícil explicação e como tal exportada, por hipótese, para a esfera do sobrenatural. Recentemente, foi descoberto na Península de Lisboa, por A. Gonzalez, e ainda se encontra inédito, um ídolo-alcachofra notável, que possui sobre a inflorescência fechada, insculpturas de serpentes.

Representações lunares (lúnulas) encontram-se igualmente presentes na Estremadura. O ídolo-alcachofra e a lúnula foram também identificados no sítio de Pijotilla (Badajoz). Testemunhos de prováveis contactos entre as duas regiões? Em apoio desta ideia refira-se o aparecimento de conchas marinhas neste povoado do interior peninsular.

A placa arqueada, cuja distribuição parece restringir-se à

21. Tenha-se presente o carácter mutante dos símbolos e a ambiguidade que lhes é inerente. Talvez seja preferível interpretar representações totais, estruturas significantes, ao invés de proceder a leituras analíticas.

Fig. 126 - Fragmento de placa arqueada, em calcário. Representação de lâmina de enxó? Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.



Estremadura, é por agora o artefacto mais enigmático do conjunto das peças votivas de calcário; em vários contextos funerários, como o dólmen da Estria, necrópole de Carenque, *tholoi* da Praia das Maças e da Tituaria, Lapa do Fumo, Quinta do Anjo, surgiram fragmentos dessas placas, em alguns casos com orifícios destinados a ligações ou a suspensão, facto que contribui para aumentar o interesse por este tipo de objecto. Porém, se tivéssemos de eleger o ideoartefacto de calcário que melhor individualizasse a Estremadura, escolheríamos o hemecilindro apontado ou fusiforme, por vezes liso, frequentemente portador de decoração canelada a que se podem juntar atributos antropomórficos (nariz proeminente e arcadas supraciliares) ou outros (lúnula). Possui uma distribuição relativamente ampla, nas penínsulas de Lisboa e Setúbal: *tholos* do Cabeço da Arruda, sepultura da Serra das Mutelas (Torres Vedras), monumento da Folha das Barradas, *tholos* de S. Martinho de Sintra, sepultura de Samarra, dólmenes da Estria, Monte Abraão, Belas e Casaínhos, necrópoles de hipogeus de Alapraia (Cascais), Carenque (Amadora) e Quinta do Anjo, necrópoles nas grutas naturais do Correio-Mor (Loures) e Bugio (Sesimbra).

Pertencentes a esta mesma categoria de produções, surgem raras peças de acentuada singularidade (por exemplo, o ídolo antropomórfico “peso de balança” da gruta do Correio-Mor). Mais do que meros localismos, o peitoral e a insígnia do *tholos* de Pai Mogo e o par de sandálias da necrópole de Alapraia parecem ter em comum um carácter “personalizado” ou sociotécnico. Estes achados permitem supor a existência de sociedades com alguma desigualdade social. É tentador imaginar os portadores daqueles objectos como chefes do tipo *big man* (Sahlins, 1963). Este sistema de organização social asseguraria um genérico igualitarismo na produção e no consumo de bens de subsistência, mas teria introduzido um crescente controlo da produção e circulação de bens de prestígio, por elementos destacados do grupo. As trocas comunitárias obedeceriam a princípios de reciprocidade e de redistribuição, particularmente significativas em situações de crise e de festa, nas quais o chefe do grupo teria um papel predominante. O seu poder assentaria, assim, em grande parte, na sua capacidade de afectação de excedentes a produções simbólicas, que reverteriam a favor do alargamento das suas relações clientelares. A produção de bens de prestígio é da maior importância para a consolidação desta estrutura de enquadramento. O *big man* acumula poder, não riqueza; esta é redistribuída ao serviço daquele. Trata-se ainda de

um poder pré-institucionalizado, personalizado, que não dispõe de mecanismos de transmissão hereditária, mas que se irá afirmando no decurso das sociedades hierarquizadas da Idade do Bronze. Trata-se, pois, de um poder provisório e vulnerável, assente no mérito individual e na dádiva.

Com efeito, a desigualdade social intragrupal, manifestada nos rituais e mobiliário funerários, apresenta-se, no Calcolítico inicial e pleno da Estremadura, dentro de estreitos parâmetros, no interior de sociedades basicamente igualitárias como é sugerido pela permanência do ritual de enterramento colectivo e pelo domínio dos artefactos ideotécnicos sobre os sociotécnicos, ao serviço da ideologia comunitária, no seu todo.

Os conjuntos de artefactos votivos em calcário considerados no Quadro XVI apresentam um nítido desequilíbrio a favor dos cilindros lisos. Em termos quantitativos, observam-se diferenças apreciáveis entre as jazidas representadas. O número de peças recolhido na necrópole da Quinta do Anjo é consideravelmente menor que o proveniente do *tholos* do Pai Mogo. Esta diferença acentua-se se dividirmos a totalidade dos artefactos votivos da Quinta do Anjo pelos seus quatro monumentos. Manifestação de desigualdades intergrupais? Tenha-se em consideração que a sepultura de tipo *tholos* é a que transporta todos os códigos da ordem social calcolítica. Que grupos ou indivíduos teriam acesso a este novo monumento funerário?

O espólio votivo de calcário da Estremadura, quando comparado com as produções simbólicas do Sudoeste e do Sudeste peninsulares (Escoriza Mateu, 1991-92), revela uma menor standardização, facto que pode ser interpretado como expressão de uma maior fragmentação do poder, ou seja, como indício da existência de unidades socioterritoriais de menor escala, gozando de relativa autonomia. Importa sublinhar que as produções simbólicas não são aqui consideradas como um simples e passivo reflexo da formação económico-social que as criou; consideramos que tais produções mediaram práticas sociais que implicaram relações de negociação e que nessa medida participaram no processo de construção e reprodução da respectiva estrutura social.

O Calcolítico é, assim, marcado, tanto no registo funerário como no doméstico, por uma verdadeira proliferação de objectos votivos, de carácter ideotécnico, sobre os mais diversos suportes e materiais, com destaque para o calcário. Mais do que representações da deusa-mãe ou de outra(s) divindade(s), eles poderiam ser

os elementos sobranes de sistemas de comunicação da sociedade calcolítica, onde a variabilidade dos símbolos reflectiria o próprio dinamismo social. Apesar das diferenças regionais, a simbólica a que temos vindo a fazer referência deveria circular em todo o Sul Peninsular, denunciando intensa interacção.

Este surto de produções simbólicas, em conexão com um modo de vida sedentário ou mesmo proto-urbano, constitui uma das expressões materiais mais significativas da organização social fundada na comunidade. Esta, pouco hierarquizada, assentaria em um sistema de relações sociais de produção de tipo parental, herdado do Neolítico final, mas transformado pela inclusão nessa matriz das novas noções de territorialidade e de gregarismo calcolíticas decorrentes da posse colectiva de um território "imobilizado" entre fronteiras próximas e da pertença a um lugar, povoado estável, ponto de referência fixo na história e no espaço vital do grupo. A identidade comunitária calcolítica, de cariz residencial, terá imposto alterações ao processo de ancestralização herdado do Neolítico final. O rito de passagem, que transformava cada indivíduo depositado na sepultura colectiva em antepassado, faz agora apelo a um mobiliário funerário onde a nova identidade comunitária, através do seu sistema simbólico de comunicação, está presente.

Crescimento demográfico e desinvestimento nos espaços sepulcrais

Os rituais funerários calcolíticos, tais como os do Neolítico final, praticados nos hipogeus da Quinta do Anjo só podem ser reconstituídos a partir de elementos da cultura material e de analogias com sepulcros coevos.

No que respeita ao *tholos* da Praia das Mações, os autores do respectivo estudo monográfico (Leisner *et al.*, 1969) emitiram a hipótese de aí terem sido tumulados cerca de 120 a 150 indivíduos, em posição contraída. Um aspecto do ritual salientado pelos mesmos autores foi a prática de empilhamento de vasos cerâmicos. Este comportamento (como outros prováveis gestos de re deposição do conteúdo sepulcral) destinar-se-ia a disponibilizar espaço funerário, desarticulando total ou parcialmente as associações primárias. Apesar dos numerosos condicionalismos pós-deposicionais, Leisner e colaboradores afirmam que os mortos seriam, naquela sepultura, acompanhados, invariavelmente, por

recipientes cerâmicos, em algumas situações por dois vasos. Em oito casos foi detectada uma relação de proximidade entre crânio e ídolo-cilindro. Teria essa relação resultado do ritual de tumulação primária ou de uma arrumação subsequente? Se se tratou de uma remobilização, houve, em todo o caso, a preocupação de manter associado à parte esquelética, por hipótese, mais representativa do morto um artefacto a que deve ter sido atribuído grande significado mágico-religioso.

De um modo geral, os monumentos funerários em uso durante o Calcolítico mostram indícios de sobrelotação. Atravessar-se-ia uma fase de crescimento demográfico, como é sugerido pela multiplicação dos povoados?

Será, porém, lícito falar em desinvestimento na esfera funerária²²?

Constroem-se novos túmulos (*tholoi*), menos exigentes em matéria-prima e em concentração de trabalho que os da fase anterior, mas as sepulturas preexistentes continuam a ser utilizadas até ao esgotamento das suas capacidades. Esta excessiva utilização terá contribuído para a transformação de muitos túmulos dos finais do Neolítico em “prolixos” ossários, durante o Calcolítico. Este cenário observa-se também no Sudoeste Peninsular, região que continuou mantendo com a Estremadura intensos e continuados contactos (Tavares da Silva *et al.*, 1995). Em uma das sepulturas de Pijotilla, foram identificadas mais de 200 inumações. O estudo de dois *tholoi* da mesma jazida, parcialmente escavados na rocha, e intactos, veio mostrar que quando os restos mortais eram remobilizados para a periferia da câmara, havia a preocupação de os acompanhar do respectivo mobiliário funerário. Por outro lado, ter-se-ia constituído, a par dos espólios individuais, um mobiliário funerário colectivo formado por ídolos e grandes vasos, colocados junto da entrada da sepultura (Hurtado, 1995). Esta observação

22. A ideologia comunalista e parental, só por si, não explica a sobre-utilização das sepulturas dos antepassados míticos do grupo. Porém, a conclusão do rito de passagem de defunto a antepassado deveria exigir a total desarticulação do corpo, conservando o crânio, por hipótese, as funções representativas da nova identidade. A constituição de ossários seria nesta perspectiva a etapa de encerramento da dívida dos vivos relativamente aos mortos. Este estágio de desarticulação das entidades individuais providenciaria novo espaço útil. Assim, a constituição de ossários poderia ser intrínseca ao processo de ancestralização; o mesmo não é possível afirmar para a utilização de antecâmaras e corredores enquanto receptáculos de depósitos funerários; logo que a câmara estivesse repleta e as suas funções se estendessem à estrutura de acesso, parece-nos admissível considerar que o monumento entraria em sobre-utilização.

reforça a lógica do ritual de sepultamento colectivo; a mesma prática havia sido detectada em outras áreas da Península Ibérica, nomeadamente no Sudeste, na necrópole de Los Millares (Almagro e Arribas, 1963) e no Noroeste peninsular, nos dólmenes de Parxubeira (Rodríguez Casal, 1989) e Dombate (Bello-Diéguez, 1992-93, 1994). Na Estremadura, identificaram-se depósitos votivos de carácter colectivo (dissociados de qualquer inumação particular) no interior da gruta do Correio-Mor e na entrada exterior da gruta da Bugalheira (Cardoso, 1995).

Nos depósitos votivos de carácter colectivo atrás referidos, os bétilos e os ídolos de morfologia geral cilindróide encontram-se bem representados, à excepção do depósito da gruta da Buga-lheira, constituído por uma dezena de ídolos-falange.

Importa ainda ter presente, a propósito da problemática dos ritos funerários colectivos, o altar da câmara do *tholos* do Pai Mogo que se mostra uma boa referência para o provável altar na base do nicho do hipogeu 4 da Quinta do Anjo.

Os dados de carácter funerário disponíveis apontam, também, para uma formação social de ideologia comunitarista, estruturada, por hipótese, através de relações de produção basicamente assentes em sistema de parentesco complementado por laços de vizinhança. Aquela ideologia parece, contudo, ter integrado formas incipientes de desigualdade social, expressas na modalidade de lideranças individuais (testemunhadas por aspectos da arquitectura intratumular, como nichos ou outros espaços diferenciados e por espólio funerário de carácter excepcional).

Primeiras fortificações

A mudança operada na transição para o Calcolítico, embora patente nos contextos funerários, torna-se particularmente visível no espaço doméstico.

A intensificação da produção, então ocorrida, correspondeu a uma transformação estrutural, decorrente de uma revolução tecno-económica, a chamada Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado (RPS), associada a ganhos de produtividade. Os excedentes produzidos reclamavam cuidados e protecção. Nos povoados, de cumeada, escavaram-se silos e fabricaram-se recipientes cerâmicos de provisões. Os bens de cada grupo, enquanto unidade socioeconómica, são guardados no respectivo povoado,

que tende a fortificar-se. Este é o comportamento legível no registo arqueológico que, verdadeiramente, assinala a emergência da sociedade calcolítica. A produção e uso de artefactos de cobre, que deram o nome ao período, parecem desenvolver-se em um momento subsequente (Calcolítico pleno).

A RPS, ao aumentar o volume da produção e a produtividade, criou condições para a redução dos territórios de captação de recursos de cada grupo e, por conseguinte, para o aumento da sedentarização (Fig. 124). Os povoados estáveis, com estruturas pétreas, de carácter permanente, surgem, assim, pela primeira vez, no actual território português.

O espaço residencial adquire visibilidade, concentra investimentos e participa na partilha do poder simbólico até então confinado aos espaços funerário-religiosos. Constroem-se as primeiras habitações em pedra e adobes e desenvolve-se alguma diferenciação funcional na área intra-*habitat*: tecelagem; prováveis eiras; armazenagem; lixeiras. O registo empírico deixa perceber uma mudança radical na estruturação dos territórios cujos centros polarizadores, como já se afirmou, se deslocam da esfera funerário-religiosa para o espaço doméstico. Este comanda não só a exploração dos recursos económicos, mas também o uso dos espaços funerários. Enquanto no Neolítico ocorria um povoamento disperso, com concentração da função funerária, no Calcolítico, o povoamento concentra-se em povoados frequentemente dotados de estruturas defensivas e as sepulturas dispersam-se pela sua envolvente ou localizam-se na periferia do próprio povoado. Este tipo de relação espacial entre povoado e necrópole encontra-se bem patente em Alcalar (Tavares da Silva e Soares, 1976-77; Parreira, 1997), Perdigões (Lago *et al.*, 1998), Pijotilla (Hurtado, 1995) e Los Millares (Almagro e Arribas, 1963).

Na Estremadura, a informação disponível é inconcludente no que concerne a este aspecto.

A organização económico-social do Neolítico final, assente na célula produtiva da família extensa (escala local) e no tecido social de tipo linhageiro (escala regional), parece sofrer uma reorientação. A formação social calcolítica da Estremadura terá desenvolvido um processo de fragmentação a uma escala mais localista que a anterior. A sua unidade básica seria, por hipótese, um sistema produtivo local, dotado de grande autonomia. Os grandes segmentos da actividade produtiva (regulação/circulação/fabrico/distribuição) teriam um cariz vincadamente local, ao contrário do

sistema anterior em que a regulação se faria a uma escala regional, ao serviço da legitimação do projecto das linhagens de maior prestígio, provavelmente em processo de consolidação como “grupos hegemónicos”. A emergência do modo de produção calcolítico desarticula o sistema de poder do Neolítico final. Os membros das comunidades calcolíticas identificar-se-iam, prioritariamente, através do sentimento de pertença a um mesmo território e a um mesmo povoado. Às relações sociais de carácter parental herdadas, é acrescentada uma nova lógica gregária que configura relações sociais de tipo residencial ou de vizinhança. O elevado índice de sociabilidade legível no investimento em estruturas de *habitat* colectivas pode também ser lido a partir do inventário da cerâmica doméstica, nomeadamente em uma forma subcilíndrica e de esmerado fabrico (superfícies cobertas de engobe de argila depurada), decorada por ténues caneluras paralelas, associadas ou não a padrões decorativos axadrezados. Trata-se do “copo canelado”, recipiente usado para beber, muito provavelmente bebidas especiais, talvez fermentadas, em situações de maior significado social. Recordemos que aquela forma cerâmica surge em povoados de pequenas e grandes dimensões, fortificados ou não, como Parede e Alto do Dafundo; manter-se-á, com decoração do tipo “folha de acácia”, no Calcolítico pleno; durante o Horizonte Campaniforme a sua função pode ter sido absorvida pelas novas formas acampanadas. O vaso campaniforme, com decoração incisa, da necrópole da Quinta do Anjo, representado na Fig. 94, insere-se, morfologicamente, na categoria dos copos.

Ao reforço das relações sociais intracomunitárias terá correspondido um enfraquecimento das ligações de escala regional. A formação social calcolítica nega, de algum modo, a tendência da organização social anterior que, pelo menos aparentemente, se encaminhava, como já ficou dito, para uma centralização do poder, e assegura a manutenção de comunidades basicamente igua-litárias. O potencial de conflito seria exportado para uma escala supracomunitária. A guerra “generalizada” seria, assim, o preço pago pela resistência à centralização do poder. Cada povoado assumiria a sua própria defesa. Mesmo pequenos povoados como Fórnea e Pragança amuralham-se para se protegerem de ameaças externas, mais ou menos próximas.

No esforço investido nas fortificações calcolíticas é possível ler a riqueza do grupo, mas também estimar a ameaça real ou potencial que trazia inseguro o povoado. Alguns autores têm

proposto uma função essencialmente simbólica (Jorge, 1994) para as fortificações calcolíticas; estas seriam expressão de prestígio dos seus construtores. É admissível que tanto as funções pragmáticas de defesa como as de carácter simbólico tenham coincidido na mesma realização material; no entanto, defendemos a prioridade das primeiras. Os conflitos existiram e as suas marcas foram observadas, claramente, no povoado de Leceia (Cardoso *et al.*, 1991) ou na destruição do pano sul da segunda linha de muralhas da fortificação central do Monte da Tumba. Neste povoado, foram também recolhidos restos ósseos de possíveis vítimas de confrontos bélicos entre derrubes do pano leste da mesma linha de muralhas. Nos povoados de Pijotilla e Valencina de la Concepción, defendidos por fossos e paliçadas (?), encontraram-se, tal como em Leceia e Monte da Tumba, restos humanos insepultos, misturados com detritos domésticos, atirados para os fossos (Hurtado, 1995). E o que dizer da barbacã do Zambujal, com suas seteiras e “arsenal” de pontas de seta?

O padrão de povoamento que temos defendido para o Calcolítico – uma fortificação, um território (incluindo este, áreas de solo agrícola das classes A e B, áreas de pastoreio e de floresta) – é muito genérico e carece de adequação às situações concretas. O número de evidências resistentes àquele modelo tem vindo a aumentar no Sudoeste Peninsular. No que respeita à Estremadura, o mesmo padrão mantém-se razoavelmente operativo. Nesta última região, os povoados que seguramente não possuem estruturas defensivas correspondem:

- A ocupações do Neolítico final que se prolongam pelos primeiros momentos do Calcolítico inicial. O melhor exemplo encontra-se no povoado da Parede – Cascais (Paço, 1964a), localizado em uma encosta suave entre as cotas de 33 e 45m, a menos de 1Km do oceano, cujos recursos explorou no contexto de uma estratégia económica de largo espectro;

- A curtas ocupações dos alvares do Calcolítico inicial, localizadas em áreas com boas condições naturais de visibilidade e de defesa. Como exemplos, refiram-se o Alto do Dafundo, em Algés (Gonçalves e Serrão, 1978), Pico Agudo, Torres Vedras (Spindler, 1971), Pedrão, em Setúbal (Soares e Tavares da Silva, 1975), Cabeço dos Caracóis, Azeitão (Tavares da Silva e Soares, 1986);

- A ocupações atribuíveis a fases avançadas do Horizonte Campaniforme (Grupos de Palmela e Inciso). Como exemplos, citem-se, os sítios da Parede, Montes Claros, Miradouro dos

Capuchos.

Pelo contrário, povoados como Leceia, Vila Nova de S. Pedro ou Zambujal, fundados no Neolítico final e/ou nos alvares do Calcolítico, foram fortificados no Calcolítico inicial, mantiveram-se em actividade durante o Calcolítico pleno (ainda que, com eventuais momentos de abandono) e, pelo menos parcialmente, no Horizonte Campaniforme. Estes *habitats*, de elevada densidade populacional, podiam, teoricamente, controlar sítios economicamente especializados, como é sugerido pela relação de provável dependência entre o estabelecimento de Barotas (Cardoso, 1992b), oficina de talhe de sílex, e a vizinha fortificação de Leceia, da qual dista somente 650m. Uma provável relação de dependência foi proposta para a pequena fortificação da Fórnea, relativamente ao povoado do Zambujal, afastado cerca de 7km. A Fórnea poderia ter aliado a metalurgia do cobre, em atenção à proximidade da jazida de malaquite de Matacães, à função de “atalaia” fronteiriça do território do Zambujal (Gonçalves, 1995). Esta hipótese conduz-nos à problemática da integração socioterritorial da metalurgia calcolítica. Até este momento, os povoados que no Sul Peninsular mais marcadamente desenvolveram a função metalúrgica, podendo mesmo localizar-se na proximidade de afloramentos ricos em minerais de cobre como Malagón (Granada), Cortadouro ou Santa Justa (Serra Algarvia), associaram a referida actividade à agro-pastorícia e realizaram importantes investimentos conducentes à edificação de estruturas defensivas próprias. Pelo menos aparentemente, eram dotados de autonomia económica o que contradiz a ideia de relações de estrita dependência destas fortificações relativamente a sítios de suposto grau hierárquico superior. Não pretendemos, com autonomia, significar autarcia. Pelo contrário, consideramos que a existência destes povoados, mais vincadamente agro-metalúrgicos, deverá ser explicada a partir das vantagens comparativas que ofereciam no quadro supralocal dos sistemas de trocas então vigentes. Hans-Peter Uerpmann (1995, p. 51), defensor da ideia de um povoamento calcolítico estremenho hierarquizado, formulou a hipótese dos pequenos povoados do Penedo e Fórnea serem “*elementos inferiores de um sistema de povoamento hierárquico no qual o Zambujal seria o lugar central*”. Mas, como o mesmo autor reconhece, “[...] *as possibilidades de testar essa hipótese são bastante limitadas*”.

O estabelecimento de uma hierarquia de funções não é tarefa fácil, e a relativamente ampla distribuição da fundição e do uso de

artefactos de cobre pelos povoados da Estremadura não favorece a classificação da metalurgia como função central. Elegendo como indicador de hierarquia da rede de povoamento uma variável quantitativa como a extensão aproximada dos povoados (Quadro XVII) e observando o seu comportamento na amostra permitida pela bi-bliografia, verifica-se que os elementos dessa amostra não possuem uma clara relação de tipo *rank-size* (Fig. 127)²³. Os sítios organizam-se em três classes (≤ 0.1 ha; $0.1 \leq 0.5$ ha; > 0.5 ha) descontínuas, insuficientes para dar corpo à ideia de uma rede de povoamento hierarquizada à escala regional ou mesmo para provar ou negar a existência de hierarquia, ainda que incipiente, no quadro dos *sistemas produtivos locais calcolíticos*. Os três grupos apurados confirmam, obviamente, diferenciações inter-*habitats*. E não terão sido estas desigualdades responsáveis pelas situações de conflito mais ou menos generalizado vividas pelas populações calcolíticas?

Assim, os dados disponíveis para a Estremadura suportam, ou melhor dizendo, não invalidam a ideia de uma rede de povoamento pouco hierarquizada, com pequenos territórios polarizados por fortificações que raramente ultrapassam 1ha, em geral localizadas na dependência de solos de elevada fertilidade e de linhas de água de alguma importância. Os povoados de pequenas dimensões podem corresponder à constituição de novos grupos destacados de outros excessivamente grandes, ou a conjunturas transitórias. O cenário que propomos contrasta com os que se começam a esboçar em outras regiões. No Sudoeste Peninsular, por exemplo, o padrão de povoamento calcolítico parece ter sido mais hierarquizado. No Alentejo, coexistem povoados fortificados como Porto das Carretas (Mourão), cuja área total não deverá exceder 1ha, e sítios extensos, rodeados por fossos e possíveis paliçadas, como Perdigões (Reguengos de Monsaraz), com mais de 16ha (Lago *et al.*, 1998). Na bacia média do Guadiana, encontramos povoados como Pijotilla, defendido por fossos, cuja área é superior a 50ha, e a fortificação de Palacio Quemado que possui apenas 1ha. Por outro lado, no litoral sudoeste português identificámos povoados calcolíticos não fortificados e aparentemente de carácter sazonal, dilatando ainda mais a variabilidade do registo arqueológico (Tavares da Silva e Soares, 1997). As evidências arqueológicas do

23. Cf. a propósito da utilização desta metodologia, Gaspar e Jensen-Butler, 1992.

Sudoeste, bem distintas das da Estremadura, parecem suportar a proposta de povoamento e organização social defendidos por Garcia e Hurtado (1997, p. 146): “[...] *territorio parental compuesto de una comunidad central o matriz y una série de comunidades perifericas o satelites [...] que mantienen con su centro original aparte de relaciones de cooperación [...] estrechos lazos ideológicos y rituales*”. A cidadela do complexo fortificado de Los Millares possui 5ha, extensão que a coloca na classe das pequenas cidades (4-10ha) da Mesopotâmia dinástica antiga (Renfrew, 1972). Los Millares, como é sabido, possuía na sua dependência directa uma verdadeira linha de pequenos fortins.

As relações de produção no interior das comunidades calcolíticas da Estremadura seriam basicamente igualitárias, de tipo parental, como já tivemos oportunidade de defender, e as formas de diferenciação social, preferencialmente de carácter horizontal (estatuto). Um relativo igualitarismo intragrupal seria condição necessária à manutenção da coesão comunitária. O conflito social seria, como atrás se afirmou, exportado para a esfera inter-comunitária. No interior de cada grupo, como vimos a propósito do espaço funerário, poderia, no entanto, existir uma incipiente competição mediada pela produção e consumo de bens de prestígio. As sepulturas permanecem colectivas e somente em raras situações a segregação espacial dos inumados e o mobiliário funerário deixam perceber alguma diferenciação. As desigualdades parecem manifestar-se sobretudo entre distintos monumentos, correspondentes, por hipótese, a diferentes grupos. Tenha-se presente, por exemplo, as diferentes representações de artefactos votivos na necrópole da Quinta do Anjo e no *tholos* do Pai Mogo (Quadro XVI). A transposição para o social das diferentes valências introduzidas no espaço habitacional pelas estruturas arquitectónicas defensivas (1^a/ 2^a/ 3^a linhas de muralhas), embora tentadora, não pode ser linearmente aceite, pois ao invés de um zonamento de carácter sociopolítico, aquelas estruturas poderão ter induzido somente a criação de áreas funcionais, dotadas de transversalidade social. Os espaços melhor defendidos poderiam destinar-se a albergar os bens mais valiosos da comunidade e/ou as funções colectivas mais qualificadas. Atenda-se, a propósito desta problemática, à distribuição espacial dos objectos de adorno, de carácter socio-técnico, na fortificação calcolítica do Zambujal (Jiménez, 1995). Este grupo tipológico surgiu em toda a fortificação, mesmo no exterior da 3^a linha de muralhas. A análise quantitativa da sua

Quadro XVII - Povoados calcolíticos da Estremadura, organizados por ordem decrescente de dimensão.

Sítios	Extensão (ha)*	Ocupação calcolítica			Condições de defesa		
		inic	pleno	camp.	nat.	fort.	fort (?)
Zambujal (Torres Vedras)	1	X	X	X	X	X	
Vila Nova S. Pedro (Azambuja)	1	X	X	X	X	X	
Leceia (Oeiras)	1	X	X	X	X	X	
Chibanes (Palmela)	0,7	X	X	X	X	X	
Rotura (Setúbal)	0,35 (?)	X	X	X	X	X	
Pedra do Ouro (Alenquer)	0,35	?	X	X	X	X	
Castro de Sesimbra (Sesimbra)	0,3	X	X	X	X	X	
Columbeira (Bombarral)	0,25	X	X		X	X	
Lexim (Mafra)	0,13	X	X		X	X	
Alto do Dafundo (Oeiras)**	0,1	X			X		
Pedrão (Setúbal)	0,1	X		X	X		X
Pico Agudo (Torres Vedras)	0,09	X			X		X
Fórnea (Torres Vedras)	0,08	X	X	X	X	X	
Pragança (Cadaval)	0,07	X	X	X	X	X	
Penedo (Torres Vedras)	0,05	X	X	X	X		X
Olelas (Sintra)	0,05	X	X	X	X	X	

X - existência. * Na obtenção das dimensões, atendemos às áreas fortificadas ou defendidas por barreiras naturais, onde se constata a dispersão de materiais calcolíticos. Em alguns casos, a superfície ocupada poderá ser superior à estimativa aqui apresentada. A bibliografia é, em geral, omissa no que respeita a este aspecto.** Este é o único estabelecimento da presente lista que seguramente não apresentava fortificação.

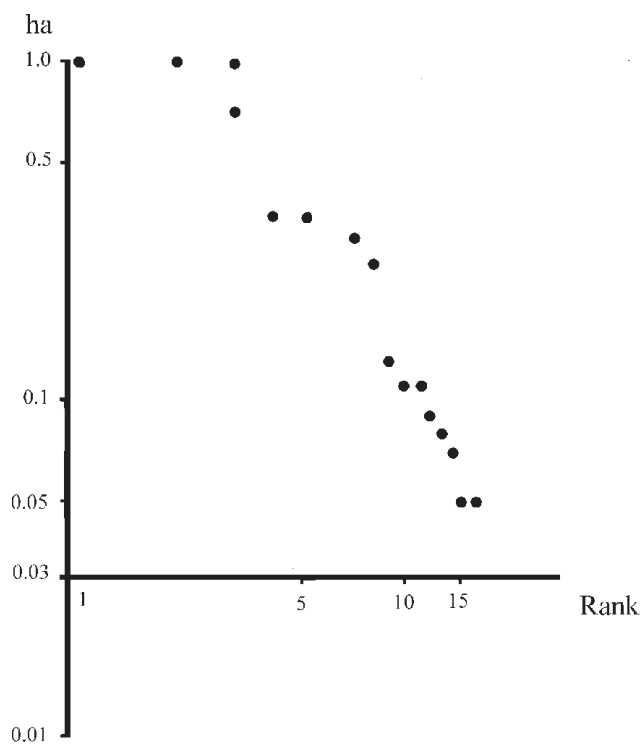


Fig. 127 - *Ranking* dos povoados calcolíticos, referidos no quadro XVII.

distribuição mostrou que esta foi mais condicionada pela erosão, que atingiu mais intensamente as áreas periféricas do povoado, que pelo factor distância ao centro do mesmo.

No que concerne à divisão social do trabalho intra-*habitat*, é muito possível que actividades artesanais como a olaria, a tecelagem e mesmo a metalurgia, nos seus alvares, tivessem um esta-tuto de especialização incompleta ou imperfeita. No entanto, a complexidade da actividade metalúrgica dificilmente se resolveria naquele quadro organizativo, podendo, nessa medida, ter ac-tuado como significativa contradição no processo de declínio e colapso do modelo económico-social calcolítico.

A guerra, forma extrema de interacção negativa de grande visibilidade arqueológica, seria compensada por redes de trocas e por contactos intergrupais de carácter positivo. A ideia de autarcia a que pode conduzir a escala localista da organização social proposta é contrariada por provas materiais da existência de sistemas de trocas de escala regional, baseados em vantagens decorrentes de complementaridades eco-culturais, como terá acontecido entre a Estremadura e o Sudoeste Peninsular. As duas regiões parecem ter estabelecido continuadas trocas sem que seja notória qualquer relação de dependência.

Foquemos agora a nossa atenção no povoamento do sector oriental da Arrábida, a este da Rib^a de Coia (Quadro XVIII). Primeiro, nos povoados do Alto de S. Francisco (Fig. 128) e do Moinho da Fonte do Sol a que é possível atribuir uma fundação no Neolítico final. Outros sítios pré-históricos reconhecidos, muito sumariamente, através de prospecções de superfície, como o da Serra dos Gaiteiros (Fig. 129), poderão pertencer a esta fase. Em um momento precoce do Calcolítico inicial, foram fundados os *habitats* do Pedrão (Fig. 132), Moinho do Cuco e Cabeço dos Caracóis (Tavares da Silva e Soares, 1986). O povoado do Pedrão foi rapidamente abandonado a favor do da Rotura, com maior acessibilidade ao litoral e à fértil depressão do Viso, localizado na proximidade imediata de uma importante nascente de água doce. À semelhança da Rotura, Chibanes, sobre a crista da Serra do Louro, parece ter sido fundado em fase igualmente avançada do Calcolítico inicial, tendo prosseguido durante o Calcolítico pleno e final. O sítio do Moinho do Cuco continuou em utilização adentro do Calcolítico pleno e final. O povoado do Cabeço dos Caracóis deverá ter sido abandonado antes do Calcolítico pleno. A sua população poderá ter-se deslocado para a proeminente elevação do Casal do Bispo,

separada do primeiro sítio pelo estreito vale da Rib^a de Coina e oferecendo melhores condições naturais de defesa e de controlo territorial; aí identificámos, através de prospecções não sistemáticas, materiais calcolíticos pouco característicos.

O sector oriental da Arrábida foi muito provavelmente repartido pelos territórios dos povoados fortificados da Rotura e de Chibanes, a partir de um momento avançado do Calcolítico inicial e no decurso do Calcolítico pleno. Os achados do Moinho do Cuco testemunham a presença humana durante o Calcolítico inicial, pleno e final, mas foi por agora impossível definir a extensão da ocupação, arquitectura e tipologia funcional da jazida, que se encontra muito mal conservada.

Verdadeiramente sincrónicos, dotados de cultura material similar, os povoados fortificados da Rotura e de Chibanes, afastados entre si *ca* 4 km, não poderiam deixar de estabelecer relações de cooperação e/ou de conflito, conforme as conjunturas de tão prolongada vizinhança. A Rotura implantou-se de frente para a fértil depressão do Viso e estuário do Sado (Figs. 134 e 135); terá sepultado os seus mortos nas grutas naturais de Rotura e S. Luís e provavelmente em outros espaços desconhecidos ou pouco conhecidos (hipogeus dos Capuchos, por hipótese).

Chibanes, sobre um troço culminante do relevo monoclinal da Serra do Louro, controlava os férteis solos do sopé da sua vertente setentrional e do Vale dos Barris/Alcube (Figs. 129-131, 134-135). Depositaria os seus mortos, por hipótese, na necrópole da Quinta do Anjo. Ao domínio visual detido por Chibanes sobre os estuários do Tejo e Sado (Fig. 129), não sabemos se corresponderia uma directa acessibilidade aos recursos marino-estuarinos consumidos nesse povoado (especialmente *Venerupis decussata*). A sul, o domínio territorial de Chibanes confrontaria com o território da Rotura, separando-se deste, por hipótese, através de um acidente natural – a Serra dos Gaiteiros. Para norte, os habitantes de Chibanes não teriam, muito provavelmente, para seu uso exclusivo os extensos pinhais que cobriam a planície aluvionar do Tejo. Tenha-se presente que em Almada foram identificados materiais do Calcolítico pleno nos sítios de Acácias, Qta das Fontainhas, Qta do Almaraz. Também o Horizonte Campaniforme está representado nos sítios de Acácias, Alpenas e Miradouro dos Capuchos (Barros, 1998; Bubner, 1979b). A sepultura 2 da necrópole de hipogeus de S. Paulo (Almada), construída durante o Neolítico final, segundo o característico modelo arquitectónico dos hipogeus da Quinta

do Anjo²⁴, foi intensamente utilizada, sem aparentes soluções de continuidade, até à plena Idade do Bronze.

Aos primeiros sítios de cumeeada conhecidos na região, e atribuíveis ao Neolítico final e inícios do Calcolítico, de curta duração, sucederam-se, pois, em uma fase avançada do Calcolítico inicial, povoados de longa duração, que aliaram, a boas condições naturais de defesa, estruturas defensivas. Assiste-se a uma clara fixação do *habitat* e à concentração do povoamento. O grau de sedentarização que estes povoados revelam implicaria, necessariamente, um controlo apertado do respectivo “termo” ou território, em particular das terras de cultivo e de pastagem e das nascentes de água potável. No caso vertente, a distribuição dos principais povoados calcolíticos parece ter sido condicionada pela rede de vales/depressões do sector oriental da Arrábida.

O carácter concentrado do povoamento do Calcolítico pleno, por vezes mascarado pela apresentação de mapas arqueológicos que não procedem a um controlo da diacronia dos sítios, irá ser completamente alterado durante as fases média e final do Horizonte Campaniforme (Grupos de Palmela e Inciso). Período de inequívoca vitalidade da Pré-Arrábida, mas também de “desarrumação” ou de quase desconexão com o registo precedente, é caracterizado pela dispersão do povoamento: prossegue a ocupação dos povoados da Rotura e de Chibanes; os sítios do Pedrão e Moinho da Fonte do Sol são reocupados após longo abandono; de fundação *ex-nihilo*, surgem os *habitats* de Malhadas e de Pai Mouro.

De um modo geral, os dados disponíveis para a área analisada mostram, pois, que o povoamento durante a Pré-história recente se

Quadro XVIII - Diacronia dos povoados do Neolítico final e Calcolítico da Pré-Arrábida.

Povoado	Neolítico final	Calcolítico inicial		Calcolítico pleno	Horizonte Campaniforme		
		I	II		Internacional	Palmela	Inciso
Alto de São Francisco	X						
Moinho da Fonte do Sol	X					X	
Cabeço dos Caracóis		X					
Pedrão		X				X	
Moinho do Cuco		X	X	X	X		
Rotura			X	X	X	X	X
Chibanes			X	X	X	X	X
Pai Mouro						X	
Malhadas						X	

24. A sepultura 1 da mesma necrópole, só utilizada no Neolítico final, foi afeiçoada a partir de uma cavidade natural.



Fig. 128 - Povoado do Neolítico final do Alto de São Francisco (concelho de Palmela), visto de norte. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.



Fig. 129 - Povoado da Serra dos Gaiteiros (concelho de Palmela), visto de noroeste, com Chibanes em primeiro plano. Ao fundo, o estuário do Sado. Foto de Eduardo Costa, 1998.



Fig. 130 - Povoado de Chibanes, visto do quadrante sul. Em primeiro plano, o Vale dos Barris. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.



Fig. 131 - Vista aérea de Chibanes. Podem observar-se no topo do relevo monoclinal que constitui a Serra do Louro, as duas áreas escavadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, nos extremos este e oeste do povoado de Chibanes (assinaladas com setas). Foto de Ricardo Pais.



Fig. 132 - Povoado do Pedrão, localizado em uma rechã da encosta este da Serra de São Luis. Visto de norte. Ao fundo, o estuário do Sado. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.



Fig. 133 - Povoado das Malhadas, visto de sudoeste. Em último plano, a planície aluvial do Tejo. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.

Fig. 134 - Ambiente arqueológico da necrópole da Quinta do Anjo. Atenda-se à localização dos povoados, sempre em posição de cumeada, marginando os férteis vales dos Barris e do Alcube. Folha 454 da CMP. Esc. 1/37 500. Seg. Soares *et al.*, 1972.

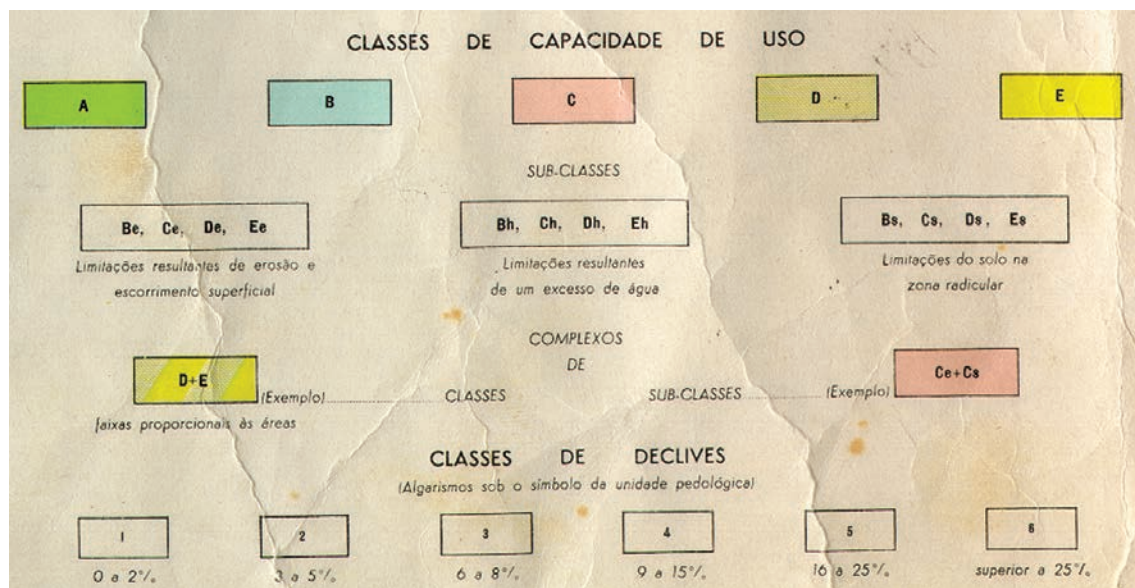
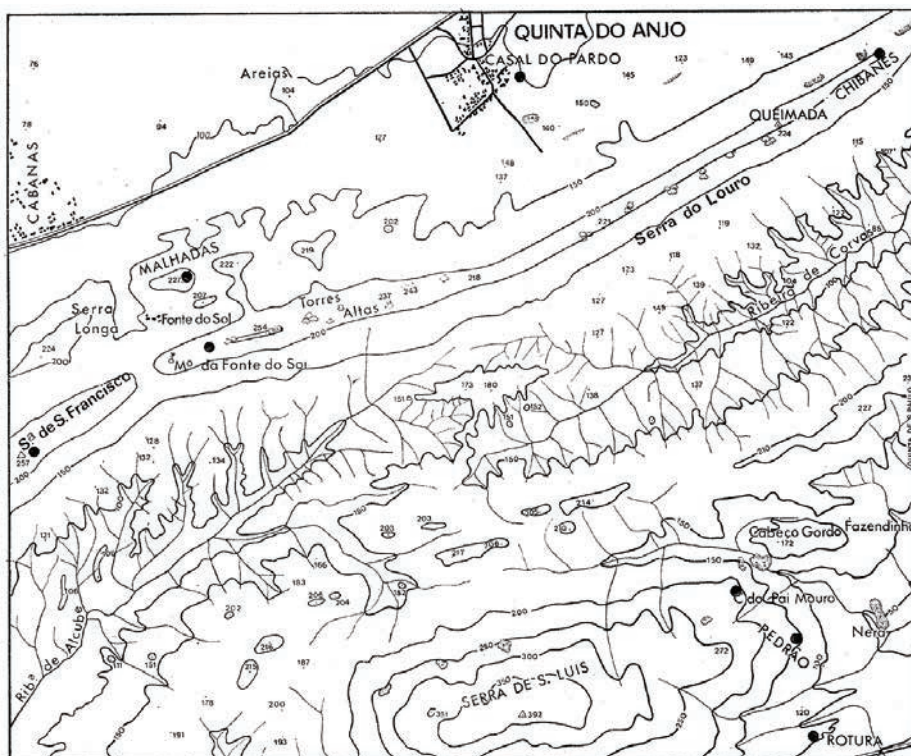
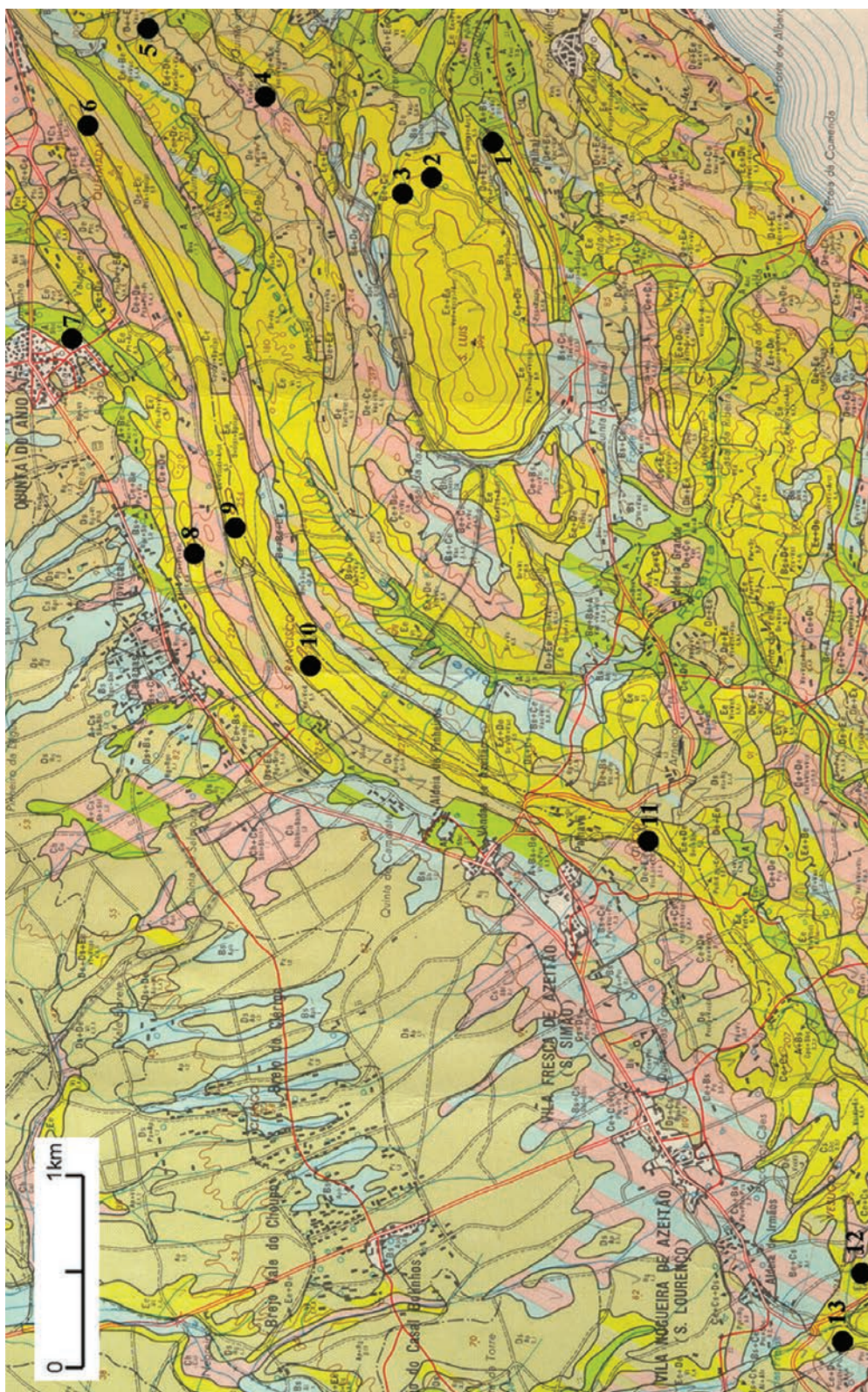


Fig. 135 - Localização dos povoados e cemitérios do Neolítico final e Calcolítico, do sector oriental da Arrábida, sobre mapa de uso e capacidade de solos do SROA. Atenda-se à proximidade entre povoados e manchas de solos das classes A e B. 1- povoado da Rotura; 2- povoado do Pedrão; 3- povoado de Pai Mouru; 4- necrópole dos Capuchos (Quinta de S. Paulo - Palmela); 5 - povoado da Serra dos Gaiteiros; 6 - povoado de Chibanes; 7- necrópole da Quinta do Anjo; 8 - povoado das Malhadas (Cabanas); 9 - povoado do Moinho da Fonte do Sol; 10 - povoado do Alto de S. Francisco; 11- povoado do Moinho do Cuco; 12- povoado do Cabeço dos Caracóis; 13 - povoado do Casal do Bispo.



caracterizou por uma evolução pendular: pouco estável e disperso no Neolítico final; concentrado e estabilizado no pleno Calcolítico e de novo disperso ou difuso durante o Horizonte Campaniforme. Em qualquer dos períodos considerados, não foi possível observar uma clara hierarquia nas redes de povoamento.

A tentativa de correlacionar a necrópole da Quinta do Anjo com os povoados da região comporta grandes incertezas. Na fase de fundação, é possível que estivesse ligada aos povoados do Moinho da Fonte do Sol e do Alto de S. Francisco. Durante o Calcolítico, a proximidade física com o povoado de Chibanes e analogias no que respeita à cultura material sugerem uma associação a este sítio. Todavia, não é improvável que durante as fases média e final do Horizonte Campaniforme (Grupos de Palmela e Inciso), acompanhando o movimento de dispersão do povoamento, o direito de acesso à necrópole dos antepassados fundadores fosse repartido entre os povoados de Chibanes, Moinho da Fonte do Sol (reocupado durante a fase média do Horizonte Campaniforme) e Malhadas (Fig. 133).

Consolidação da economia agro-pecuária

Como atrás se referiu, a Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado, desencadeada na transição para o Calcolítico, criou as condições necessárias ao sucesso da economia agro-pecuária. Os testemunhos arqueológicos mais expressivos daquela transformação económica provêm, recorde-se, do Sul de Portugal (santuário exterior do Escoural, com bucrânios, gravuras de carro e arado). A intensificação da produção ocorrida no Calcolítico da Estremadura é claramente legível no elevado índice de sedentarização, na densa rede de povoamento, no grande investimento construtivo ocorrido nos povoados. O aproveitamento dos produtos secundários da criação do gado bovino nem sempre deixa marcas inequívocas no material faunístico. As deformações ósseas nas articulações das extremidades do *Bos taurus*, atribuídas à sua utilização como animal de tiro, não foram registadas por A. von den Driesch e Boessneck (1976) no Zambujal, nem na Rotura, segundo observação pessoal de H. P. Uerpmann. Aquele tipo de deformação viria, porém, a ser detectado por M. Pérez Ripoll (1999, p. 98) em ossos provenientes de vários povoados calcolíticos peninsulares: Zambujal, Valencina de la Concepción, Cerro

de la Virgen, Jovades e Niuët. De um modo geral, constata-se um crescimento da importância do gado bovino durante o Neolítico final e Calcolítico, e um avanço da idade de abate, factos que se podem explicar pela utilização da sua força de tracção. Com efeito, verifica-se (Pérez Ripoll, 1999) que o somatório dos animais jovens e subadultos, criados para a produção de carne, fica aquém dos 50% na generalidade dos povoados calcolíticos peninsulares (Fig. 136). Os adultos (produção de leite e de trabalho) dominam nesses mesmos contextos. Os animais velhos ocorrem com uma frequência significativa (cf. Cerro de la Virgen), facto que reforça a hipótese de utilização da força de tracção do gado bovino.

O padrão de abate do gado ovicaprino do Zambujal, à semelhança do que ocorre em outros sítios calcolíticos peninsulares (Pérez Ripoll, 1999), deixa perceber uma bipolarização: abate de animais na idade jovem (produção de carne) e de animais adultos e velhos, seleccionados para a produção de leite (Fig. 137).

As diferentes configurações da intensificação da produção no Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste, que na actual fase dos conhecimentos não podemos caracterizar pormenorizadamente, encontram-se reflectidas, de forma exemplar, nas distintas imagens fornecidas pelo repertório das cerâmicas domésticas (Tavares da Silva *et al.*, 1995). Atenda-se à elevada frequência de formas abertas e pouco profundas no Sudoeste (Quadro XX), adequadas à preparação e consumo de alimentos sólidos, de base cerealífera, do tipo “biscoito”, e à fraca representação das mesmas formas nos povoados da Estremadura (Quadros XIX e XX). Verifique-se que na Rotura as formas profundas estão pior representadas que em Leceia, facto que é compensado por uma maior frequência das taças em calote ou malgas, as quais vão melhorando a sua representação da base para o topo da sequência. Esta última tendência é comum a Leceia e ao Monte da Tumba.

Conjuntos faunísticos da Estremadura: Rotura e Zambujal

No Sector Oriental da Arrábida, o povoado da Rotura foi o que até agora forneceu informação faunística pertinente para a definição de uma economia agro-pecuária consolidada. O estudo do povoado de Chibanes, de economia igualmente agro-pecuária, encontra-se ainda no seu início.

A Rotura, mau grado a pequena área escavada (Tavares da Silva, 1968-70), forneceu dados faunísticos que permitem uma

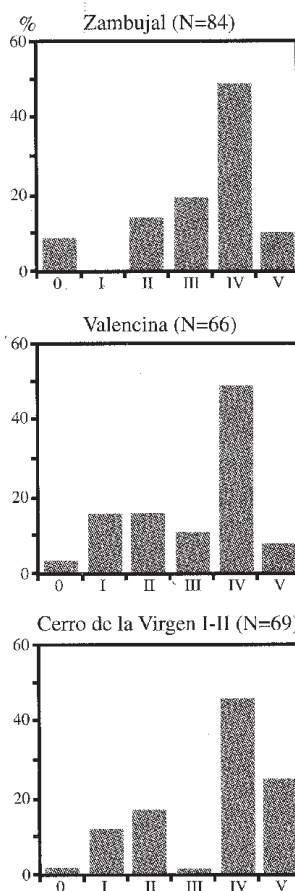


Fig. 136 - Padrões de abate de gado bovino de povoados calcolíticos do Sul Peninsular: 0 a II - não adultos; III - subadultos; IV - adultos; V - velhos. Seg. Pérez Ripoll, 1999.

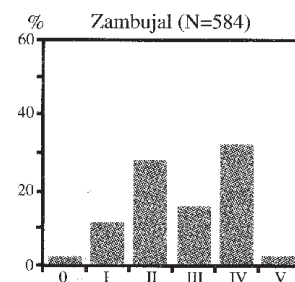


Fig. 137 - Padrão de abate do gado ovicaprino do povoado calcolítico do Zambujal: 0 a II - não adultos; III - subadultos; IV - adultos; V - velhos. Seg. Pérez Ripoll, 1999.

aproximação à estrutura económica do povoado (Quadro XXI). Em complementaridade com a agro-pastorícia, a exploração dos recursos marinhos (pesca e marisqueio) deteve um papel relevante. A caça, embora diversificada (avifauna, coelho, lince, veado, urso, javali), ocupou um lugar francamente secundário. Na fauna doméstica (a principal fonte alimentar no conjunto dos recursos faunísticos) dominavam o porco e os ovicaprínos. A importância do porco nos contextos calcolíticos do Sul Peninsular tem sido sublinhada, inserindo-se na lógica dos processos de sedentarização (Tavares da Silva, 1993) e da emergência de um ecossistema “artificial” característico dessa região – o montado (Stevenson e Harrison, 1992; Soares, 1994). Em termos estratigráficos, verifica-se uma tendência para o aumento do porco, da base para o topo da sequência da Rotura. Destaque particular merece o aparecimento de raros vestígios de equídeos na C.6 (Calcolítico inicial) e na C.1 (Horizonte Campaniforme) do mesmo povoado. Esta observação remete-nos para a problemática da domesticação do cavalo. O seu eventual ensaio no decurso do Calcolítico, sobretudo no final deste período, teria aberto caminho ao alargamento da escala territorial da organização económica, social e política (dilatação das redes de trocas de bens e informação) incrementado a partir dos alvares da Idade do Bronze. Sobre esta matéria, os dados são, porém, inconcludentes. A. von den Driesch e J. Boessneck (1976) não se pronunciam acerca do carácter selvagem ou doméstico dos restos de cavalo encontrados no Zambujal. Raros vestígios de *Equus sp.* e *Equus cf. caballus* foram igualmente detectados no Monte da Tumba; também aqui o autor se interroga sobre a

Quadro XIX - Frequências absolutas e relativas das grandes categorias morfológicas do repertório cerâmico baseadas na relação entre a altura total e o diâmetro máximo dos recipientes. Povoado da Rotura. Informação recolhida em Tavares da Silva, 1971.

	Rotura. Fase I.		Rotura. Fase II.		Rotura. Fase III.	
	C.6. Calc. inicial		Cs. 3-5. Calc. pleno		Cs. 1-2. Horizonte Campaniforme	
	n	%	n	%	n	%
Formas abertas e pouco profundas	15	13,8	15	14,3	6	5,5
Malgas	47	43,1	56	53,3	77	70
Formas profundas ± fechadas	47	43,1	34	32,4	27	24,5
Total	109	100	105	100	110	100

Quadro XX - Frequências absolutas e relativas das grandes categorias morfológicas do repertório cerâmico baseadas na relação entre a altura total e o diâmetro máximo dos recipientes, de Leceia e Monte da Tumba. Informação recolhida em Tavares da Silva *et al.*, 1995.

	Leceia		Leceia		Monte da Tumba	Monte da Tumba
	Fase II		Fase III		Fase I	Fase II
	C.3. Calc. inicial		C. 2. Calc. pleno		Calc. inicial	Calc. pleno
	n	%	n	%	%	%
Formas abertas e pouco profundas	39	12,9	43	11,7	40,1	34,5
Malgas	83	27,6	113	30,6	39	41,7
Formas profundas ± fechadas	179	59,5	213	57,7	20,9	23,8
Total	301	100	369	100	100	100

atribuição desses restos a espécimes selvagens ou domésticos (Antunes, 1987, p. 132). Mais recentemente, João Luís Cardoso (1995), a propósito dos ídolos-falange de Leceia, conclui que este tipo de produção simbólica calcolítica utiliza, particularmente na Estremadura, as primeiras falanges de *Equus caballus* “[...] *sem dúvida representado por populações descendentes das que, no final do Plistocénico, habitaram intensamente o nosso território*” (Cardoso, 1995, p. 229).

A comparação dos dados faunísticos da Rotura com os do povoado do Zambujal (Driesch e Boessneck, 1976)²⁵ ajuda a melhor definir os contornos das economias agro-pecuárias do Calcolítico da Estremadura²⁶.

Quando se atende à globalidade dos recursos explorados (Quadro XXII), os dois conjuntos faunísticos são consideravelmente distintos. Assim, os moluscos marinhos, que no Zambujal variam entre 4% e 7%, detêm na Rotura valores sempre superiores a 30% da totalidade dos restos faunísticos (a C. 3 da Rotura comportava-se como um verdadeiro concheiro). A fauna ictiológica detém igualmente um papel muito mais importante na Rotura, com valores que variam entre 2% e 9%; atendendo à conservação diferencial dos restos faunísticos, desfavorável às peças esqueléticas de peixes, os valores obtidos podem ser considerados francamente

25. Os resultados decorrentes da comparação entre as faunas da Rotura e do Zambujal devem ser lidos como tendenciais, pois as dimensões das amostras são francamente distintas; acresce ainda àquela razão o facto da amostra da Rotura ser também muito mais confinada espacialmente que a do Zambujal.

26. A classificação da fauna da Rotura foi realizada por Achilles Gautier e Ann Lentacker.

Quadro XXI - Frequências absolutas dos restos faunísticos do povoado calcolítico da Rotura (número de fragmentos). Cs. 1 e 2 - Horizonte Campaniforme; Cs. 3 a 5 - Calcolítico pleno; C. 6 - Calcolítico inicial (fase avançada, com taça canelada e sem copo); Cs. 2/3 e 3/4 - situações de transição; (a) - possivelmente várias espécies; (b) - forma muito pequena, comparada à *B. perexiguum*; (c) - duas espécies; (d) - integra 24 fragmentos de armações (resíduos de trabalho artesanal?). Classificação de Achilles Gautier e Ann Len-tacker, 1985.

Fauna	C. 1	C. 2	Cs. 2 / 3	C. 3	Cs. 3 / 4	C. 4	C. 5	C. 6	Total
Bivalves marinhos									
<i>Glycemeris glycemeris</i>	—	—	—	—	—	—	—	5	5
<i>Mytilus galloprovincialis</i>	—	8	6	35	—	4	—	53	106
<i>Pecten maximus</i>	—	6	5	2	—	14	1	22	50
<i>Ostrea edulis</i>	1	5	3	—	—	—	—	30	39
<i>Laevicardium crassum</i>	—	—	—	—	—	2	—	4	6
<i>Acanthocardia echinata</i>	1	—	—	—	—	—	—	—	1
<i>Cardium edule</i>	1	9	8	1	—	1	1	11	32
<i>Dosinia lupinus</i>	—	—	—	—	—	—	—	2	2
<i>Venus verrucosa</i>	—	1	2	2	—	—	—	—	5
<i>Venerupis decussata</i>	8	36	52	93	—	218	11	358	776
<i>Lutraria lutraria</i>	—	—	—	—	—	2	—	—	2
<i>Psammophila magna</i>	—	—	—	—	—	1	—	—	1
<i>Solen</i> sp. (a)	—	3	—	15	—	10	1	30	59
<i>Panopea glycemeris</i>	—	—	3	—	—	1	1	—	5
<i>Pholas dactylus</i>	1	7	6	31	—	26	1	—	72
Gasterópodes marinhos									
<i>Patella</i> sp. (a)	6	28	57	50	—	461	10	322	934
<i>Clanculus</i> sp.	—	—	—	—	—	1	—	1	2
<i>Monodonta articulata</i>	—	—	1	2	—	12	1	30	46
<i>Charonia nodifera</i>	—	—	1?	—	—	—	—	—	1?
<i>Buccinum</i> sp. (b)	—	—	—	—	—	—	—	1	1
<i>Nassarius reticulatus</i>	1	—	2	—	—	—	—	—	3
Gasterópodes terrestres									
<i>Rumina decollata</i>	1	1	—	—	—	—	—	—	2
Não identificados	—	—	—	—	—	1	—	1	2
Arterópodes marinhos									
Balano (<i>Balanus</i> sp.)	—	—	—	—	—	—	—	8	8
Peixes marinhos									
Dourada (<i>Sparus auratus</i>)	—	3	—	1	1	5	—	15	25
Sargo (<i>Diplodus sargus/cervinus</i> ?)	—	1	—	—	—	—	—	—	1
Não identificados	8	17	3	2	1	15	1	20	67
Répteis									
<i>Lacerta lepida</i>	—	—	—	1	—	—	—	—	1
Aves									
<i>Sula bassana</i>	1?	1	—	2	—	4+1?	—	1+2?	8+4?
<i>Alectoris rufa</i>	—	—	—	—	—	1	—	—	1
<i>Columba livia</i>	—	—	—	—	—	—	—	1	1
Passariforme	—	—	—	—	—	—	—	1	1
Não identificados	—	—	—	—	—	1	—	3	4
Mamíferos selvagens									
<i>Oryctolagus cuniculus</i>	1	5	—	2	1	18	—	10	37
<i>Lynx pardina</i>	2	1	—	—	—	—	—	—	3
<i>Ursus arctos</i>	—	—	—	—	—	3	—	1	4
<i>Equus przewalskii</i>	1	—	—	—	—	—	—	1	2
<i>Sus scrofa</i>	1	2	—	—	—	3	—	2	8
<i>Cervus elaphus</i>	—	—	—	—	—	29 (d)	—	3	32 (d)
Mamíferos domésticos									
<i>Sus scrofa</i> f. <i>domestica</i>	13	24	2	11	4	54	3	95	206
<i>Bos primigenius</i> f. <i>taurus</i>	6	2	1	3	—	13	1	45	71
<i>Ovis ammon</i> f. <i>aries</i> / <i>Capra aegagrus</i> f. <i>hir</i>	12	24	3	3	1	28	3	120	194
Total de vertebrados identificados	45	80	9	25	8	175	8	320	670
Outros vertebrados não identificados	49	39	5	14	14	96	7	428	652
Total de vertebrados	94	119	14	39	22	271	15	748	1322
Total	114	223	157	271	22	1028	42	1625	3482

Quadro XXII - Frequências absolutas e relativas dos recursos faunísticos da Rotura e Zambujal (número de fragmentos). Não foram considerados os restos faunísticos da C. 2/3 da Rotura. Dados fornecidos pelo Quadro XXI e por A. von den Driesch e Boessneck, 1976.

ROTURA	n	%	n	%	n	%	n	%
	Cs. 1 e 2		Cs. 3 a 5		C. 6		Total	
Moluscos marinhos	124	49,8	1015	82,5	878	73,3	2017	75,3
Peixes	29	11,6	26	2,1	35	2,9	90	3,4
Aves	2	0,8	9	0,7	8	0,7	19	0,7
Mamíferos selvagens	13	5,2	56	4,6	17	1,4	86	3,2
Mamíferos domésticos	81	32,5	124	10,1	260	21,7	465	17,4
Total	249	100,0	1230	100,0	1198	100,0	2677	100,0

ZAMBUJAL	fase 4		fase 3		fases 1 + 2		Total	
Moluscos marinhos	819	7,1	899	5,1	2256	4,1	3974	4,7
Peixes	7	-	14	0,1	86	0,1	107	0,1
Aves	78	0,7	61	0,3	143	0,2	282	0,3
Mamíferos selvagens	2338	20,3	2438	13,8	5620	10,0	10396	12,3
Mamíferos domésticos	8280	71,9	14223	80,7	47432	85,4	69935	82,6
Total	11522	100,0	17645	100,0	55537	100,0	84694	100,0

significativos em termos económicos. Para o Zambujal, pelo contrário, é possível afirmar que o peixe esteve quase ausente da dieta (a sua frequência relativa varia entre 0 e 0,1%). Esta observação não apoia as hipóteses que têm defendido a navegabilidade do rio Sizandro até ao Zambujal, como forma de aproximação deste po-voadado ao litoral, na lógica da “teoria das colónias” (Hoffmann e Schulz, 1995).

A fauna terrestre está, pois, consideravelmente melhor representada no Zambujal; quer a selvagem, quer a doméstica.

As diferenças observadas entre os dois povoados poderão ter resultado de adaptações a territórios de captação de recursos distintos; o da Rotura atingiria a linha de costa, ao contrário do território do Zambujal. A principal fonte alimentar de origem animal – a fauna doméstica – mostra, contudo, nítidos paralelismos em ambos os povoados: o porco em posição dominante, seguido, a curta distância, pelo gado ovino e caprino (Quadro XXIII). O gado bovino surge em último lugar em ambos os sítios (atenda-se, porém, às diferenças no peso de carne fornecido por um bovívdeo e por uma ovelha), mas encontra-se pior representado na Rotura, facto que pode indicar ser este povoado dotado de um território de captação de recursos menos rico em boas e amplas pastagens. O povoado da Rotura localizou-se na fronteira entre os últimos contrafortes orientais da Arrábida (área com declives superiores a 15%) e a planície aluvial do Sado, com amplas áreas húmidas colo-

Quadro XXIII - Frequências absolutas e relativas da fauna doméstica da Rotura e do Zambujal (número de fragmentos). Não foram considerados os restos faunísticos da C. 2/3 da Rotura. Dados fornecidos pelo Quadro XXI e por A. von den Driesch e Boessneck, 1976.

	n	%	n	%	n	%	n	%
ROTURA	Cs. 1 e 2		Cs. 3 a 5		C. 6		Total	
Porco	37	45,7	72	58,1	95	36,5	204	43,9
Gado bovino	8	9,9	17	13,7	45	17,3	70	15,1
Gado ovino e caprino	36	44,4	35	28,2	120	46,2	191	41,1
Total	81	100,0	124	100,0	260	100,0	465	100,0

ZAMBUJAL (1)	fase 4		fase 3		fases 1 + 2		Total	
Porco	3381	40,8	5472	38,5	17412	36,7	26265	37,6
Gado bovino	1721	20,8	3519	24,7	12290	25,9	17530	25,1
Gado ovino e caprino	3178	38,4	5232	36,8	17730	37,4	26140	37,4
Total	8280	100,0	14223	100,0	47432	100,0	79935	100,0

nizadas por sapais e com retalhos de solos de elevada fertilidade agrícola (depressão do Viso e baixa de Alferrar). A primeira área, caracterizada por relevo acidentado e com cobertura de bosques de *Pinus pinea*²⁷ seria mais propícia à criação de gado ovino e caprino. Nas terras baixas e férteis, poderia a população da Rotura ter desenvolvido uma agricultura intensiva (recurso a regadio?), com elevados rendimentos.

Metalurgia e desenvolvimento das forças produtivas

Os vestígios arqueológicos da prática da metalurgia, que, regra geral, observamos nos povoados da Estremadura a partir do Calcolítico pleno²⁸, respeitam às últimas fases da cadeia operatória da metalurgia do cobre (cadinhos e pingos de fundição). A prospecção, mineração e redução dos minérios de cobre são etapas pior conhecidas. Surgiram fragmentos de minério de cobre em raros povoados do Calcolítico estremenho, como Vila Nova de S. Pedro (limonite com incrustações de malaquite) e Malhadas (Palmela).

A actividade metalúrgica comportava extensa cadeia operatória, de que se destacam a prospecção, mineração, redução,

27. Na C. 6 da Rotura foram recolhidos macrorrestos vegetais de *Pinus pinea* classificados por A.R. Pinto da Silva, 1992.

28. Sobre as mais antigas evidências da actividade metalúrgica na Península Ibérica, detectadas no sítio de Cerro Virtud (Almería), cf. Montero *et al.*, 1996.

fundição e manufatura, e o seu desempenho exigia informação tecnológica especializada. A metalurgia constituiria, pois, o sector produtivo da sociedade calcolítica com maiores potencialidades de indução de uma efectiva divisão social do trabalho. Por outro lado, a metalurgia do cobre trouxe nova intensificação à produção, melhorando a eficiência do equipamento ao serviço de actividades de subsistência (agricultura e pesca). Muita da utensilagem em pedra lascada e polida foi parcialmente substituída pelos novos instrumentos de cobre (machados planos, punções, serras, facas, anzóis). Os machados em pedra polida viriam a ser, frequentemente, transformados em percutores. A primeira fase da metalurgia do cobre, pré-campaniforme, encontrava-se, visivelmente, ao serviço do fabrico de instrumentos de trabalho. Contribuiu decisivamente para o desenvolvimento das forças produtivas; não trouxe acréscimos reconhecíveis ao repertório dos bens de prestígio. Assim, é nos povoados que melhor se podem observar as evidências da fase arcaica da metalurgia do cobre. Com efeito, o espólio metálico da necrópole da Quinta do Anjo é atribuível, na sua esmagadora maioria, ao Horizonte Campaniforme.

A análise das produções metálicas do Calcolítico pré-campaniforme tem vindo a revelar a existência de distintos lotes de fabrico em um mesmo povoado (Gil e Guerra, 1987). Existem peças cuja composição é constituída quase só por cobre puro, mas dominam as situações em que ao cobre se associa o arsénio, em média entre 1 e 3%. Impureza ou adição deliberada é uma questão que continua em debate. A presença de As era, objectivamente, vantajosa, pois aumentava a dureza do cobre, melhorando a eficiência dos instrumentos, na sua grande maioria de corte. O facto de os arsenicatos serem verdes, como a malaquite, e imperceptíveis, através da cor ou da textura, no mineral, dificultaria o seu controlo ou torná-lo-ia impossível, facto que leva alguns autores a contestarem a existência de uma liga de cobre arsenical (Delibes de Castro *et al.*, 1995).

A informação disponibilizada pelo sítio de Malagón (Granada) tem sido interpretada de forma diversa. Neste povoado, localizado na proximidade de afloramento de malaquite, e com acentuado desenvolvimento da actividade metalúrgica, a análise dos objectos metálicos revelou significativa presença de arsénio. O mineral não tratado, encontrado no povoado, não possuía, porém, aquele elemento. Neste caso, as evidências apontam para a fundição conjunta de malaquite e minerais de arsénio. A adição deliberada de

As ao mineral de cobre parece ser defensável, o que não invalida a existência de um controlo incipiente das proporções de arsénio, situação que explicaria a variabilidade daquele elemento na composição dos objectos metálicos. A volatilidade do arsénio, ao determinar o seu empobrecimento na massa metálica, por aquecimento no decurso de reutilizações de artefactos metálicos (refundição), poderia também explicar aquela variabilidade e mesmo a ausência de As em alguns objectos.

Um estudo sobre a metalurgia pré-campaniforme de Malagón e Los Millares (Keesmann *et al.*, 1991-92) veio mostrar que durante aquele período foram explorados sobretudo minerais oxidados, em formações cupríferas superficiais, e que os minerais extraídos não eram, regra geral, arsenicatos; o As seria, como atrás dissemos, adicionado intencionalmente. No mesmo estudo ficou claramente demonstrada a intenção de controlar todo o processo metalúrgico, desde a selecção da matéria-prima, até à definição do ambiente em que decorria a fundição: “[...] *incluso los primeros metalurgicos trataron de regular la cantidad final de As recalentando el Cu para que se volatilizara el As sobrante*” (Keesmann *et al.*, 1991-92, p. 290-291).

A complexidade da tecnologia do cobre e do arsénio, a diferenciação do processo metalúrgico em diversas fases (mineração, calcinação, redução, fundição e manufatura) e a segregação espacial da actividade, observada em alguns povoados²⁹, suportariam a ideia, que há muito defendemos, da ocorrência, a partir do Calcolítico pleno, de uma especialização e divisão social do trabalho, mesmo que incipiente ou imperfeita. Esta terá constituído uma das contradições do modo de produção calcolítico, co-responsável pelo seu colapso.

A questão da organização social do trabalho metalúrgico tem sido objecto de controvérsia. Para alguns autores, a actividade metalúrgica poderia ter sido desenvolvida em regime de tempo parcial e não seria muito mais especializada que outras actividades artesanais como a manufatura de instrumentos líticos ou a olaria (Delibes de Castro, *et al.*, 1995). Em Almizaraque, onde a meta-

29. Atenda-se, a propósito, ao caso de Los Millares: “[...] *en el yacimiento de Los Millares se han puesto de manifiesto varias estructuras dedicadas exclusivamente a las tareas de producción metalúrgica, por lo que podemos destacar la importancia que a nivel socio-económico tendería la metalurgia al constatarse la aparición de especialistas en el trabajo metalúrgico* [...]”

“Esta hipótesis queda corroborada al aparecer en Los Millares diversas áreas en donde se realizaron fases diferentes del proceso metalúrgico” (Keesmann *et al.*, 1991-92, p. 292).

lurgia se encontra bem representada, mesmo na fase de redução do mineral (fornos metalúrgicos instalados em recipientes cerâmicos) não se verificou qualquer segregação espacial dos vestígios dessa actividade. Nesta perspectiva, que não partilhamos, não caberia à metalurgia, em si mesma, um papel de transformação das estruturas sociais calcolíticas no sentido da complexidade social (Gilman, 1976 e Martin Morales, 1987).

Se nos alvares da metalurgia do cobre é possível admitir, até pelo enquadramento económico-social em que surge, uma especialização incompleta, a evolução tecnológica da actividade metalúrgica, as suas exigências no que concerne às fases a montante da fundição e ao controlo do produto final (em cobre arsenical) exigiriam não só a gestão de importante acúmulo de informação, como também o controlo de distintas fontes de aprovisionamento de matérias-primas³⁰. Assim, defendemos que a incapacidade da formação social calcolítica de integrar plenamente a divisão social do trabalho exigida pelo desenvolvimento da metalurgia terá constituído um forte bloqueio ao desenvolvimento das forças produtivas.

Colapso do modo de produção calcolítico. Intensificação das trocas. O amanhecer dos guerreiros.

Durante a última fase de utilização da necrópole da Quinta do Anjo, a arquitectura sepulcral poderá ter sido menos importante que o significado do lugar. A capacidade de ostentação do mobiliário individual marcaria o programa de encenação do espectáculo fúnebre. O investimento na esfera funerária privilegiaria o individual. Seria agora mais restrito que no período anterior o direito de ser tumulado no sepulcro dos antepassados? Provavelmente, sim. As sepulturas estariam, na sua maioria, transformadas em caóticos ossários, exigindo complexos rituais com vista à disponibilização de espaço. O ritual colectivo encontrava-se em crise; as sepulturas passam a ser, regra geral, individuais, mesmo quando inscritas em monumentos colectivos (atenda-se à reutilização campaniforme do dólmen de Montum – Melides). Este aspecto é, talvez, um

30. Registe-se o aparecimento de estabelecimentos especializados na exploração e transformação de minérios de cobre, quer de cronologia pré-campaniforme, como a pequena fortificação do Cortadouro, Ourique (Tavares da Silva e Soares, 1976-77), quer do período campaniforme, como La Bauma del Serrat del Pont, Girona (Alcalde *et al.*, 1998).

dos melhores indicadores da desintegração das sociedades comunitárias anteriores. Interrompia-se uma prática funerária que, nos seus traços gerais, fora comum à Europa Ocidental, durante o Neolítico e o Calcolítico: “[...] – *pérennisation et socialisation de l’espace sépulcral, utilisation des processus de décomposition pour la gestion du sépulcre* –, *c’est le même système qui se maintient inchangé pendant deux millénaires, et qui s’affiche comme ostensiblement supra-culturel du Portugal aux Îles Britanniques, de la Bretagne à la Scandinavie du sud ou à l’Allemagne du Nord [...]*” (Leclerc, 1999, p. 37).

A cultura material campaniforme da necrópole da Quinta do Anjo mostra uma fraca presença da cerâmica pontilhada de estilo internacional e afim. Os poucos exemplares que se aproximam desta categoria (Quadro XIII) apresentam decorações que retêm reminiscências do padrão decorativo marítimo ou internacional – bandas horizontais preenchidas por traços oblíquos – integradas em composições mais complexas. Apenas um dos vasos possui o característico padrão decorativo internacional, mas executado segundo a técnica da incisão (Fig. 93). Ao contrário do que sucede com a fase inicial do Horizonte Campaniforme, regista-se uma boa representação da cerâmica do Grupo de Palmela, caracterizada, sobretudo, por taças de grande diâmetro e bordo espessado, com decoração linear-pontilhada aplicada sobre o lábio e a parede externa dos recipientes, e em cujos padrões decorativos são muito frequentes as bandas de linhas quebradas e “dentes de lobo”; frequentes, também, as pequenas taças em calote de bordo simples, decoradas, na superfície exterior, pela técnica pontilhada e linear--pontilhada. A fase mais avançada do Horizonte Campaniforme é a melhor representada na necrópole da Quinta do Anjo. Este momento final constitui uma evolução do Grupo de Palmela, no sentido da definitiva opção pela técnica decorativa da incisão (Grupo Inciso). Os padrões decorativos mostram então maior barroquismo, sendo comuns as bandas de xadrez de malha apertada e as métopas. Mais frequentemente, a decoração expande-se pelo fundo dos recipientes, organizada de forma radial, a partir do seu centro (muitas vezes com *omphalus*), e perpendicularmente às bandas horizontais das paredes do recipiente.

A consagração das armas nos rituais funerários do Horizonte Campaniforme configura o ponto de viragem das sociedades igualitárias para as complexas. O conjunto de artefactos metálicos proveniente da necrópole da Quinta do Anjo pode ser considerado, na

sua maioria, da fase campaniforme; constituem-no, essencialmente, objectos de carácter bélico e ou cinegético – pontas tipo Palmela. Na composição dessas peças (Quadro XXIV), o arsénio comporta-se como o único elemento secundário relevante; a sua variabilidade é, porém, elevada, situando-se entre uma frequência vestigial (um exemplar, em cobre quase puro) e 6,4%. A frequência média de As é de 2,3%.

Os adereços ostentados pelos mortos deveriam ser preciosos, como é sugerido pelo achado de elementos de adorno em ouro (duas finas lâminas, três tubos e uma espiral). As lâminas de ouro da necrópole da Quinta do Anjo são constituídas por uma liga de

Quadro XXIV - Composição dos artefactos de cobre da necrópole da Quinta do Anjo, obtida através de análise espectrográfica. Seg. Leisner *et al*, 1961.

Nº	Tipo	Sn	As	Sb	Ag	Ni	Bi	Co	Fe	Cu
1	Esc.	0,012	0,9	0,012	0	0	0	0	0,001	99,075
2	Esc.	0	2,4	0	0,015	0,01	0,001	0	0,001	97,573
3	P.P.	0,001	1,25	0	0,01	0,01	0,001	0	0,001	98,718
4	P.P.	0,055	2,8	0,02	0,016	0	0,009	0	0,011	97,095
5	P.P.	0	2	0	0,022	0	0,0039	Vest.	0	97,974
6	P.P.	0	Vest.	0	0,001	0	0	Vest.	0	99,999
7	P.P.	0	2,6	0	0,022	0	0,004	0	0	97,369
8	P.P.	0,003	3,7	Vest.	0,016	Vest.	0	0	0,015	96,269
9	P.P.	0,016	6,4	0,02	0,011	0	Vest.	Vest.	Vest.	93,553
10	P.P.	0	0,75	Vest.	0,019	0	Vest.	0	0	99,231
11	P.P.	0	1,1	Vest.	0,013	0	0	Vest.	0	98,887
12	P.P.	0	3,5	0	0,014	0	0,0018	0	0	96,484
13	Esp.	0,010	2,28	Vest.	0,013	Vest.	Vest.	Vest.	Vest.	97,686

Legenda:

Esc.: escopro; P.P.: ponta de Palmela; Esp.: espátula.

ouro e prata, onde o cobre é apenas uma impureza (Quadro XXV). Esta situação é habitual no Calcolítico campaniforme e indica que os objectos foram produzidos a partir de ouro nativo. A técnica de trabalho do ouro, habitual durante o Calcolítico final (Soares *et al.*, 1996), parece ter sido a martelagem de pepitas, com vista à obtenção de lâminas, a partir das quais eram elaborados os adornos propriamente ditos. Surgem igualmente botões de osso e marfim, cónicos, em forma de tartaruga ou vagamente antropomórficos, com perfuração em V. A cultura material deixa, pois, perceber a

Quadro XXV - Espectroscopia óptica de emissão dos artefactos de ouro da necrópole da Quinta do Anjo. Concentrações em %. Seg. Hartmann, 1982.

Qtº do Anjo	Tipo	Nº análise	Ag	Cu	Sn	Au
Hipogeu 1	Tubo	2648	8	0,04	0,11	91,85
	Tubo	2649	7	0,04	0,12	92,84
	Tubo	2650	8	0,04	0,18	91,78
	Espiral	2647	13	0,03	0,29	86,68
Hipogeu 3	Folha	2651	10	0,05	0,32	89,63
	Folha	2673	11	0,06	0,020	88,92

profunda metamorfose em curso. Quase desaparecem as produções ideotécnicas, numerosas nos períodos anteriores, dando lugar a produções de carácter sociotécnico. Subitamente, deixamos de descortinar a entidade comunitária em que o indivíduo se diluía para, pelo contrário, quase podermos perceber a singularidade de cada indivíduo aqui tumulado, com suas ricas vestes, armas e recipientes de alto valor acrescentado, em atenção à importante incorporação de trabalho retirado às actividades de subsistência. Quem seriam estes primeiros guerreiros, de que a cultura material nos deixou rastros indeléveis?

Pertenceriam, muito provavelmente, à população da Pré-Arrábida que habitava os vizinhos povoados de Chibanes, Malhadas e Moinho da Fonte do Sol. Nada nos autoriza a defender a chegada de novas populações. O poder que detinham corresponderia ao culminar de um processo de diferenciação social que viemos acompanhando ao longo desta narrativa. A metalurgia e a intensificação das trocas teriam constituído a base material que suportou a sua emergência.

O declínio dos povoados fortificados do Calcolítico pleno da Estremadura anuncia a profunda transformação da rede de povoamento. Surgem, em momentos avançados do Horizonte Campaniforme, povoados em lugares sem condições naturais de defesa e abertos, como o Miradouro dos Capuchos (Almada), Montes Claros (Lisboa), Casal das Gaitadas (Sintra). Sítios que tinham permanecido abandonados durante o Calcolítico pleno, como Pedrão, Moinho da Fonte do Sol, Parede, são reocupados. As franjas do sistema parecem adquirir maior dinamismo. No Sector Oriental da Arrábida, são fundados os povoados de cumeada de Pai Mouro e Malhadas, com óptimas condições naturais de visibilidade e defesa. O povoado de Malhadas, rodeado de bons campos

de cultivo, forneceu restos faunísticos reveladores de economia de largo espectro, com presença de caça (coelho e veado), ovicaprinos, porco ou javali, e gado bovino. O povoado de Chibanes continua em funcionamento, muito embora a muralha fosse então, pelo menos aparentemente, desnecessária, atendendo ao seu estado ruinoso. Podemos supor que a problemática da defesa se encontrava presente, mas mudara de sede e de escala relativamente ao Calcolítico pré-campaniforme. Os territórios seriam, provavelmente, mais extensos, com um número superior de *habitats* submetidos hierarquicamente a um povoado com funções centrais ainda que tal não tenha sido detectado através da análise de tipo *rank size*. Na área em análise, esse povoado poderia ser Chibanes. Esta nova organização territorial permitiria reduzir a pressão imposta pelas “fronteiras próximas” resultantes da compartimentada organização territorial do Calcolítico pleno da Estremadura.

As funções de carácter “político” estariam, por hipótese, também em reorganização no sentido da definição de formas mais centralizadas de poder. A fragmentação e dispersão do povoamento de que nos dão conta os vestígios arqueológicos terão sido compensadas através de líderes cujo poder decorreria, em parte, do controlo da actividade metalúrgica. Comparem-se, a este respeito, a dispersão dos testemunhos da prática da metalurgia pré-campaniforme no povoado de Almizaraque com a sua concentração no povoado campaniforme de El Ventorro (Madrid). Atenda-se igualmente à reorientação da metalurgia do cobre no sentido da produção de armas (expressão de coacção e violência, símbolo de poder) e ao desenvolvimento da metalurgia do ouro, ao serviço do fabrico de adornos. Em Portugal, não nos parece que a metalurgia do ouro esteja inequivocamente comprovada no Calcolítico pré-campaniforme. A conta de ouro do Zambujal considerada pré-campaniforme permanece como um dado isolado a aguardar confirmação.

A intensidade e abrangência das redes de trocas, que ligaram a nossa região ao Baixo Guadalquivir e ao centro da Meseta, ou que facultaram o contacto entre regiões tão distantes como o Sul da Península e o Marrocos Atlântico (comércio do marfim), terão estado igualmente ao serviço do processo de reorganização do poder “político”, mesmo que em fase pré-institucional e apresentando, por hipótese, carácter eminentemente individual. Os chefes terão funcionado, na fase crítica do Bronze antigo, como nós de articulação das estruturas sociais em reorganização. A imagem deste período

sugerida pelo registo arqueológico da Estremadura é a do modelo económico-social calcolítico explodido a partir do seu interior. Os estilhaços, projectados a distâncias maiores ou menores, vão originar novas conexões, nova lógica organizativa. Aqui intervêm os “grandes homens, sábios e guerreiros” que, em ambiente de forte competição, são impelidos a ostentar materialmente as provas das suas superiores competências.

Uma nova ordem socioeconómica suplantou a lógica comunitária do Calcolítico pleno, cujo poder emanava das estruturas de parentesco, através de formas mais ou menos ritualizadas, sendo o sobreproduto económico destinado a fins basicamente colectivos.

Durante o Horizonte Campaniforme tardio, adquirem grande relevo as economias do simbólico, directamente associadas à emergência da complexidade social. Com efeito, as elites deste período procurariam legitimar o controlo da actividade produtiva, nomeadamente metalúrgica, através da acumulação de riqueza na forma de bens de prestígio, e da gestão dos centros de poder simbólico herdados, mas destradicionalizados³¹.

Para o colapso do modo de produção calcolítico da Estremadura terão contribuído, decisivamente, dois principais grupos de contradições que viriam a bloquear o desenvolvimento das forças produtivas: por um lado, elevada fragmentação dos territórios/inexistência de instâncias de poder supralocais/forte competição por solo agrícola/guerra generalizada e, por outro, a impossibilidade de desenvolvimento da metalurgia no quadro da compartimentação territorial e sociopolítica atrás referida. Esta compartimentação limitava a procura, dificultava o acesso às matérias-primas, impedia a especialização da actividade metalúrgica (Soares e Tavares da Silva, 1998 e 2000).

31. A noção de destradicionalização aqui utilizada pretende sublinhar a ruptura estabelecida com a forma de utilização tradicional (ritual de inumação colectiva) dos hipogeus da Quinta do Anjo. Com efeito, defendemos, como hipótese, que, durante o Horizonte Campaniforme tardio, aqueles monumentos foram usados ao serviço do ritual de inumação individual, em atenção ao seu valor patrimonial e simbólico, agora instrumentalizado a favor de um projecto de liderança de determinada elite. Para maior desenvolvimento do conceito cf. Fortuna, 1997.

5.

(Preucel e Hodder, 1999, p. 109).

(Brihadaranyaka Upanishad, c. 700 a. C., in *Rosa do Mundo. 2001 Poemas para o Futuro*, 2001, Assírio & Alvim, p. 28).



Fig. 138 - Colar da necrópole da Quinta do Anjo. Dominam as contas de variscite. Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Foto de E. Gameiro.

Ao revisitarmos o sítio da Quinta do Anjo tornou-se imperioso reflectir sobre o papel desempenhado pelas economias do simbólico na modelação da organização social calcolítica. Na necrópole da Quinta do Anjo, a interacção e integração sociais deverão ter ocorrido intensa e duradouramente; este contexto foi, sobretudo, um centro de elaboração de significados, de recriação social da realidade, em torno do qual ideias, valores éticos e estéticos e partilha de experiências foram engendrando uma identidade cultural própria. Neste lugar, central e de notoriedade maior durante mais de um milénio, foi-se criando um ambiente de grande espessura histórica e carga simbólica, com capacidade para conferir valor aos sujeitos e objectos e para justificar ideologicamente o processo de diferenciação social, particularmente visível a partir do Horizonte Campaniforme.

A estrutura física da necrópole constituiu-se em área focal de identificação comunitária, ao estabelecer fronteiras entre o mundo organizado e solidário dos que podiam aceder, frequentar o espaço e partilhar a mesma ideologia, e o exterior, onde ficavam todos os excluídos dessa partilha.

À escala de observação intracomunitária (interior da necrópole), deparamos com diversos tipos de objectos, sobras de rituais funerários irremediavelmente perdidos. Foi a partir desses objectos que ensaiámos não só a descompressão do tempo como a desconstrução das estruturas sociais.

Os objectos

A classificação de um artefacto, ou de um ecofacto, como indicador de estatuto, bem de prestígio ou símbolo de excelência deve ser relativizada, quer em termos de disponibilidade de matérias-primas e de trabalho investido na manufactura, quer no que concerne à estrutura social da formação em análise, e deverá ser

entendida como mera hipótese de trabalho, mesmo no quadro de um contexto funerário, onde os objectos são portadores de uma carga simbólica óbvia. Que significado poderá, por exemplo, ser atribuído ao dente de lobo perfurado proveniente do hipogeu 3? Este achado pode ser interpretado como um dado circunstancial, testemunho de uma história de vida cujo cenário poderíamos facilmente recriar com base na literatura oral da nossa própria tradição rural, que sublinha a total incompatibilidade entre o camponês e o lobo, enquanto concorrentes a um mesmo conjunto de recursos. Por outro lado, aquele achado pode ser entendido como indício de uma problemática mais vasta que nos remete para o significado dos amuletos de caça em sociedades sedentárias. M. Helms (1988) refere a existência de elites caçadoras em sociedades agrícolas de poder centralizado, onde os amuletos de caça eram associados à competência e bravura, e especula sobre a possibilidade da caça e seus derivados se encontrarem simbolicamente conotados com o controlo da natureza. Também S. Kent (1989), com base na análise do registo etnográfico, explica a existência de símbolos de excelência derivados da caça, através da generalizada dicotomia: animais selvagens (categoria cognitiva superior ou intelectual)/plantas e animais domésticos (categoria cognitiva inferior, não intelectual). Infelizmente, não nos é possível precisar a cronologia fina do dente de lobo do hipogeu 3. No período campaniforme, a prática da caça de animais de grande porte talvez tenha adquirido um carácter elitista (atenda-se às taças com representações de cervídeos).

No inquérito ao registo etnográfico de tipo transcultural realizado por Jacqueline Taffinder (1998), esta autora analisou 64 comunidades, com uma distribuição à escala planetária, para as quais dispunha de informação pertinente quanto ao uso e origem de matérias-primas na produção de ornamentos. Verificou que em um conjunto de 114 casos de utilização de adornos, 87 correspondiam a indicadores de estatuto; 26, a indicadores de género, idade e/ou profissão. As conchas de *Dentalium* (taxon também presente no espólio do hipogeu 1 da Quinta do Anjo), entre os Aleut, eram simultaneamente indicadoras de estatuto e de género (feminino); não foi documentada a presença de qualquer indicador de filiação étnica. O registo etnográfico revela ainda formas de adorno reservadas para ocasiões especiais, ao invés de se destinarem a assinalar grupo etário, profissão ou estatuto social (Taffinder, 1998, p. 31).

A impossibilidade de isolar inumações na necrópole da Quinta do Anjo aumenta a dificuldade de valorização social do mobiliário funerário. Apesar das limitações apontadas, podemos admitir a presença, entre outros, de indicadores de estatuto e de ocupação. Os segundos, encontram-se na necrópole, tal como no registo etnográfico, mal representados: um cossoiro (sepultura 3), artefacto indicador da prática da fiação; dois afiadores (sepultura 4); um provável pente-matriz, em osso (hipogeu 1), correlacionável com a actividade oleira; dois braçais de arqueiro (sepultura 1 e conjunto B) que assinalam actividades cinegética e/ou guerreira.

Os objectos de adorno indicadores de prestígio social são, regra geral, manufacturados sobre matérias-primas exógenas e/ou em materiais de origem local, mas, por razões diversas, de acesso limitado. Por exemplo, entre os Lozi de África, certos animais e os produtos deles derivados são considerados bens reais. No caso de utilização de matérias-primas exóticas, a inacessibilidade reside na distância geográfica que representa esforço de procura e de transporte, inacessibilidade que pode ser transferida para a esfera das representações como uma distância vertical, entre o quotidiano e o sobrenatural. Como Mary Helms (1988) afirma, em muitas sociedades tradicionais acreditava-se que os poderes sobrenaturais podiam tomar a forma de objectos tangíveis e estranhos, como eram os provenientes de regiões distantes. Este paralelismo entre distância geográfica e poderes cósmicos tinha, assim, expressão em objectos estranhos e únicos, que conferiam prestígio aos seus portadores, senhores, igualmente, de um suposto conhecimento esotérico que os contactos com o mundo exterior facultavam. No caso de utilização de materiais locais, a inacessibilidade resulta da quantidade e qualidade do trabalho investido na manufactura dos objectos ou, eventualmente, de interdições colocadas ao seu uso. A necrópole da Quinta do Anjo fornece-nos uma boa representação de artefactos manufacturados em calcário, uma das matérias-primas localmente mais comuns (Quadro XXX), para os quais não encontramos outra funcionalidade que não seja a simbólica.

Peter Peregrine (1991), depois de analisar 27 sistemas de bens de prestígio, concluiu que o trabalho investido na produção de adornos pessoais estava estreitamente relacionado com o grau de centralização política. Adornos usados por elites em sociedades politicamente centralizadas tendem a ser mais decorados e a requerer mais trabalho que em sociedades de incipiente centralização.

De entre os hipotéticos indicadores de estatuto social e/ou de género, atribuíveis ao Neolítico final/Calcolítico, contam-se os alfinetes de osso com cabeça postíça. Em número de 4, surgiram apenas, e igualmente distribuídos, nas sepulturas 3 e 4 (Quadro XXXII). Poderão ser interpretados como um indício da emergência de situações de desigualdade social, em um cenário genericamente igualitário? Um dos melhores contextos daquele tipo de objecto até agora publicados foi observado no hipogeu de Monte Canelas (Portimão), onde se associava, na base do monumento, a inumações de indivíduos adultos, do género feminino (Silva, 1997, p. 246).

Na necrópole da Quinta do Anjo, verifica-se uma relativa igualdade entre as diversas sepulturas não só em termos arquitectónicos, como já antes referimos, mas também no respeitante ao

Quadro XXVI- Distribuição da indústria em pedra lascada. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Pedra lascada												Total
	Sílex					Cristal de rocha/Quartzito leit.					Total	Xisto jasp.	
	Lasc./ lam. / lamelas	Geométricos	Pontas de seta b. triang.	b. conc./rect.	ind.	Resí- duos	Nú- cleos	Geométricos	Lame- las	Pontas de seta			
Hip. 1	11		3	4		18		10	3		13		31
Hip. 2	8	1				9							9
Hip. 3	9	44	7	20		80		6	2	2	10	2	92
Hip. 4	4				x	4	1	5			6		10
C. A	26		22	48	1	97				4	4		101
C. B.	8	10		2		20							20
Total	66	55	32	74	1	228	1	21	5	6	33	2	263

x - Presença, sem registo de quantidade.

C. A - Ver conjunto A, capítulo 2, p. 64-66.

C. B - Ver conjunto B, capítulo 2, p. 66-68.

Quadro XXVII - Distribuição dos instrumentos em pedra polida. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Pedra polida						Total
	Machados	Enxós	Goivas	Percutores	Mós	Afiadores	
Hip.1	5	3					8
Hip.2	2	3	2	1			8
Hip.3	8	7					15
Hip.4	10	11			1	2	24
C. B	21	14	1	1			37
Total	46	38	3	2	1	2	92

Quadro XXVIII - Distribuição da indústria lítica. Necrópole da Qta. do Anjo.

Sepulturas	Ind. lítica Total
Hip.1	39
Hip.2	17
Hip.3	87
Hip.4	34
C. A	101
C. B	57
Total	355

mobiliário funerário. Este quadro aplica-se bem a uma sociedade segmentária. Todos os túmulos forneceram uma boa representação de indústria lítica (Quadros XXVI - XXVIII), recipientes de cerâmica lisa (Quadro XXIX) e ídolos-placa gravados em xisto (Quadro XXX).

Finalmente, uma referência para as provisões alimentares. Na ausência de controlo estratigráfico e perante a ocorrência de

Quadro XXIX - Distribuição dos recipientes cerâmicos (categorias decorativas). Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Recipientes cerâmicos/categorias decorativas						Total
	Lisos	Dec. Plástica	Dec. Penteada	Dec. Canelada	Dec. Simbólica	Campaniforme	
Hip. 1	6			1		13	20
Hip. 2	1					4	5
Hip. 3	2					15	17
Hip. 4	1			1		3	5
C. A	15	2		1	1	9	28
C. B	16		1	2		14	33
Total	41	2	1	5	1	57	107

Quadro XXX - Distribuição dos artefactos idoliformes. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Idoliformes				Total
	Xisto placas gravadas	Calcário e/ou mármore	Osso	Cerâmica	
Hip. 1	2	7		1	10
Hip. 2	2	1			3
Hip. 3	4	9	1		14
Hip. 4	1	4			5
C. A		1			1
C. B	11	1			12
Total	20	23	1	1	45

Quadro XXXI - Distribuição dos elementos de colar. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Elementos de colar									Total
	Contas Minerais verdes	Contas Xisto	Contas Anfibolito	Contas Calcário	Contas Marfim	Contas Azeviche	Conchas perfuradas	Dentes perfurados	Outros Materiais	
Hip. 1	52	30**	1	1			5			89
Hip. 2	16	13		1						30
Hip. 3	177*				1	1		1		3
Hip. 4	x					1				1
C. A	207	29	3	6		6			2	253
C. B		9								9
Total	275	51	4	8	1	8	5	1	2	385

x - Presença sem registo de quantidade.

* Além das contas, observou-se a presença de raros pendentos (cf. Cap. 2), que foram contabilizados juntamente com as contas propriamente ditas.

** Conjunto de contas discóides em xisto, calcário e minerais de cor verde. Não foi possível proceder à distinção deste tipo de contas por matéria-prima, pelo que optámos por incluí-las nas contas discóides em xisto, o material mais frequentemente usado na manufactura de adornos deste tipo.

Quadro XXXII - Distribuição dos alfinetes de osso. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Alfinetes de osso		Total
	Cabeça lisa	Cabeça canelada	
Hip. 1			
Hip. 2			
Hip. 3	1	1	2
Hip. 4	1	1	2
Total	2	2	4

Quadro XXXIII - Distribuição dos elementos de adorno. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Adornos Total
Hip. 1	104
Hip. 2	30
Hip. 3	186
Hip. 4	7
C. A	253
C. B	9
Total	589

Sepulturas	Botões de perfuração em V					Total
	Marfim	Ossos	Otolitos	Marf./Ossos/ Otolitos	Concha	
Hip. 1	2	3	2	5	3	15
Hip. 2						
Hip. 3		1*	3			4
Hip. 4	1	3				4
Total	3	7	5	5	3	23

* De morfologia idêntica à dos botões com perfuração em V, este exemplar apresenta orifício subcilíndrico. Falta de perícia do artesão? Espessura inadequada do suporte?

Quadro XXXIV - Distribuição dos botões de perfuração em V. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Artefactos metálicos									Total
	Cobre					Ouro				
	Ponta tipo Palmela	Punção	Agulha	Cinzel	Ind.	Folhas	Tubos	Espiral	Total	
Hip. 1	4	2				6	3	1	4	10
Hip. 2	1*					1				1
Hip. 3			1		1	2	2		2	4
Hip. 4	x									
C. A	5	1		2		8				8
Total	9	3	1	2	1	16	2	3	6	22

* Peça espatuliforme (Figs. 33 e 114). X - presença, sem registo do número de exemplares.

Quadro XXXV - Distribuição dos artefactos metálicos. Necrópole da Quinta do Anjo.

Sepulturas	Mobiliário funerário diverso								Total
	Osso				Concha*	Calcário	Cerâmica	Pedra	
	Pontas/ furadores	Cabos/ tubos	Vasos	Ind.		Vasos	Cossoiros	Braços de arqueiro	
Hip. 1	2	1	1		6	2		1	14
Hip. 2			2			1			3
Hip. 3	2			1			1		4
Hip. 4	2	1	3						6
C. B								1	1
Total	6	2	6	2	6	3	1	2	28

* Conchas utilizadas como adornos, regra geral perfuradas.

Quadro XXXVI - Distribuição de mobiliário funerário diverso. Necrópole da Quinta do Anjo.

prováveis perturbações subactuais no enchimento dos hipogeus, por hipótese em resultado da proximidade de casal agrícola ainda em actividade, o espólio faunístico recuperado merece-nos muitas reservas. Marques da Costa (1907) recolheu, nos hipogeus 1, 3 e 4, ossos e dentes de mamíferos (javali, cão, ovelha, cabra, porco, cavalo), restos de peixes, dentes fósseis de tubarão (do Miocénico), conchas de moluscos (*Venerupis decussata*, *Cerastoderma edule* e *Pecten maximus*).

Sistemas simbólicos

No decurso do funcionamento, a necrópole, como um todo orgânico (lugar, arquitectura e cultura material), foi consubstanciando um complexo simbólico próprio, gerador de poder.

De que forma esse sistema simbólico se articulou com a estrutura económica? Como promoveu e alimentou o desenvolvimento da desigualdade social?

Na sua solidez e permanência, a necrópole comportou-se como um lugar de acumulação de conhecimento esotérico que lhe adveio da posição privilegiada na mediação com o sobrenatural, pela via dos seus mortos. O controlo desse conhecimento cria condições para a demarcação de fronteiras intragrupais: dicotomia entre os que acedem à necrópole, penetram nos mistérios do sagrado, operam e gerem o património e a informação acumulados e são objecto de respeito, admiração, emulação, e os que permanecem no exterior, confinados aos limites do profano. Entre as duas situações extremas, localiza-se uma zona intermédia, de ligação entre o interior e o exterior, arena de exibição de signos de excelência, espaço privilegiado de comunicação interpessoal e de diluição do conflito.

O mobiliário do Calcolítico pleno, à semelhança do verificado para o Neolítico final, não revela acentuada diferenciação quantitativa entre as sepulturas. Registe-se que todas elas forneceram artefactos ideotécnicos em calcário; em todas se recolheram colares com contas de natureza petrográfica variada, sendo particularmente abundantes as de matérias-primas exóticas (minerais de cor verde, nomeadamente variscite). O considerável aumento de adornos pessoais (típicos indicadores de estatuto), durante o Calcolítico pleno e Horizonte Campaniforme, a julgar pelos resultados obtidos no povoado do Zambujal (Jiménez Gómez, 1995, p. 31-35), em que

a larga maioria dos adornos se concentrava naquelas fases, parece revelar um progressivo acréscimo de competição social. Outros indícios de incipiente diferenciação social podem observar-se na concentração, no hipogeu 1, dos ideoartefactos calcários mais elaborados (enxó encabada, hemicilindro canelado), e na segregação espacial de um depósito secundário (?), no nicho lateral do hipogeu 4.

O cenário de relativo igualitarismo observado durante o Neolítico final e mesmo Calcolítico inicial e pleno altera-se, consideravelmente, no Horizonte Campaniforme. Existe agora uma clara concentração espacial dos símbolos de excelência (botões em osso e marfim com perfuração em V e artefactos de ouro), destacando-se, pela importância do seu espólio, as sepulturas 1 e 3.

Surgiram recipientes campaniformes em todas as sepulturas, mas o maior número registou-se, igualmente, nos hipogeus 1 e 3. A presença de artefactos de cobre foi assinalada em todas as sepulturas; porém, as peças de ouro, em número de seis, surgiram somente naqueles hipogeus. Os botões com perfuração em V apresentavam uma nítida concentração na sepultura 1 (15 exemplares), mas foram também recolhidos nas sepulturas 3 (4 exs.) e 4 (4 exs.). Dos dois braçais de arqueiro exumados na necrópole, o de proveniência conhecida foi encontrado no hipogeu 1.

Frequentemente, tem sido defendida uma certa autonomia da esfera do simbólico, na qual os bens de prestígio se comportariam como agentes de diferenciação social e de legitimação do exercício do poder. Esta postura escavou o fosso entre análises materialistas e idealistas. Estas últimas descrevem o funcionamento dos mecanismos de carácter simbólico, mas mostram-se incapazes de os explicar, uma vez que não atingem as condições de produção que os engendraram. Na nossa perspectiva, o sistema simbólico interage e influencia a estrutura social, ou, por outras palavras, exerce, com eficiência própria, uma acção continuada sobre a vida social, mas essa acção é filtrada pelo modo de produção instalado. A sua autonomia é, pois, ilusória e resulta de uma visão epidérmica da realidade social.

Por sistema simbólico, entendemos o conjunto dos mecanismos de expressão e comunicação inerentes à superestrutura ideológica própria de uma determinada formação económico-social, espelho desta e agente de transformação social. Aqui interessamo-nos abordá-lo enquanto meio de criação e de reprodução de poder sociopolítico. O seu controlo ou a posse de bens de prestígio

conferem poder, tal como a posse de gado ou de terra. O ciclo da economia do simbólico, difícil de apreciar pelo carácter imaterial de alguns dos seus componentes e pelo conceito de tempo mítico ou memorial que lhe anda associado, dotado de ritmos de circulação imprevisíveis, comporta, claramente, uma fase de criação de valor. Este é determinado sobretudo pelo esforço de trabalho investido e pelo valor das matérias-primas, e é acumulado quer nos lugares sacralizados/memorializados, quer na informação esotérica. A taxa de proveito do indivíduo ou da elite que controla o sistema depende, pois, do valor total da força de trabalho apropriada. A conotação das produções simbólicas com o sagrado e o esotérico e a colagem que com eles faz a elite política criam uma perversão que legitima (através de diversificadas roupagens), por um lado, a noção de tempo, diverso do tempo-relógio, o já referido tempo mítico ou memorial e a naturalização da história, e, por outro, a extorsão de trabalho quase, ou mesmo completamente, gratuito. O poder simbólico é, pois, convertível em poder político, o qual é susceptível de se transformar em poder económico. Estas diferentes formas de poder e as suas respectivas materializações têm de ser vistas de modo dinâmico; nesse processo de circulação podem ocorrer metamorfoses mais ou menos complexas, mais ou menos legíveis. Segundo palavras de M. H. Fried (1967, p. 142), “*Rank is not necessarily based on economic status but it frequently acquires economic significance [...] accumulation of non-subsistence values is often the basis or means of validation of rank distinctions.*” Assim, o capital simbólico e o económico constituem as duas faces da moeda que franqueia o acesso ao poder político. No que concerne às sociedades tribais, afirma Sahlins (1968, p. 88): “*Other skills and personal qualities are often required for prestige: magical power, oratorical ability, perhaps bravery; but the economic manoeuvres are usually decisive: amassing goods-pigs, vegetable foods, and shell monies – and distributing them in ways that build a name for cavalier generosity*”.

Segundo o modelo de Friedman e Rowlands (1982)³², teríamos representado na fase de utilização pré-campaniforme

32. Modelo explicativo da evolução da organização das sociedades e da estratificação social, com quatro grandes estádios, partindo do papel central detido pelos bens de prestígio.

da necrópole da Quinta do Anjo o primeiro estágio evolutivo proposto por estes autores e correspondente ao “*conical clan*”, no qual a competição interlinhageira por prestígio social deriva da capacidade de produção de excedentes, utilizados na organização de festas intergrupais. A superior capacidade produtiva de uma determinada linhagem é aqui entendida como o resultado da sua proximidade ao antepassado mítico, fundador sobrenatural do grupo. Progressivamente, os tributos devidos à entidade sobrenatural passariam a ser recolhidos pelo chefe da linhagem que com aquela se identificava.

Os alvares do estágio seguinte do mesmo modelo estariam representados na necrópole da Quinta do Anjo pela fase de utilização campaniforme. A manutenção da diferenciação social já não depende agora da redistribuição do sobreproduto económico através de festas; os bens de prestígio aumentam e adquirem um papel crucial na afirmação e reforço da hierarquia social, na exaltação e mesmo glorificação dos chefes.

De modo esquemático e necessariamente simplista, teríamos as seguintes formas de aplicação dos excedentes (ritualmente acumulados), diferenciadas em três variantes, de acordo com as distintas estruturas sociais em apreço, prévias às sociedades estratificadas do Bronze final (Quadro XXXVII).

Período	Estrutura Social	Apropriação dos excedentes	Reinvestimento dos excedentes
Neolítico final	Comunidades segmentárias. Relações de produção assentes no parentesco.	Por linhagens com mais prestígio, recorrendo a mecanismos de ritualização-culto dos antepassados. Sociedade tributária pré-estatal.	Estruturas de carácter mágico-religioso (recintos megalíticos) e sepulturas colectivas; rituais dirigidos para o reforço da coesão grupal; competição interlinhageira
Calcolítico inicial e pleno	Comunidades de base residencial, organizadas por relações de parentesco e vizinhança. Autoridade de tipo <i>Big Man</i> .	Chefes comunitários (<i>Big Man</i>).	Estruturas de interesse colectivo (p. ex. fortificações); festas; rituais; produções simbólicas de carácter ideotécnico destinadas ao reforço da coesão intragrupal.
Campaniforme tardio, de transição, ou Bronze antigo	Desagregação da estrutura comunitária calcolítica. Autoridade de tipo chefatura incipiente.	Chefes guerreiros - lideranças personalizadas.	Economias de bens de prestígio; promoção dos líderes e de suas alianças supralocais. Concentração de riqueza e prestígio, fomento da desigualdade e da complexidade sociais.

Quadro XXXVII - Modalidades de apropriação e de reinvestimento dos excedentes nas sociedades do final do Neolítico, do Calcolítico e do Bronze antigo (fase tardia do Horizonte Campaniforme), da Estremadura.

Figs. 139 e 140 - Elementos de colar, ampliados, da necrópole da Quinta do Anjo. Fotos de E. Gameiro.



Figs. 141 e 142 - Botões de osso com perfuração em V (reverso). Necrópole da Quinta do Anjo. Fotos de E. Gameiro.



Esc. 2x

6. Conclusão

Such monuments therefore allowed mortuary rites to be integrated within a wider sphere of ritual and routine activities; it was not the mortuary rites alone which structured the form of the architecture.

(J. C. Barrett, 1999, in *Contemporary Archaeology in theory. A reader*, p. 409).

*Aqui os mortos estão sentados,
imóveis em redor do tempo.*

(Enrique Molina, in *Rosa do Mundo. 2001 poemas para o Futuro*, Ed. Assírio e Alvim, p. 1512).



Fig. 143 - Pormenor da decoração da taça da figura 90. Foto de E. Gameiro.

Para um modelo do processo de calcolitização da Estremadura

O processo de calcolitização da Estremadura deverá ter seguido, em traços gerais, um percurso similar ao das restantes regiões do Sul da Península Ibérica. Contém, porém, particularismos que tentaremos sublinhar. Importa, prioritariamente, isolar os factores e mecanismos a que atribuímos maior potência explicativa em um processo dotado de grande dinamismo e, como tal, difícil de conter em quadros esquemáticos (Fig. 144). As origens da curva ascendente desta fase de desenvolvimento da nossa Pré-história assentam sobre um conjunto de inovações económicas e tecnológicas que ocorrem no final do Neolítico e integram a Revolução dos Produtos Secundários da Criação de Gado (RPS). A ideia de continuidade étnica entre Neolítico final e Calcolítico, completamente antagónica da explicação da mudança que decorre da teoria difusionista “das colónias de origem oriental”, surge materializada na necrópole da Quinta do Anjo.

No que concerne à RPS, possuímos as mais expressivas evidências no Sudoeste (gravuras de carro, arado e bucrânios do santuário exterior do Escoural), as quais testemunham a aplicação da força de tracção animal à agricultura. Na Estremadura, o registo arqueológico é menos pródigo. O aparecimento de “ídolos de cornos”, na transição para o Calcolítico e no Calcolítico inicial, pode indicar um acréscimo da importância económica do touro; a elevada frequência de animais adultos e velhos no gado bovino do Zambujal (bem como em outros povoados do Sul Peninsular) podem ser explicados pela exploração da força de tracção daquela espécie (Fig. 136); o padrão de abate do gado ovicaprino do povoado do Zambujal (Fig. 137) revela também a exploração de produtos secundários desses animais, como o leite e a lã. Observa-se uma bipolarização da idade de abate: jovens, para fornecimento de carne e animais adultos/velhos, seleccionados para a produção

de leite; as actividades de fiação e tecelagem adquirem uma boa visibilidade arqueológica; a alteração do padrão locativo dos *habitats* no sentido da preferência por locais de cumeada, com boas condições naturais de defesa e o aparecimento das primeiras fortificações, em geral complexas, parecem-nos significativas expressões da intensificação da produção, aumento da produtividade, crescimento dos excedentes decorrentes desta segunda revolução agrícola. A intensificação da produção pode ter assumido diferentes modalidades regionais. Na Estremadura, por hipótese, teria ocorrido uma diversificação de culturas e a introdução de leguminosas como a fava (Vila Nova de São Pedro). Atenda-se à frequente associação dos povoados a áreas de várzea, propícias à prática da horticultura e, eventualmente, ao regadio, e também ao repertório cerâmico onde escasseiam pratos e taças baixas e dominam formas profundas, mais aptas para uma alimentação rica em cozidos e sopas. No Sudoeste, pelo contrário, predominam as formas cerâmicas pouco profundas, como taças baixas e pratos, em concordância com uma agricultura cerealífera, muito provavelmente de sequeiro.

Ao desenvolvimento económico que marca o início do Calcolítico correspondem, com efeito, aumentos dos índices de sedentarização e de territorialidade. Os grupos tendem a perder mobilidade e a identificar-se com os respectivos povoados, nos quais se guardam os bens comuns. Os *habitats* fortificam-se na maioria dos casos, no decurso do Calcolítico inicial (primeiro quartel do III milénio cal BC). Os mecanismos, essencialmente económicos, que conduzem à fortificação dos povoados são, pois, anteriores ao desenvolvimento da metalurgia do cobre.

Cada povoado estremenho, fortificado, controlaria um determinado território. Não foi possível encontrar uma clara relação de tipo *rank-size* entre eles (Fig. 127). Observam-se três grandes classes de dimensões de fortificações calcolíticas que não mantêm entre si, pelo menos aparentemente, relações de interdependência. Mesmo as pequenas fortificações seguem uma estratégia de defesa idêntica à dos sítios de maiores dimensões, assegurando a respectiva autonomia defensiva. A partir destes dados, propomos um modelo de organização económico-social de escala localista, caracterizado por crescente competição interpovoados e instalado após fragmentação do poder "político" precedente, mais abrangente, por hipótese, de tipo linhageiro.

A vida intra-*habitat* encontra um razoável espelho nos es-

paços funerários: prossegue o ritual de enterramento colectivo herdado do Neolítico final; progressivamente, o espólio que acompanha os inumados irá revelando acréscimos de produções simbólicas com capacidade para induzir competição social no quadro de sociedades não estratificadas.

O espaço residencial intramuros, sem dúvida o mais valorizado, poderia, no contexto de sociedades basicamente igualitárias, ser destinado a funções centrais de interesse comum, como a defesa, a armazenagem do sobreproduto económico, a festa. As funções banais poderiam desenvolver-se no exterior da fortificação. Estamos, porém, no domínio das hipóteses.

Tanto a arquitectura dos espaços domésticos como o registo funerário, no qual se destacam as produções simbólicas de carácter ideotécnico, relativamente estandardizadas, revelam a presença de incipientes mecanismos de competição social.

É neste cenário dotado de sobreproduto económico, ganhos de produtividade, crescimento demográfico e dinamismo social que surge e se desenvolve a metalurgia do cobre, principal inovação tecnológica do Calcolítico pleno. A prática da metalurgia do cobre abre caminho a uma importante divisão social do trabalho, mesmo que imperfeita, de acordo com o quadro de organização económico-social localista que preconizamos para a Estremadura. A introdução da metalurgia representa, no processo de calcolitização, uma segunda etapa de intensificação da produção, mas irá provocar uma das principais contradições do modo de produção calcolítico estremenho: o pleno desenvolvimento da actividade metalúrgica era inconciliável com a fragmentação do “mercado” consumidor dos produtos finais e, eventualmente, com as restritas normas de acesso às matérias-primas, que deverão ter existido. A competição crescente pelos recursos estratégicos, entre os quais destacamos a água potável, o solo agrícola e o minério de cobre, pode ter-se tornado dramática em contexto de crescimento demográfico, forte sedentarização, redução de territórios de captação de recursos e de fragmentação do poder “político”. Ainda no Calcolítico pleno, entra-se em uma fase de desinvestimento nos sistemas defensivos. O aparelho das construções desta fase é, frequentemente, de qualidade inferior ao do momento anterior.

O Calcolítico final, anunciado pelo aparecimento de produtos de tipologia campaniforme, estandardizados e de larga circulação (seguindo alguns deles modelos de distribuição à escala europeia), marca o colapso das formações sociais não estratificadas.

A partir desta fase irão dominar os mecanismos de integração. A organização social adquire, por hipótese, escala regional através de redes de alianças de chefes que se apropriam do capital simbólico herdado e o transformam em poder político e económico. As produções simbólicas são agora claramente orientadas para a produção de artefactos sociotécnicos, ou, por outras palavras, para bens de prestígio, em cujas economias assenta grandemente a estruturação do poder "político". Os hipogeus da Quinta do Anjo são ainda, e pela última vez, utilizados; por hipótese, pelos elementos destacados do grupo. Inicia-se um processo de valorização e de ostentação da "esfera política" que irá conduzir ao aparecimento, no Bronze final, de organizações sociais de tipo chefatura complexa e proto-estatais. Durante o Horizonte Campaniforme, surgem espólios funerários particularmente ricos, com objectos manufacturados em matérias-primas exóticas, como botões em marfim; em materiais raros, como ouro e cobre; e em cerâmicas decoradas de elevado valor acrescentado. Neste período, ocorrem as primeiras sepulturas individuais. O investimento tradicionalmente dirigido para equipamentos funerários de carácter colectivo, ou seja, para o monumento, é agora, prioritariamente, dirigido para o espólio individual, ao serviço da competição por prestígio social, pela conquista do poder "político" e sua legitimação.

A metalurgia sofre uma reorientação: da produção de instrumentos de trabalho, no Calcolítico pleno, para a de instrumentos bélicos, no período campaniforme.

Surgem, então, povoados de planície e abertos, a par de povoados de cumeada. A diferenciação inter-*habitat*, no que concerne ao tipo de implantação e morfologia, torna-se marcante quando comparada com a regularidade e relativa monotonia oferecida pelos povoados do Calcolítico inicial e pleno. Quebrada a escala localista da organização económico-social, os espaços dilatam-se e neles convivem povoados abertos e povoados de altura, não em conflito explícito, mas implícito, sob a capa da legitimação ou "naturalização" da nova ordem social instaurada sob o controlo de "poderes centralizados" que irão gerir, durante a Idade do Bronze, e sobretudo no final deste período, as novas relações económicas, de tipo centro-periferia, modeladoras dos territórios e do social (Rowlands, 1987; Soares e Tavares da Silva, 1998). Ao período de viragem, de profunda crise, mas também de intensa força criadora, instalado sobre os escombros da estrutura social comunitária calcolítica e representado no registo

arqueológico pelos momentos finais do Horizonte Campaniforme (Grupos de Palmela e Inciso) ou Horizonte Campaniforme de Transição, corresponde uma aceleração do processo de complexidade social que irá dar origem às formações sociais estratificadas do final da Idade do Bronze.

Partindo desta visão esquemática e global que tem subjacente a informação fornecida pela generalidade do registo arqueológico regional, chegaremos a uma imagem concordante ao abordarmos o processo de mudança socioeconómica com base em dados exclusivamente funerários. O espaço sepulcral, não sendo uma imagem “em negativo” do mundo dos vivos ou o seu exacto reflexo, ultrapassa seguramente a função de mero receptáculo de despojos fúnebres. Constitui o lugar de socialização da morte, de “exorcização” desse evento, de superação do estado crítico que a mesma engendra. À morte biológica, imediata e inexorável, de determinado indivíduo, soma-se uma outra dimensão, de maior extensão temporal, que resulta da sua identidade, filiação, posição e interacção no sistema de relações afectivas do grupo e no sistema de relações sociais de produção. Podemos aceitar que o processo de superação da crise aberta pelo desaparecimento de um elemento do grupo só ficaria concluído quando o ritual de ancestralização chegasse ao seu termo.

De forma muito breve, tentaremos sublinhar as grandes mudanças que atravessaram o processo de ancestralização³³ na necrópole da Quinta do Anjo e demonstrar como acompanharam a transformação das estruturas económico-sociais. Importa ter presente que nos encontramos no domínio das hipóteses e que os processos de ancestralização em sepulcros colectivos de longa diacronia não contribuem propriamente para aumentar a certeza das interpretações.

Durante o Neolítico final, o mobiliário funerário não revela a existência de desigualdades sociais entre os diversos hipogeus e parece ter sido dominado por artefactos directamente relacionados com actividades produtivas. A estrutura social seria basicamente

33. Tenha-se presente que os processos de ancestralização comportam fases/funções de desarticulação e destruição, ou seja, conservação selectiva, reorganização dos ossos e dos mobiliários funerários. Veja-se a propósito o modelo de ancestralização proposto por Gavin M. Lucas, 1996, no qual o próprio ritual de passagem do defunto à nova identidade de antepassado implicaria a desarticulação e remoção final dos ossos para a periferia ou mesmo para o exterior da câmara funerária.

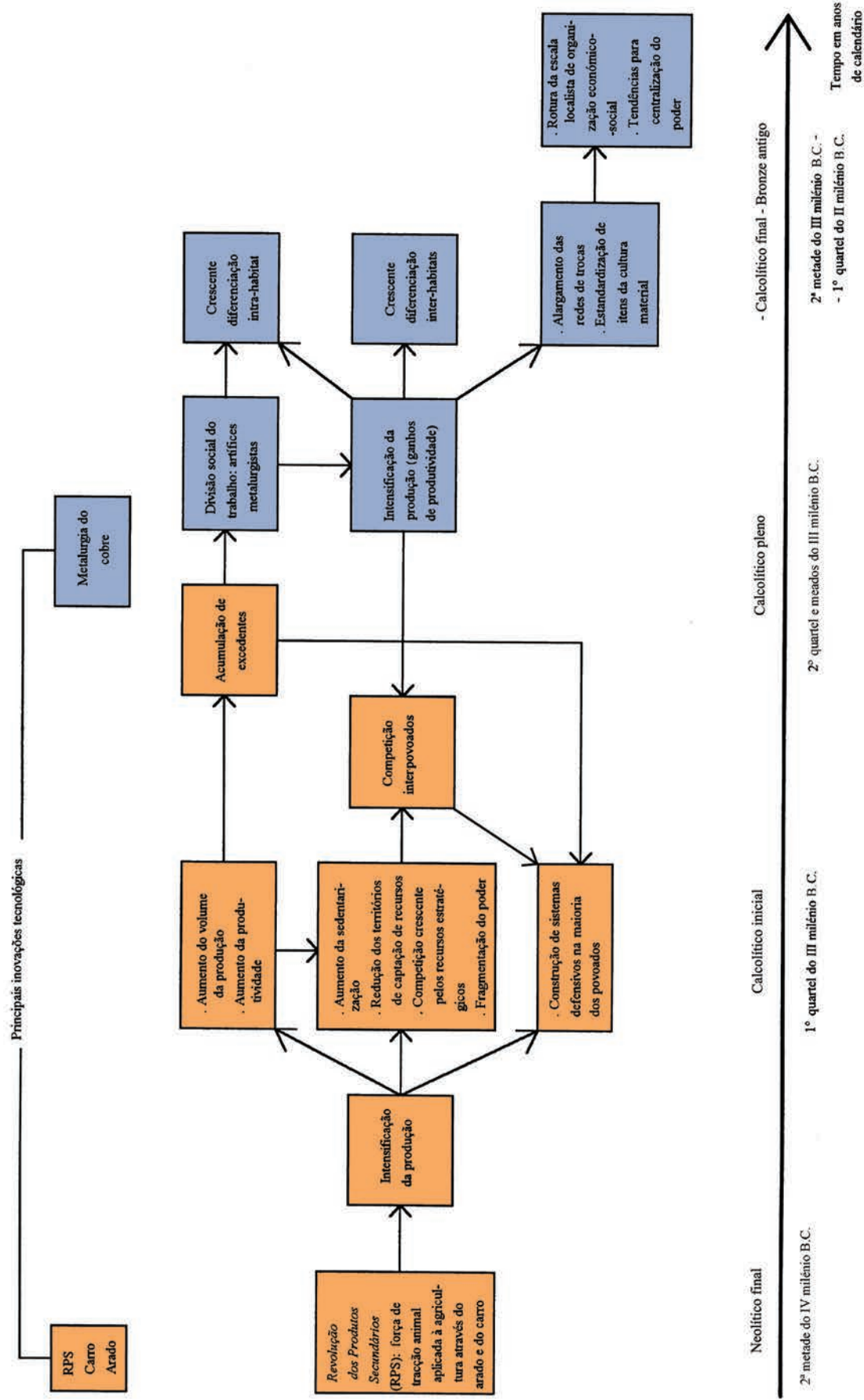


Fig. 144 - Modelo esquemático do processo de calcolitização do Sul de Portugal.

igualitária, de tipo segmentário, e o processo de ancestralização terá decorrido de relações de parentesco e de descendência. Aos sepulcros colectivos da Quinta do Anjo acederam crianças, jovens, adultos e velhos de ambos os sexos. Consta-se, porém, uma discriminação positiva de adultos e velhos, facto que se articula bem com o culto dos antepassados e com a sua importância na modelação dos sistemas de parentesco que terão estruturado o modo de produção doméstico.

No Calcolítico, surgem os primeiros indícios de segregação espacial intratumular (nicho do hipogeu 4). Ocorre um considerável aumento de produções simbólicas, de carácter ideotécnico. Estes objectos, de acentuada diversidade, materializam a nova ideologia, calcolítica. Parecem indicar acréscimos de comunicação e interacção no plano intracomunitário, ou seja, uma nova lógica de gregarismo. Esta faria apelo não só às relações de parentesco, mas sobretudo às novas solidariedades residenciais. A necrópole deve ter atingido um estado de sobrelotação, com a formação de ossários³⁴.

Finalmente, durante o Horizonte Campaniforme de Transição (Grupos de Palmela e Inciso) ou Bronze antigo, ocorreu na necrópole da Quinta do Anjo a mais significativa mudança no processo de ancestralização. Observa-se uma nítida diferenciação entre os monumentos, com o aparecimento de espólio de excelência nos hipogeus 1 e 3. O mobiliário funerário é agora dominado por artefactos sociotécnicos³⁵, indicadores do estatuto social dos inumados. Normas restritivas de acesso à necrópole dos antepassados devem ter reservado esse espaço para personagens destacadas do todo social, as quais parecem não ter hesitado em utilizar o capital simbólico colectivamente acumulado na necrópole ao serviço do seu projecto de conquista de prestígio e poder.

A emergência de líderes, no Horizonte Campaniforme de Transição ou Bronze antigo, encontra-se expressa de forma eloquente em alguns contextos funerários; o seu poder parece ancorar-se na apropriação de riqueza e prestígio por via do controlo da actividade metalúrgica, das redes de trocas supralocais (bens,

34. Segundo o modelo de G. Lucas (1996), os ossários seriam o resultado de exigências rituais. Porém, o contrário também é admissível. O ritual de desintegração dos corpos poderia corresponder à necessidade pragmática de responder à escassez de construções funerárias. Tenha-se presente a orientação do esforço construtivo para os povoados, a partir do início do Calcolítico.

35. Cf. Garcia e Hurtado, 1997, p. 140.

informação e alianças) e do capital simbólico comunitário herdado³⁶. Este momento marca o fim do comunitarismo calcolítico e o início de uma nova formação social, progressivamente mais hierarquizada, que culminaria, como já se afirmou, em organização social complexa de tipo proto-estatal, no final da Idade do Bronze.

O ritual funerário é agora mais dirigido para a homenagem e memorialização do que para os comportamentos inerentes à ancestralização da fase neolítica, os quais, pelo contrário, levariam à destruição/diluição da identidade do defunto, necessária à sua passagem para o transcendente e anónimo estádio de antepassado (Lucas, 1996).

Durante o Bronze antigo é nítida a ênfase colocada na homenagem aos líderes e sua capacidade de acumular riqueza e prestígio³⁷. Capacidade que, reforçada pela apropriação da “autoridade” dos antepassados³⁸, legitima o exercício do poder.

36. Na necrópole da Quinta do Anjo, a utilização campaniforme, como ficou dito, não pode ser considerada uma intrusão, pois não se verificou qualquer solução de continuidade até ao final desse Horizonte. Foi, porém, prática frequente no período campaniforme a reabertura e reutilização de antigas sepulturas colectivas. Um dos melhores exemplos desta prática foi identificado, como já referimos, no dólmen da Pedra Branca, em Melides (Ferreira *et al.*, 1975), onde não só o espaço sepulcral, mas também artefactos do período anterior sofreram reutilização (ídolos-placa).

37. Refira-se, por exemplo, a inumação campaniforme (nº 55) do hipogeu 1 da necrópole de S. Pedro do Estoril, à qual se encontrava associada uma fila, com cerca de 1 m de comprimento, de botões de osso com perfuração em V (do tipo tartaruga, de forma circular e oval). Este alinhamento parece ter pertencido à túnica que envolveria o defunto. A mesma inumação era ainda acompanhada por duas fruteiras com decoração campaniforme (técnica decorativa linear-pontilhada) e por uma espiral anelar em ouro (Leisner *et al.*, 1964, p. 13).

38. A necrópole dos antepassados, sede do velho ritual de enterramento colectivo, parece ser ainda fonte de legitimação do exercício do poder.



Fig. 145 - Hipogeu 1. Câmara funerária. Podem observar-se a abertura para a antecâmara e o rebordo da clarabóia da cripta funerária. Foto de J. Soares, 2001.

Bibliografia

ÅBERG, N. (1921) - *La civilisation énéolithique dans la Péninsule Ibérique* (Vilhelm Ekmans Universitetsfond, 25). Uppsala.

ALCALDE, G.; MOLIST, M.; MONTERO, I.; PLANAGUMÀ, L.; SAÑA, M.; TOLEDO, A. (1998) - Producciones metalúrgicas en el nordeste de la Península Ibérica durante el III milenio cal. A.C.: el taller de la Bauma del Serrat del Pont (Tortellà, Girona). *Trabajos de Prehistoria*, 55 (1), p. 81-100.

ALMAGRO GORBEA, M. J. (1973) - *Los ídolos del Bronce I Hispano* (Bibliotheca Praehistorica Hispana, 12), Madrid.

ALMAGRO, M.; ARRIBAS, A. (1963) - *El poblado y la necrópolis megalíticas de los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería)* (Biblioteca Praehistoria Hispana, 3), Madrid.

AMBERT, P.; BOURHIS, J.-R.; HOULES, N. (1986) - Une pointe de Palmela près des mines de Cabrières (Hérault). *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 83/4, p. 125-128.

ANTUNES, M. T. (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba IV - Mamíferos (Nota Preliminar). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 103-144.

APEL, J. (2001) - *Daggers, Knowledge & Power: The social aspects of flint-dagger technology in Scandinavia 2350-1500 cal BC*. Uppsala: Uppsala University.

BARRETT, J. C. (1999) - The living, the dead and the ancestors: Neolithic and Early Bronze Age mortuary practices. In PREUCEL, R. W.; HODDER I. (eds.) - *Contemporary Archaeology in Theory. A Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, p. 394-412.

BARROS, L. (1998) - *Introdução à Pré e Proto-história de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada.

BELCHIOR DA CRUZ, P. (1906) - As grutas de Palmela. *Boletim da Sociedade Arqueológica Santos Rocha*, p. 1-3.

BELLIDO, A. B.; GÓMEZ BLANCO, J. L. A. (1996) - Megalitismo y rituales funerarios. *Complutum Extra*, 6 (1), p. 141-152.

BELLO-DIÉGUEZ, J. M. (1992-93) - El monumento de Dombate en el marco del megalitismo del Noroeste peninsular. *Portugalia, Nova Série*, 13-14, p. 139-145.

BELLO-DIÉGUEZ, J. M. (1994) - Dombate, chef-d'oeuvre de l'art mégalithique ibérique. *Archéologia*, 304, p. 54-57.

BERDICHEWSKY SCHER, B. (1964) - *Los enterramientos en cuevas artificiales del Bronce I Hispánico* (Biblioteca Praehistorica Hispana, 6), Madrid.

BINFORD, L. R. (1972) - Mortuary practices: their study and their potential. *An archaeological perspective*. Londres: Seminar Press, p. 207-243.

BLANCE, B. (1959) - Cerâmica estriada. *Revista de Guimarães*, 69, p. 459-464.

BLANCE, B. (1971a), *The origin and development of the Bronze Age in the Iberian Peninsula*. Edinburgh: University of Edinburgh.

BLANCE, B. (1971b) - Die Anfänge der Metallurgie auf der Iberischen Halbinsel. *Studien zu den Anfängen der Metallurgie*, 4, Berlin.

BLANCE, B. (1995) - Copper Age colonies seen from the Eighties. In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia, 7)*. Lisboa: IPPAR, p. 55-59.

BLANCO, J.; LÓPEZ, M.; EDO, M.; FERNÁNDEZ, J. L. (1996) - Estudio analítico de determinación mineralógica y de composición química de las cuentas de collar de calaíta y otras materias del yacimiento de las Peñas (Quiruelas de Vidriales, Zamora). *Rubricatum, 1 (Actes do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica)*, p. 227-237.

BLASCO BOSQUED, M. C.; CALLE PARDO, J.; SÁNCHEZ-CAPILLA, M. L. (1996) - El campaniforme puntillado geométrico de la Meseta a partir de los datos del yacimiento de la Fábrica de Ladrillos de la Preresa (Getafe, Madrid). *Quaderns de Prehistòria i Arqueologia de Castelló*, 17, p. 61-73.

BLOCH, M. (1981) - Tombes and states. In HUMPHREYS, S. C.; KING, H. (eds.) - *Mortality and Immortality. The anthropology and archaeology of death*. Academic Press, p. 137-147.

BOSCH, J. A.; ESTRADA, A. M. (1996) - La minería en Gavà (Bajo Llobregat) durante el IV milenio A.C. *Rubricatum, 1 (Actes do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica)*, p. 265-270.

BOURDIEU, P. (1989) - *O poder simbólico*. Lisboa: Difel 82.

BUBNER, T. (1979a) - Restos humanos dos hipogeus do

Casal do Pardo (Palmela). *Ethnos*, 8, p. 87-105.

BUBNER, T. (1979b) - Die Äneolithische Siedlung auf dem Miradouro dos Capuchos. *Madrider Mitteilungen*, 20, p. 11-42.

BUBNER, T. (1986) - Restos humanos de Carenque. *O Arqueólogo Português*, S. 4, 4, p. 91-148.

BUENO RAMIREZ, P.; BALBÍN BEHRMANN, R.; BARROSO BERMEJO, R. (2000) - Valle de las Higueras (Huecas, Toledo, España). Una necrópolis Ciempozuelos con cuevas artificiales al interior de la Península. *Estudios Pré-históricos*, 8, p. 49-80.

CALADO, M. (1995) - *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CALVO GÁLVEZ, M. (1990) - Experimentando con la arcilla y el fuego como en la Antigüedad. *Tecnología de la cocción cerámica desde la Antigüedad a nuestros días*. Alicante: Asociación de Ceramología.

CÁMARA, J. A. (2000) - Bases teóricas para el estudio del ritual funerario utilizado durante la Prehistoria reciente en el sur de la Península Ibérica. *Saguntum*, 32, p. 97-114.

CÁMARA, J. A.; CONTRERAS, F.; PÉREZ, C.; LIZCANO, R. (1996) - Enterramientos y diferenciación social II. La problemática de la Edad del Bronce en el Alto Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*, 53-1, p. 91-108.

CARDITO, L. M. (1995) - La gran diosa neolítica y su vinculación a las actividades mineras: los depositos rituales. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 22, p. 21-35.

CARDOSO, J. L. (1992a) - A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 229-245.

CARDOSO, J. L. (1992b) - Estação pré-histórica de Barotas (Oeiras). *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 89-225.

CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico (Estudos Arqueológicos de Oeiras, nº. especial)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L. (1995) - Os ídolos fálange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 213-232.

CARDOSO, J. L. (1996) - Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): Estudo comparado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 107-119.

CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S. (1995) - *A Lapa da Furada (Sesimbra). Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S.; AGUIAR, D. (1991) - O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de antropologia física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2, p. 15-85.

CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da Veiga; NORTH, C. T.; MEDEIROS, J.; SOUSA, P. F. (1996) - O Monumento Pré-histórico de Titularia, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 135-193.

CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da Veiga; NORTH, C. T. (1995) - O santuário calcolítico da gruta do Correio-Mor (Loures). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 97-121.

CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1990-92) - Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. *O Arqueólogo Português*, S. 4, 8-10, p. 203-228.

CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. (1995) - Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-madan*, S. II, 4, p. 10-13.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1984) - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1ª e 2ª campanhas de escavação (1983-1984) - *Clio-Arqueologia*, Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa, 1, p. 41-68.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1987) - *Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia*. Câmara Municipal de Oeiras.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1996) - A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 47-89.

CARNEIRO, A. (1991) - Contribuição para o estudo do Calcolítico e do Bronze inicial na região de Sintra. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa 1990), p.227-236.

CARREIRA, J. R. (1994) - A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144.

CARREIRA, J. R. (1995-96) - A ocupação da Pré-história recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3/4, p. 123-213.

CARREIRA, J. M.; CARDOSO, J. L. (1996) - Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal. *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, 82, p. 145-168.

CARREIRA, J. R.; LOPES, F. M. P. (1994) - A ocupação pré-histórica de Casas Velhas (Mafra). *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1993), p. 137-146.

CARTAILHAC, E. (1886) - *Les âges préhistoriques de*

l'Espagne et du Portugal. Paris.

CAUWE, N. (1997) - Les morts en mouvement. Essai sur l'origine des rites funéraires mégalithiques. In RODRÍGUEZ, A. C. (ed.) - *O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*. Universidad de Santiago de Compostela, p. 719-737.

CHAPMAN, R. (1990) - *Emerging complexity. The later prehistory of south-east Spain, Iberia and the west Mediterranean* (New Studies in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press.

CLARK, J. E.; BLAKE, M. (1999) - The power of prestige: competitive generosity and the emergence of rank societies in Lowland Mesoamerica. In PREUCEL, R. W.; HODDER I. (eds.) - *Contemporary Archaeology in Theory. A Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, p. 258-281.

CLASTRES, P. (1974) - *La société contre l'état*. Paris: Les Éditions de Minuit.

CLASTRES, P.; GAUCHET, M.; ADLER, A.; LIZOT, J., s/d, *Guerra, Religião, Poder*. Lisboa: Perspectivas do Homem/Edições 70.

COELHO, A. M. L. G. (1980) - *A cartografia geotécnica no planeamento regional e urbano. Experiência de aplicação na região de Setúbal*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

COSTA, A. I. Marques da (1903-1910) - Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Grutas sepulchrais da Quinta do Anjo. *O Archeólogo Português*, VII-XV.

DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MIRANDA, M.; FERNÁNDEZ POSSE, M. D.; MARTÍN MORALES, C. (1995) - Una aproximación al estudio de las actividades económicas en el poblado calcolítico de Almizaraque, Almería (Espanha). In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia, 7)*. Lisboa: IPPAR, p. 247-253.

DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MIRANDA, M.; FERNÁNDEZ POSSE, M. D.; MARTÍN MORALES, C.; ROVIRA, S.; SANZ, M. (1989) - Almizaraque (Almería): minería y metalurgia calcolíticas en el sureste de la Península Ibérica. In *Minería y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas*. Madrid: Ministerio de la Cultura, I, p. 81-96.

DELPINO, M. A. F.; PELLEGRINI, E. (1999) - Il complesso culturale campaniforme di Fosso Conicchio (Viterbo). *Bullettino di Paleontologia Italiana*. Roma, p. 61-159.

DOMÍNGUEZ-BELLA, S.; MORATA-CÉSPEDES, D. (1995) - Aplicación de las técnicas mineralógicas y petrológicas a la arqueometría. Estudio de materiales del dolmen de Alberite (Villamartín, Cádiz). *Zephyrus*, 48, p. 129-142.

DRIESCH, A. von den; BOESSNECK, J. (1976) - Die Fauna von Castro do Zambujal. *Studien über früher. Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 1, Munique: p. 43-95.

EARLE, T. (1991) - Property rights and the evolution of chiefdoms. In EARLE, T. (ed.) - *Chiefdoms: power, economy and ideology*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 71-99.

EDO, M.; VILLALBA, M. J.; BLASCO, A. (1995) - La cañita en Península Ibérica. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35, 2)* Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p. 127-169.

ESCORIZA MATEU, T. (1991-92) - La formación social de los Millares y las "producciones simbólicas". *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 16-17, p. 135-165.

FERNÁNDEZ GÓMEZ, F., s/d, Un lote de puntas Palmela en el Museo Arqueológico de Sevilla. *Museos*, 2, Ministerio de Cultura, p. 73-77.

FERNÁNDEZ GÓMEZ, F.; OLIVA ALONSO, D. (1980) - Los ídolos calcolíticos del Cerro de la Cabeza (Valencina de la Concepción, Sevilla). *Madrid Mitteilungen*, 21, p. 20-44.

FERREIRA, O. da V. (1966) - *La Culture du vase campaniforme au Portugal* (Memória, 12, N. S.). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

FERREIRA, O. da V. (1970) - Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Torres Vedras). *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, p. 117-187.

FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M. (1981) - *Portugal pré-histórico. Seu enquadramento no Mediterrâneo*. Lisboa: Europa América.

FERREIRA, O. da V.; TAVARES DA SILVA, C. (1970) - A estratigrafia do povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): nota preliminar. *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II, Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 203-225.

FERREIRA, O. da V.; TRINDADE, L. (1956) - La necrópole de Cabeço de Arruda (Torres Vedras). In *Congreso Internacional de Ciencias Prehistóricas y Protohistóricas, Actas de la IV Sesión*, Zaragoza, p. 503-520.

FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. Reynolds de (1975a) - A contribuição do "agro setubalense" para o conhecimento da cultura do vaso campaniforme em Portugal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 45-51.

FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; SOUSA, H. Reynolds de (1975b) - Le Monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Montum (Melides). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 59, p. 107-192.

FORTUNA, C. (1997) - Destradicionalização e imagem da cidade. O caso de Évora. *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora, p. 234-248.

FRANÇA, J. C.; FERREIRA, O. da V. (1958) - Estação pré-histórica da Samarra (Sintra). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 39, p. 61-86.

FRIED, M. (1967) - *The evolution of political society*. Nova Iorque: Random House.

FRIEDMAN, J.; ROWLANDS, M. (1982) - Notes towards an epigenetic model of the evolution of "civilisation". In FRIEDMAN, J.; ROWLANDS M. (eds.) - *The evolution of social systems*. Institute of Archaeology, London University, p. 201-276.

GALLAY, G.; SPINDLER, K.; TRINDADE, L.; FERREIRA, O. da V. (1973) - *O Monumento pré-histórico de Pai Mogo (Lourinhã)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.

GARCÍA SANJUÁN, L.; HURTADO, V. (1997) - Los inicios de la jerarquización social en el Suroeste de la Península Ibérica (c. 2500-1700 a.n.e.). Problemas conceptuales empíricos. *Saguntum*, 30, p. 135-152.

GASPAR, J.; JENSEN-BUTLER, C. (1992) - Social, economic and cultural transformations in the Portuguese urban system. *International Journal of Urban and Regional Research*, 16, 3, p. 442-461.

GIL, F. B.; GUERRA, M. F. (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. V - Estudo do espólio metálico por fluorescência de raios X. *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 145-153.

GILMAN, A. (1975) - *A later prehistory of Tanger: Marocco*. (Bulletin of the American School of Prehistoric Research, 29). Peabody Museum/Harvard University.

GILMAN, A. (1976) - Bronze Age dynamics in southeast Spain. *Dialectical Anthropology*, 1.

GILMAN, A. (1987) - El análisis de clase en la Prehistoria del Sureste. *Trabajos de Prehistoria*, 44, p. 27-34.

GILMAN, A.; THORNES, J. B. (1985) - *Land-use and Prehistory in South-East Spain*. Londres: George Allen & Unwin.

GIMENO, D.; FERNÁNDEZ TURIEL J. L.; VILLALBA, M. J.; EDO, M.; BLASCO, A. (1995) - Complejo minero de Can Tintorer, Gavà: geología y técnicas de explotación en el IV milenio. *Rubricatum*, 1 (*Actes du I Congrès del Neolitic a la Península Ibérica*), p. 259-263.

GODELIER, M. (1971) - *Teoría marxista de las sociedades precapitalistas*. Barcelona: Estela.

GOMES, L. F. C.; CARVALHO, P. S. de (1993) - Novos elementos sobre o vaso campaniforme na Beira Alta. *Estudos Pré-históricos*, 1, p. 29-49.

GOMES, M. V. (1991) - Corniformes e figuras associadas a dois santuários rupestres do sul de Portugal. *Almansor*, 9, p. 17-74.

GOMES, M. V. (1994) - Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português - trabalhos recentes e estado da questão. *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, 1992)*. Viseu: CEPBA, p. 317-342.

GOMES, M. V. (1997) - Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática. *Brigantium*, 10, p. 255-279.

GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; SANTOS, M. F. (1983) - O santuário exterior do Escoural. *Zephyrus*, 36, p. 287-307.

GOMES, R. V.; GOMES, M. V.; SANTOS, M. F. (1994) - O santuário exterior do Escoural. Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora). *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 2, p. 93-108.

GONÇALVES, A. Huet de B. (1979) - Elementos de adorno de cor verde provenientes de estações arqueológicas portuguesas: importância do seu estudo mineralógico. In *Actas da 1ª. Mesa Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, p. 209-225.

GONÇALVES, J. L. M. (1982-83) - Monumento pré-histórico da Praia das Maças (Sintra). Notícia preliminar. *Sintria*, 1-2, p. 29-58.

GONÇALVES, J. L. M. (1992a) - Cerâmica calcolítica da Estremadura. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, I. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 215-219.

GONÇALVES, J. L. M. (1992b) - Grutas artificiais da Quinta das Lapas (Monte Redondo-Torres Vedras). *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 247-276.

GONÇALVES, J. L. M. (1995) - O Castro da Fórnea (Matacães - Torres-Vedras). In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia, 7)*, Lisboa: IPPAR, p. 123-140.

GONÇALVES, J. L. M. (1997) - Oleas e Pragança: duas fortificações calcolíticas da Estremadura. *O Arqueólogo Português*, S.4, 8-10, p. 31-40.

GONÇALVES, J. L. M.; SERRÃO, C. (1978) - O povoado do Calcolítico inicial do Alto do Dafundo. Linda-a-Velha. *Actas das III Jornadas Arqueológicas, 1977*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, I, p. 75-96.

GONÇALVES, V. S. (1989a) - Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente: 1 - Deusa(s)-mãe, placas de xisto e cronologias: uma nota preambular. *Almansor*, 7, p. 289-302.

GONÇALVES, V. S. (1989b) - *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*. Lisboa: INIC/UNIARQ.

GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

GONÇALVES, V. S. (1993a) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 3. A Deusa dos olhos de sol. Um primeiro olhar. *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*. 5ª Série, 15, p. 41-47.

GONÇALVES, V. S. (1993b) - A Revolução dos Produtos

- Secundários e a Metalurgia do Cobre. In MEDINA, J. (coord.) - *História de Portugal*, Vol. 1. Lisboa: Ediclube, p. 237-241.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - *Sítios, "horizontes" e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Câmara Municipal de Cascais.
- GONÇALVES, V. S. (1997) - Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente Peninsular. 2: A propósito dos artefactos votivos de calcário das necrópoles de Alcalar e Monte Velho. *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p. 199-216.
- GONÇALVES, V. S. (2001) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4-2, p. 115-206.
- GUILAINE, J. (1994) - *La Mer Partagée. La Méditerranée avant l'écriture. 7000-2000 avant Jésus-Christ*. Paris: Hachette.
- HARRISON, R. J. (1977) - *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*. Peabody Museum/Harvard University.
- HARRISON, R. J.; MORENO-LÓPEZ, G. (1985) - El policultivo ganadero o la revolución de los productos secundarios. *Trabajos de Prehistoria*, 42, p. 51-82.
- HARTMANN, A. (1982) - Prähistorische Goldfunde aus Europa. *Studien zu den Anfänge der Metallurgie*, 3 (1), Berlin.
- HARVEY, D. (2000) - *Spaces of Hope*. Edimburgo: Edinburgh University Press.
- HELENO, M. (1933) - *Grutas artificiais do Tojal de Vila Chã (Carenque)*. Lisboa: Tipografia da Empresa do Anuário Comercial.
- HELENO, M. (1942) - Gruta artificial da Ermegeira. *Ethnos*, 2, p. 449-459.
- HELMS, M. W. (1988) - *Ulysses' sail. An ethnographic odyssey of power, knowledge and geographical distance*. Nova Iorque: Princeton.
- HERNANDO, A. (1993) - Campesinos y ritos funerários: el desarrollo de la complejidad en el Mediterráneo Occidental (IV-III milénios a. C.). *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33, 3-4), vol.II, p. 91-98.
- HODDER, I. (1982) - *The present past*. Londres.
- HOFFMANN, G.; SCHULZ, H. (1995) - Cambio de situación de la línea costera y estratigrafía del holoceno en el valle del río Sizandro/Portugal. In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia*, 7). Lisboa: IPPAR, p. 45-46.
- HURTADO, V. (ed.) (1990) - *El Calcolítico a debate. Reunión de Calcolítico de la Península Ibérica*. Sevilla: Junta de Andalucía.
- HURTADO, V. (1991) - Informe de las excavaciones de urgencia en la Pijotilla. Campaña de 1990. *I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (Extremadura Arqueológica*, 2), p. 45-67.
- HURTADO, V. (1995) - Interpretación sobre la dinámica cultural en la Cuenca Media del Guadiana (IV-II Milenios A. N. E.). *Extremadura Arqueológica*, V, p. 53-80.
- ISIDORO, A. F. (1964) - Estudo do espólio antropológico da gruta neo-eneolítica do Bugio (Sesimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 19, 3-4, p. 221-284.
- JIMÉNEZ GÓMES, M. C. (1995) - Los amuletos en el Eneolítico Portugués: Zambujal. In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia*, 7). Lisboa: IPPAR, p. 31-35.
- JORGE, S. O. (1986) - *Povoados da Pré-História Recente da Região de Chaves-Vila Pouca de Aguiar*. Porto: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras.
- JORGE, S. O. (1990) - Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia. In ALARCÃO, J. (coord.) - *Portugal, das origens à romanização*. Lisboa: Editorial Presença, p. 163-212.
- JORGE, S. O. (1994) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras*, S. II, 9, p. 447-546.
- JORGE, S. O. (1999) - *Domesticar a Terra*. Lisboa: Gradiva.
- JORGE, V. O. (1986) - "Monumentalização" e "necropolização" no Megalitismo europeu. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 26, p. 233-237.
- JORGE, V. O. (1991) - Le rôle social des phénomènes symboliques (tombes, art rupestre, protostatuaire) dans la Préhistoire récente du Nord du Portugal (IV^e-II^e Mill. Av. J. C.). *Revista de História*, 11, p. 255-260.
- JORGE, V. O. (2002) - Arqueologia dos monumentos da Pré-história recente. Algumas sugestões interpretativas. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*, Porto 2002, 1ª Série, vol. 1, p. 13-26.
- KEESMANN, I.; MORENO, O. A.; KRONZ, A. (1991-92) - Investigaciones científicas de la metalurgia de el Malagón y los Millares, en el Sureste de España. *Cuadernos de Prehistoria de la Universidad de Granada*, 16-17, p. 247-302.
- KENT, S. (ed.) (1989) - *Farmers as hunters. The implications of sedentism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- KRISTIANSEN, K. (1989) - Transformaciones sociales en el Neolítico final de la Europa Templada (4000-2000 a. C.). *Trabajos de Prehistoria*, 46, p. 65-74.
- KUNST, M. (1987) - *Zambujal. Glockenbecher und*

Kerbblattverzierte Keramik aus den grabungen 1964 bis 1973 (Madrider Beiträge, Band 5). Mainz: Philipp von Zabern.

LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A. F. (1998) - Povoado dos Perdigos (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1-1, p. 45-152.

LASH, S.; URRY, J. (1999) - *Economies of signs and space*. Londres: Sage Publications.

LECLERC, J. (1999) - Un phénomène associé au mégalithisme: les sépultures collectives. In GUILAINE, J. (ed.) - *Mégalithismes de l'Atlantique à l'Ethiopie*. Paris: Éditions Errance, p. 23-42.

LEISNER, G.; LEISNER V. (1951) - *Antas do concelho de Reguengos de Monsaraz. Materiais para o estudo da Cultura Megalítica em Portugal*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura.

LEISNER, V. (1965) - *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & CO.

LEISNER, V.; PAÇO, A. do; RIBEIRO, L. (1964) - *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1961) - *Les Grottes Artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la Culture du Vase Campaniforme* (Memória 8, Nova Série). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1969) - *Les Monuments Préhistoriques de Praia das Maças et de Casinhos* (Memória 16, Nova Série). Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.

LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J.; FERREIRA, O. da V.; ZBYSZEWSKI, G. (1987) - A gruta pré-histórica do Lugar do Canto, Valverde (Alcanede). *O Arqueólogo Português*, S. 4, 5, p. 37-66.

LEROI-GOURHAN, A.; BAILLOUD, G.; BREZILLON, M. (1962) - L' hypogée II des Mournouards (Mesnil-sur-Oger, Marne). *Gallia Préhistoire*, 5 (1), p. 23-133.

LOURENÇO, J. S. (1981) - *Associativismo de produção na agricultura. Propriedade, gestão e distribuição do rendimento*. Lisboa.

LUCAS, G. M. (1996) - Of death and debt. A history of the body in Neolithic an Early Bronze Age Yorkshire. *Journal of European Archaeology*, 4, p. 99-118.

MARTIN MORALES, C. (1987) - El poblado de Almizaraque: los inicios de la metalurgia. In AAVV, *El origen de la metalurgia en la Península Ibérica* (Papeles de Trabajo de Arqueología de la Universidad Complutense de Madrid). Madrid.

MATA, C. P.; PÉREZ, G. J.; IBORRA, M. P. E.; GRAU, E.

A. (1997) - *El Vino de Kelin. Introducción a las prácticas agrícolas y ganaderas de época ibérica en la comarca de Requena-Utiel*. Valencia: Universitat de València.

MCINTOSH, S. K. (1999) - Pathways to complexity: an african perspective. In MCINTOSH, S. K. (ed.) - *Beyond chiefdoms. Pathways to complexity in Africa* (New Directions in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-30.

MEILLASSOUX, C. (1987) - *Mujeres, graneros y capitales*. Siglo XXI Editores.

MONKS, S. J. (1999) - Patterns of warfare and settlement in Southeast Spain. *Journal of Iberian Archaeology*, 1. Porto: ADECAP, p. 127-152.

MONTERO, I. R.; TABOADA, A. (1996) - Enterramiento colectivo y metalurgia en el yacimiento neolítico de Cerro Virtud (Cuevas de Almanzora, Almería). *Trabajos de Prehistoria*, 53 (2), p. 55-75.

PAÇO, A. do (1955) - Necrópole de Alapraia. *Anais da Academia Portuguesa da História*, II S., 6, p. 21-140.

PAÇO, A. do (1964a) - *Povoado Pré-histórico da Parede (Cascais)*. Cascais: C. M. Cascais.

PAÇO, A. do (1964b) - Castro de Vila Nova de S. Pedro. Lisboa: *Anais da Academia Portuguesa da História*, II S., 14, p. 135-165.

PAÇO, A. do (1966) - Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*, S.II, 16, p. 117-152.

PAÇO, A. do; BARTHOLO, M. (1954) - Considerações acerca da estação arqueológica de Montes Claros (Monsanto) e da sua cerâmica campaniforme. *Brotéria*, 54, p. 200-203.

PARREIRA, R. (1997) - Alcalar. O território, os lugares habitados e as criptas mortuárias dos 4º e 3º milénios a. C. *Noventa séculos entre a serra e o mar*. Lisboa: IPPAR, p. 191-205.

PARREIRA, R.; SERPA, F. (1995) - Novos dados sobre o povoamento da região de Alcalar (Portimão) nos IV e III milénios a. C. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (Trabalhos de Antropologia e Etnologia, 35-3)*, 7, p. 233-256.

PASCUAL-BENITO, J. L. (1995) - Origen y significado del marfil durante el Horizonte Campaniforme y los inicios de la Edad del Bronce en el País Valenciano. *Saguntum*, 29, I, p. 19-31.

PEREGRINE, P. (1991) - Some political aspects of craft specialization. *World archaeology*, 23, 1, p. 1-11.

PEREIRA, M. A. H.; BUBNER, T. (1974-77) - Novos materiais de Palmela. *O Arqueólogo Português*, S.3, 7-9, p. 113-124.

PÉREZ RIPOLL, M. (1999) - La explotación ganadera durante el III milenio a. C. en la Península Ibérica. *Actes del II Congrès del Neolític a la Península Ibérica (Saguntum, Extra - 2)*, p. 95-103.

- PINTO DA SILVA, A. R. (1992) - Presença de pinheiro-manso (*Pinus pinea*) no povoado calcolítico da Rotura (Setúbal). *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 227-228.
- PREUCEL, R. W.; HODDER, I. (1999) - The production of value. *Contemporary Archaeology in Theory. A reader*. Oxford: Blackwell Publishers, p. 99-113.
- PRIEGO, M. C.; QUERO, S. (1992) - El Ventorro, un poblado prehistórico de los albores de la metalurgia. *Estudios de Prehistoria y Arqueología Madrileñas*, 8. Madrid: Museos Municipales.
- RASTEIRO, J. (1897) - Notícias arqueológicas da Península da Arrábida. *O Archeólogo Português*, 3 (1 e 2), p. 1-48.
- RENFREW, C. (1972) - *The Emergence of Civilisation. The Cyclades and the Aegean in the third millennium B.C.*. Londres: Methuen & Co Ltd.
- RENFREW, C. (1986) - Introduction: peer polity interaction and socio-political change. In RENFREW, C; CHERRY, J. F. (eds.) - *Peer Polity Interaction and Socio-Political Change*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-18.
- RIBEIRO, C. (1866) - *Descrição do solo quaternário das bacias hydrographicas do Tejo e Sado*. Lisboa: Comissão Geológica de Portugal.
- RIBEIRO, C. (1878-1880) - *Estudos prehistoricos em Portugal*, 2. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.
- RIBEIRO, L.; ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V. (1965) - Estatuetas de "terracota" da Comporta. *Arquivo de Beja*, 22, p. 185-190.
- RIBEIRO, O. (1986) - *A Arrábida. Esboço geográfico*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- RIVERO GALAN, E. (1988) - *Análisis de las cuevas artificiales en Andalucía y Portugal*. Sevilla: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Sevilla.
- RODRIGUEZ CASAL, A. (1989) - *La necropolis megalítica de Parxubeira (San Fins de Eirón, Galicia), Campañas arqueológicas de 1977 e 1984* (Monografías Urxentes do Museu Arqueolóxico de A Coruña, 4). Coruña.
- ROUSSOT-LARROQUE, J. (1995) - Problèmes campaniformes dans la région centre-atlantique. In KUNST, M. (ed.) - *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia, 7)*. Lisboa: IP-PAR, p. 305-327.
- ROVIRA, S.; MONTERO, I.; CONSUEGRA, S. (1992) - Archaeometallurgical study of Palmela arrow heads and other related types. *Archeometallurgia Ricerche e Prospettive*. Bolonha, p. 269-289.
- ROWLANDS, M. (1987) - Centre and periphery: a review of a concept. In ROWLANDS, M.; LARSEN, M.; KRISTIANSEN, K. (eds.) - *Centre and Periphery in the Ancient World* (New Directions in Archaeology). Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-11.
- RUIZ MATA, D. (1983) - El yacimiento de la Edad del Bronce de Valencina de la Concepción (Sevilla) en el marco cultural del Bajo Guadalquivir. *Actas I Congreso de Historia de Andalucía*. Córdoba: Publicaciones del Monte de Piedad y Caja de Ahorros de Córdoba, p. 183-208.
- SAHLINS, M. D. (1963) - Poor man, rich man, big man, chief: political types in Melanesia and Polynesia. *Comparative Studies in Society and History*, 5-3, p. 285-303.
- SAHLINS, M. D. (1968) - *Tribesmen*. Prentice-Hall.
- SAHLINS, M. D. (1979) - *Economia da Edad de Piedra*. Barcelona: Akal.
- SANCHES, M. de J. (1997) - *Pré-história Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- SANGMEISTER, E.; SCHUBART, H. (1981) - *Zambujal: Die grabungen 1964 bis 1967* (Madrider Beiträge, Band 5). Philip von Zabern.
- SANTOS, M. F. dos; FERREIRA, O. da V. (1969) - O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Archeólogo Português*, S.3-3, p. 37-62.
- SANTOS, M. F. dos; SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1972) - Campaniforme da Barrada do Grilo (Torrão - Vale do Sado). *O Archeólogo Português*, S. 3-6, p. 163-192.
- SAVORY, H. N. (1969) - *Espanha e Portugal*. Lisboa: Europa-América.
- SAVORY, H. N. (1970) - A Section through the innermost rampart at the Chalcolithic Castro of Vila Nova de S. Pedro (Santarém, 1954). *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, 1, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 133-162.
- SCHUBART, H. (1965) - As duas fases de ocupação no túmulo do Monte do Outeiro, perto de Aljustrel, em Portugal. *Revista de Guimarães*, 75, p. 195-205.
- SCHUBART, H.; FERREIRA, O. da V.; MONTEIRO, J. de A. (1965) - A fortificação eneolítica da Columbeira-Bombarral. *O Archeólogo Português*, S.III, 3, p. 5-24.
- SCHUBART, H.; SANGMEISTER, E. (1983-1984) - A cronologia absoluta (datações de C14) de Zambujal. *Clio Arqueologia*, 1, p. 31-40.
- SERRÃO, E. da C. (1975) - Contribuições Arqueológicas do Sudoeste da Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 199-225.
- SERRÃO, E. da C.; MARQUES, G. (1971) - Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Actas do II*

Congresso Nacional de Arqueologia, 1. Coimbra, p. 121-142.

SERRÃO, E. da C.; VICENTE, E. P. (1958) - Estação eneolítica de Parede. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 16, 1-2, p. 5-24.

SERVICE, E. R. (1962) - *Primitive Social Organization*. Nova Iorque: Random House.

SERVICE, E. R. (1975) - *Origins of the State and Civilization*. Nova Iorque: Norton.

SHANKS, M.; TILLEY, C. (1996) - *Social Theory and Archaeology*. Cambridge: Polity Press.

SHENNAN, S. (1999) - Cultural transmission and cultural change. In PREUCEL, R. W.; HODDER I. (eds.) - *Contemporary Archaeology in Theory. A Reader*. Oxford: Blackwell Publishers, p. 282-296.

SHERRATT, A. G. (1981) - Plough and pastoralism: aspects of the secondary products revolution. In HODDER, I.; ISAAC, G.; HAMMOND, N. (eds.) - *Patterns of the Past. Studies in honour of David Clark*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 261-305.

SHERRATT, A. G. (1983) - The secondary exploitation of animals in the Old World. *World Archaeology*, 15 (1), p. 90-104.

SHERRATT, A. G. (1997) - Cups that cheered: the introduction of alcohol to Prehistoric Europe. In SHERRATT, A. (ed.) - *Economy and Society in Prehistoric Europe. Changing Perspectives*. Edinburgo, p. 376-402.

SILVA, A. M. (1997) - O hipogeu de Monte Canelas I. Contribuição da Antropologia de campo e da Paleobiologia na interpretação dos gestos funerários dos IV e III milénios a. C. *Actas do II Congresso de Arqueologia Peninsular*, 2. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 241-248.

SILVA, A. M. (1999) - A necrópole neolítica do Cabeço da Arruda (Torres Vedras, Portugal): os dados paleobiológicos. *Saguntum*, Extra - 2, p. 355-360.

SILVA, F. A. P. (1991) - Cerâmicas campaniformes da bacia do Arda (Arouca-Oliveira de Azeméis) – Aveiro: notícia preliminar. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas (Lisboa 1990)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 237-252.

SINCLAIR, P. J. J. (1987) - *Space, time and social formation. A territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique ca 0 - 1700 AD (Aun, 9)*. Uppsala: Societas Archaeologica Upsaliensis.

SIRET, L. (1913) - *Questions de chronologie et d'éthnographie ibériques*. Paris: Paul Geuthner.

SIRET, L. (1948) - El tell de Almizaraque y sus problemas. *Cuadernos de Historia Primitiva*, 2, p. 117-124.

SOARES, A. M. M. (1993) - The I4C content of marine shells: evidence for variability in coastal upwelling of Portugal

during the Holocene. *Internacional Symposium on Applications of Isotope Techniques in Studying Past and Current Environmental Changes in the Hydrosphere and Atmosphere*. Viena: IAEA, p. 471-485.

SOARES, A. M. (1995) - Megalitismo e Cronologia Absoluta (comunicação apresentada ao simpósio «Megalitismo: Tempo, Construção do Espaço e Paisagem», Cascais, Outubro de 1995).

SOARES, A. M.; ARAÚJO, M. F.; ALVES, L.; FERAZ, M. T. (1996) - Vestígios metalúrgicos em contextos do Calcolítico e da Idade do Bronze no Sul de Portugal. *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa: Edições Colibri, p. 553-579.

SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. II (*Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 33, 3-4), p. 217-236.

SOARES, J. (1986) - *A imagem da mulher na literatura oral do Torrão*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

SOARES, J. (1994) - L'habitat fortifié de Monte da Tumba. *Les Dossiers d'Archéologie*, 198, p. 16-21.

SOARES, J. (2000) - A Ponta da Passadeira e a diversidade do registo arqueológico dos IV/III milénios A. C.. *Actas das 1ªs. Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul*. Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, p. 88-109.

SOARES, J. (2001) - O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira: economia ribeirinha dos IV/III milénios A. C. *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Interdisciplinares da Universidade Aberta, p. 101-127.

SOARES, J.; BARBIERI, N.; TAVARES DA SILVA, C. (1972) - Povoado calcolítico do Moinho da Fonte do Sol (Quinta do Anjo-Palmela). *Arqueologia e História*, 9-4, p. 235-268.

SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1974) - La poterie préhistorique. *Les Dossiers de l'Archéologie*, 4, p. 35-45.

SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1974-77) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*, S. III, 7-9, p. 101-102.

SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1975) - A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*, 1, p. 53-154.

SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1976-77a) - O Monumento megalítico da Palhota (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 109-150.

SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1976-77b) - Cerâmica Campaniforme de Vale Vistoso (Porto Covo - Sines). *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 163-177.

- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1984) - Le Groupe de Palmela dans le cadre de la céramique campaniforme au Portugal. In GUILAINE J. (ed.) - *L'Age du Cuivre Européen. Civilisations a Vases Campaniformes*, Toulouse: CNRS, p. 209-220.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1992) - Para o conhecimento dos povoados do Megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 37-88.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1998) - From the collapse of the Chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the Southwest of Iberian Peninsula. In JORGE, S. O. (ed.) *Existe uma Idade do Bronze Atlântico? (Trabalhos de Arqueologia, 10)*. Lisboa: IPA, p. 231-245.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (2000) - Capturar a mudança na Pré-história recente do Sul de Portugal. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 4. Porto: ADECAP, p. 213-224.
- SOUZA, A. C. (1998), *O Neolítico final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros (Trabalhos de Arqueologia, 11)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- SPINDLER, K. (1971) - Eine Kupferzeitliche Siedlung vom Pico Agudo/Portugal. *Madrider Mitteilungen*, 12, p. 51-71.
- SPINDLER, K. (1981) - *Cova da Moura* (Madrider Beiträge, Band 7). Philipp von Zabern.
- STEVENSON, A. C.; HARRISON, R. J. (1992) - Ancient forests in Spain: a model for land-use and dry forest management in South-West Spain from 4000 BC to 1900 AD. *Proceedings of the Prehistoric Society*, 58, p. 227-247.
- STUIVER, M.; REIMER, P. J. (1993) - Extended 14C data base and revised CALIB 3.0 14C age calibration program. *Radiocarbon*, 35, p. 215-230.
- TAFFINDER, J. (1998) - *The allure of the exotic. The social use of non-local raw materials during the Stone Age in Sweden (Aun, 25)*. Uppsala.
- TARR TE, J. (1999) - Diversité du Mégalithisme dans le Bassin parisien. In GUILAINE, J. (ed.), *Mégalithismes de l'Atlantique à l'Éthiopie*. Paris: Éditions Errance, p. 77-90.
- TAVARES DA SILVA, C. (1968-70) - O povoado pré-histórico da Rotura (Setúbal): vestígios de estratigrafia. *Arquivo de Beja*, 25-27, p. 31-44.
- TAVARES DA SILVA, C. (1971) - O povoado pré-histórico da Rotura. Notas sobre a cerâmica. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, 1. Coimbra: Ministério da Educação Nacional, p. 175-192.
- TAVARES DA SILVA, C. (1977) - *As «grutas artificiais» da Quinta do Anjo (Palmela)*. Setúbal: Comissão Regional de Turismo da Serra da Arrábida.
- TAVARES DA SILVA, C. (1990) - Influências orientali-
- zantes no Calcolítico do Centro e Sul de Portugal. Notas para um debate. *Estudos Orientais*, 1, p. 45-52.
- TAVARES DA SILVA, C. (1993) - Calcolítico. In *Pré-história de Portugal*. Lisboa: Universidade Aberta.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1976-77) - Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 179-272.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1981) - *Pré-história da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1983) - Contribuição para o estudo do Megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, p. 63-88.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa: S.N.P.R.C.N.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1987) - O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I - Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*, 8, p. 29-79.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1997) - Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste português. O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*, 11-12, p. 69-108.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1998) - Le Portugal. In GUILAINE, J. (ed.) - *Atlas du Néolithique Européen. L'Europe Occidentale, 2B*, Études et Recherches Archéologiques de l'Université de Liège, 46, p. 997-1049.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1999) - Trabalhos arqueológicos no Porto das Carretas (Mourão). 2ª campanha (relatório de escavações, inédito).
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L. (1995) - Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Lisboa, 1994) (Trabalhos de Arqueologia, 7)* Lisboa: IPPAR, p. 159-168.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L.; CRUZ, C. S.; REIS, C. A. S. (1986) - Neolítico da Comporta: Aspectos cronológicos (Datas 14C) e paleo-ambientais. *Arqueologia*, 14, p. 59-82.
- THOMAS, J. (1996) - *Time, culture and identity. An interpretative Archaeology*. Londres: Routledge.
- TORRE PEÑA, F. de la; MOLINA GONZALEZ, F.; CONTRERAS CORTÉS, F.; MORENO ONORATO, M. A.; BLANCO DE LA RUBIA, I.; RAMOS MILLÁN, A. (1995) - El poblado de la Edad del Cobre de Malagón (Cúllar, Granada, España). In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Lisboa, 1994) (Trabalhos de Arqueologia, 7)* Lisboa: IPPAR, p. 255-261.

TRINDADE, L.; FERREIRA, O. da V. (1956) - A necrópole do Cabeço da Arruda (Torres Vedras). *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, 38, 4, p. 193-212.

TRUMP, D. H. (1997) - *Malta: An Archaeological Guide*. La Valetta: Publications Dept., Progress Press Co. Ltda.

UERPMANN, H.-P. (1995) - Observações sobre a ecologia e economia do castro do Zambujal. In M. KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia, 7)*, Lisboa: IPPAR, p. 47-53.

VALERA, A. C. (1995/96) A génese da Idade do Bronze no Mondego Interior: análise de alguns aspectos das suas construções arqueográficas e historiográficas. *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3/4, p. 215-251.

VALERA, A. C. (2000) - O Monte do Tosco 1: uma análise preliminar no contexto do povoamento calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana. *Era-Arqueologia*, 2, p. 32-51.

VALERA, A.; LAGO, M.; DUARTE, C.; EVANGELISTA, L. S. (2000) - Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdígões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *Era-Arqueologia*, 2, p. 84-105.

VASCONCELOS, J. L. de (1897) - *Religiões da Lusitânia*, 1. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, S. P. M. E. (1886-91) - *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 1-4. Lisboa: Imprensa Nacional.

VICENTE, E. P.; SERRÃO, E. C. (1958) - Estação eneolítica de Parede. Notícia do seu achado. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XVI, 1-2, p. 5-24.

VILAÇA, R.; RIBEIRO, J. P. C. (1987) - Escavações arqueológicas na Gruta dos Alqueves (S. Martinho do Bispo, Concelho de Coimbra). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 27, 1-4, p. 27-64.

WAALS, J. D. V. (1984) - Bell Beakers in Continental Northwestern Europe. *L'Âge de Cuivre Européen. Civilisations et vases campaniformes*. Paris: CNRS, p. 3-35.

WHITTLE, E. H.; ARNAUD, J. M. (1975) - Thermoluminescent dating of Neolithic and Chalcolithic pottery from sites in Central Portugal. *Archaeometry*, 17 (1), p. 5-24.

ZAMMIT, T. (1994) - *Prehistoric Malta. Tarxien Temples and Safleni Hypogeum*. Malta: Interprint Limited.

ZILHÃO, J. (1995) - Primeiras datações absolutas para os níveis neolíticos das grutas do Caldeirão e da Feteira. Suas implicações para a cronologia da Pré-história do Sul de Portugal. In KUNST, M. (ed.) - *Origens, Estruturas e Relações das Culturas Calcolíticas da Península Ibérica (Trabalhos de Arqueologia, 7)*. Lisboa: IPPAR, p. 113-122.

Ilustrações

Capa - Hemicilindro canelado, em calcário. Quinta do Anjo, hipogeu 1. Artefacto votivo, calcolítico, característico da Estremadura. Foto de José Pessoa, gentilmente cedida pelo Arquivo Nacional de Fotografia.

Contracapa - Núcleos prismáticos em cristal de rocha, da necrópole da Quinta do Anjo. Fotos de Eduardo Gameiro.

1 - Hipogeu 1. Entrada da câmara funerária, vista do exterior. Foto de J. Soares, 2001.	21
2 - Plantas e cortes das sepulturas 1 e 2 da necrópole da Quinta do Anjo, seg. E. Cartailhac, 1886. Note-se que parte do vestíbulo e corredor do hipogeu 1 não estavam ainda completamente escavados. O corte da sepultura 2 apresenta base horizontal, o que não corresponde à realidade, pois o corredor desce para a câmara funerária em ligeira rampa.	23
3 - Vaso (1), caçoilas campaniformes (2, 3) e taça tipo Palmela (4). Seg. E. Cartailhac, 1886. O vértice que remata os fundos das caçoilas é notoriamente exagerado. O pormenor da decoração e a qualidade do desenho são admiráveis.	23
4 - Planta esquemática da necrópole da Quinta do Anjo, seg. A. I. Marques da Costa, 1907.	25
5 - Planta e corte do hipogeu 1, seg. A. I. Marques da Costa, 1907.	26
6 - Planta e corte do hipogeu 2, seg. A. I. Marques da Costa, 1907.	27
7 e 8 - Em cima, planta e corte do hipogeu 3; em baixo, planta e cortes do hipogeu 4. Seg. A. I. Marques da Costa, 1907.	28
9 - Crânio exumado em um dos hipogeus da Quinta do Anjo, seg. T. Bubner, 1979. Este crânio, de acordo com o autor citado, terá pertencido a uma mulher que faleceu entre o vigésimo e o vigésimo quinto ano. Tenha-se presente que a esperança média de vida à nascença, estimada para a população que depositou os seus mortos na necrópole da Quinta do Anjo, seria de 26,2 anos.	30
10 - Ensaio de reconstituição de cerimónia fúnebre, ocorrido durante o <i>workshop</i> de Arqueologia experimental, organizado pelo Clube de Montanhismo de Setúbal, em 1995. Hipogeu 3. Foto de José Pedro Calheiros.	31
11 - Maquilhagem de um dos participantes. Foto de José Pedro Calheiros, 1995.	31
12, 13 e 14 - Aspectos da reconstituição de cerimónia fúnebre, tendo como cenário o hipogeu 2. Fotos de José Pedro Calheiros, 1995.	32
15 - Vista aérea da necrópole da Quinta do Anjo. Foto de Eduardo Costa, 1998.	33
16 - Localização dos hipogeus da Quinta do Anjo. CMP, esc. 1/ 25000.	34

17 - Localização da necrópole da Quinta do Anjo (mancha de cor) em levantamento aerofotogramétrico, na esc. 1/5000.	35
18 - Calendário agrícola das culturas cerealíferas e leguminosas. Adaptado de Mata <i>et al.</i> , 1997. Observe-se que os períodos de menor actividade agrícola correspondem ao final do Verão e final do Inverno. O primeiro destes períodos seria o mais favorável para a construção de monumentos funerários, se levarmos em consideração as condições climáticas que, durante a Pré-história recente, não seriam substancialmente distintas das actuais.	38
19 - Paisagem envolvente da necrópole; quadrante sul. Em último plano, a linha de relevos da Pré-Arrábida, onde se localizaram diversos povoados da Pré-história recente. Foto de J. Soares, 2000.	39
20 - Afloramento calcarenítico onde foram escavados os hipogeus da Quinta do Anjo, visto de sul. Foto de J. Soares, 2000.	39
21 - Hipogeu 1. Clarabóia e entrada da câmara funerária. Foto de J. Soares, 1997.	40
22 - Hipogeu 1. Passagem entre a câmara funerária e a antecâmara. Foto de J. Soares, 1997.	40
23 - Hipogeu 1. Entrada da câmara funerária, a partir da antecâmara. Foto de J. Soares, 2001.	40
24-26 - Hipogeu 2. Estrutura de acesso à câmara funerária: corredor (24); passagem do corredor para a antecâmara (25) e clarabóia da câmara funerária (26). Fotos de J. Soares, 1997/01.	41
27 - Hipogeu 3. A destruição desta sepultura ficou a dever-se à exploração de uma pedreira, durante o séc. XIX, em data anterior à descoberta da necrópole. Foto de J. Soares, 1997.	42
28 - Hipogeu 4. Apenas se conserva parte da câmara funerária; tal como na sepultura anterior a destruição ficou a dever-se à laboração de uma antiga pedreira. Foto de J. Soares, 1997.	42
29 - Lapa da Furada. Frequência relativa dos adultos e senis, por género, com base nos dados do Quadro III.	47
30 - Planta e corte do hipogeu 1. Seg. Leisner <i>et al.</i> (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.	49
31 - Planta e corte do hipogeu 2. Seg. Leisner <i>et al.</i> (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.	53
32 - Caçoila campaniforme pontilhada característica do Grupo Internacional da Estremadura. Hipogeu 2. Seg. Leisner <i>et al.</i> , 1961. Esc. 1/2.	54
33 - Peças em cobre, de pedúnculo alongado, do hipogeu 2 da necrópole da Quinta do Anjo (em cima) e do vizinho povoado de Chibanes (em baixo). Desenhos de Jorge Costa e Carreira, J. R., 1995-96.	55
34 - Planta e corte do hipogeu 3. Seg. Leisner <i>et al.</i> (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.	56
35 - Conta de colar em marfim, de corpo ovóide e bordos sublinhados por canelura. Hipogeu 3. Seg. Leisner <i>et al.</i> , 1961.	57
36 - Planta e corte do hipogeu 4. Seg. Leisner <i>et al.</i> (1961), sobre levantamento de A. I. Marques da Costa.	60

37 - Extracto da carta arqueológica dos arredores de Setúbal, publicada por A. I. Marques da Costa em 1907. Subjacente à actividade deste precursor, pode descortinar-se um programa de Arqueologia regional.	68
38 - Localização da necrópole da Quinta do Anjo (círculo vermelho) e da área de intervenção do projecto ARA sobre imagem da Península de Setúbal obtida a partir de satélite.	69
39 - (A) - Localização dos principais núcleos regionais de hipogeus pré-históricos da Península Ibérica. Adaptado de Bueno <i>et al.</i> (2000). (B) - Localização dos hipogeus pré-históricos da Península de Setúbal (●) e de necrópoles coevas em grutas naturais (o): 1- S. Paulo (Almada); 2 - Quinta do Anjo (Palmela); 3 - Capuchos (Palmela); 4 - Lapa do Bugio; 5 - Lapa do Fumo.	71
40 - Nas penínsulas de Setúbal e Lisboa surgiu, na segunda metade do IV milénio cal BC, um tipo de hipogeu caracterizado por estrutura de acesso alongada, estreita e baixa, horizontal ou ligeiramente inclinada e câmara funerária de planta aproximadamente circular, em cuja abóbada se abre uma clarabóia, em posição central. 1 - Hipogeu 2 da necrópole da Qta. do Anjo, com o comprimento total de <i>ca.</i> 11,50m. Adaptado de Leisner <i>et al.</i> , 1961. 2 - Hipogeu 2 da necrópole de Carenque, com <i>ca.</i> 9,50m de comprimento total. Seg. Guilaine, 1994. 3 - Hipogeu 1 de Alapraia, com 19m de comprimento total. Seg. Guilaine, 1994.	72
41 - Tipologia dos hipogeus pré-históricos da Península Ibérica. Adaptado de Rivero Galan, 1988, p. 29.	73
42 - Planta do mais complexo hipogeu mediterrâneo (Hal Saflieni, Malta). Seg. Trump, 1997, p. 61.	73
43 - Planta e corte do hipogeu II de Mournouards, em Mesnil-sur-Oger, Marne. Seg. Leroi-Gourhan <i>et al.</i> , 1962.	73
44 - Lâminas de sílex muito provavelmente do Neolítico final (da esquerda para a direita): lâmina não retocada, hipogeu 4; lâmina retocada com 114mm de comprimento, representada, também, através de desenho, hipogeu 1; lâmina não retocada, hipogeu 4. Foto de Eduardo Gameiro. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	77
45 - Espólio atribuível ao Neolítico final: pontas de seta em sílex e quartzo, de base triangular/pedunculada. A maior parte dos exemplares deste tipo de ponta de seta não possui indicação da sepultura onde foi encontrada. Os exemplares desenhados provieram do hipogeu 3 e possuem 39 e 49mm de comprimento. Foto de E. Gameiro, desenhos de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	78
46 - Pontas de osso provavelmente do Neolítico final. Os exemplares nºs 1 e 2 provieram do hipogeu 4 e o nº 3, do hipogeu 1. Foto de E. Gameiro (esc. 1/1). Desenhos de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	80
47 - Instrumentos em osso, fragmentados. O exemplar da direita proveio do hipogeu 1 e possui <i>ca.</i> 74 mm de comprimento. O exemplar da esquerda foi encontrado no hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.	80
48 - Machado em pedra polida. Hipogeu 4. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	81
49 - Enxó em pedra polida (conjunto B). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	81
50 - Goiva em pedra polida. Hipogeu 2. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	81
51 - A cerâmica lisa (pouco abundante) não constitui um bom indicador cronológico. Algumas das suas formas, de origem neolítica, permanecem até aos alvores da Idade do	

- Bronze. São os conjuntos e o seu comportamento estatístico que permitem definir contextos cronológicos e culturais. De entre os vasos provenientes da necrópole, seleccionámos os que mostram uma mais provável filiação neolítica. Reproduzem-se também dois fragmentos de cerâmica com decoração incisa, provavelmente do mesmo recipiente, atribuível ao Neolítico final/inícios do Calcolítico. Os exemplares apresentados não possuem indicação da sepultura de origem. Desenhos de Leisner *et al.*, 1961 (nºs 1 a 5); Jorge Costa (nº 7) e Pereira e Bubner, 1974-77 (nº 6). 84
- 52 - Pequena taça hemisférica, de bordo simples; pasta com núcleo castanho; superfícies interna e externa com vestígios de pintura a almagre. Pequeno esférico alto, fechado, com um orifício de suspensão; superfícies alisadas, cinzento-escuras no interior e castanhas no exterior. Exemplares sem indicação de sepultura de origem (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Foto de E. Gameiro. 84
- 53 - Espólio atribuível ao Neolítico final: alfinetes de osso de cabeça postiça, lisa e canelada. Fotos de E. Gameiro (ampliação *ca* 1,3x). Desenhos de exemplares do hipogeu 4. Adaptado de Leisner *et al.*, 1961. 85
- 54 - Contas bitroncocónicas em azeviche. Exemplares sem indicação de sepultura de origem (cf. Leisner, 1965). Museu do Instituto Geológico e Mineiro (conjunto A). O exemplar representado no desenho foi atribuído, em 1961 (Leisner *et al.*, 1961, PL. E, nº 50), quer ao hipogeu 3, quer ao nosso conjunto A, certamente por lapso. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner *et al.*, 1961. 85
- 55 - Colares em que dominam as contas em minerais de cor verde. Merecem destaque uma conta de variscite canelada (cinco caneluras) e o pendente realizado a partir de um canino de lobo. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. 85
- 56 - Placas de xisto gravadas. Artefactos de carácter mágico-religioso pertencentes, muito provavelmente, à fase de fundação da necrópole (Neolítico final). Foto de Eduardo Gameiro (nº 6); desenhos de H. Pereira e T. Bubner, 1977 (nºs 1 e 2); desenhos de Jorge Costa (nºs 3, 4 e 5). Os exemplares nºs 4 e 5 provieram dos hipogeus 3 e 4, respectivamente; os restantes não possuem indicação da sepultura de origem (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). 86
- 57 - Peça bojardada de corpo ovóide, com sulco perimetral e *ca.* 84mm de diâmetro máximo, proveniente do hipogeu 2. O melhor paralelo para este artefacto foi encontrado no Pedrão (ocupação do Calcolítico inicial). Surgiram também peças deste tipo na fortificação calcolítica de Leceia (C.2, Calcolítico pleno) e no hipogeu de Cabeço da Arruda 1 (Torres Vedras), que parece ter sido utilizado somente durante o Neolítico final. Não existe por agora consenso relativamente à funcionalidade deste artefacto (percutor, projectil de funda ou peso de rede?). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa. 89
- 58 - Cossoiro em cerâmica e reconstituição de fuso. Hipogeu 3. Esta peça ainda conserva a etiqueta original (3ª fuma). Foi classificada por Leisner e colaboradores como peso de tear. Encontrámos um objecto semelhante no povoado do Neolítico final do Cabeço da Mina (Torrão). Foto de E. Gameiro. 89
- 59 - Copo canelado em cerâmica, com duas faixas de caneluras horizontais localizada imediatamente abaixo do bordo e acima do fundo. Pasta depurada, com raros elementos não plásticos superiores a 1mm. Núcleo negro e superfícies castanho-avelã, bem alisadas. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa. 90
- 60 - Base de um copo em cerâmica, decorado por motivos verticais espinhados, executados pela técnica da canelura. Hipogeu 1. Desenho de Leisner *et al.*, 1961. 91
- 61 - Vaso em cerâmica, cilíndrico baixo, com *ca* 74mm de diâmetro máximo, de paredes finas (2-3mm), decorado por conjuntos de linhas quebradas e paralelas entre si (representação de tatuagem?), realizadas pela técnica da incisão. Superfície externa polida,

castanho-acinzentada. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	91
62 - Vaso em cerâmica, cilíndrico baixo, decorado por faixa de xadrez ; no fundo possui duas incisões ortogonais. Superfície acinzentada. Hipogeu 4. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	92
63 - Taça em cerâmica, hemisférica, decorada por caneluras. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Desenho de Jorge Costa.	92
64 - Peças ovais com retoque cobridor, em sílex, sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Este tipo de artefacto (“foicinha”) surge no Neolítico final e atravessa todo o Calcolítico, mas a fase do seu maior desenvolvimento parece ser o Calcolítico inicial (Cardoso, Soares e Tavares da Silva, 1996). A peça nº 2 é em sílex rosado, muito provavelmente originário de Rio Maior. Foto de E. Gameiro. Desenhos de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	94
65 - Pratos de bordo espessado, sem indicação de sepultura, pertencentes ao Museu do Instituto Geológico e Mineiro (conjunto A). Seg. Leisner <i>et al.</i> , 1961.	94
66 - Pontas de seta de base recta e côncava, em sílex. Este grupo de artefactos surge timidamente no Neolítico final e atinge o seu maior desenvolvimento durante o Calcolítico. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenhos de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	95
67 - Placa de calcário, com dois orifícios de suspensão; o anverso apresenta caneluras organizadas em espiral. Hipogeu 4. Embora revele semelhanças formais com os ídolos-placa, geralmente em xisto, a sua iconografia é bastante peculiar e aproxima-a de uma peça em osso proveniente da Lapa do Fumo (Serrão, 1975, Fig. 12). Foto de E. Gameiro. Desenho, na escala 1/1, de Jorge Costa.	95
68 - Ídolo hemecilindro canelado, em calcário. Forma muito característica da Estremadura. Hipogeu 1. Desenho de Jorge Costa.	96
69 - Ídolo hemecilindro com covinha na face aplanada. Hipogeu 1. Desenho de Jorge Costa.	96
70 - Enxó votiva em calcário, com representação da lâmina ajustada ao cabo através de ligamentos filiformes. Este tipo de artefacto possui uma boa representação na Estremadura (<i>tholos</i> de S. Martinho de Sintra, sepultura da Samarra, dolmen da Estria, necrópole de Carenque, <i>tholoi</i> do Pai Mogo e da Tituaria). Hipogeu 1. Desenho de Jorge Costa.	96
71 - Conjunto de ídolos-cilindro, em calcário. Trata-se da forma mais comum do grupo dos artefactos calcolíticos de calcário, de carácter mágico-religioso; surge representada em todos os hipogeus da necrópole. Foto de E. Gameiro.	97
72 - Foice votiva em calcário com 111 mm de comprimento. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.	97
73 - Ídolo fálco, em calcário, com cerca de 66 mm de altura. Sem indicação de sepultura (conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	97
74 - Pequenos almofarizes de calcário destinados provavelmente ao esmagamento de materiais de origem vegetal e mineral como ocre, para fins rituais. Em dois almofarizes da necrópole de Alcalar foi possível observar no seu interior manchas vermelhas que podem ter resultado de trituração de ocre (Gonçalves, 1997, p. 212). A esta substância têm sido atribuídas propriedades antisépticas e desodorizantes, de grande utilidade em monumentos funerários colectivos (Silva, 1997, p. 246). Os exemplares representados possuem 48 mm de altura máxima e 68 mm de diâmetro máximo. Hipogeus 1 e 2. Foto de E. Gameiro.	98
75 - Almofarizes de calcário. Este tipo de artefacto ocorre durante o Calcolítico inicial e pleno, maioritariamente em contextos sepulcrais. Os nºs 1 e 2 estão representados na figura	

anterior; o nº 3, de tipologia diferente e menos comum, proveio do hipogeu 1. Desenhos de Jorge Costa.	98
76 - Ídolo de gola, em osso. Altura 74 mm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.	98
77 - Pequenos vasos cilíndricos, em osso, de fundo postiço(?). O exemplar de maiores dimensões possui 70mm de altura. Este tipo de "recipiente" apresenta larga distribuição em contextos funerários calcolíticos da Estremadura e destinava-se provavelmente a conter substâncias aromáticas. Os nºs 1, 2 e 4 provieram do hipogeu 4; o nº 3, do hipogeu 1; os nºs 5 e 6, do hipogeu 2. Desenhos de Jorge Costa.	99
78 - "Vasos" cilíndricos representados na figura anterior com os nºs 1, 2 e 4. Foto de E. Gameiro.	99
79 - Colares. Contas de natureza petrográfica variada. Destaque para as contas em mineral de cor verde, provavelmente variscite, matéria-prima tradicionalmente referida como calaíte. Foto de E. Gameiro.	100
80 - Vaso campaniforme com decoração pontilhada e linear-pontilhada, distribuída por duas zonas: bordo e bojo. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 12,6 cm. Hipogeu 3. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	112
81 - Caçoila campaniforme com decoração linear-pontilhada, afim do estilo internacional. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 19 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	113
82 - Caçoila campaniforme com decoração linear-pontilhada, afim do estilo internacional. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 22,5 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	113
83 - Vaso campaniforme linear-pontilhado de estilo afim do internacional. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Desenho de Jorge Costa.	114
84 - Caçoila campaniforme pontilhada. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 16 cm. Hipogeu 1. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	114
85 - Pequena taça campaniforme, de bordo simples e fundo com <i>omphalus</i> , decorada pela técnica do pontilhado. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 12,8 cm. Sem indicação de sepultura (conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	115
86 - Pequena taça campaniforme, de bordo simples e fundo com <i>omphalus</i> , decorada pela técnica do linear-pontilhado. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 12,7 cm. Sem indicação de sepultura (conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	115
87 - Taça campaniforme de bordo simples, decorada pela técnica do linear-pontilhado (publicada por Leisner em 1965 como incisa). Diâmetro máximo 29 cm. Hipogeu 4. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	116
88 - Taça campaniforme tipo Palmela, decorada pelas técnicas pontilhada e linear-pontilhada. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 24,6 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	117
89 - Taça campaniforme pontilhada tipo Palmela. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 23,4 cm. Hipogeu 4. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	118
90 - Taça alta acampanada de lábio decorado pela técnica do pontilhado e linear-pontilhado. Em a) e b) Leisner propõe duas reconstituições alternativas. Pasta cinzenta muito escura a negra. Superfícies acastanhadas escuras. Associa elementos geométricos a banda	

de cervídeos. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 23 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	119
91 - Taça campaniforme com <i>ca.</i> 26 cm de diâmetro máximo, pontilhada e linear-pontilhada, com o lábio decorado (tipo Palmela). Superfície interna cinzento-acastanhada muito bem alisada. Superfície externa castanho chocolate com manchas acinzentadas, alisada e polida. Inclui na sua gramática decorativa fiada de cervídeos (dois veados, duas corças e um cervídeo indeterminado). Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Fotos de E. Gameiro. Desenho de Pereira e Bubner, 1974-77.	120
92 - Taça campaniforme tipo Palmela; técnica do linear-pontilhado. Fundo decorado, com <i>omphalus</i> . Diâmetro máximo <i>ca.</i> 24 cm. Hipogeu 3. Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Fotos de Acácio Malhador. Desenho de Jorge Costa.	121
93 - Vaso campaniforme inciso proveniente do hipogeu 3. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 14 cm. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	122
94 - Vaso campaniforme (copo) de carena muito baixa, com decoração incisa fina; pasta friável, núcleo negro, superfícies castanho-escuras, alisadas, sendo a exterior polida. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Fotos de E. Gameiro. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	122
95 - Caçoila campaniforme com decoração incisa. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 13,8 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	122
96 - Caçoila campaniforme com decoração incisa. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 13,1 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	123
97 - Taça campaniforme de bordo simples, com decoração incisa. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 13,3 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	124
98 - Taça campaniforme de bordo simples, com decoração incisa. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 14,2 cm. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	124
99 - Taça campaniforme de lábio decorado. Técnica da incisão. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 28,6 cm. Hipogeu 2. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	125
100 - Taça campaniforme de lábio decorado, com cerca de 27 cm de diâmetro máximo. Técnica da incisão. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	126
101 - Taça campaniforme com o lábio decorado. Técnica da incisão. É provável que o preenchimento dos motivos decorativos por depósito calcário tenha sido intencional. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 19,2 cm. Hipogeu 4. Fotos de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	127
102 - Pequena taça campaniforme de bordo simples, decorada pela técnica da incisão. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 14,4 cm. Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	128
103 - Pequena taça campaniforme de bordo simples, decorada pela técnica da incisão. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 15 cm. Hipogeu 1. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	128
104 - Taça campaniforme, com o lábio decorado. Técnica da incisão. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 29 cm. Sem indicação de sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	129

105 - Taça campaniforme, com o lábio decorado. Técnica da incisão ao serviço de um dos padrões decorativos mais "barrocos" encontrados na necrópole da Quinta do Anjo. A execução dos folíolos que surgem organizados em duas bandas resultou do recurso à técnica da impressão. Esta taça assemelha-se a uma outra da gruta da Cova da Moura (Harrison, 1977, fig. 63, nº 957). Diâmetro máximo <i>ca.</i> 26 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Desenho de Jorge Costa.	129
106 - Taça campaniforme de lábio e fundo decorados pelas técnicas da incisão e da impressão, representada nas figuras 105 e 107. Fotos de E. Gameiro.	130
107 - Pormenor da decoração da taça das figuras 105 e 106. Foto de E. Gameiro.	131
108 - Taça campaniforme de lábio decorado. Técnica da incisão. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 22,2 cm. Hipogeu 3. Desenho de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	132
109 - Pequena taça campaniforme de bordo simples e fundo com <i>omphalus</i> . Embora desenhada por Leisner como linear-pontilhada, verificámos que a técnica decorativa dominante é a incisão. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 14,2 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Desenho de Jorge Costa.	132
110 - Pequena taça campaniforme, de bordo simples e decoração predominantemente incisa, representada na figura anterior. Fotos de E. Gameiro.	133
111 - Taça campaniforme, com o lábio e fundo decorados. Técnica da incisão. Diâmetro máximo <i>ca.</i> 24,6 cm. Sem indicação de sepultura (Museu do Instituto Geológico e Mineiro, conjunto A). Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	134
112 - Botões em marfim e osso, com perfuração em V, à excepção de dois exemplares, com dupla perfuração subcilíndrica e de um exemplar com uma única perfuração. Este grupo tipológico surgiu nos hipogeus 1, 3 e 4. Fotos de E. Gameiro. Des. de Leisner <i>et al.</i> , 1961.	135
113 - Fragmento de placa óssea decorada por banda de caneluras oblíquas em relação ao eixo maior da placa e paralelas entre si. Não é completamente improvável que este fragmento tenha pertencido a um pente-matriz e, como tal, provavelmente destinado à execução de decoração campaniforme (linear-pontilhado). Hipogeu 1. Foto de E. Gameiro; desenho de Jorge Costa.	136
114 - Instrumentos em cobre: punção, escopro e peça de cabeça espatulada com pedúnculo alongado. Este último artefacto, proveniente do hipogeu 2, tem o seu melhor paralelo no vizinho castro de Chibanes (escavações de A. I. Marques da Costa). Trata-se de uma peça rara no Campaniforme peninsular. O exemplar da Quinta do Anjo possui o comprimento total de 17 cm. Foto de E. Gameiro.	136
115 - As pontas tipo Palmela encontradas na necrópole da Quinta do Anjo não possuem, na sua maior parte, indicação da sepultura de proveniência. Seguramente, forneceram este tipo de artefacto os hipogeus 1, 2 e 4. Exceptuando uma ponta de Palmela de cobre quase puro, nas restantes peças o arsénio mostrou-se o elemento secundário mais importante, variando entre 0,75 % e 6,4%. Foto de E. Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	137
116 - Braçais de arqueiro em grés provenientes do hipogeu 1 (nº 2) e sem indicação de sepultura (nº 1). Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B. Foto de E. Gameiro. Desenhos de Jorge Costa.	138
117 - Reprodução parcial da Estampa 6 de Marques da Costa (1907) com as peças em ouro (1-6) encontradas nos hipogeus 1 e 3 da necrópole da Quinta do Anjo, na esc. 1/1. A pulseira (nº 7) constitui uma proposta daquele autor para o arranjo das folhas e tubos de ouro acima representados. A espiral em ouro, com o nº 4, encontra-se ampliada à esquerda (desenho de Jorge Costa).	138
118 - Reutilização, como pendente, de fragmento de ídolo-placa. Sem indicação de	

sepultura (Museu Nacional de Arqueologia, conjunto B). Ampliação de ca. 1,2x. Desenho de Jorge Costa.	138
119 - Elemento de colar proveniente do hipogeu 3. Comprimento, 3 cm. Foto de Eduardo Gameiro.	139
120 - Peça de cerâmica, em forma de cogumelo, proveniente do hipogeu 1. Altura, 3,6 cm. Foto de Eduardo Gameiro. Desenho de Jorge Costa.	140
121 - Chibanes. Vista aérea de parte do sector XVIII, onde se localiza um troço da muralha calcolítica guarnecido por dois bastiões. Desenho das estruturas defensivas calcolíticas representadas na fotografia. Foto de Ricardo Pais. Desenho de Jorge Costa.	140
122 - Representação de carro de caixa rectangular, com quatro rodas e sistema de atrelagem, e bucrânio, do santuário exterior do Escoural. Seg. Gomes <i>et al.</i> , 1983.	141
123 - Representação de arado, com rabiça bem destacada, bucrânio e provável campo de cultivo, do santuário exterior do Escoural. Seg. Gomes <i>et al.</i> , 1994.	146
124 - De forma muito esquemática, teríamos a seguinte transformação na estrutura dos custos de produção agrícola (sobre diagrama de Herlemann), desde a sua fase mais extensiva, no Neolítico antigo, até à intensificação desencadeada pela RPS: a agricultura do início do Neolítico, assente sobretudo no factor terra (I), foi, no decurso do Neolítico médio (II), incorporando melhor tecnologia (pedra polida) e sobretudo mais trabalho, de acordo com as exigências do crescimento demográfico; no Neolítico final (III) ocorre uma verdadeira intensificação da produção, caracterizada pela substituição de terra por tecnologia (tracção animal/carro/arado). Intensificação, acompanhada de ganhos de produtividade, que permitiu elevar, substancialmente, os índices de sedentarização.	146
125 - Distribuição peninsular das jazidas de variscite. Adaptado de Domínguez-Bella <i>et al.</i> , 1995.	148
Fig. 126 - Fragmento de placa arqueada, em calcário. Representação de lâmina de enxó? Hipogeu 3. Foto de E. Gameiro.	155
127 - <i>Ranking</i> dos povoados calcolíticos, referidos no quadro XVII.	161
128 - Povoado do Neolítico final do Alto de São Francisco (concelho de Palmela), visto de norte. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.	173
129 - Povoado da Serra dos Gaiteiros (concelho de Palmela), visto de noroeste, com Chibanes em primeiro plano. Ao fundo, o estuário do Sado. Foto de Eduardo Costa, 1998.	177
130 - Povoado de Chibanes, visto do quadrante sul. Em primeiro plano, o Vale dos Barris. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.	177
131- Vista aérea de Chibanes. Podem observar-se no topo do relevo monoclinal que constitui a Serra do Louro, as duas áreas escavadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, nos extremos este e oeste do povoado de Chibanes (assinaladas com setas). Foto de Ricardo Pais.	178
132 - Povoado do Pedrão, localizado em uma rechã da encosta este da Serra de São Luis. Visto de norte. Ao fundo, o estuário do Sado. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.	178
133 - Povoado das Malhadas, visto de sudoeste. Em último plano, a planície aluvial do Tejo. Foto de Carlos Tavares da Silva, 2002.	179
134 - Ambiente arqueológico da necrópole da Quinta do Anjo. Atenda-se à localização dos povoados sempre em posição de cumeada, marginando os férteis vales dos Barris e	

do Alcube. Folha 454 da CMP. Esc. 1/37 500. Seg. Soares <i>et al.</i> , 1972.	180
135 - Localização dos povoados e cemitérios do Neolítico final e Calcolítico, do sector oriental da Arrábida, sobre mapa de uso e capacidade de solos do SROA. Esc. 1/50000. Atenda-se à proximidade entre povoados e manchas de solos das classes A e B. 1- povoado da Rotura; 2- povoado do Pedrão; 3- povoado de Pai Mouro; 4 - necrópole dos Capuchos (Quinta de S. Paulo - Palmela); 5 - povoado da Serra dos Gaiteiros; 6 - povoado de Chibanes; 7- necrópole da Quinta do Anjo; 8 - povoado das Malhadas (Cabanas); 9 - povoado do Moinho da Fonte do Sol; 10 - povoado do Alto de S. Francisco; 11 - povoado do Moinho do Cuco; 12 - povoado do Cabeço dos Caracóis; 13 - povoado do Casal do Bispo.	180
136 - Padrões de abate de gado bovino de povoados calcolíticos do Sul Peninsular: 0 a II - não adultos; III - subadultos; IV - adultos; V - velhos. Seg. Pérez Ripoll, 1999.	183
137 - Padrão de abate do gado ovicaprino do povoado calcolítico do Zambujal: 0 a II - não adultos; III - subadultos; IV - adultos; V - velhos. Seg. Pérez Ripoll, 1999.	183
138 - Colar da necrópole da Quinta do Anjo. Dominam as contas de variscite. Museu do Instituto Geológico e Mineiro. Foto de E. Gameiro.	197
139 e 140 - Elementos de colar, ampliados, da necrópole da Quinta do Anjo. Fotos de E. Gameiro.	208
141 e 142 - Botões de osso com perfuração em V (reverso). Necrópole da Quinta do Anjo. Fotos de E. Gameiro.	208
143 - Pormenor da decoração da taça da figura 90. Foto de E. Gameiro.	209
144 - Modelo esquemático do processo de calcolitização do Sul de Portugal.	215
145 - Hipogeu 1. Câmara funerária. Podem observar-se a abertura para a antecâmara e o rebordo da clarabóia da cripta funerária. Foto de J. Soares, 2001.	218

A NECRÓPOLE DE HIPOGEUS DA QUINTA DO ANJO é constituída por quatro sepulturas de idêntica tipologia, escavadas em afloramento calcário do Miocénico, de topo aplanado, localizado no sopé da Pré-Arrábida.

A necrópole foi objecto de estudo e escavação arqueológica entre o último quartel do século XIX e a primeira década do século XX; esses trabalhos de campo, realizados sobretudo por António Mendes e António Inácio Marques da Costa, revelaram desde logo resultados muito expressivos para o panorama científico-cultural da época; o sítio viria a ser classificado como Monumento Nacional em 1934.

As sepulturas apresentam câmara de planta subcircular, com abóbada dotada de clarabóia. O acesso à câmara funerária faz-se através de estreito corredor e antecâmara ovalada. A ligação desta com a câmara é assegurada por diminuta passagem oval. Os monumentos melhor conservados possuem 9,75m e 11,50m de comprimento; as câmaras funerárias, com a altura de 2m/2,30m, apresentam diâmetros máximos que variam entre 4,60m e 5,50m. O modelo arquitectónico presente na Quinta do Anjo tem os melhores paralelos nas necrópoles de Alapraia e Carenque e é característico das penínsulas de Setúbal e Lisboa, mas integra-se na dilatada família de necrópoles escavadas na rocha, que se estende do Atlântico ao Mediterrâneo Oriental como manifestação de um processo de convergência cultural.

A necrópole da Quinta do Anjo, pelo menos nas suas últimas fases de utilização, ter-se-á comportado como ossário; os escavadores não encontraram vestígios de inumações primárias. À necrópole tiveram acesso crianças, adultos e senis, cabendo aos adultos cerca de 80% da população ali inumada, pertencente ao tipo humano "mediterrânico grácil". A esperança média de vida, à nascença, era de 26,2 anos; a estatura média situava-se entre 1,64m para o sexo masculino e 1,57m, para o feminino.

As sepulturas da necrópole da Quinta do Anjo, de acordo com o mobiliário funerário recuperado, foram construídas no Neolítico final e mantiveram-se em funcionamento durante todo o Calcolítico; o abandono ocorreu no final do Horizonte Campaniforme. Em anos de calendário, a necrópole manteve-se em actividade desde há *ca* 5300 anos até há cerca de 3700 anos. O espólio funerário, a arquitectura e o ritual permitem supor que os grupos humanos que ali depositaram os seus mortos basearam a sua economia na agro-pastorícia. A sociedade, do Neolítico final ao pleno Calcolítico, seria de tipo segmentário, estruturada, pois, por relações de parentesco legitimadas por generalizado culto dos antepassados, e caracterizada por relativo igualitarismo. As possíveis diferenciações sociais seriam mais de carácter horizontal ou de estatuto. Durante o Horizonte Campaniforme ocorrem importantes mudanças sociais, no sentido da desigualdade social. Os hipogeus 1 e 3 destacam-se, então, relativamente aos restantes, pela qualidade do espólio que acompanhou os enterramentos.

A necrópole da Quinta do Anjo ter-se-á constituído em um lugar de poder, que foi sendo mantido e renovado durante mais de um milénio, documentando bem a importância das economias do simbólico durante a Pré-História recente do Sul de Portugal.

Sobre a crista de relevo monoclinal da Pré-Arrábida, localizaram-se vários povoados que abrangem a diacronia da necrópole da Quinta do Anjo, nomeadamente o vizinho povoado fortificado de Chibanes, ocupado desde o Calcolítico inicial até ao Horizonte Campaniforme. Este povoado, que temos vindo a escavar, deverá ter estado directamente relacionado com a necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo e é por agora o mais importante *habitat* coevo conhecido no sector oriental da Pré-Arrábida.

O bom estado de conservação da necrópole, o seu significado histórico e a qualidade da paisagem envolvente, integrada no Parque Natural da Arrábida, fazem deste sítio arqueológico um importante núcleo patrimonial nacional.



Setúbal, 2003